

A woman with long, wavy hair is shown from the chest up, wearing a dark, intricately detailed lace dress. She is looking down, and her face is partially visible at the top of the frame. The background is a deep red or maroon color, speckled with numerous small, bright white and pinkish stars, creating a dreamy, ethereal atmosphere. The overall composition is vertical and centered.

sabemos que não devemos.

ESQUE

é errado.

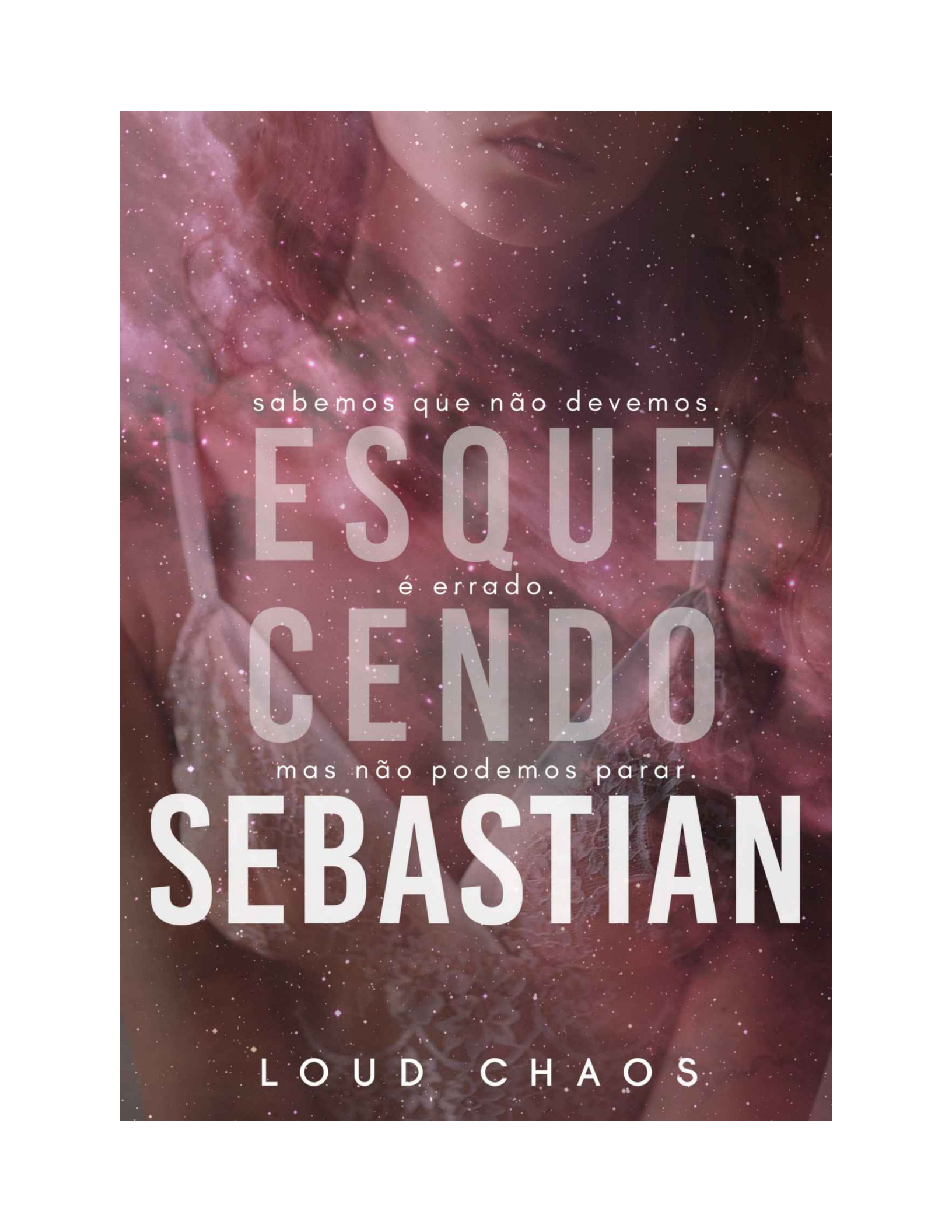
CENDO

mas não podemos parar.

SEBASTIAN

LOUD CHAOS



A woman's face and shoulders are visible in the background, partially obscured by the text. The background is a deep red/pink color with a dense field of small white stars, giving it a cosmic or dreamlike feel. The woman has dark hair and is looking down.

sabemos que não devemos.

ESQUE

é errado.

CENDO

mas não podemos parar.

SEBASTIAN

LOUD CHAOS

**ESQUE
CENDO
SEBASTIAN**

L O U D C H A O S

ESQUECENDO SEBASTIAN

LOUD CHAOS

1ª edição

Capa: Larissa Chagas

Revisão: Lily Duncan

Diagramação: April Kroes

Esta é uma obra de ficção. Seu intuito é entreter as pessoas.

Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produto da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Todos os direitos reservados. São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte desta obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento escrito da autora.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Sumário

[Playlist](#)

[Aviso](#)

[Prólogo](#)

[01.](#)

[02.](#)

[03.](#)

[04.](#)

[05.](#)

[06.](#)

[07.](#)

[08.](#)

[09.](#)

[10.](#)

[11.](#)

[12.](#)

[13.](#)

[14.](#)

15.

16.

17.

18.

19.

20.

21.

22.

23.

24.

25.

26.

27.

28.

29.

30.

31.

32.

33.

34.

35.

36.

37.

38.

39.

40.

Epílogo

Agradecimentos

Playlist

SPOTIFY

Aviso

Nesse livro há cenas envolvendo drogas, violência física e verbal, além de cenas de sexo explícitas.

Todos os personagens estão longe de serem perfeitos, assim como nós.

sua mão

tocando a minha

é assim

que galáxias

colidem

— Sanober Khan

Prólogo

antes

Eu seria presa.

Ai, Meus Deus.

Eu seria presa e eu merecia.

Eu era uma criminosa.

E criminosos deveriam ser presos.

Mas só a ideia de passar o resto da vida em algum lugar em que não tenha Donuts, fazia o meu peito doer.

Eu realmente amava Donuts e tinha quase certeza que não os serviam na prisão.

Apertei o batom com força entre os dedos dentro da minha mochila.

Minhas palmas suavam enquanto a atendente vinha em minha direção. Eu conseguia sentir a umidade contra a embalagem do pequeno batom rosa.

Ela estava olhando para mim. Sabia o que eu havia feito.

Furto era um crime sério.

Ela chamaria a polícia e eu nunca mais iria comer donuts em toda a minha vida.

Não podia acreditar que havia me metido naquilo. Só por causa de um maldito batom.

Eu me odeio.

Os passos se aproximavam e eu podia sentir o meu coração acelerar cada vez que o salto da atendente batia contra o piso da loja.

Eu não sabia o que fazer então apenas fiquei parada encarando um ponto fixo qualquer.

A adrenalina pulsava em todo lugar. Ela deixava todos os meus membros dormentes. Só sentia o sangue gelado formando um suor frio em minha pele.

É agora.

Deus, eu realmente vou ser presa.

A mulher finalmente chegou até a mim, mas ao invés de parar, ela continuou andando.

Ela seguiu seu caminho e se distanciou como se nunca tivesse a intenção de me abordar.

— Boa tarde. Quer uma ajuda? — a atendente perguntou a uma mulher de meia idade que observava uma prateleira de sombras a menos de dois metros de mim.

E foi como finalmente conseguir inspirar depois de minutos sem ar.

Foi eletrizante.

Passou pelo topo da minha cabeça até os dedos dos meus pés.

Uma mistura de alívio, prazer e felicidade instantânea.

Eu me afastei das duas e fiz o meu caminho até a porta.

Eu andei devagar, com resquícios de adrenalina ainda pulsando em meu corpo a cada passo que dava.

Lilian e Sienna estavam na vitrine ao lado, tomando sorvete enquanto observam as roupas por trás do vidro.

Eu andei até elas.

— Você gosta desse vestido? — perguntou Sienna assim que cheguei.

Eu encarei o vestido na vitrine, pouco interessada porque minha cabeça ainda estava presa no batom e nos acontecimentos dos últimos minutos. A peça era um rosa curtinho e de alcinha. Lantejoulas por toda a parte.

Eu torci a minha cabeça enquanto o analisava.

— Não muito.

Ela suspirou e passou as mãos pelos cabelos loiros, virando-se para Lilian.

— É que o preço está muito bom. — ela contemplou.

Eu dei uma olhada para etiqueta.

400 dólares.

Acho que para a maioria das pessoas isso não era um preço muito bom. Mas o pai de Sienna era um juiz e ela era filha única. A mesada dela era maior do que muitos salários por aí.

— Também acho. É um Prada — concordou Lillian.

Lillian tem duas irmãs, mas seu pai era dono de uma mina em algum lugar na Europa. Se a mesada de Sienna era boa, a de Lillian era fantástica.

Eu dei de ombros, concordando.

Porque no final das contas, também não podia reclamar da minha situação financeira. Ambos os meus pais eram médicos. Meu pai era cirurgião plástico e minha mãe era a chefe de cirurgia geral do maior hospital da cidade.

Quase toda sexta saíamos para fazer compras depois da escola.

Já estava escurecendo quando deixamos o shopping com várias sacolas, inclusive uma da Prada, incluindo o vestido de lantejoulas.

A mãe de Lillian nos buscou e todas entramos na mercedes SUV.

— Vocês querem alguma coisa da loja meninas? — ela perguntou, depois de parar em um posto de gasolina.

— Chicletes. — respondeu Lillian

— Mais alguma coisa? — ela perguntou e negamos com a cabeça.

Ela saiu do carro nos deixando sozinhas, mas deixou o automóvel ligado por causa do aquecedor e do rádio.

Eu abri a minha bolsa, pegando o batom. Tiro a tampa e o passo nos lábios com o auxílio de um espelhinho.

— Nossa, adorei esse batom — comentou Sienna. — É novo?

Eu assenti, observando a cor no espelho. E quando vi em minha boca, decidi que o odiava. Pink demais.

— Aham, comprei no shopping. — eu disse, e depois arrastei um lábio no outro para espalhar melhor.

Last Friday Night de Katy Perry começou a tocar na rádio e Lillian arregalou os olhos escuros em nossa direção como se tivesse levado um choque. Ela não hesitou nem um segundo antes de aumentar o som.

Estávamos na primeira parte do refrão quando notei um carro se aproximando. O carro parou do lado de uma das bombas de gasolina. Observei sem muito interesse quando dois adolescentes saíram do carro, um do lado do carona e o outro no banco de trás.

Eles estavam conversando e rindo enquanto se dirigiam para a loja que a mãe de Lillian tinha acabado de entrar.

Até que a porta do motorista se abriu.

E ele saiu.

O garoto tinha cabelo castanho escuro. Os fios eram longos o suficiente para caírem pelo seu rosto de forma preguiçosa. Era alto e, apesar de magro, notei os braços tonificados. Sua cor era dourada, fazendo um belo realce com a camisa branca que se estendia em seus ombros largos.

Ele bateu a porta e andou casualmente até a bomba para colocar gasolina.

Diferente dos outros dois garotos, ele não estava rindo, nem mesmo sorrindo. Não que ele parecesse irritado. Mas seu semblante era sério e eu notei o contorno perfeito de sua mandíbula quando ele se virou para abrir a tampa do tanque, ficando de lado para nós.

Ele era bonito.

Não.

Ele era *lindo*.

Mas eu já tinha visto garotos bonitos assim, não já?

Por que o meu coração estava fazendo aquilo?

Eu observava fixamente o seu perfil enquanto ele enchia o tanque do carro.

Eu queria dizer alguma coisa. Eu queria perguntar sobre ele, mas as palavras não deixavam a minha boca. Elas simplesmente não saiam. Agarraram em minha garganta durante o tempo em que o meu cérebro tentava processar o que estava acontecendo. Era difícil dizer o que eu estava sentindo porque era algo que nunca havia sentido antes. Não tinha certeza se era bom ou ruim, mas era inusitado, intenso e definitivamente estranho.

Como se lesse os meus pensamentos, Sienna disse:

— Ele é o irmão do Corey, da nossa sala. Os dois foram para a nossa escola nesse ano.

— Quem é Corey? — ouvi Lillian perguntar.

— Aquele moreno que senta atrás do Mike.

Sabia quem era Corey porque no segundo dia de aula ele e um outro garoto fizeram uma imitação do senhor Finland antes da aula, um professor que cuspiu a cada palavra que falava.

Toda a sala achava extremamente engraçado, e preciso admitir que dei umas boas risadas também.

— Ele tá na sala do seu irmão — comentou Sienna, para mim.

Meu irmão, Grayson, tinha 16. Estava no penúltimo ano, então conclui que o garoto tem a mesma idade do meu irmão.

— Qual é o nome dele? — eu perguntei, finalmente conseguindo encontrar as palavras.

E foi naquele exato momento em que ele virou a cabeça e passou os olhos pelo posto, sem muito interesse.

Eu observei atentamente o seu rosto se virar, checando um carro estacionado ao lado e depois as paredes de vidro da loja, e então se arrastando até...

Mim.

Ele parou o olhar sobre mim.

Ou pelo menos eu achava que o fez, porque o carro tinha as janelas com insulfilme. Não sabia se ele de fato estava olhando diretamente para mim, mas a questão era que eu sentia que sim. Eu me sentia sendo observada por ele porque o meu coração deu galopadas. Foi como um choque. Eu quase me impulsionei para trás, como se tivesse levado um golpe.

Mas foi rápido, talvez apenas um segundo antes dele desviar o olhar para os amigos que agora saíam da loja.

Porém, foi o suficiente para eu entender.

— Sebastian Grant Crawford. — Sienna respondeu.

E simples assim, naquela noite no posto de gasolina da estrada 114, tudo começou.

01.

Talvez eu seja uma completa sociopata, mas eu soube que me casaria com Sebastian Grant Crawford assim que pus meus olhos nele pela primeira vez.

Foi instantâneo.

Eu nunca acreditei em amor a primeira vista, mas a minha opinião mudou depois daquela noite.

Eu não sei o que eu vi nele naquele momento no posto além da beleza óbvia. Mas tinha algo a mais. Algo especial.

E eu soube instantaneamente que ali era o fim.

— Como estão seus pais, Harriet? — pergunta o senhor Crawford.

Estamos no funeral do irmão mais novo dele.

Sempre odiei funerais; não fui nem ao do meu avô ano passado. Mas isso parece ser importante para a família do meu namorado. E contando que estamos namorando já tem quase três anos, achei fundamental estar aqui.

E eu genuinamente gostava de Julian Crawford. Era um bom homem. Gentil e sempre muito legal comigo. E novo.

Teve um ataque cardíaco duas noites atrás. Ficou mais de doze horas morto em sua casa, até encontrarem o corpo. Ele estava caído em sua garagem, sua área de trabalho particular. Estava no meio de vários pedaços de madeira. Disseram que ele estava mexendo com algum projeto quando seu coração resolveu o deixar na mão.

É deprimente vê-lo no caixão.

Acho estranho esse lance de festejar a morte de alguém. E esse me parece ser o intuito de um velório.

A bebida, os salgadinhos, as conversas superficiais com as outras pessoas... É tudo muito desconfortável na minha opinião.

— Eles estão bem. Ficaram muito tristes por não poderem vir.

Eu costumo dizer muito isso. Meus pais são muito ocupados; suas agendas são complexas e intensas. Eles raramente comparecem a eventos. Nem mesmo quando se trata de um velório.

— Claro, entendo completamente. Os dois estão ocupados salvando vidas — ele diz, abrindo um pequeno sorriso, porém sincero e compreensivo.

Não exatamente, penso. Minha mãe está, mas meu pai é cirurgião plástico, o que quer dizer que ele está mudando o tamanho do sutiã de mulheres do 36 para o 44, mas assinto e sorrio de volta de qualquer forma.

— Só um minuto, Harriet — ele diz, com os olhos na porta de entrada. — Meus primos acabaram de chegar.

Eu me viro e vejo que de fato há dois homens na mesma faixa de idade passando pela porta.

— Claro, claro. Vá em frente — eu digo, fazendo um aceno meio esbaforido com a mão.

Ele me lança um último sorriso educado e se afasta.

Parece bem, apesar da morte do irmão. Há olheiras sutis abaixo de seus olhos e sua expressão está um pouco mais vazia, mas Ezra Crawford é um homem controlado demais. Alto e de ombros largos, e um bigode grosso que está ficando grisalho, mas que lhe cai muito bem.

Ele aparenta estar lidando melhor com essa perda do que a esposa, Helena. Acho que nem ao sepultamento ela vai.

Não cresci rodeada por religião. Meus pais são da ciência e isso acabou me deixando bem cética em relação a certas coisas.

Obviamente não tenho como ter certeza, mas acredito que, quando morremos, acabou. Realmente acho que não faz muita diferença para o morto quem está no seu próprio velório ou não. Então eu realmente entendo. Se não fosse pelo meu namorado, eu também não estaria aqui.

Pensando nele, procuro ao redor, mas sou distraída com as mesas de comida e tenho a súbita vontade de comer uma besteira deliciosa.

Atravesso o salão a caminho do banquete enquanto tento ignorar a dor em meus pés. Decidi que seria uma ótima ideia usar saltos novos para a ocasião.

Agora, toda vez que faço uma careta de dor, algum convidado vem compartilhar os pêsames em relação ao falecido, acreditando que essa é a razão de toda o meu desespero.

Sou capaz de sentir as bolhas se formando.

Tento não mancar até a mesa onde se encontram os doces.

A felicidade que enche o meu peito ao ver a comida chega a ser embaraçosa pelo fato de eu estar em um velório.

Eu me decido por onde vou começar e abandono o meu patético copo de suco de uva pela metade. Queria poder dizer que

preferia que fosse vinho, mas detesto álcool. Simplesmente não suporto o gosto. Para falar a verdade, tenho o paladar de uma criança de sete anos de idade. Sou absolutamente apaixonada por todo tipo de doce: bolos, sorvete, brownies, donuts.

— Harriet — alguém diz, se aproximando.

Mas estou muito concentrada e levo um susto, engasgando no meu quarto docinho de chocolate. Tusso algumas vezes e pisco para o meu namorado, que agora se encontra ao meu lado.

— Ah, é você! — Eu sorrio, devolvendo o quinto docinho que estava em minha mão, pronto para ser devorado, para a mesa. — Estava te procurando. Nossa, isso aqui tá uma deli... — começo, com a boca ainda cheia, mas então, quando olho bem em seus olhos escuros, calo-me.

Há algo errado. Parece preocupação ou talvez choque. Mas está em toda parte do seu rosto.

— O que foi? — eu pergunto devagar, parando de mastigar.

Ele suspira com força enquanto tem os olhos fixados nos meus.

— Ele veio. Ele realmente veio. — ele reforça, acredito que mais para si mesmo do que para mim.

E no fundo, eu acho que instantaneamente sei do que está falando.

De *quem* está falando.

Mas por alguma razão, eu preciso da confirmação.

— Quem? — a pergunta sai na forma de um murmuro doloroso.

Corey finalmente pisca.

— Meu irmão está aqui.

Eu termino de engolir o doce com certa dificuldade e viro o meu corpo em direção a entrada.

Porque eu posso sentir. É *pesado*.

E lá está ele, entre um mar de olhos curiosos como se fosse algum tipo de ser místico.

É Sebastian Grant Crawford em toda a sua controvérsia e enigmática glória.

02.

antes

cleptomania^[1]

clep-to-ma-ni-a

Eu encarava a tela do meu celular enquanto lia a palavra diversas vezes.

Meus pais estavam em silêncio desde que entramos no carro depois de sair do consultório do Dr. Kollen.

Eu achava que nunca tinha visto meu pai ficar tão sério daquele jeito em toda a minha vida. Ele não estava fazendo nada além de olhar para a estrada, exatamente como a minha mãe.

O pior era que nenhum dos dois ligou o rádio, então o silêncio chegava a ser sufocante.

Não sabia se deveria dizer alguma coisa.

Sentia como se devesse me desculpar.

Mas não fiz isso; tinha medo de começar a chorar se abrisse a boca. O que não fazia muito sentido porque não me sentia triste.

Não fazia ideia do que estava sentindo, para falar a verdade.

Mas definitivamente não queria arriscar. Minhas lágrimas eram imprevisíveis, e uma sessão de choro naquele momento deixaria as coisas dez vezes piores.

Quando meus pais pararam o carro na garagem, eu fui a primeira a sair. Passei pela porta de entrada e encontrei Grayson jogado no sofá da sala.

Ele tinha o controle da TV na mão e ainda vestia a jaqueta de basquete com o emblema da nossa escola.

— Como foi na terapia, Hatty? — ele perguntou, referindo-se a mim com o apelido que só ele usava.

Grayson era o filho preferido. Eu dizia isso com toda a certeza e sem qualquer hesitação. Era simples assim.

Ele era bom em tudo o que fazia. Teve as melhores notas e era a estrela do time da nossa escola. Todo mundo gostava dele. Ele era simpático e interessante. Grayson realmente gostava de ajudar as pessoas e era extremamente comunicativo.

O fato de ser bem atraente ajudava. Pelo menos era o que as minhas amigas diziam constantemente — todas elas tinham uma pequena queda nele. Ele herdou o cabelo loiro da mamãe e os olhos verdes do papai, sem contar o porte atlético que ele adquirira durante os últimos anos no time.

Todo mundo sabia o nome dele na nossa escola, talvez até em nossa cidade. Grayson era a grande promessa do basquete. Todo mundo em Veahmond apostava que ele acabaria ficando famoso. Mas ele queria fazer medicina como a mamãe e o papai, e ele tinha as notas para isso.

A tamanha perfeição me fazia querer vomitar.

Mas era difícil não gostar de Grayson porque ele era um irmão incrível.

Talvez o melhor. Grayson era realmente bom em tudo o que faz, e isso incluía a tarefa de irmão mais velho.

Não me dei ao trabalho de respondê-lo e caminhei em sentido às escadas, mas antes de subir o primeiro degrau, mamãe me impediu:

— Harriet, precisamos conversar.

Eu inspirei com força antes de me virar.

— Você vai passar a ir no Dr. Kollen toda semana. — Ela notou que abri a boca, então antes que eu pudesse dizer qualquer coisa, ela completou: — Duas vezes.

Não podia acreditar naquilo. Era como um maldito tapa.

— Não. — Minha voz saiu como um chiado irritantemente alto. — Não gostei dele. Ele não sabe do que está falando.

Seu rosto não vacilou.

— Seu pai e eu já decidimos. Todas as terças e quintas depois da escola.

Eu lancei um olhar para o meu pai, que estava bem atrás da minha mãe, encarando-me.

— Pai? — pedi com a voz pateticamente baixa.

Meu pai costumava ser menos rigoroso que minha mãe. Em várias ocasiões ele me tirara de castigos e punições.

Mas daquela vez ele não disse nada. Apenas me encarou com pesar.

— Isso não é justo — eu declarei.

Porque não era. O Dr. Kollen não fazia ideia do que eu estava sentindo.

Eu não era louca. Não era uma ladra.

Mas eles continuaram em silêncio. Meu pai passou por nós e foi em direção à cozinha. Minha mãe guardou a bolsa na mesinha de entrada e o seguiu. E eu fiquei lá, pateticamente parada como uma estátua e com a boca entreaberta.

— Vocês não podem fazer isso — eu disse, seguindo-os em sentido ao cômodo.

Minha mãe me devolveu um olhar antes de abrir uma gaveta.

— Não é uma escolha sua, Harriet.

Era como se eles nem tivessem me ouvido. Era como se a discussão já tivesse acabado antes mesmo de ter começado.

— Eu odeio o Dr. Kollen. — Pausei por um segundo, mas notei que não houve muita reação diante da minha declaração, então conclui, com raiva: — Eu odeio vocês!

Os dois me encararam. Minha mãe suspirou com força.

Ela parecia diferente. Não apenas irritada, mas derrotada.

— Vai para o seu quarto. E você acabou de perder a festa da Kaitlyn semana que vem.

Indignada, eu abri a boca mais um a vez, mas nada saiu.

Queria gritar com eles. Dizer que era ridículo. Que eles e o Dr. Kollen não faziam ideia do que estavam falando.

Ao invés disso, dei meia volta e subi as escadas pisando duro.

Petunia e Polly, minhas gatas, estavam deitadas em minha cama quando cheguei, mas nenhuma das duas fez nenhum movimento quando passei direto por elas.

Fui para o armário. Lá, peguei a minha bolsa roxa da Katy Perry.

Coloquei todos os meus pertences valiosos e necessários dentro dela.

Maquiagem, presilhas de cabelo, carregador do celular...

Distúrbio psicopatológico que faz com que a pessoa fure coisas diversas.

As palavras se repetiam em minha mente.

Que absurdo.

Eu não era uma cleptomaníaca.

Como eu podia ser alguma coisa que há menos de duas horas eu nem sabia o que significava?

O Dr. Kollen que era algum tipo de maníaco.

— Para de ser dramática.

Não me dei ao trabalho de me virar quando escutei a voz do meu irmão.

— Não estou sendo dramática — rosnei, terminando de enfiar a minha escova de cabelo na mochila.

Ele se aproximou e se sentou na minha cama, mas eu estava ocupada demais enfiando um mundo inteiro em uma mochila ridiculamente pequena.

— É a terceira vez que você ameaça fugir de casa. — Ele fez uma pausa, e então completou: — Esse ano.

Finalmente o encarei. Lançando um olhar irritado, afirmei:

— Bem, dessa vez é para valer.

Ele se jogou na minha cama. O que não fazia diferença agora porque já não era mais a minha cama. Porque esse já não era mais o meu lar.

Ele suspirou com força.

— Tudo bem, mas manda mensagem avisando quando chegar na casa da Sienna.

Fechei a minha mochila com agressividade. Ela parecia prestes a explodir.

— Não vou para a casa da Sienna. — menti e dei as costas para ele, passando pela porta.

Antes de ir, escrevi um bilhete em um papel de caderno rasgado.

Alimentem os animais. Voltarei para pegá-los quando puder.

Obs: não esquecer de supervisionar Nuggets durante as refeições para que ele não roube a comida de Polly e Petúnia.

Além dos meus pais, Grayson e eu, haviam outros sete moradores na minha casa. Dois gatos, um cão, três porquinhos da índia e um papagaio. Todos eles aquisições minhas ao longo dos anos.

Dizer que eu amava animais era eufemismo.

Depois de deixar o bilhete na mesinha de entrada, passei pela porta e abandonei a minha casa.

A casa de Sienna era a duas quadras da minha.

Geralmente chegava lá em menos de dez minutos. Mas fiz outro caminho, porque precisava de mais tempo para pensar no que iria dizer quando chegasse lá. Obviamente ela iria me perguntar porque estava irritada com os meus pais e eu não queria dizer a verdade.

Não queria contar a ela sobre Dr Kollen ou sobre o seu diagnóstico estúpido.

Logo dei uma volta maior que raramente fazia e que resultava em torno de seis ou sete quadras.

Meus passos eram lentos à medida que arquitetava a minha mentira. Eu costumava ser uma boa mentirosa. Minha mãe sempre

disse que aquela não era uma boa qualidade, mas eu tendia a discordar. Era extremamente útil.

Quando faltavam cerca de três quadras para a casa de Sienna, ouvi sons distintos. Achei que era música misturado com conversa, mas bem distante. Conforme ia me aproximando, notei que era da próxima casa. Isso era um pouco estranho, porque aquela parte da cidade costumava ser bem tranquila. Eram mansões de alto escalão. Havia ordem e regras até não querer mais.

Finalmente cheguei em frente a casa em questão e notei uma movimentação no jardim. Alguns garotos estavam em volta de um carro.

Fitei o chão enquanto passei pela calçada.

E bem naquela hora a minha mochila resolveu me deixar na mão, porque eu senti ela mais leve ao mesmo tempo que ouvi o barulho. Porque o zíper abriu sozinho e um turbilhão de coisas caíram como se a mochila estivesse cuspidando os meus pertences para fora.

Parei instantaneamente, observando a minha garrafa de água rolar até bem próxima aos garotos.

Agachei-me, juntando as minhas coisas freneticamente ao passo que proferia algumas palavras nada bonitas — as quais a minha mãe definitivamente não aprovaria.

Já estava quase acabando de recolher tudo, só faltava...

— Gostei da mochila. — Escutei uma voz e a minha garrafa de água apareceu magicamente na minha frente.

Olhei para a minha garrafa e, então, mais para cima.

Dois garotos estavam diante de mim e um deles segurava a minha garrafinha.

Encarei-os. Eram mais velhos, mas não eram adultos ainda. Um deles era ruivo e tinha cerca de 1,70 de altura. O outro era negro e um pouco mais alto.

Havia um meio sorriso sarcástico no rosto de ambos.

— Obrigada — murmurei, pegando a garrafa.

Eles não se agacharam para ajudar a pegar o resto das coisas, mas eu já estava acabando de recolher de qualquer forma.

Eu fechei o zíper e me levantei.

— Está com pressa? — um deles perguntou.

Cruzei os braços e respondi, secamente:

— Sim.

O ruivo riu. Ele tinha uma lata em uma das mãos, mas logo notei que era só coca-cola.

— Ah, é? E para aonde está indo?

Não estava exatamente com medo, apenas incomodada.

Aquela parte da cidade era bem segura. As ruas perto na qual eu morava eram bem padronizadas e a maioria das pessoas se conheciam, pelo menos em um nível superficial. Era como um condomínio gigante.

— Não é da sua conta — respondi com blasé, completando com o queixo erguido: — Mas estou fugindo de casa, se quer mesmo saber.

A resposta pareceu divertí-los, porque um deles riu abertamente, enquanto o outro indagou:

— Fugindo?

Eu me virei para voltar a caminhada. Era uma garota em uma missão e os idiotas estavam comendo o meu tempo.

— Ei, o que estão fazendo?

A voz vinha detrás deles, e eu mudei o meu campo de visão para saber quem era o dono das palavras.

De repente, meus pés ficaram grudados ao chão.

Era *e/e*.

O garoto daquela noite.

Sebastian.

Ele andou até nós e parou a alguns metros de mim.

Ele era um pouco mais alto do que eu pensei, notei.

Era difícil absorvê-lo. Ele usava um boné azul marinho. Fios de cabelo castanho escuro casualmente escapavam do boné, caindo no começo do seu rosto. O maxilar era bem reto e definido. E ele tinha o perfeito tom de bronzeado.

Mas os olhos... Meu Deus, que cor era aquela? Eu acho que nunca tinha visto algo assim.

Não.

Eu tinha certeza.

— Só estamos conhecendo a vizinhança, cara — o mais alto disse.

— É, estamos de boa. Não estamos, Katy Perry? — perguntou o que tinha uma lata de coca nas mãos, logo depois de dar um gole.

Mas eu não respondi, porque estava ocupada demais encarando Sebastian. Seus olhos estavam em mim também. E achava que nunca sentira algo tão poderoso ou desconcertante.

Ele usava uma blusa branca com uma calça jeans. Ele era magro, mas seus músculos preenchiam bem sua camisa. Seus braços eram longos e não consegui deixar de notar as linhas de veias sutis subindo de seus dedos para as suas mãos. Nenhum dos garotos da minha sala tinha algo parecido.

Seus olhos se arrastaram até a controvérsia mochila da Katy Perry, para depois voltar para mim.

— Chega, Carson. — Sua voz não era grossa, mas era definitivamente cortante. — Ela não deve ter nem treze anos.

Seus olhos deixaram os meus para ir para os do ruivo.

Eu engoli em seco, finalmente recuperando a minha capacidade de falar.

— Eu tenho treze anos e sete meses — afirmei, sem saber exatamente o porquê, mas as palavras simplesmente deixaram a

minha boca.

Então ele voltou a me encarar, assim como os amigos.

Sebastian pareceu se divertir com o que saiu da minha boca, porque, um segundo depois, um meio sorriso puxou em seus lábios.

Aí meu Deus.

E foi quando eu soube que jamais iria me esquecer daquele momento. Do momento em que vi seu sorriso pela primeira vez.

— Claro. — Ele pausou, encarando-me por alguns segundos com um misto de diversão e curiosidade. — Treze anos e sete meses — ele reforçou e os amigos abafaram uma risada.

Eu ainda estava tentando entender como o meu coração podia bater tão rápido quanto estava batendo naquele momento, quando ouvi alguém gritar:

— Ei, preciso de ajuda com o amortecedor, porra.

Havia outro garoto do lado do carro, mais afastado de nós.

Sebastian apenas disse para os outros dois:

— Vamos.

Por um segundo, antes de se virar, ele olhou para mim novamente. Foi rápido, mas extremamente potente e intimidante.

Então ele se virou e se afastou junto aos dois. E eu continuei parada por mais um momento, tentando absorver o que aconteceu.

Quando cheguei na casa de Sienna, cinco minutos mais tarde, e ela me perguntou porque fugi de casa, não fazia a menor ideia do que dizer.

03.

Ele está diferente. O que é compreensível contando com o fato de que é 2019 e que tem quatro anos desde a última vez que o vi.

Ele está alguns centímetros mais alto. Alguns músculos mais forte. Ele foi embora quando tinha dezoito anos e apesar de já ser bem desenvolvido, ainda era um garoto. Sebastian definitivamente não é um garoto agora.

Foi como ver um fantasma. Ou alguma lenda urbana que escutamos falar na infância.

Quatro anos não parece muito tempo, mas foi. Desde que ele foi embora muita coisa aconteceu. Muita coisa mudou.

— O que aconteceu com o seu pé? — Corey pergunta.

É a primeira coisa que ele fala desde que entramos no carro. Estamos em silêncio há alguns minutos.

— Saltos novos. *Péssima* decisão.

Tirei meus doloridos pés dos saltos assassinos e agora avaliava o estrago. Muito vermelho e começo de várias bolhas. Mas, honestamente, havia até me esquecido da dor nos pés. Outras coisas mais importantes estão em minha mente e o silêncio só piora a minha ansiedade.

Minha cabeça está a mil. Tenho várias perguntas. Estou confusa e um tanto intrigada, mas nem sei por onde começar. Não sei se *devo* começar.

É o irmão *dele*. A história *dele*. A bagunça *dele*.

Talvez meu namorado não queira falar sobre isso, então preciso respeitar.

— Foi estranho ele aparecer, né? — as palavras saem da minha boca antes que eu possa impedi-las.

Corey continua olhando para a estrada.

— Foi.

A sua voz é seca e cortante.

Eu deveria parar; Corey claramente não quer falar sobre isso agora.

— Você realmente não achou que ele apareceria?

Eu me odeio. Eu sou uma pessoa horrível e sem um pinga de consideração.

Ele suspira, e então me lança um olhar. Há muita coisa em seus olhos escuros, muitas emoções.

— Boa parte de mim acreditava que ele não voltaria para cidade. Tipo, nunca. Mas uma pequena parte suspeitava que ele viesse para o velório. Pelo meu tio.

Eu assinto, segurando a língua. Espero que ele fale mais alguma coisa, mas ele não o faz. Então encaro a janela, lembrando dos últimos trinta minutos.

Lembrando de Sebastian passando pela porta de entrada, sem fixar seu olhar em ninguém, ignorando completamente os olhares alheios.

Lembrando da expressão do senhor Crawford vendo o primogênito depois de tanto tempo. A tensão e o choque no olhar. Ver um homem como Ezra Crawford desconcertado e abalado daquele jeito foi estranho demais.

Sebastian foi até o caixão do tio sem hesitação. Ele parou ao seu lado e ficou um minuto, talvez dois, observando o falecido. Nos últimos dez segundos, ele fechou os olhos.

Não caíram lágrimas. Nenhuma. Para qualquer outra pessoa, poderia até ser deduzido que não havia emoção ali. Mas eu sabia que ele estava sofrendo, talvez mais do que qualquer outra pessoa com os olhos cheios de lágrimas.

Ele não deve ter ficado mais de quinze minutos lá. Não deu atenção para mais nada ou ninguém.

Acho que eu faria a mesma coisa se todos estivessem me olhando como estavam olhando para ele. Como se fosse um animal de zoológico em exposição.

Sebastian nunca gostou de ser o centro das atenções.

Ironicamente, ele sempre foi uma pessoa de presença forte. O tipo que você está ciente quando está em um cômodo, mesmo que esteja lotado.

Corey para em frente a minha casa e desliga o carro.

Eu me viro para encará-lo e seus olhos encontram os meus também.

— Você tá bem?

Ele hesita antes de responder, desviando o olhar para a janela com uma expressão distante.

— Não sei. Muita coisa para processar.

Eu assinto, impedindo-me de continuar. Aproximo-me e o beijo nos lábios, demorando-me apenas alguns segundos em sua boca. Gostaria de tirar essa angústia que sei que está sentindo, mas infelizmente não posso.

— Te amo — murmuro.

— Também.

Eu desço do carro, e descalça, sigo em direção a entrada enquanto escuto o barulho do motor se afastando.

O ataque acontece assim que coloco os pés doloridos dentro de casa. É tão rápido e violento que quase caio no chão. A fera tenta pular sobre mim e eu quase perco o equilíbrio tentando escapar.

— Para, Nuggets — peço em tom autoritário, apesar de ter pouco efeito.

Meu cão de porte pequeno e cerca de quinze quilos se nega a recuar e continuo sendo bombardeada por lambidas e patadas.

— Nuggets! — exclamo.

Ele finalmente para e me encara, meio que me encara, considerando que Nuggets é cego de um olho. Está com quase catorze anos.

O ganhei como presente de aniversário de sete anos e somos inseparáveis desde então. Meu amor (beirando a obsessivo) por animais começou com ele. Tanto que escolhi Veterinária quando chegou a hora de ir para faculdade. Meus pais não disseram nada, mas sei que ficaram um pouco decepcionados. Acho que, no fundo, sempre esperaram que eu e meu irmão seguíssemos seus passos. Deve ser algum complexo de pais médicos.

Acho que mais difícil que deixar meus pais para começar uma faculdade em outra cidade foi deixar Nuggets. Mas depois de longas discussão com os meus pais, e uns telefonemas com o diretor dos dormitórios dos campus, decidimos que não seria viável levá-lo comigo. Bem, eles decidiram e eu meio que tive que aceitar a contragosto.

— Não estou com humor hoje — digo, seriamente, depois de fechar a porta atrás de mim.

Eu ando até a cozinha e ele me segue, feliz apesar de tudo.

— Sério, não estou com ânimo para festa.

Nuggets se senta ao lado da geladeira, encarando-me. Eu pego um suco, e depois de dar um gole, começo a compartilhar:

— Você não faz ideia do que aconteceu hoje.

Ele torce a cabeça em minha direção. Nuggets sempre foi um excelente ouvinte.

Estou prestes a abrir a boca quando somos interrompidos.

— O que aconteceu hoje? — Ouço a voz da minha mãe.

Ela entra na cozinha e passa por mim, indo até o armário. Minha mãe está como sempre: cabelo loiro preso em um rabo de cavalo e o uniforme azul de cirurgiã, pronta para sair.

São quatro da tarde, mas seus turnos são imprevisíveis. Ela chegou do trabalho de madrugada, e quando eu saí para o velório, ela estava acabada na cama.

Ela analisa a dispensa quando solto:

— O irmão do Corey apareceu no velório.

Seus olhos encontram os meus depois que ela pega um pote de pasta de amendoim. Ela ergue as sobrancelhas.

— Sebastian Crawford?

Eu assinto, sentando-me no balcão da ilha da cozinha.

— Ele não aparece por aqui tem um tempo. Uns bons... — Ela franze as sobrancelhas, fazendo as contas.

— Quatro anos.

Ela me lança um olhar e pondera por um segundo enquanto abre o jarro.

— Ele devia ser próximo do tio — conclui.

— Era.

— Você falou com ele?

Eu balanço a cabeça.

— Não. Na verdade, ele não falou com ninguém.

Ela abre a jarra e hesita por um instante, até que suspira.

— Bom. Melhor você não se envolver em confusão.

É tudo o que ela diz. A porta da frente abre e meu pai entra na cozinha.

— Já voltou, querida? — ele pergunta, dando beijo no topo da minha cabeça antes de seguir em direção a geladeira.

Nuggets continua sentado, observando-nos com extrema atenção.

— De quem estão falando? — meu pai pergunta.

— O menino mais velho dos Crawford. — mamãe responde.

— O que tem ele?

Os olhos dele caem diretamente sobre mim, em misto de avaliação e preocupação. Isso me incomoda, mas ignoro e digo, forçando uma voz casual:

— Ele apareceu no velório do tio. Foi meio estranho, só isso.

— Imagino — ele murmura.

Então meu pai vai até a minha mãe, depois de pegar uma garrafa de água na geladeira, e lhe dá um rápido beijo nos lábios.

Ele está com seu paletó preto usual; acabou de voltar do trabalho. O horário dele é um pouco mais tranquilo do que o da minha mãe, já que ele atende em seu consultório e seus clientes são basicamente implantes de silicone.

Minha mãe está constantemente correndo e com pressa. Desde pequena me lembro de sua agenda ser uma loucura. Ela raramente foi a concertos e reuniões escolares quando eu era mais nova.

Ela salva vidas e a morte não marca horário.

— Quer uma carona? Preciso encontrar o Phill no centro — diz meu pai.

Minha mãe aceita e pega a torrada com pasta de amendoim pela metade. As suas refeições são sempre para a viagem.

— Ajeite a coluna, querida — ela adverte ao passar por mim em direção a porta.

— Tchau, docinho — meu pai se despede antes de segui-la.

Suspiro dramaticamente, lançando um olhar a Nuggets.

Não sei o que fazer para ocupar a mente. Inicialmente, o plano era passar o dia com Corey, após o velório. Mas ele quis ficar a sós com os pais.

Não o culpo. Eles tem bastante coisa sobre o que conversar.

— O que está olhando? — pergunto a bola de pelos obesa que me encara fixamente.

Meus pais o compraram depois de o dono afirmar que ele era um *corgi*. Mas ele está mais para uma mistura de *corgi* com mais umas três outras raças.

Vou até a o armário e pego uma caixa de petiscos. Ele se levanta instantaneamente. O seu pequeno rabo, que mais parece um cotoco, balança freneticamente.

— Pelo menos um de nós está feliz.

Entrego o petisco e ele sai rebolando em direção à caminha imunda.

Subo as longas escadas e entro no meu quarto. Abro o computador. Depois ligo a TV. E, por fim, tento abrir um livro.

Tento me distrair.

Tento não lembrar.

Mas, quando me deito na cama e fecho os olhos com força, é inevitável.

Lembro-me que antes de ir embora do velório e evitar tudo e todos, os olhos de Sebastian encontraram os meus.

04.

É quase meia noite quando Corey me liga — já estou praticamente pegando no sono. Não falo com ele desde o enterro, anteontem. O que é estranho porque nos falamos todo dia, nem que seja uma breve troca de mensagens. Mas ontem ele ficou off o dia todo.

— Oi.

— Oi. — A voz do outro lado da linha é desanimada.

— Eu te mandei mensagem ontem. E hoje — enfatizo.

— Eu sei. As coisas estavam meio confusas depois do enterro. Me desculpe.

Ele parece genuinamente arrependido. E conturbado. O que é compreensível.

— Tudo bem. — Minha voz se torna mais casual. — Como estão as coisas por aí?

Ele demora um momento para responder.

— Estranhas — ele diz em um suspiro, finalmente. — Eu queria falar sobre isso, inclusive. Vai ter um jantar de família aqui em casa, amanhã.

É sutil, mas eu noto que a sua voz se torna tensa.

— Você não parece feliz sobre isso.

— Porque é um jantar de família, Harriet. Toda a família.

Eu pauso um segundo, por fim entendendo.

Sebastian vai ao jantar. A tensão na voz do meu namorado, assim como o desanimo, passam a ter uma explicação.

— Uau, como isso aconteceu? — eu pergunto, autenticamente surpresa.

— Meu pai ligou para ele depois do enterro. Aparentemente o tio Julian deixou uma herança. E isso envolve a família toda, então ele vai comparecer.

Faz sentido ele ter deixado a herança para os sobrinhos. O tio de Corey nunca se casou ou teve filhos. Era um homem mais solitário e passava a maior parte do tempo focado em seu trabalho. Ele inspirava e respirava a marcenaria que tinha. Era a sua única paixão.

Apesar de ser bem próximo dos sobrinhos, principalmente Sebastian, sempre achei que seria um homem mais feliz com mais companhia, com a sua própria família.

Não consigo parar de imaginar o seu corpo ficando gelado na garagem de sua casa. Ele foi encontrado por um dos empregados depois de muitas horas esquecido.

— Boa sorte — digo, com sinceridade, porque sei que não vai ser fácil para nenhum deles. — Espero que vocês...

— Quero que você venha.

Eu hesito, suas palavras me pegando completamente de surpresa.

— Para o jantar de família?

Ele suspira audivelmente quando nota o choque e a incerteza na minha voz.

— Vai ser uma merda, Harriet. No mínimo vai ser estranho para caralho. — Ele faz um pausa e a sua voz se torna mais doce. — Vai amenizar com você lá.

— Acho que vai ser ainda mais estranho eu estar lá. Eu não tenho nada a ver com isso. Acho que a minha presença pode atrapalhar.

— Meus pais te amam. Sabe disso.

Eles de fato me amam. Sempre foram extremamente gentis comigo e com o resto da minha família.

E Corey me quer lá.

Mas há uma outra pessoa nesse jantar. Uma da qual não tenho muito certeza se deseja a minha presença.

— Mamãe vai fazer bolo de chocolate.

Eu fecho os olhos com força.

— Isso é tão baixo, Corey. Você não pode me guardar um pedaço? — tento.

— Preciso de você, Harriet. — Sua voz é suave, porém profunda.

Inspiro com força.

Preciso de você.

Consigo sentir a sua angústia mesmo pelo telefone. Eu cedo.

— Que horas é o jantar?

E com isso, selo o destino da minha noite.



Às oito em ponto, eu saio de casa. Corey vive a apenas quatro quarteirões da minha casa, sendo bastante conveniente para mim, uma vez que não preciso ir de carro.

Carros me estressam. São muito grandes e intimidantes. E meu pior pesadelo é estacionar. A não ser que seja uma vaga de no mínimo dez metros, eu não sou capaz de estacionar nem se a minha vida dependesse disso.

A noite está quente e abafada. Estamos no ápice do verão. Eu vou devagar porque não quero chegar molhada de suor. Já basta estar nervosa, e adicionar um buço molhado nessa equação não me parece muito inteligente.

Quando chego, dez minutos depois, quem me recebe é o senhor Crawford. Ele é gentil e muito educado, como sempre. Mas dá para notar que há algo diferente.

Depois de me cumprimentar, ele me leva até a sala de jantar. A casa, na qual conheço já conheço muito bem, é grande e luxuosa. É parecida com a minha, na verdade. Todos que moram nessas redondezas têm casa assim. Padronizadas, perfeitas e belas. Assim como as famílias que moram dentro delas.

Corey desce as escadas e me encontra. Seu cabelo castanho está molhado, parece ter acabado de sair do banho.

Ele me beija e pega a minha mão. Nós nos sentamos no sofá e ele me mostra o que um dos seus melhores amigos fez em uma festa na noite retrasada. É um vídeo do imbecil entrando em um piscina com uma moto. Uma moto que, por sinal, parece cara demais para acabar dentro d'água.

Não gosto muito dos amigos de Corey. Apesar de termos um ciclo social parecido, os amigos mais próximos dele são meio idiotas e imaturos.

Somos todos ricos e mimados. Crianças que receberam poder e dinheiro demais, novos demais. Os mais altos da cadeia alimentar.

Porém alguns de nós são piores que outros.

Corey, entretanto, acha graça do vídeo e eu forço um sorriso. Gosto de vê-lo mais relaxado apesar de tudo.

Ainda está cedo, mas já está tudo arrumado. Mais arrumado do que o normal. Senhora Crawford parece até ter usado os melhores talheres para a ocasião. Isso só me deixa mais nervosa. Não quero estar aqui. Sinto-me deslocada e ansiosa.

Estou usando um vestido da Dior que ganhei no último Natal da minha avô. É azul marinho e de manga curta, a saia vai até a metade das minhas coxas. Meus saltos são novinhos em folha, ainda que Nuggets tenha comido um pouco da sola esquerda. Espero realmente que ninguém note.

Senhora Crawford está ocupada na cozinha, porém saí por um breve minuto para me cumprimentar.

É uma mulher muito bonita. Cabelo escuro cortado em Chanel e olhos hipnotizantes. Uma cor de âmbar muito única. Embora esteja de maquiagem, eu consigo notar que há marcas abaixo de seus olhos. Ela parece cansada, algo estranho de presenciar, afinal Helena sempre parece impecável. E ela também está nervosa.

Cerca de vinte minutos depois, Greta avisa que o jantar está pronto.

Estamos esperando.

São oito e meia em ponto e cada segundo parece uma maldita década.

Eu não gosto da energia. Os rostos das pessoas à mesa ainda estão inchados de chorar pelo ente querido.

Esse definitivamente está na lista dos piores jantares em família da história.

Às oito e trinta e cinco, a campainha toca.

O ar muda completamente. Senhor e senhora Crawford trocam um olhar que não sei ao certo decifrar. Para ser sincera, estou ocupada demais tentando decifrar o que está acontecendo comigo no momento.

Quem finalmente se levanta para atender é o pai de Corey. Ele sai da sala de jantar e se distancia. Eu observo o rosto da sua esposa quando ouço o barulho da porta sendo aberta. Sua expressão é próxima de impassível, mas noto que ela segura a borda da mesa até a cor da pele de seus dedos ficar parecida com seu esmalte vermelho sangue.

De longe, escuto uma breve troca de palavras e, então, em alguns segundos, lá está ele.

Com pouco mais de um metro e oitenta de altura e o corpo bem preenchido de músculos tonificados, ele causa uma presença naturalmente impressionante.

Seu cabelo está como sempre: fios castanho-escuros caindo suavemente em todos os lugares certos. Percebo que seu cabelo

não mudou muito, talvez esteja um pouco mais curto, mas é quase imperceptível. Mas seu peito parece mais largo agora, e sua pele está mais bronzeada. Isso me faz imaginar aonde esteve nesses últimos anos.

E seus olhos, bem, seus olhos são os mesmos olhos cor de âmbar que me torturaram por tanto tempo.

É distinto demais. Apenas ele e a mãe têm. Nunca vi em nenhuma outra pessoa. É castanho ao redor, mas então, conforme vai se aproximando da pupila, vai se transformando em um dourado e às vezes verde, dependendo da luz.

E quando ele olha para você é com o tipo de olhar que marca a sua alma.

Sebastian para por alguns segundos em frente à mesa. Seus olhos passam entre nós brevemente. E talvez eu esteja maluca ou imaginando coisas, mas eles se demoram meio segundo a mais sobre mim. Pode ser que esteja surpreso com a minha presença aqui. Honestamente, eu mesma não acredito que realmente vim.

Fito o meu prato, desconfortável.

— Boa noite — ele diz assim que puxa a cadeira bem diante da minha.

É a primeira vez que escuto a voz dele em quatro anos. E seu tom profundo verbera por todo o cômodo até chegar em meus ouvidos.

Senhor Crawford volta a se sentar e logo estamos todos na mesa.

Ele cresceu nessa cidade. Ele morou debaixo desse teto. Ele é o sangue do sangue dessas pessoas. Mas, ao mesmo tempo, é um completo estranho.

— Bem, o jantar já está pronto. Só estávamos te esperando — diz a senhora Crawford com um sorriso bizarro no rosto. Está claramente nervosa.

Ela se levanta e vai até à cozinha. Quando volta de lá está acompanhada de Greta, a empregada da família.

Juntas, elas colocam dois enormes pratos sobre a mesa: um de macarronada e outro de filé mignon. É alimento demais para cinco pessoas. E eu nem sei se tenho apetite no momento.

— Isso parece delicioso, querida — comenta o Senhor Crawford, logo depois de colocar a comida em seu prato.

Há um tom consolador e acolhedor em sua voz. Ele obviamente é capaz de notar o nervosismo da esposa.

Depois de silenciosamente todos se servirem, o desconforto se instala. Todos estão concentrados em seus respectivos pratos, evitando qualquer contato visual. Inclusive eu.

Eu lanço um olhar para Corey e seu perfil parece tenso enquanto ele mastiga.

— Realmente. Muito bom, senhora Crawford — digo, finalmente, porque não consigo suportar mais um segundo disso.

Ela levanta o seu olhar e encontra o meu. Seus lábios formam um suave sorriso de agradecimento.

— Obrigada, Harriet.

Ela volta a encarar o próprio prato, porém, alguns segundos depois, ela pergunta educadamente:

— Como estão seus animais, Harriet?

Ela costuma me perguntar bastante sobre meus animais de estimação, porque sabe sobre a minha paixão. Mas acho que ela está tão desesperada quanto eu para preencher essa quietude dolorosa.

— Muito bem. Exceto Angelica que recentemente foi vítima da Petúnia. Ela é uma gata temperamental demais. Mas estamos trabalhando nisso.

Eu tenho costume de falar demais em situações desconfortáveis, e se ninguém me para, tendo a acabar me expondo demais ou falando coisas realmente absurdas. Então me forço a fechar a boca antes de começar a falar sobre a última infecção renal de Elvis, meu papagaio.

Ela sorri polidamente e se volta para o filho mais velho, que até agora se manteve em silêncio.

— Como está o filé, Sebastian? — a senhora Crawford indaga. É a primeira vez que ela dirige uma pergunta a ele.

Ele levanta o olhar para a mãe, o rosto inexpressivo.

— Está ótimo — ele diz, voltando-se para o prato.

Sua voz é apenas educada, beirando a seca.

— Era o seu prato favorito quando criança.

O senhor Crawford olha para o filho também depois do comentário.

Sebastian dessa vez não fita a mãe. Apenas assente.

— É — ele diz, enquanto corta um pedaço de comida. — Eu lembro.

O silêncio que se segue é estarrecedor.

Tenho pena de Helena. É muito claro que está se esforçando para fazer esse jantar em família uma boa experiência. Mas está claro que Sebastian não faz a mesma questão. O que me deixa intrigada quase tanto quanto desconfortável.

O resto do jantar é passado na maior parte em silêncio. Alguns comentários espaçados, geralmente vindos de mim ou da senhora Crawford.

Sebastian não movimenta o olhar em minha direção em momento algum, nem mesmo quando eu falo alguma coisa. Parece que nem estou aqui.

Suspiro de alívio quando Greta serve a sobremesa. Geralmente fico contente em ver doce pelo simples fato de amar açúcar. Mas dessa vez é porque sobremesa é sinônimo de que o jantar está chegando ao fim.

— E vocês já decidiram se de fato vão querer comemorar o aniversário de namoro em Aspen?

Agora a senhora Crawford está olhando para mim e para Corey.

— A gente ainda não tem certeza — Corey responde.

Eles têm uma cabana em Aspen muito bonita e que raramente é usada pela família. Eu e Corey estávamos pensando em passar alguns dias lá para não ficar todos os três meses de verão apenas em Veahmond. Pensamos em juntar o útil ao agradável e ir no nosso aniversário de namoro de três anos, que está se aproximando.

— É uma viagem longa demais para ficar só alguns poucos dias — eu completo.

— Mas como não é alta temporada não terá muito tumulto — comenta o pai dele, entrando na conversa.

Mas como é verão também não terá neve. A maioria das pessoas vai a Aspen para esquiar e patinar. Sem neve, não há muita graça. Pelo menos havia sido isso que Corey havia me dito alguns dias antes.

O que vamos ficar fazendo lá? Vai ser entediante.

Eu fiquei levemente ofendida com o comentário porque, afinal, estaríamos juntos. Passaríamos um tempo em um lugar bonito na presença um do outro. Para mim era mais do que o suficiente.

Mas acabamos então deixando o assunto de Aspen meio de lado.

— É, mas acho que devemos sair para jantar ou algo assim.

— Eu dou de ombros, sorrindo.

Abro a boca para comentar sobre um restaurante que me veio em mente, mas não chego a conseguir falar.

— Você disse que precisávamos conversar sobre o testamento do meu tio. — Sua voz é cortante, me impedindo de continuar.

Levanto os olhos para encontrar Sebastian encarando o pai.

Ele vai direto ao ponto. Talvez esteja cansado de circular o assunto. Talvez esteja cansado desse jantar ensaiado e tenso.

Senhor Crawford arranha a garganta e passa um guardanapo na boca antes de falar.

— Sim. Somos a única família dele, então naturalmente recebemos tudo o que tinha. Mas ele especificou algumas coisas. — Ele se demora e dá um gole no vinho. Sou capaz de ouvir o líquido descendo pela sua garganta.

Saímos de um assunto casual e superficial para ir direto ao ponto.

— Ele deixou a casa para nós, e uma pequena quantidade de dinheiro que tinha guardado também. — Mais um pausa, mas dessa vez é mais longa, e um pouco mais desconfortável. — Mas ele deixou a loja especificamente para você.

Há silêncio depois disso. Sebastian não diz nada, mas olho fixamente para seu rosto e noto um resquício de surpresa misturado com pesar em seus olhos.

— Claro — murmura Corey ao meu lado.

É baixo, mas é suficiente para que todos ouçam.

Sebastian apenas o lança um olhar e o deixa ali por alguns segundos, mas não diz nada.

Terminamos a sobremesa rápido demais. Acho que todos querem acabar com isso o quanto antes.

Quando Greta termina de tirar as coisas, senhor Crawford tira uns papéis da cômoda perto da sala de entrada.

— Esta tudo aqui. E tem uma carta que ele deixou para você.

Sebastian está de pé, as mãos no bolso. Ele encara os papéis na posse do pai e os pega, passando o olhar por eles.

Senhora Crawford segue para a cozinha, o marido logo atrás. Consigo ouvi-los conversando em murmúrios baixos, mas não

consigo entender o que é.

Eu e Corey nos levantamos para ir para o segundo andar.

Sebastian vai em sentido à porta, mas antes que sua mão encoste na maçaneta, ouço:

— Você sempre foi o preferido. Faz sentido.

O comentário saindo da boca de Corey me pega completamente de surpresa. Eu congelo, ao mesmo tempo que Sebastian. Ele se vira para nós, ou melhor, para o irmão.

O olhar dirigido ao seu irmão mais novo é sério, porém não vejo raiva.

— Quer me dizer alguma coisa, Corey?

— Não. Só estou falando fatos.

Eu posso jurar que vejo o traço de sorriso amargo cruzar os lábios de Sebastian.

— Quantas vezes foi ajudá-lo na loja? — Ele faz uma pausa e, nesse meio tempo, meu namorado fica em silêncio. Sua voz é uma mistura de cansaço e frustração quando ele completa: — Você nunca ligou para carpintaria, Corey.

Meu namorado abre um meio sorriso sarcástico. Eu me remexo desconfortavelmente ao seu lado, os observando em um misto de fascínio e ansiedade.

— E nos últimos dois anos, Sebastian? Quantas vezes foi visitá-lo?

Há veneno na voz dele. Rancor. Ódio. Talvez mágoa também.

Sebastian não responde. Ele apenas encara o irmão com algo que não sei ao certo decifrar. Há muita coisa para ser dita, mas nenhum dos dois fala nada.

Sebastian aceita o golpe porque sabe que merece.

Corey se vira e sobe as escadas.

Sem olhar para trás, eu faço o mesmo.

05.

antes

Isso era o que eu sabia sobre Sebastian Grant Crawford até o momento:

— *Ele nasceu aqui em Veahmond, mas se mudou para a casa há cinco blocos da minha no começo desse ano por causa do emprego do pai. Não tenho detalhes sobre o emprego em si, mas o antigo ficava do outro lado da cidade e o novo fica bem perto daqui, o que causou a mudança.*

— *Antes de se mudar, ele estudava na West Falcon School (pesquisei sobre na internet e aparentemente não é uma escola*

particular, apesar de bem conceituada).

— Ele está no penúltimo ano do Ensino Médio. O que quer dizer que ele estuda na sala do meu irmão.

— Ele tem dezesseis anos. O que também quer dizer que ele é três anos mais velho que eu (Honestamente não vejo nenhum problema. Meu pai é 4 anos mais velho que a minha mãe).

— A cor dos olhos dele é âmbar. Nunca tinha visto em alguém (de acordo com o Google, só 5 % da população tem).

— E por último e com certeza não menos importante, ele é solteiro.

Eu fechei o meu caderno e me levantei da cama.

Comecei a coletar todas essas informações assim que cheguei em casa depois do meu encontro com Sebastian e seus amigos em frente à sua casa, anteontem.

Tudo o que precisou foi uma ligação para Sienna.

Por sorte, ela era a garota mais fofqueira de toda a face da terra. O que às vezes era irritante, contando o fato de ser uma das minhas amigas mais próximas, mas também podia ser bem conveniente.

Atravessei o corredor com um pequeno bloco na mão até o quarto do meu irmão.

Ele estava sentado em sua cama com o celular em sua posse.

— Cacete, Harriet, quantas vezes vou ter que te pedir para bater na porta?

Eu rolei os olhos e suspirei.

— Desculpa — eu disse, nada arrependida, e logo adiantei:
— É de extrema urgência.

Ele me encarou sem muita importância. Costumava usar o termo *urgência* com muita frequência e acreditava que chegou a um ponto que ninguém levava a sério meus assuntos urgentes.

— O que foi? — ele perguntou, descansando o celular no colo.

— Preciso saber da lista de pessoas que está vindo para festa — eu falei, levantando um bloquinho.

Meu pai estava em uma viagem palestrando pelos próximos dias e a minha mãe iria fazer plantão naquela noite, então meu irmão resolveu dar uma festa.

Meus pais nem protestaram. Eles costumavam ser bem flexíveis com essas coisas. Desde que meu irmão continuasse sendo o mesmo menino de ouro de sempre, com as notas excelentes e capitão do time de basquete, eles costumavam dizer muitos "sim". Achava que em parte isso vinha de certa culpa também, pelo fato de quase nunca estarem presentes. Eles gostavam que tivéssemos amigos por perto.

Claro que nenhum dos dois sabia da extensão daquela festa. Meu irmão disse a eles que seria uma reunião de amigos na hora do jantar. Mas isso já tinha acontecido algumas vezes nos últimos meses para eu já saber que seria uma festa cheio de adolescentes mais velhos que eu e bebida.

— Por quê?

— Não tenho tempo para explicar, Grayson. Só me dê os nomes.

— Não tô pedindo uma dissertação sobre o assunto. Só o porquê do interesse.

Eu inspirei com força.

— Motivos pessoais.

Ele não parecia muito convencido, mas também não parecia muito disposto a discutir comigo, ou mesmo interessado para falar a verdade, então começou:

— Hum. Beleza, de garotas...

— Vamos começar com os garotos — interrompi.

Ele ergueu as sobrancelhas em um misto de irritação e desconfiança.

— Você deseja em ordem específica? Alfabética, por exemplo? — Grayson perguntou ironicamente, incomodado com a interrupção.

Dei de ombros.

S era a décima nona letra do alfabeto, mas não queria deixar muito obvio.

— Pode ser— murmurei, erguendo a minha caneta.

Ele começou a falar uns nomes e eu finjo os anotar quando, na verdade, estava fazendo uma caricatura de Nuggets.

— O Grant.

Eu levantei o olhar do meu bloquinho.

— Grant? Sebastian Grant Crawford?

Meu Deus, ele viria para a festa.

Sebastian viria para *minha* casa.

Meu irmão me encarou com atenção desconfortável.

— Sim. Por quê? — ele indagou, devagar.

Meu peito fez algo estranho, mas ignorei e o encarei casualmente.

— Não sabia que era amigo seu. — Dei de ombros. — Conheço todos os seus outros amigos da lista, só isso.

A expressão atenta e desconfiada suavizou em seu rosto.

— Grant é novo. Pediu transferência de outra escola mês retrasado. Não somos tão amigos, mas o cara é maneiro.

— Ele confirmou que viria?

Ele fez uma pausa antes de responder e, naquele momento, sabia que havia vacilado.

— Sim, Harriet. Por quê?

Ele estava me encarando fixamente agora.

— Não te interessa — disse, na defensiva.

Grayson abriu um sorriso largo e irritante. Havia um brilho em seu olhar.

— Sebastian, uh?

— Cala a boca.

— Ele é velho demais para você.

— Você é um idiota.

— E você é uma criança — ele zombou.

Eu me virei para ir embora, porque realmente preferia fazer qualquer outra coisa em vez de ouvir aquilo.

— Ei, Harriet — meu irmão chamou.

Eu me virei a contragosto.

— Deixa o Nuggets trancado no seu quarto, ok?

Um ponto de interrogação surgiu em minha testa.

Gray deu ombros.

— Você sabe, algumas garotas acham ele meio... assustador.

— Assustador? Olha para ele. — Eu apontei para o adorável e fiel cão parado ao meu lado. Sua boca estava aberta e a língua para fora, um pequeno filete de baba escorrendo por ela.

Grayson suspirou.

— Por favor.

Eu revirei os olhos, cedendo, mas não sem antes dizer:

— Isso é extremamente ofensivo.

E então sai do quarto com Nuggets logo atrás.

Sebastian viria para a minha casa. *Hoje*. Algo atravessou meu corpo em um pico de euforia e nervosismo.

Eu lancei um olhar em direção a Nuggets.

— Temos muito trabalho a fazer.



— Não acho que isso seja uma boa ideia, Harriet — Lillian disse pelo o que parecia ser a milésima vez.

— Pois eu discordo — eu retruquei, abrindo a garrafa de uísque. — Além do mais, você nunca acha nada uma boa ideia.

— Sim, quando são *suas*.

Eu franzi o cenho.

— Minhas ideias são ótimas — eu disse, ofendida, e então lancei um olhar para a minha outra amiga que estava próxima à minha penteadeira, passando rímel. — Sienna concorda comigo.

Eu já havia passado maquiagem e estava usando a minha blusa e jeans preferidas. Ambas as peças escondiam um pouco o fato de eu não ter peito e nem bunda. Basicamente um palito comprido. Eu havia crescido no ano passado, e era mais alta do que a maioria das garotas da minha sala. Mas cresci apenas para cima.

Eu não via a hora de ganhar peitos.

Já me olhara no espelho umas quarenta vezes e estava relativamente confiante. Agora a única coisa que precisava era uma boa dose de coragem.

Uma vez havia visto um filme que a bebida nos deixava mais soltos e confiantes.

Fora que era o que os adolescentes descoladas estavam fazendo.

— Porque ela também é maluca — Lillian disse, sem hesitar.

Sienna abaixou o rímel quando terminou e se virou para ela.

— E você é medrosa.

— Somos *adolescentes*, Lillian — eu falei, com um ar confiante depois que consegui finalmente abrir a garrafa.

Apesar ter bebida circulando hoje na festa, meu irmão jamais me deixaria beber. Ele podia ser bem super protetor às vezes.

Então peguei a garrafa de uísque do escritório do meu pai. Não achei que ele iria notar uma delas faltando pela quantidade absurda de garrafas que ele mantinha ali. Fiz questão de pegar uma bem lá de trás, aparentemente esquecida.

— É, já menstruamos e tudo mais — Sienna concordou e se sentou ao nosso lado no chão do meu quarto. — Além disso, metade da nossa sala já experimentou bebida.

Lillian franziu as sobrancelhas escuras.

— Mentira. Quem te disse isso?

Sienna balançou os ombros.

— Jude disse que ele, Noah e Billy beberam no verão. Kendall disse que ela também bebeu com as primas em uma festa.

Eu enchi os três copos à nossa frente e as duas param de discutir por um momento.

— Você não tá curiosa? — eu indaguei, depois colocar a bebida no terceiro copo.

Lillian sacudiu a cabeça de forma enfática.

— Não.

— Eu estou — disse Sienna com a voz animada.

Lillian passou a mão pelo cabelo castanho chocolate. Ela sempre fazia isso quando estava nervosa. Lillian tinha o cabelo com cachos volumosos que fazia considerável contraste com o rosto pequeno, deixando-o ainda mais delicado. Os fios, muito escuros, também faziam belo e sutil contraposição com a pele negra.

— Meus pais vão me buscar daqui a uma hora. E se eles descobrirem?

— Como eles vão descobrir? É só você não contar — Sienna retrucou.

— É, e a gente só vai experimentar de qualquer forma. Pare de ser medrosa — eu disse com uma pose segura demais.

A verdade era que eu não estava tão confiante quanto aparentava, afinal de contas, eu poderia me meter em muito encrenca se meus pais descobrissem.

E aquilo era uma garrafa de uísque.

Álcool.

Eu estava cometendo um crime.

Ouvi a música pulsando do lado de fora do meu quarto e perguntei se Sebastian já tinha chegado.

Ainda eram oito horas, mas a festa já tinha começado.

Pensar nele me gerou mais nervosismo, mas um diferente, e também o tipo de nervosismo que fez o uísque parecer menos assustador.

Repentinamente corajosa, dei um gole e automaticamente fechei os olhos força ao sentir o líquido pesado e ardente descendo.

— E aí? — indagou Sienna.

Eu balancei a cabeça, fazendo uma careta.

Eu encarei as minhas amigas, que me fitavam, em uma mistura de surpresa e expectativa.

— Essa é literalmente a pior coisa que experimentei na minha vida. Por que os adultos bebem isso? Como eles gostam? — eu chacoalhei a cabeça de novo, sentindo uma segunda onda de queimação. — Deve ser pior que xixi.

Cerca de meia hora depois e mais três copos, engolidos com certa dificuldade, eu finalmente entendi.

Eu estava rindo das coisas mais estúpidas, e se eu girasse a cabeça muito rápido, o meu quarto se movimentava como se tivesse vida própria. Não era a bebida horrível com gosto de urina; era mais precisamente como ela fazia você se sentir.

Mais engraçada, mais leve, mais confiante.

— Vocês não estão fazendo nenhum sentido — reclamou Lillian, depois que Sienna faz uma imitação do nosso professor de história e eu quase fiz xixi de tanto rir.

Ela tirou o celular do bolso quando ele começou a tocar.

— Meus pais estão lá em baixo — ela anunciou, em um misto de mau humor e alívio.

Eu me levantei rápido demais, o que foi um erro, porque meu quarto deu umas três voltas.

Eu arregalei os olhos para Sienna que fez a mesma coisa, e não precisei dizer nada para saber que ela sentiu o mesmo. A gente riu de novo.

Ouvi Lillian bufar enquanto ia em direção à porta. Ela puxou a maçaneta e, nesse momento, Nuggets aproveitou a deixa e saiu correndo do meu quarto. Correr era eufemismo, porque ele não era um cão muito rápido. Mas no estado que eu estava, não consegui alcançá-lo e ele saiu em sentido à festa do meu irmão que pediu muito especificamente que eu não deixasse que ele saísse do meu quarto.

Sienna tropeçou na garrafa de uísque e o líquido caiu no meu carpete.

Eu abri a boca para exclamar o seu nome no momento em que ficou de joelhos para tentar limpar a bagunça, mas não tive tempo, porque saí do quarto para pegar Nuggets.

Enquanto isso, Lillian já estava no meio do caminho das escadas, indo embora.

Eu descí correndo, passando por ela e segurando no corrimão para apoio.

A bola preta passou correndo pelos jovens e correu até a sala de estar.

Devia ter uns vinte adolescentes na minha casa. Reconheci vários rostos porque eram amigos do meu irmãos há um tempo. Alguns deles me cumprimentam e eu murmurei algo de volta.

Entrei na sala e então vi Nuggets correr para o sofá. Ele sempre teve um lugar preferido naquele estofado, desde que era bem filhote.

— Nuggets! — eu exclamei, mas não fez muita diferença porque ele não hesitou nem por meio segundo.

Ele pulou, e quando eu ergui o olhar, por fim vi quem estava no maldito lugar.

É claro.

Era claro que Sebastian Grant Crawford estava sentado ali.

Ao lado de uma garota.

Ah, não.

Não era assim que eu havia planejado aquele encontro.

A confiança e todo o humor que a bebida havia me proporcionado foram embora, e eu congelei.

Sebastian e a garota tinham os olhos no meu cachorro.

— Ew. O que é isso? — perguntou a menina loira, que reconheci como Ally.

Uma líder de torcida.

O olhar dela era um misto de horror e nojo.

Nuggets colocou a bunda gorda bem dividida entre uma das pernas de Sebastian e uma das pernas dela, já que eles estavam bem próximos.

— E aí, cara?

Eu observei as palavras saírem da boca de Sebastian e ele passar a mão no meu cachorro.

— Ai, meu Deus — reclamou Ally assim que o cachorro aproximou o focinho da barriga dela. O seu pequeno rabo batia

freneticamente e ele não dava a mínima para o fato de que aquela garota o desprezava.

— É um cão, Ally, não um rinoceronte — comentou Sebastian com certo escárnio, parecendo achar graça enquanto Nuggets fazia a festa.

Ele sempre foi um cão muito simpático.

Meu coração apertou. E eu fiquei entre a vontade de socar a cara de Ally, juntar-me a Nuggets ao colo de Sebastian e fugir correndo dali.

Ao invés disso, fiquei parada observando a cena como uma idiota. Havia mais algumas pessoas na sala, mas elas conversavam entre si, sem parecer notar a minha presença ou a de Nuggets.

— Mas ele tá babando. Ele vai babar na minha perna — Ally disse com uma careta.

E eu finalmente consegui fazer com que as palavras deixassem a minha boca.

— Nuggets, vem aqui — eu sibilei, tendo completa consciência de que três pares de olhos se viraram para me encarar.

Eu ignorei o olhar de Sebastian, apesar de senti-lo.

Foquei no meu cachorro. Nuggets chegou a se virar para mim, mas no lugar de descer do sofá, ele simplesmente se sentou no colo de Sebastian, observando-me, muito contente.

E eu jurava que, se ele pudesse falar, naquele momento ele diria algo como:

Olha, mamãe! Eu conheci esse cara muito maneiro e agora ele é meu novo amigo. Ele faz carinho muito bem e tem um cheiro incrível.

— Ele é seu?

A pergunta fez com que eu fosse obrigada a erguer o olhar.

As palavras se agarraram na minha garganta. Porque ele estava olhando para mim agora. *Realmente* olhando para mim.

Eu assenti com dificuldade.

E então sua expressão se transformou. Seu cenho franziu e ele moveu a cabeça sutilmente.

— Eu conheço você.

E eu amo você, pensei, e por muito pouco não disse em voz alta.

Ele pegou Nuggets nos braços com facilidade, como se ele não pesasse quase quinze quilos.

Então ele se levantou, e de repente os meus joelhos ficam fracos.

Sebastian se aproximou e seus quase um e oitenta se ergueram sobre meus um e sessenta e três ainda em fase de crescimento.

Ele deixou Nuggets perto dos meus pés e se ergueu novamente.

Eu engoli em seco quando ele abriu o que podia ser o sorriso mais lindo que ocorrera na face da terra.

Ele me observou por um longo momento, e, em minha cabeça, tentei encontrar algo para dizer, mas eu só conseguia pensar em como ele era magnífico. Eu tinha certeza que, se eu abrisse a boca naquele momento, era isso que iria sair. Então preferi esperar.

— A fugitiva. — Ele fez uma pausa, inclinando ligeiramente a cabeça, como se estivesse concluindo um pensamento. — Semana passada de frente à minha casa. Você é a garota que estava fugindo de casa.

Eu não sabia se ele estava rindo de mim.

Houve um momento de silêncio e eu notei que deveria dizer alguma coisa, mas não consegui.

Por um instante desesperador, eu percebi que, pela primeira vez desde que conseguia me lembrar, estava sem palavras.

— Sebastian, eu vou para o *quintal*. — a garota disse, de pé, como se isso devesse ter algum efeito sobre ele. Creio que ela esperava que ele se juntasse a ela ou algo do tipo, mas ele não o fez.

Sebastian assentiu e se voltou para mim. A garota o encarou por mais alguns segundos e eu observei a sua feição brochar.

Seria delicioso se eu não estivesse tão estupefata diante da presença dele.

Achava que estava até meio tonta.

Não, *definitivamente* estava tonta.

— Você não é meio nova para estar aqui? Você conhece o Gray?

Eu escolhi as palavras na minha cabeça.

Preparei o que seria a minha primeira frase completa para o amor da minha vida.

Era *agora*.

O começo de tudo.

E eu abri a boca, mas no lugar de responder, inclinei-me em um espasmo e vomitei em seus pés.

06.

— Já estou chegando aí. Dois minutos. Se prepara para o melhor verão da sua vida — diz Sienna, pelo celular.

Ela está fazendo faculdade na Espanha. Não a vejo há meses. A última vez foi quando aproveitei um longo feriado e fiz uma viagem para Madri. Sinto bastante a sua falta. Ela foi uma das poucas pessoas do Ensino Médio que mantive a amizade. Mantive contato também com Lillian, mas ela está em Nova Iorque estudando como uma louca para ser a melhor juíza do mundo. Além do mais, ela se apaixonou pela cidade grande. Volta pouquíssimo para Veahmond, mesmo nas férias de verão.

— Estou preparada. E também estou pronta para receber todos os mimos que trouxe para mim da Espanha. Nem ouse pisar em minha casa sem algum produto europeu — respondo, girando a chave na porta da entrada da minha casa.

Ela solta uma risada alta e fácil, sua marca registrada.

— Jamais.

— Até daqui a...

As palavras agarram em minha garganta quando entro em casa e meus olhos se arrastam até a sala.

Eu o encontro na mesma hora em que ele o faz. Nossos olhos se conectando assim que piso no assoalho da entrada.

Eu ouço Sienna se despedir do outro lado do celular e murmuro um "tchau" em resposta, afastando o celular da orelha.

Sebastian está de pé, ao lado lareira, encostado casualmente contra o mármore cor cobre. Em sua mão há um copo de uísque.

Eu paraliso onde estou enquanto nos encaramos. Ele não vacila, mas parece tão surpreso quanto eu. Seus olhos não deixam os meus, apenas me observam fixamente.

Um fio de luz de sol bate contra seus cabelos e, por um momento, pergunto-me como alguém pode ter uma aparência tão impactante.

Mas acho que é um conjunto. Com Sebastian sempre foi tudo. Não é a beleza tragicamente óbvia. É também o ar que o envolve. A forma em que se move. A forma em que fala. A forma em que ele te olha.

É de enxergar absolutamente tudo em sua alma, mas, em troca, você não vê nada.

Ele não diz uma única palavra. Ao invés disso, ele leva o copo até os lábios, sem tirar os olhos dos meus.

Isso é algo característico sobre Sebastian.

Ele espera que eu o faça o primeiro movimento.

— O que está fazendo aqui? — eu finalmente pergunto.

Ele engole e, por um segundo, ele faz menção de abrir os lábios. Mas antes que ele possa responder, Gray surge da porta da cozinha e vem em nossa direção, guardando o celular no bolso.

— Cara, desculpa, eu só... — Ele começa, mas então me vê parada perto da entrada. — Ah, Harriet. E aí? — ele pergunta, meio afobado, enquanto passa a mão direita entre os fios loiros. — Vou pegar as chaves lá em cima. Dois minutos. — ele avisa a Sebastian.

Sebastian assente em seu alcance e ambos observam o meu irmão subir as escadas para o segundo andar.

É claro. Ele veio ver Grayson. Como eu não pensei nisso antes? É claro que eles se encontrariam em algum momento. Os dois viraram grandes amigos na época do Ensino Médio. Lembro de como Gray ficou quando ele foi embora.

— Seu irmão me convidou.

Sua voz reverbera até meu ouvido, obrigando-me a encará-lo novamente.

Ele está se explicando.

Talvez ele saiba o que a sua presença me causa.

Não.

Sebastian jamais entenderá o que estar perto dele significa.

Ele nunca entendeu.

Sebastian não desvia. Sempre foi bom nisso. Ele sabe sustentar o olhar a ponto de ser demais. Eu sempre fui a primeira a desviar.

Não acho que ele faz como um desafio, pelo menos não propositalmente. Mas me sinto intimidada.

E tradicionalmente, não sou o tipo de pessoa que se intimida com facilidade.

— Eu sinto muito pelo seu tio — eu digo, finalmente.

Porque me sinto obrigada a dizer alguma coisa, e também porque é verdade.

Sua expressão ainda é completamente impassível enquanto me observa fixamente. Ele estuda o meu rosto como se eu fosse algum tipo de pintura antiga cheia de interpretações entre as pinceladas.

Troco o peso dos pés.

Eu quero ir embora. Mas estou em minha própria maldita casa.

Quero que ele vá embora.

— Obrigado — ele diz, por fim.

O barulho de passos faz com que meu olhar desvie para Grayson descendo os degraus da escada com rapidez.

— Vamos? — ele pergunta a Sebastian, já indo em direção à saída.

Meu irmão abre a porta e eu volto o meu olhar para Sebastian, que ainda me observa. Sem pressa, ele dá um último gole no uísque e desencosta o corpo da parede ao lado.

Grayson já saiu pela porta e se dirige para o carro.

Eu continuo parada como uma idiota no mesmo lugar em que estou há vários minutos, ao passo que observo Sebastian deixar o

copo sobre a mesa de centro. Apenas para fazer alguma coisa com as mãos, guardo meu celular no bolso traseiro do jeans.

Seu olhar volta ao meu quando ele se avizinha da porta para seguir Gray.

À medida que ele passa, meu punho se fecha ao lado do meu corpo e eu me forço a focar em sentir todas as articulações em meus tendões se contraindo.

— Até, Harriet.

É o que ele diz ao passar por mim.

Posso sentir seu cheiro. É praticamente o mesmo de anos atrás, apenas uma sutil diferença amadeirada.

É nostálgico, e eu odeio ainda ter essa memória em mim.

Apenas sou capaz de sair do lugar quando escuto o carro do lado de fora arrancar.

Fecho a porta e me viro em sentido à escada. A campainha soa assim que meu pé toca o segundo degrau.

Eu me viro, lentamente. Pergunto-me se meu irmão esqueceu alguma coisa, mas não faz sentido ele tocar a campainha se ele tem as chaves.

É Sebastian, posso sentir.

Mas o que ele quer?

Minhas palmas suam quando toco a maçaneta.

Dou de cara com uma loira de fios longos e olhos azuis no instante em que abro a porta.

— Hola! — ela grita com um sorriso enorme no rosto.

Eu pisco, hesitando apenas um segundo, devido ao choque.

— Sienna! — eu exclamo, avançando para um abraço.

Ela está impecável como sempre. Desde as roupas, um vestidinho branco combinando com belos saltos rosé, até a maquiagem.

Depois de espremermos a vida uma da outra em um abraço, ela me encara com as sobrancelhas claras franzidas.

— Por que você parece surpresa? Estávamos literalmente há cinco minutos falando sobre a minha chegada.

Em um minuto com Sebastian eu me esqueci completamente que ela estava a caminho.

— É a emoção — eu respondo, abrindo um sorrisinho.

Ela rola os olhos e abre ainda mais o sorriso. Ela tem o tipo de sorriso que ocupa metade do rosto e que ilumina qualquer cômodo.

— Nossa, eu senti a sua falta.

— Eu também. Caramba, você tá tão bronzeada. A Espanha está caindo muito bem em você.

Ela adora o elogio e seus olhos caem na própria pele.

— Eu sei! — Ela sacode os ombros. — Mas para ser justa, a Espanha cai bem em qualquer um.

Sienna pega as várias sacolas que estão repousadas ao seu redor e as ergue de encontro a mim, e então é a vez do meu sorriso se alargar.

— Parece que alguém se empolgou — comento, encarando pelo menos cinco sacolas.

Ela passa por mim, entrando na sala, e eu fecho a porta.

— Eu sempre me empolgo. — Ela atravessa a sala. — Além do mais queria mostrar o quanto eu amo você.

Dou uma espiada nos meus presentes enquanto os guardo em cima da poltrona.

— Em forma de sapatos? — indago.

Minha amiga faz seu caminho até um dos sofás e se joga nele.

Ela sorri.

— Essa é a melhor forma, não é? — Então ela faz algo muito parecido a um biquinho. — E você sabe que é assim que meus pais me ensinaram a demonstrar amor. Não culpe a vítima.

Ela faz piada, mas é verdade. Os pais de Sienna são como muitos dos típicos pais ricos de Veahmond. Amam mais o dinheiro do que qualquer outra coisa. Sei que tenho sorte por ter pais como os meus, mesmo não tão presentes.

Eu abro uma das caixas, da Jimmy Choo, uma das minhas marcas favoritas. Fico sem fôlego quando me deparo com o mais maravilhoso salto dourado.

Eu a encaro.

— Eu me sinto muito amada.

Ela me fita, satisfeita, e eu fecho a caixa.

— Aquele com seu irmão era Sebastian Crawford ou estou maluca?

Eu volto a mirá-la. Sienna está sentada com as pernas morenas cruzadas enquanto me observa casualmente, porém atenta.

— Você não tá maluca.

— Por que não me contou?

— Devo ter esquecido. — Dou de ombros, fingindo muito interesse em uma sacola qualquer.

— Ele tá ainda mais gato do que antes, né? — Ela ergue as sobrancelhas e um sorriso travesso abre em seus lábios.

Já estava esperando esse comentário surgir.

Sienna é uma grande apreciadora da beleza masculina, para dizer o mínimo. Ela é, inclusive, bem vocal em relação a isso. E Sebastian não é o tipo de cara que passa despercebido. Por ninguém.

Subo e desço os ombros, indo me sentar ao seu lado.

— O que ele tá fazendo aqui?

— O tio faleceu. Ele veio para o funeral e acho que vai ficar por uns dias, resolver a herança, essas coisas.

— Hum...

Ela parece ficar reflexiva, desviando o olhar do meu.

— Está interessada? — eu pergunto, mas já sei a resposta.

Ela sorri novamente, mas é outro tipo de sorriso.

— É estranho se eu, tipo, chamar ele para sair? — Ela dá uma breve pausa, observando meu rosto. — Você costumava ser fissurada nele e...

— Sienna, eu tô namorando — eu digo, as palavras saindo com facilidade e segurança. Quase como um manto.

Ela ri, como se tivesse se lembrado de um detalhe.

— Verdade. E com o irmão do cara. — Ela balança a cabeça, como se eu tivesse acabado de lhe contar uma piada genial. — Quem diria?

Eu forço uma risada.

É.

Quem diria?

07.

Grayson está deitado no sofá da sala, o celular entre os dedos.

— E aí. Como foi ontem? — eu pergunto, entrando no cômodo com um pacote de biscoito doce nas mãos.

É quase meio dia e ele ainda está de pijama.

Ele chegou ontem bem tarde. Sei disso porque acordei com o barulho dos cachorros latindo às duas e meia da manhã.

Há um ponto de interrogação no rosto do meu irmão. Deve estar de ressaca.

— Com Sebastian — eu explico. — Vocês saíram, não foi?

— Ah. — Ele assente, tirando os olhos do celular. — Fomos no Pub da MacClains. Me dá um? — ele pergunta e eu o estendo o pacote.

— Foi... estranho?

Grayson termina de mastigar um biscoito e franze o cenho.

— Não, por incrível que parece, não. Bebemos, conversamos com algumas garotas. — Ele abre um meio sorriso. — Foi quase como se ele nunca tivesse ido.

Ele me devolve o pacote e eu pego mais um biscoito, tentando parecer desinteressada.

— Achei que pudesse ser diferente, depois de todo esse tempo e do que aconteceu... — Eu deixo a frase meio que no ar, porque não sei exatamente como terminá-la.

Ele hesita por um momento, parecendo pensar nas minhas últimas palavras.

— Nossa amizade é a mesma. Voltamos da onde paramos, mas... — Gray pausa, fitando-me. Sua expressão é de dúvida. — Tenho a sensação de que o cara viveu quarenta anos em quatro.

Isso me intriga.

— O que quer dizer?

Ele dá de ombros.

— Ele é o mesmo Sebastian, mas ainda mais distante. E um pouco mais... triste. — A última palavra sai de sua boca quase como uma interrogação, como se ele ainda estivesse tentando entender exatamente o que estava acontecendo com o amigo.

Eu não sei o que dizer. E também não sei o que sentir.

— Ele te disse que está infeliz?

Meu irmão bufa e balança a cabeça.

— Não, claro que não. Sebastian nunca entraria nesse tipo de assunto. Você sabe como ele é.

Sei?

Não tenho tanta certeza disso.

Eu costumava pensar que sim. Mas agora realmente não sei.

— Bem, o tio morreu. Isso deve tê-lo deixado mal — concluo.

Gray desvia o meu olhar por um segundo, pensativo. Como se já tivesse refletido sobre isso.

— Sim, mas não acho que é só isso. É mais antigo. — Ele volta a me encarar. — O que quer que tenha acontecido com ele anos atrás realmente mudou as coisas.



O sol não é piedoso às duas da tarde no ápice do verão de Veahmond. E começo a pensar que talvez esse não seja o melhor

horário para caminhar com Nuggets.

Meu cachorro de porte pequeno está pesando cerca de 15 quilos, o que, segundo a veterinária, é inaceitável. Eu sei disso. Estou no segundo ano de faculdade de Medicina Veterinária, mas não é preciso ser um gênio para reconhecer que Nuggets está obeso.

Mas ele ama comida e eu amo ele. Então às vezes essa dinâmica se complica quando ele me encara com os olhos do gato de botas do Shrek implorando por um petisco. Ou quatro.

Prendi meus cachos castanhos claros, ou loiros escuros (depende muito da luz), em um rabo de cavalo antes de sair de casa, para deixar que meu pescoço e nuca respirassem. Mas, conforme vou andando debaixo do sol escaldante, noto que não adianta muito.

— Eu sei que você não gosta, mas é para o seu bem — eu digo, puxando a guia com mais força.

Nuggets não está muito entusiasmado com as caminhadas.

Durante todos os cinco quarteirões em que passamos, tenho que praticamente arrastá-lo. Ele não quer cheirar a rua ou observar as pessoas passando com os outros cães. Não tem nenhum

interesse em nada ao seu redor. Se eu parasse de andar, ele muito bem sentaria a bunda gorda no meio da calçada e ficaria.

É frustrante.

Pego o meu celular para mudar a música em minha *playlist* quando sinto um puxão me impulsionando para frente.

Nuggets de repente começa a correr. Isso me pega completamente desprevenida e a guia solta na minha mão. Entro em pânico, porque estamos próximos ao centro da cidade, o que quer dizer que há mais movimento de carros ao redor.

— Nuggets! — chamo inutilmente a bola surpreendentemente rápida enquanto corro em sua direção.

O filho da mãe é muito rápido quando quer.

Meu celular quase cai, tentando alcançá-lo, e estou confusa até o momento em que olho para a loja em questão.

É a marcenaria do tio de Corey. Uma grande loja, como um enorme galpão bem iluminado graças às vastas janelas de vidro e a porta alta que se encontra aberta.

E quando o vejo, finalmente entendo.

Sebastian está apoiado contra o balcão, os cotovelos na madeira escura e uma caneta entre os dedos. Ele está encarando o

que parece ser um bloco de notas, mas levanta os olhos e encontra os meus assim que nos escuta.

Estou correndo como uma idiota, e percebo, tarde demais, que estou acelerando minhas pernas como uma louca em sua direção, porque Nuggets atravessa a loja de piso de madeira e vai até ele em alta velocidade.

Eu vejo a expressão de surpresa em seu olhar, que, com certeza, é bem mais graciosa do que a expressão de horror que se encontra no *meu* rosto.

Isso não pode estar acontecendo.

Sebastian parece prestes a dizer alguma coisa, mas Nuggets finalmente chega até ele e começa a pular em suas pernas.

A sombra de um sorriso surge em seus lábios. Ele encara o meu cachorro.

O *traidor* do meu cachorro.

— Parceiro, quanto tempo. — Sebastian se abaixa para acariciá-lo e Nuggets quase tem uma epifania.

Traidor môr.

— Também senti saudade — ele diz com a voz grave suave, quando Nuggets deita no chão e mostra a enorme barriga.

E é um soco. Essa frase, por alguma razão, gera um gosto amargo em minha boca.

Ele diz que sentiu saudades para o meu cão.

Sebastian mal olha em meus olhos, mas para meu cão, diz que sentiu saudade.

— Nuggets — chamo, minha voz fria ecoando pelo cômodo.

Estou parada pateticamente na entrada da loja, sem ter ideia do que fazer. Estou louca para dar o fora dali, mas Nuggets parece ter outras ideias.

Sebastian levanta o olhar e me encara. Ele fica de pé, todos os seus um e oitenta e cinco se erguendo de forma intimidante. Ele está usando uma jeans e uma camisa branca. A cor vai muito bem com seu tom bronzeado, percebo a contragosto.

— Você pode entrar, se quiser. — Sua voz é mais suave do que quando estava conversando com Nuggets. Quase como se estivesse falando com um animal selvagem, tentando ganhar a sua confiança.

— Estamos no meio de uma caminhada. — Ele apenas me encara, o que me impulsiona a tagarelar. — Nuggets está com sobrepeso, ele precisa se exercitar — explico.

— Nuggets sempre esteve com sobrepeso.

Por alguma razão, essa observação me deixa incomodada, como se ele soubesse demais.

— Sim, bem... — Eu pisco, meio irritada, tentando encontrar um contra argumento. — Mas agora ele tem quase quatorze anos. A veterinária disse que nessa idade é perigoso estar com esse peso.

Nuggets finalmente para de lambar Sebastian e começa a cheirar o braço de uma cadeira qualquer.

Eu continuo no mesmo lugar, assim como Sebastian. Estamos presos no olhar um do outro.

Ele não se aproxima; se ele optasse por fazer, eu acabaria me afastando. E é o que eu quero fazer enquanto tento controlar a minha respiração acelerada.

Sebastian me observa com atenção. Seus olhos descem sutilmente pelo meu corpo até voltar para o meu rosto. Cruzo meus braços sobre a minha regata preta, de repente, sentindo-se exposta demais.

— Você quer uma água? — ele pergunta, provavelmente notando os pingos de suor que escorrem pelo meu pescoço.

Sinto-me tentada a aceitar, mas ao mesmo tempo não quero aceitar nada vindo dele. Não quero sua gentileza. Não quero sua água, mesmo que eu esteja a talvez dois minutos de desmaiar de calor.

— Não, obrigada.

Ele encara um Nuggets de língua para fora. Agora ele está deitado ao lado dos pés de Sebastian, pingos de baba escorrendo de sua boca que ofega freneticamente.

— Talvez ele queira.

Eu observo a bola de pelo no chão. Tudo bem eu morrer de sede por causa do meu orgulho ou o que quer que seja, mas não preciso levar o meu pobre cachorro junto.

— É, parece que sim — digo, meio contrariada.

Sebastian desaparece na porta nos fundos da loja e eu aproveito para dar uma olhada pelo local.

É grande e bem iluminada. De certa forma, não parece uma loja, mas acho que nenhuma loja de marcenaria realmente se parece uma loja. É como uma casa de madeira de apenas um cômodo, um alto e majestoso salão. Há grandes janelas deixando entrar luz natural. Distribuídos pelo local há várias mesas, cadeiras,

armários e até mesmo esculturas. Tudo é feito de madeira. Todo o tipo dela. Claras, escuras, envelhecidas, brilhantes...

Já estive nessa loja algumas vezes desde que comecei a namorar Corey e ela sempre me lembrou de um hotel fazenda que fui com meus pais quando era mais nova. A sede da casa era toda de madeira, assim como os móveis no interior. Era muito bonita.

— Esperei chegar aqui e encontrar algumas coisas diferentes, mas ele deixou exatamente como me lembro.

Viro-me e vejo Sebastian agachando e colocando um pote de água ao lado de Nuggets. Ele nota que estou observando o local com atenção.

Eu processo as suas palavras e solto:

— Algumas coisas nunca mudam.

Sebastian me encara e volta a ficar de pé.

Não sei por que digo isso. Talvez porque não tenha mais nada para dizer. Mas me sinto uma idiota porque o silêncio que se segue dura um tempo desconfortável. Ele apenas me observa e a única coisa que se escuta é o barulho de Nuggets se hidratando.

— É, talvez — ele conclui, por fim, observando-me fixamente.

— Já colocou a marcenaria à venda? — pergunto, tentando mudar o ar constrangedor.

— Não vou vender.

Franzo o cenho.

— Vai contratar alguém para gerenciar então?

Ele balança a cabeça.

— Eu vou gerenciar.

Eu hesito.

— Achei que fosse voltar para... — interrompo a frase no meio, porque noto que não faço ideia de onde estive nesses anos.

— Não, vou ficar.

Mais silêncio. Estou surpresa demais para responder. Por alguma razão, nunca se passou pela minha cabeça que ele ficaria com a loja. Ele sempre gostou da marcenaria. Lembro-me vividamente dele trabalhando com o tio. Mas ficar com a loja queria dizer ficar em Veahmond. E eu jamais pensei que ele poderia voltar a morar aqui.

Por sorte, e antes que eu sinta a necessidade de falar mais alguma coisa, Nuggets termina de beber a água.

— Vamos, Nuggets. — eu me agacho e prendo a guia de volta em sua coleira.

Ele ainda está sem fôlego, mas já não tenho certeza se é pela caminhada ou por beber rápido demais.

— Talvez queira passear com Nuggets em um dia que não esteja tão quente. Ou vai matá-lo de infarto antes que a obesidade o leve.

Seu tom é bom humorado, mas algo nisso me incomoda. Incomoda-me estarmos falando como velhos colegas depois de tudo o que aconteceu.

Eu me ergo, o encarando.

— Eu sei cuidar do meu próprio cachorro, Sebastian.

Minha voz sai mais áspera do que realmente pretendo.

Ele me fita com atenção, sentindo a rigidez inesperada das minhas palavras.

O silêncio que se segue é desconfortável. Não peço desculpas, porque não estou arrependida. Mas me sinto estúpida. Sinto-me como se tivesse quinze anos novamente.

E Deus sabe como eu odeio a Harriet de 15 anos.

— Vamos, Nuggets. — Minha voz é mais firme agora, e graças a Deus, dessa vez, Nuggets me obedece. Ele vem até mim babando gotas de água pelo piso.

Parece que ele sente quando estou realmente em apuros.

— Obrigada pela água — é tudo o que digo assim que dou meia volta, sem esperar por uma resposta.

Estou com raiva. Estou com raiva porque me lembro. Estou com raiva, porque já não tenho mais quinze anos e aprendi com a dor.

Pensando agora, eu noto como eu era cega. Como eu não vi todos os indícios de alerta em relação a ele. Todos os meus anjos mandando sinais gritados para que eu ficasse longe dele.

Eu o achava o ápice do primor.

Ele se parecia com um Deus, então simplesmente deduzi que fosse um.

Eu o coloquei em um pedestal, porque sempre achei que ele merecia a perfeição. Nunca achei que pudesse me magoar ou me decepcionar. Nunca achei que ele fosse dado a qualquer coisa que não fosse esmero. Eu achei que ele seria o meu final feliz.

Mas isso durou até uma noite de verão em 2015.

Até Sebastian Grant Crawford quebrar o meu coração.

08.

O cabelo dela é ruivo e seus lábios são naturalmente avermelhados. Pelo menos é o que parece pelas fotos.

A ruiva em questão, Vanessa Gibson, mandou a seguinte mensagem para o celular do meu namorado:

Oi ;)

Corey no momento está no andar de baixo, pegando pipoca. É uma quinta feira de manhã. Estávamos assistindo Ozark na Netflix, deitados na minha cama.

Eu não peguei seu celular e comecei a procurar algo até achar. Corey deixou o aparelho entre as cobertas quando desceu para o primeiro andar. Ele vibrou e eu apenas dei uma olhada na tela. Não precisei procurar para achar algo errado.

Está bem aqui, sendo esfregado no meu rosto.

Naturalmente, depois de encarar a tela do seu celular por vários segundos, analisando a mensagem, coloquei o nome dela no Instagram e agora estou vendo seu perfil (que, por sinal, é seguido por Corey).

Eu estava esperando encontrar uma garota feinha com óculos de armação grossa e aparelho. Ou talvez até mesmo uma senhora de uns sessenta anos. Improvável, eu sei, mas uma garota pode sonhar.

A questão é que esse está longe de ser o caso.

Ela aparentemente é da mesma faculdade de Corey, eles curtem as fotos um do outro. Não sou particularmente ciumenta, mas a carinha feliz me incomoda profundamente. E o fato dela ser bem atraente também.

A ruiva tem bastante fotos. Ela usa uns filtros horroroso e posta muita selfie no espelho, o que já me faz julgá-la ainda mais cruelmente.

— O que eu perdi?

Levanto meus olhos para ver Corey entrando no meu quarto com um enorme balde de pipoca. Ele ainda está de pijamas, assim como eu, porque ele dormiu aqui em casa.

— Quem é Vanessa Gibson? — eu pergunto, antes mesmo de ele se sentar na cama.

Ele congela no meio do caminho entre a minha porta e a minha cama, como um idiota.

— O quê?

Parece confuso e surpreso.

— Eu gaguejei?

Suas sobrancelhas estão franzidas em minha direção, de forma um tanto exagerada.

— Do que você tá falando?

— Vanessa Gibson. Quem é? — eu repito, começando a perder a paciência.

— É uma garota da minha faculdade. Da minha sala. — Ele pausa e olha para o seu celular repousado ao meu lado. — Você tava mexendo no meu celular?

— Não. A mensagem dela apareceu e eu li.

Ele hesita e agora ergue as sobrancelhas, ainda petrificado no mesmo lugar.

— Você leu?

— Sim — digo, não exatamente orgulhosa, mas também nada envergonhada.

— E você não acha isso invasivo? Não mexo no seu celular.

— Você tá desviando. Não faça isso ser sobre mim. Isso é sobre *Vanessa Gibson*.

Ele passa a mão na nuca, visivelmente estressado. Observo atentamente, tentando decidir se isso é um movimento de culpa ou de frustração inocente.

— O que você quer que eu diga? Ela é uma colega de classe. Nós conversamos de vez em quando.

Eu o encaro fixamente.

— Você tá me traindo?

Pela forma que ele recua diante das minhas palavras, parece que eu acabei de lhe dar um tapa.

— O quê?

Eu inspiro profundamente, com se estivesse me preparando.

— Pode me falar. Eu aguento. Só me fala, Corey.

Ele balança a cabeça e pisca.

— Você é louca.

Eu odeio quando ele diz isso. E ele faz com uma frequência irritante quando discutimos.

Eu levanto, ficando de frente para ele.

— Eu *não* sou louca. Mas se você repetir isso, talvez eu te mostre o que é loucura.

Ele suspira com força.

Esse é um grande problema comigo e Corey. Ele não lida muito bem com muita informação ou muitas emoções. Ele é esquentando. E eu sou simplesmente *muito*.

Isso faz com que nossas discussões escalem rápido demais porque nenhum de nós é muito paciente e muitas vezes pouco sensatos.

— Você só pode estar brincando. Isso tudo por causa de uma maldita mensagem? Eu não posso ter amigas mulheres? — Sua voz aumenta consideravelmente.

— Você não me respondeu. — Eu bato o pé, como uma criança, mas não me importo muito com meu nível de imaturidade nesse momento.

Continuo esperando a maldita resposta.

E ele solta o ar com força e finalmente se senta na cama. Eu continuo de pé e cruzo os braços.

Corey me encara fixamente. Ele não desvia. Seus olhos muito escuros, como os do pai, estão presos aos meus.

— Não estou te traindo, Harriet. Ela é só uma amiga.

Ele ergue o braço e, com a mão, pega o meu cotovelo, puxando-me gentilmente de volta para a cama.

Um momento se passa e ele abre um pequeno e tímido sorriso.

— Eu te amo.

Eu o observo por um longo momento, avaliando a sua expressão. Estudando o rosto do garoto que conheço há quase sete anos.

E eu concluo que não tenho outra opção a não ser esperar que esteja falando a verdade.

— Também te amo.



Eu saio para caminhar quando estou estressada. Sou terrível em qualquer tipo de exercício e esporte, mas sempre gostei de andar. Então é o que eu faço logo depois que Corey vai embora.

Relacionamentos não são fáceis, sei disso. Mas o nosso costumava ser. Antes da faculdade, antes da distância.

Parece que, agora, acostumamo-nos com essa dinâmica. Eu em Columbus e ele do outro lado de Ohio, em Toledo. Nos falando por telefone e mandamos mensagens todos os dias. Mas quando voltamos para casa, para onde começamos, as coisas não são as mesmas. Nós nos encontramos ocasionalmente nos finais de semana e feriados e tudo flui bem, mas nos longos três meses de verão, as coisas são um pouco diferentes. Na segunda ou terceira semana de férias, as discussões começam e as coisas deixam de ser apenas saudade.

E odeio admitir, mas quando finalmente voltamos para as nossas faculdades e para a nossa normalidade, é um alívio.

Mas não deveria ser. Eu não deveria querer a distância. Eu não deveria desejar a falta de contato.

É errado e eu nunca disse em voz alta, mas às vezes me pergunto se ele sente o mesmo.

Meu celular vibra em meu bolso.

Sienna: *acabei de stalkear o insta dela*

E esse ruivo não é natural. 100% farmácia

E as escolhas de roupas dela são bem patéticas. Tem uma foto aqui que ela está usando uma blusa verde água com uma calça amarela mostarda EWWW

Eu consigo abrir um sorriso patético para a tela do celular. O veneno faz com que eu me sinta um pouquinho melhor.

Eu: *obrigada :(*

Mas só um pouquinho.

Eu: *mas você acha que ele me tá traindo?*

Sienna: *não faço ideia. Sei lá, Corey nunca me pareceu o tipo*

Há um alívio em meu peito. Uma coisa que Sienna entende é de homens.

Sienna: *Mas ao mesmo tempo, ele é um cara, não está livre da estupidez causada pela testosterona*

Eu: *Eu sei. O único homem da minha vida que não me decepcionou até hoje foi Nuggets*

Eu queria que ele fosse humano

Sienna: *Você tem que parar com esse assunto. É estranho, e honestamente, um pouco nojento.*

Eu: *Eu quero morrer*

Ou matar Vanessa Gibson

talvez os dois

Sienna: gosto de Corey. Mas esse lance de namoro à distancia é complicado

Vai me dizer que você nunca pensou em pular a cerca?

Eu: Nunca.

Sienna: Nunca?

Eu: Já disse que não

Sienna: Ok, OK

Suspirei audivelmente.

Eu: Ele negou, obviamente, mas não tem como saber

E eu odeio essa duvida, acima de qualquer coisa

Sienna: *Acima de qualquer coisa? Até do fato dele poder estar trepando a ruiva oxigenada?*

Eu hesito.

Sienna: *Faria você se sentir melhor, mesmo que a verdade fosse a opção ruim?*

Eu: *Sim*

E eu concluo, em um momento aterrorizante, que isso diz muito sobre o meu relacionamento.

Eu guardo o celular no bolo da calça jeans com um gosto ruim na boca. Noto que caminhei tempo o suficiente para chegar ao centro da cidade. Tento me distrair olhando as lojas enquanto ouço Taylor Swift pelo fone de ouvido. Falem o que quiser, mas a garota sabe como a animar o espírito de alguém.

Passo em frente à uma loja de roupas íntimas. Estou olhando sem compromisso, mas algo chama a minha atenção conforme

ouço o refrão de *Shake it Of*.

A lógica é a seguinte:

Não importa o preço ou tamanho, se chama a minha atenção e me vidra, eu *preciso*.

É uma sensação irritante. Eu não consigo ignorar e seguir em frente. É como um imã ou uma voz martelando na minha cabeça, e eu só consigo parar quando tenho em minhas mãos.

Mas apesar do preço não importar, as vezes tendo a me atrair por itens mais caros. Porque roubar uma joia é muito mais eletrizante do que um esmalte na farmácia. Eu sei que posso realmente me dar mau se for pega. A segurança é maior. A *importância* é maior.

Então, infelizmente, a vontade também é maior.

Na maioria das vezes, nem uso o item que pego. Muitas vezes não fazem o meu estilo. Geralmente simplesmente os guardo em uma caixa embaixo da minha cama. Além do mais, também existe o medo dos meus pais notarem e pedirem o recibo do que estou usando. Eles costumavam fazer bastante isso depois do diagnóstico. Eles afrouxaram bastante as rédeas após eu ir para a

faculdade. Até porque eu já melhorei bastante em comparação a antes.

Mas eu lembro vividamente, na época do Ensino Médio, a decepção e a mágoa em seus olhos quando eu vacilava.

E, por fim, tem a maldita culpa. Essa corrói todo o lugar em meu corpo. Faz com que eu me sinta imunda e depravada. Faz com que eu me sinta uma pessoa doente.

Lembra-me que eu tenho uma doença.

Lembra-me que eu sou uma *cleptomaníaca*.

E é o que está acontecendo nesse exato momento à medida eu encaro essa pequena calcinha roxa. Ela tem várias pedrinhas brilhantes grudadas ao tecido fino em partes estratégicas.

De acordo com uma plaquinha ao lado do tecido, essa calcinha faz parte de uma coleção que a marca de lingerie fez em colaboração com uma empresa de pedras preciosas.

Parece ser a coisa mais desconfortável do mundo.

Mas me chama atenção. E me *vidra*.

Eu entro.

É uma loja de tamanho razoável e com um jogo de iluminação bem sofisticado. O foco de luz nas peças expostas.

A calcinha custa quase trezentos dólares. É ridículo. Um completo absurdo.

E eu não consigo tirar os olhos dela.

Não demora muito para eu saber que eu só vou sair da loja com aquela calcinha.

Quando a oportunidade surge, e ninguém está olhando, pego-a rapidamente e a enfio na minha bolsa. Eu dou algumas voltas na loja, casualmente, ao passo que observo os rostos dos vendedores para encontrar alguma indicação de terem me visto.

Mas eu travo, no meio da loja.

Sebastian está do lado de fora. Tem o celular contra o ouvido e pela grande vidraça da loja, está olhando diretamente para mim.

Está com roupas simples como sempre. Uma blusa preta com algum logo branco no lado direito do peito e uma calça jeans. Ele tem uma sacola de tamanho considerável pendendo em uma das mãos.

O nosso olhar se prolonga por mais tempo que deveria, até que ele diz mais alguma coisa para o celular e eu desvio o olhar.

Tenho a súbita vontade de ir embora para casa, então começo a me movimentar em direção à saída. Mas paro onde estou, porque Sebastian começa vir em sentido à loja.

Vir até a *mim*.

Quero evitar o encontro, mas parece que ele não tem a mesma ideia.

Ele vem lentamente, porém de forma confiante. E eu fico parada como a idiota que sou, completamente sem ação. Penso em sair correndo e fugir, mas é tarde demais. E eu tenho quase vinte anos, pelo amor de Deus.

Não sou fugir de um garoto.

Não. Sebastian não é mais um garoto.

Sebastian Grant Crawford é definitivamente um homem agora.

Ele para na minha frente e eu olho sutilmente para cima, devido aos nossos vários centímetros de diferença. Eu não sou uma garota baixa, mas Sebastian é um cara consideravelmente alto.

Ele não sorri. Nem mesmo diz “oi”.

Sebastian estuda o meu rosto e eu fico desconfortável com a proximidade.

Um segundo se passa, e eu espero.

— Realmente não vai devolver? — A sua voz é um murmuro baixo, porém intimidante.

Eu pisco, completamente chocada. Não sabia que ele tinha visto. Também não acredito na audácia em me dizer o que fazer. Mas me recomponho e ergo o queixo em seu alcance, com o coração batendo forte.

— Não é da sua conta.

O meu comentário não o abala.

— A atendente loira viu. — Ele indica com a cabeça para o canto da loja, e é tão sutil que quase passa despercebido por mim. — À direita.

Mas a atendente está conversando distraidamente com outra mulher, sem parecer dar a mínima para qualquer coisa que esteja acontecendo ali dentro.

Eu dou um passo para trás, encarando-o. Ele sustenta o meu olhar.

Não sei qual é o seu jogo, mas decido que provavelmente só está me enganando para tentar me amedrontar e me fazer devolver.

Quebro o nosso contato visual e dou a volta por ele, seguindo para a saída da loja.

— Senhora. — Escuto uma voz feminina chamar.

Meu sangue congela, mas eu não paro de andar.

Essa é a primeira regra:

Não pareça culpada. Mostre confiança mesmo que esteja se cagando.

Finjo que não é comigo, na esperança de que talvez realmente não seja.

Mas então ela chama de novo:

— Senhora.

Eu paro no mesmo ponto, sendo capaz de ouvir o coração explodindo em meu peito.

Eu conheço essa sensação. E essa é a pior. É quando as coisas não dão certo. É quando sou pega.

É a vergonha. O medo. O *pânico*.

Eu me viro devagar, reunindo coragem. E a moça já está vindo para perto de mim.

A mulher loira para a minha frente. Não há um sorriso em seus lábios. Muito pelo contrário: sua boca se encontra em uma linha dura.

— A calcinha, senhora.

O mundo para por um segundo. Eu não sei o que dizer. Eu chego a abrir a boca, mas não consigo pensar em nada que possa me tirar dessa. E a cada segundo que se passa, a situação piora.

Eu consigo escutar as batidas do meu coração ficarem ainda mais altas. Tenho a sensação de a minha visão ficar até um pouco turva.

— Amor.

A voz suave, porém grave, tira-me da paralisia.

De repente, Sebastian está bem ao meu lado.

— Ainda não paguei. — Um sorriso torto cresce em seus lábios quando ele me encara. É o tipo de sorriso que está muito ciente de seu impacto.

Ele tira os olhos de mim e, ainda sorrindo, encara a atendente com o mesmo poderoso torcer de lábios.

— Desculpe, é o nosso jogo. Hoje é o nosso aniversário de namoro. Ela pega as coisas e eu vou atrás passando o cartão. —

Ele solta o que parece ser um suspiro, e que, por sinal, é terrivelmente adorável. — Geralmente sou mais rápido que isso.

A loira, de uns 50 anos, encara-o, e dessa vez é ela que tem um momento de paralisia.

Ela encara o rosto de Sebastian em um misto de surpresa e encanto. E eu entendo. Realmente entendo.

— Ah, bem... — ela começa a dizer desviando o olhar para mim e então voltando para ele.

Mas antes que ela termine o que quer que fosse dizer, Sebastian já está abrindo a carteira e tirando um cartão.

— No crédito, por favor.

Eu não sei ao certo se ela realmente acredita nele, mas ela pega o cartão cinza reluzente de sua mão de qualquer forma. Ela o encara por mais um momento e então me observa de novo. Provavelmente tentando entender e avaliar a situação.

Mas eu sou apenas uma espectadora, tão perplexa quanto ela, observando a cena desenrolar na minha frente.

Forço um sorriso, tentando entrar no jogo.

Ela finalmente se decide.

— Claro. Vem comigo, por favor, senhor.

Ela segue em direção ao caixa e Sebastian vai logo atrás.

Minha pulsação ainda está disparada enquanto observo as suas costas, distanciando-se. A sensação intensa da adrenalina corre pelo meu corpo. Mas não a do tipo boa.

Desvio o olhar para uma peça qualquer enquanto tento controlar o choque e a confusão em minha mente.

Eu ainda estou congelada quando o vejo voltando para próximo de mim. Ele tem os olhos em meu rosto e uma caixa nas mãos. Eu saio do meu torpor e me viro.

Eu quero correr. Eu quero fugir.

O sinto ao meu lado conforme ando para fora da loja.

— Não precisava da sua ajuda — eu digo, sem encara-ló, quando estamos do lado de fora.

— Jura? — ele indaga, casualmente. — Porque da onde eu observava parecia que você estava muito próxima de ser presa.

Eu paro de andar e me volto para fitá-lo de frente. Sebastian também para, seus olhos se prendendo nos meus.

— Eu sei como fazer isso. Já saí dessa antes.

Arrependo-me assim que as palavras saem da minha boca. Odeio como acabei de admitir que já fiz isso outras vezes. Odeio que acabei de dizer em voz alta que sou uma ladra.

Ele não vacila. E mesmo diante das circunstâncias, isso não me surpreende. Nada desestabiliza Sebastian.

— Nem sempre você vai ter tanta sorte.

— Nunca precisei de você antes. Não preciso de você agora.

— Minha voz é repleta de veneno e um resquício de mágoa.

Ele não responde dessa vez. Há um silêncio desconfortável.

Miro o chão por um segundo e noto a sacola que ele segura em uma das mãos. É uma sacola de pet shop. Por um momento quero perguntar o que ele tem ali, mas não quero mostrar interesse. Não quero que ele ache que qualquer aspecto de sua vida influencie qualquer pensamento em minha mente. Apesar de fazer.

Foco a minha atenção em sua outra mão, a que segura o pequeno pacote com a minha calcinha roubada.

— Quanto foi? — indago, abrindo a minha bolsa.

Ele ergue suavemente as sobrancelhas.

— E aí qual seria o sentido? — Sua voz é um misto de fascínio e desafio.

— Você não entende. — Eu bufo. — *Quanto foi?*

Ele abre um sorriso ligeiramente torto, mas, de alguma forma, com uma sombra de honestidade presente.

— É um presente, então, princesa.

Minha mão congela no meio do processo de abrir a minha carteira. O apelido é como um soco no estômago. Eu encaro as minhas próprias mãos, e não seu rosto, porque não quero que ele veja a minha expressão agora.

Não sei se ele faz de propósito. Não sei nem se ele se lembra.

Mas *eu lembro*.

Ele estende o pacote para o meu colo.

Recomponho-me e ergo o olhar. Sua expressão é séria e honesta agora, quase como uma oferta de paz.

Eu fecho a carteira e a aguardo na bolsa.

Pego o pacote de suas mãos. E odeio, absolutamente *odeio*, o fato de haver um milhão de corações vermelhos na caixa e no centro as palavras:

For my love.

Parece errado. *Muito* errado.

— A atendente escolheu o pacote — ele explica, parecendo ser capaz de ler meus pensamentos.

E provavelmente é. Sempre odiei isso.

— Faz sentido — eu murmuro.

Graças à nossa farsa, ela escolheu botar a peça em uma embalagem de presente romântica. Ficamos alguns segundos em silêncio, e eu estou em uma batalha interna de se devo agradecer ou não, quando ele abre a boca.

— Escolha interessante — ele comenta, e os seus olhos vão da embalagem até o meu rosto.

Penso na calcinha de fio dental repleta de brilhantes e sinto as minhas bochechas corarem.

O ar fica pesado.

Eu troco o peso dos pés, desconfortável.

— Eu não gostei de verdade. É ridícula. — Dou de ombros, tentando soar casual e não desmastrar o estado de nervos que estou. — Provavelmente vou jogar fora.

Ele observa meu rosto, e balança sutilmente a cabeça. É apenas um movimento enquanto ele processa o que acabei de dizer. Sebastian parece achar graça do que eu falei, porque a sombra de um sorriso atravessa seus lábios.

Ele dá um passo à frente e eu congelo no mesmo perímetro.

Nossos corpos ficam extremamente próximos. Não a ponto de, de fato, tocarem-se, mas perto o suficiente para sentirmos o calor um do outro.

Ele se ergue suavemente sobre mim, e com a boca perto do meu ouvido, Sebastian diz:

— Vai ficar perfeita em você.

Com isso, ele passa por mim e vai embora.

E eu só noto que tenho os punhos cerrados ao lado do corpo quando os nós dos meus dedos amassam a embalagem.

09.

antes

Se você quiser saber se era possível literalmente morrer de vergonha, não era.

Porque eu estava viva. Mesmo depois de vomitar nos pés do amor da minha vida em nossa primeira conversa de verdade.

Não que houvesse muita conversa envolvida no final das contas. Havia sido mais ele falando algumas coisas e eu regurgitando meu jantar misturado com uísque.

Aquela noite acabara sendo determinada por: antes de Harriet Nova Aldridge vomitar nos sapatos de Sebastian Grant

Crawford e depois de Harriet Nova Aldridge vomitar nos sapatos de Sebastian Grant Crawford.

As pessoas congelaram ao nosso redor, assim como o tempo.

O resto aconteceu em apenas alguns segundos, mas pareceram décadas de puro terror.

Sebastian deu um passo para trás, em óbvia surpresa, e murmurou um palavrão.

Eu estava em tanto choque que só consegui correr de volta para o meu quarto sem encará-lo. Eu acho que ele disse alguma coisa depois que me virei. Ouvi a sua voz, mas não parei de correr até estar trancada no meu quarto.

Acho que a festa acabou pouco depois disso.

Meu irmão foi até meu quarto uns trinta minutos mais tarde, enquanto eu chorava compulsivamente. Ele me perguntou o que tinha acontecido, mas eu só conseguia exclamar entre soluços que queria morrer.

Ele ficou falando por o que pareceu um milênio sobre como não contaria para os nossos pais acerca do uísque, mas que eu era muito nova para beber. Eu não estava prestando muita atenção,

porque afinal, tinha problemas muito maiores como o fato de ter me envergonhado de forma categórica.

Eu não sai do meu quarto por uma semana.

Não literalmente, óbvio, porque tive que ir para escola, comer e aquele tipo de coisa estúpida.

Mas eu passava todo o tempo que podia me lamentando em minha cama e pedindo ao universo para voltar um pouco a fita.

Ninguém tirou sarro de mim na escola, uma coisa que seria normal em qualquer outra situação, para qualquer outra pessoa.

Mas quando se era irmã de Grayson Aldridge, você era meio blindada daquele tipo de coisa.

Todos que presenciaram a cena eram amigos dele e não fariam bullying com a sua irmãzinha, por mais patética que ela fosse. E também tinha o fato de que o meu irmão estava três séries acima, e em nossa escola nós não dividíamos o mesmo prédio com o Ensino Médio. Então eu não precisei encarar os olhares de seus amigos nos dias seguintes pós desastre.

E o mais importante: não precisei encarar Sebastian.

Só o encontrei uma vez no estacionamento da escola, de longe.

A grande questão aqui era que eu sempre estive no topo da cadeia alimentar na escola. Não por mérito. *Definitivamente* não por mérito. Mas pelo fato dos meus pais serem médicos bem respeitados e conhecidos em nossa cidade e meu irmão ser a estrela do time de basquete.

Eu era popular por associação. Não demorara muito para que eu descobrisse aquele fato porque desde nova eu era uma criança mais “excêntrica”. E isso não costumava ser sinônimo de popularidade no final do Ensino Fundamental ou do Ensino Médio.

E agora havia mais um tópico para adicionar em minha lista de “*vergonhas de Harriet Nova Aldridge*”.

— Filha, eu acho que você foi excelente — meu pai disse com uma voz consoladora.

Houve um momento longo de silêncio, enquanto eu continuei com meus olhos fixos na janela do carro. Estava chovendo, o que deixava melhor para o meu momento melancólico e autodepreciativo.

— Vocês não estavam lá. Foi terrível — eu rebati, amargurada.

Hoje a tarde foi o show de talentos da escola. Não era um show para os pais em si, mas sim para o entretenimento dos alunos. Todo o grupo estudantil (desde os últimos anos do Ensino Fundamental até o Ensino Médio) foi reunido no salão para um dia de apresentações.

— Foi a sua primeira apresentação, mesmo que não tenha sido impecável, as próximas serão bem melhores. É uma questão de prática — ela disse com a voz mais pragmática, apesar de doce.

Minha mãe sempre teve mais dificuldade em mentir ou bajular.

Eu inspirei fundo.

— Mas eu *treinei*. — A minha voz era uma mistura de um gemido patético e um chiado.

No ano passado, no meu aniversário de doze anos, eu havia ganhado um piano. Eu tinha acabado de ver “o som do coração” e decidi que eu queria ser uma incrível musicista. Escolhi o piano. Comentei com os meus pais e eles pareceram mais do que felizes em ver o meu interesse em relação ao instrumento musical. Meu irmão tocava violão e obviamente ele era excelente nisso, como em todo o resto das coisas.

Então hoje, sentei-me no centro do palco, confiante de que aquele era o meu momento.

Sebastian estava lá, claro. Sentado casualmente em uma das cadeiras no canto direito, com a turma mais velha, bem ao lado do meu irmão. Grayson sorria para mim, de forma encorajadora.

Sebastian tinha os olhos em mim, assim como todas as outras pessoas ali. *Centenas* de pessoas, mas aquele era o único olhar que importava.

Eu engoli em seco, nervosa, mas ao mesmo tempo animada. Aquele era o meu momento de brilhar. De me recuperar do desastre que havia sido aquele episódio do vômito no mês passado.

Eu estava usando um vestidinho branco com detalhes brilhantes que eu havia comprado, com a ajuda de Lillian e Sienna, apenas para a ocasião.

Por um maldito ano, eu treinei a mesma maldita música.

Por um maldito ano, eu aperfeiçoei algo para o momento em que brilharia na frente de centenas de pessoas, provando o meu valor e talento.

Eu não era a aluna mais brilhante ou a atleta mais impressionante. Também não era a garota mais linda da escola e

nem a mais engraçada.

E acontecia que, no final das contas, eu também não era a pianista mais talentosa.

Porque eu consegui acertar cerca de seis notas até eu esquecer completamente o que vinha em seguida. Eu travei. Foi apenas um momento, mas o suficiente para instalar uma insegurança que gerara um branco no meu cérebro.

Eu hesitei, sentindo o silêncio perturbador do ambiente. Sentindo os olhos em mim. Sentindo os olhos *dele* em mim. Eu inspirei fundo e recomecei, já que estava bem no começo da música de qualquer forma.

Mas a segunda vez foi ainda pior que a primeira, porque apesar de lembrar das notas, meus dedos tremiam e eu errei três notas a cada dez que eu tocava.

Resumindo, hoje foi um belo de um desastre.

Tanto visual, quanto sonoro.

Eu conseguia ouvir em alto e bom tom, assim como todo mundo, a bagunça que eu estava criando com aquele piano e o desserviço que estava fazendo a Beethoven.

Em dado momento, próximo ao final da música, eu xinguei um *merda*, esquecendo completamente do microfone apoiado no piano, próximo à minha boca. O palavrão reverberara por todo o salão e eu consegui ouvir algumas risadas estranguladas.

Isso fez com que outro palavrão saísse dos meus lábios. Um *porra* em alto e bom tom saíra das caixas de som. Mais risadas, agora um pouco mais altas. Graças a Deus eu fechei a boca e parei com as profanações, deixando elas apenas em minha cabeça.

Eu me neguei a olhar para as pessoas. Apenas continuei encarando as teclas como se quisesse colocar fogo nelas, e terminei a maldita música de forma apressada, porque queria acabar com aquela tortura de uma vez. Não sei como finalizei, mas tenho quase certeza de que, nas últimas notas, eu estava tocando qualquer tecla aleatoriamente.

Meu corpo estava praticamente dormente quando toquei a última nota. Eu engoli em seco, sentindo os meus olhos começarem a marejar.

Havia sido horrível.

Eu sabia, eles sabiam, *todo mundo* sabia.

O silêncio seguinte foi como uma faca cortando fundo.

Era tão absurdo que eu achei que pudesse começar a escutar grilos no fundo a qualquer momento.

Acho que estavam todos em choque, assim como eu, devido àquele desastre.

Eu estava prestes a me levantar, sem encarar o público, quando eu comecei escutar palmas. Poucas, mas enfurecidas o suficiente para fazer eco no cômodo enorme.

Eu finalmente ergui o olhar, em um misto de surpresa e curiosidade.

Grayson e Sebastian estavam de pé, ambos batendo palmas de forma entusiasmadas. Como se eu fosse o próprio Beethoven.

Eu os encarei, piscando algumas vezes. As pessoas em volta também estavam os observando agora. Eles haviam chamado a atenção para eles, e poucos olhares queimavam em mim.

Então, de repente, as pessoas ao redor dos dois (reconheci vários de seus amigos) começaram a bater palmas também, algumas inclusive se levantando.

E como um efeito dominó, o resto das pessoas seguiram fazendo o mesmo. De repente, uma explosão de aplausos eclodira ao redor.

Eu sabia que não havia mérito nenhum. Eu sabia que eles não estavam batendo palma por mim. Mas era melhor do que aquele silêncio que estava me deixando à beira das lágrimas.

E ao passo em que eu observava Sebastian, com o coração batendo forte contra o peito, eu sabia que, enquanto respirasse, nunca mais me esqueceria do momento que ele se juntara ao meu irmão e aplaudira por mim.

Com certa dificuldade, levantei-me do banco com ainda um pouquinho dignidade e sai do palco à medida que as palmas ainda reverberavam.

— Vai ter outro show de talentos ano que vem, querida. Não se preocupe — disse a minha mãe, virando o rosto para encontrar o meu.

Eles estavam claramente tentando deixar as coisas melhores, mas não estava funcionando.

Agora, cinco horas depois do show desastroso estávamos a caminho de casa, depois de um jantar no meu restaurante favorito no centro da cidade.

Quando passamos pela porta, fui recepcionada pelo sempre fiel e entusiasmado Nuggets.

Meus pais subiram direto para o seu quarto enquanto ouvia a minha mãe reclamar que precisava desesperadamente de um banho e cama depois do último turno de doze horas no hospital. Meu pai concordou, acariciando as suas costas ao passo que os dois subiam as escadas.

Precisava dar comida a Nuggets, então fui e direção à cozinha para encher a vasilha de do meu cão, mas para isso precisava passar pela sala. Mas não fui capaz de fazer isso, porque me deparei Sebastian Grant Crawford sentado no meu sofá.

Eu pisquei e ele me encarou.

Nuggets simplesmente surtou e correu em sentido a ele, como se fossem velhos amigos se reencontrando depois de vários anos.

Sebastian desviou o olhar do meu e recebeu o cachorro nos braços, fazendo carinho em sua cabeça, mas seu olhar não demorou para voltar até mim. Ele pareceu notar o meu choque, provavelmente porque congelei com a boca entreaberta.

— Eu não invadi, se é isso que tá se perguntando. — Ele disse, com um quê de humor sarcástico.

Definitivamente não era isso que eu estava me perguntando.

Eu não me importava nem um pouco se Sebastian invadissem a minha casa. Eu queria que ele invadissem a minha vida inteira.

— Ah... Oi — eu disse em um sopro.

Um pequeno sorriso atravessou os seus lábios.

— Oi.

Arranhei a garganta.

— Cadê o Gray?

— Está lá em cima, trocando de roupa para gente sair.

— Ah... Ok. — Eu não fazia ideia do que dizer, e lembrei que nunca havíamos sido devidamente apresentados, então abri a boca e comecei a vomitar as palavras: — Meu nome é Harriet. Eu sou a irmã mais nova do Gray. Grayson, na verdade. Gray é o apelido. Quase todo mundo chama ele assim, mas você já deve saber disso. E não *tão* nova assim. Temos só três anos de diferença. — Eu cheguei a ficar sem ar quando finalmente terminei. Como ele só me encarou e piscou, em completo silêncio, senti necessidade de abrir a boca novamente — Me desculpe por vomitar nos seus sapatos.

Droga.

Eu realmente não precisava ter trazido aquilo à tona.

Eu senti as minhas bochechas corarem, porque sabia que a minha imagem vomitando em seus pés estava atravessando a sua mente naquele instante.

— Sem problemas — ele respondeu, simplesmente.

Eu me recompus e assenti, sem saber exatamente o que fazer. Decidi continuar a minha tarefa inicial e alimentar Nuggets. Por mais que ele não parecesse muito interessado em nada além de Sebastian. Mas meu cão jamais recusou comida.

Descolei-me do meio da sala e forcei os meus pés a agirem.

— Meu estômago não gosta muito de uísque. Prefere outras bebidas. — Dei de ombros, seguindo para a cozinha. E tentando soar casual e descolada enquanto pegava a vasilha de Nuggets.

Do sofá, Sebastian ergueu um sobrelance.

— Ah é, tipo o quê?

Eu hesitei por um segundo.

— Vodca.

Nunca havia experimentado vodca. Ou nenhuma outra bebida para falar a verdade.

— Você não é meio nova para beber?

— Só tenho treze anos e...

— Oito meses — ele completou, cortando-me. — É, eu sei.

Havia um traço de humor em seu rosto.

Ele definitivamente estava tirando uma comigo.

Desviei o olhar e derramei ração na vasilha de Nuggets. Ele não decepcionou; veio correndo se alimentar. Não havia absolutamente nada que Nuggets amasse mais do que comida. E eu achava que isso incluía a mim também.

Um silêncio incômodo se instalou assim que meu cão começou a se alimentar, até que eu abri a boca.

— Sabe — comecei —, eu fiquei nervosa. Na verdade, eu toco piano muito bem... Tá. Talvez não *muito* bem. Mas bem, tipo, suficiente bem.

Sebastian me encarou em silêncio, como se estivesse em dúvida se eu já tinha terminado. Havia uma expressão divertida em seu olhar, apesar dele não rir.

— Eu gostei da sua apresentação.

— Gostou?

— Sim, fiquei mais entretido do que se o próprio Bethoven estivesse tocando a música clássica entediante de forma perfeita. — Ele então abriu aquele suave contorcer no canto do lábio, tão suave que chegava a ser quase imperceptível, mas eu notei. — Gostei do que o *merda* e o *porra* adicionaram para a música.

Uma sorriso involuntário abriu em meu rosto.

— Obrigada. — Eu lancei um olhar para o piano próxima a lareira e então a ideia me bateu. — Posso tocar para você?

Sebastian apenas piscou.

— A mesma música, mas direito dessa vez. — expliquei e continuei. — Por mais que você tenha gostado,— dei de ombros, tentando soar causal, como se aquilo não significasse o mundo inteiro para mim — posso tocar a versão correta para você ver que eu tô falando sério quando digo que sei tocar.

Ele hesitou por momento.

— Tem certeza? Seu irmão já deve estar...

— Ele é meio enrolado. Deve demorar um pouco. — Eu lancei um olhar para as escadas, onde não havia nenhum sinal de Gray. — Além do mais só vai demorar uns três minu...

Nesse mesmo segundo ouvi os passos.

— Vamos, cara?

Eu virei o rosto para encontrar o meu irmão do topo das escadas.

Que *inferno*.

Voltei o olhar para Sebastian, mas ele já estava de pé.

— Vamos — ele respondeu, indo em direção à saída para encontrar meu irmão.

Eu só queria mais três minutos com ele. Só precisava de mais um pouco.

— Mas... — soltei, baixinho.

— Desculpa a demora — Gray murmurou, alcançando a maçaneta.

— Tranquilo.

— Posso ir? — eu cuspi as palavras por alguma razão.

Queria ir onde quer que Sebastian fosse. Estávamos tentando uma conversa tão legal. Estávamos nos *conectando*.

Meu irmão nem olhou para mim.

— Claro que não, Harriet.

— Por quê?

Os dois atravessaram a porta.

— Porque não é uma festa para a sua idade. E porque papai e mamãe não vão deixar.

Ele fechou a porta antes que eu pudesse protestar.

10.

Ele só podia estar brincando, não é?

Sebastian não estava flertando.

Não há nem como pensar nessa possibilidade. Na verdade, é tão surreal que chega a ser engraçado.

Ele provavelmente só estava tirando uma com a minha cara. Ou tentando aliviar a tensão por causa de todo o lance do roubo.

Eu não sabia exatamente, mas havia uma explicação razoável.

Ele não quis dizer realmente o que disse.

— Vamos, Harriet! A reserva é para as oito — Corey exclama do primeiro andar.

Ele está esperando no sofá perto da porta para irmos jantar.

É dia 11 de julho, nosso aniversário de namoro.

Já estou pronta, mas, antes de sair, existe todo um processo para deixar os animais sozinhos, já que nem Gray e nem meus pais

estão em casa.

Eu preciso pegar o porquinho da Índia e guardá-lo na gaiola, porque sem supervisão, Petunia, a minha gata, pode acabar o considerando um brinquedo. Também preciso tirar as vasilhas das felinas do alcance de Nuggets, caso o contrário elas ficam sem jantar.

— Harriet, são dez para as oito, você sabe como o Conelis fica nos...

— To *indooooo* — eu grito de volta, dando uma última checada em todo mundo.

Despeço-me e desço pelas escadas, equilibrando-me nos saltos pretos.

Corey está muito bonito em uma camisa social branca e calças pretas.

Ele se levanta assim que chego na metade das escadas.

— Vamos? — ele pergunta, seguindo para a porta.

Eu abro um pequeno sorriso.

— Vamos.

O caminho até o restaurante é longo. O restaurante fica do outro lado da cidade, cerca de meia hora de estrada.

É um restaurante enorme. Um salão longo e com iluminação intimista. As paredes se intercalam entre as cores preta e cinza.

Corey dá o seu nome e nós sentamos na mesa que está reservada para a gente. Fico feliz por termos feito a reserva, porque o local está lotado. Tem até fila de espera.

— Uau, está mais cheio do que o normal — comento, olhando em volta.

— É, parece que todos os casais de Veahmond tiveram a mesma ideia que nós.

O garçom nos entrega os cardápios.

Do lado oposto da mesa, Corey levanta o olhar, observando-me e finalmente parecendo notar.

— Esse é o vestido que eu te dei de Natal?

Eu sorrio e olho para o vestido vermelho de alça fina que vai até a metade das minhas coxas.

— É sim.

— Ficou bonito.

Eu sorrio.

— Obrigada.

— Eu te falei que o Jonny vai fazer um churrasco na casa dele depois de amanhã? — ele pergunta, distraído no cardápio.

Fico aliviada por isso; assim ele não vê a expressão em meu rosto.

— Não vai dar.

— Por quê? Não tá a fim de ir? — ele pergunta ao levantar o olhar para mim.

Eu definitivamente não estava.

Havia um grande problema em relação a Jonny, um do qual Corey não sabia.

Há alguns anos, Jonny havia feito uma festa de aniversário que nós dois fomos. Corey e eu tínhamos acabado de começar a namorar. Lembro disso com muita clareza, porque foi uma das primeiras festas que entramos de mãos dadas e tudo mais.

Também lembro de ir para o segundo andar, para o banheiro, mas notei a porta do quarto dos pais de Ken aberta. Eu parei por apenas um segundo, mas foi o suficiente para eu enxergar o pequeno brilho na cabeceira.

Eu não sabia o que era exatamente, mas atiçou a minha curiosidade.

Olhei para os dois lados antes de entrar furtivamente no quarto e me aproximar.

Era um broche. Pequeno e prateado. Quando fiquei diante dele, imediatamente soube que não havia outra opção a não ser pegá-lo. Coloquei no bolso da jeans e sai do quarto, notando a mãe de Jonny surgir no topo das escadas.

Ela me viu no minuto em que a vi.

Até hoje não tenho certeza se ela de fato me testemunhou *saindo* de seu quarto. Mas ela me viu no corredor, ao lado de seu quarto, com o rosto que aposto que estava vermelho de vergonha e culpa.

Eu sorri sem graça e disse que precisava ir ao banheiro. Ela sorriu de volta e me apontou para a porta do cômodo.

Nunca mais fui a casa do Jonny depois disso. Ele nunca comentou nada, mas sei que ela deu falta do broche e tenho quase certeza de que sabe que fui eu.

O fato de ter tendências de roubar coisas compulsivamente não é um assunto que eu faço questão de trazer à tona para as

pessoas.

E por sorte, é algo que pessoas não percebem. Porque afinal, quem suspeitaria que uma garota de classe alta e que tem absolutamente tudo?

Então basicamente apenas o Dr. Kollen e minha família sabem.

Ah, e Sebastian, aparentemente.

Corey nunca notou, mas em geral ele não é um cara muito perceptivo. O que deixa as coisas mais fáceis. Não quero que ele saiba. Não quero que ninguém saiba.

É vergonhoso demais.

Patético demais.

Estranho demais.

— Tem certeza? — Corey pergunta, trazendo-me de volta da lembrança ruim.

Eu forço um sorriso.

— Sim, marquei de sair com Sienna — minto. — Mas vai você.

Ele assente, e não insiste mais, parecendo satisfeito.

Quando o garçom volta, dez minutos depois, fazemos o pedido. Meu namorado pede um pedaço de bife e eu, como sou vegetariana, peço massa.

Observo o lugar a nossa volta. Praticamente todas as pessoas ali estão sentadas em casais. Faz sentido, afinal é um restaurante com um ar muito romântico.

Nosso primeiro encontro foi aqui. Há exatamente três anos. Quando Corey e eu demos um passo a mais e cruzamos a linha entre amizade e namoro. Foi tão fácil. Tão natural.

A memória me faz abrir um pequeno sorriso. Foi um bom primeiro encontro. Parece tão distante agora. Mas a memória ainda é doce.

Eu tinha acabado de fazer dezessete; éramos apenas crianças.

— Mamãe vai chamar Sebastian para o aniversário dela — Corey diz, depois de uma garfada em sua carne.

O comentário repentino me pega desprevenida.

— Ah. — Ergo o cenho e logo depois arranho a garganta. —
Sério?

Ele assente, o rosto duro.

— Acho que eles estão tentando começar de novo.

Isso o incomoda, dá para notar não apenas pelo tom de sua voz, mas também em sua expressão.

— Talvez você devesse fazer a mesma coisa.

Ele me fita, hesitante. Há quase desconfiança em seu olhar.

— Começar de novo?

— Ele é o seu irmão, Corey. — Eu dou uma pausa, abaixando o garfo. — Seu *único* irmão.

Eu não conseguiria nem imaginar a minha vida sem Grayson. Ele é a minha pessoa preferida no mundo. Até mesmo mais do que meus pais. Obviamente os amo, mas Grayson sempre esteve ali, em absolutamente todos os momentos que precisei. Com a agenda maluca dos nossos pais, nos tornamos irmãos extremamente presentes um para o outro.

Mas entendo o lado de Corey. Gray não foi embora. Ele não me deixou e nunca mais me procurou.

Corey encara o prato, a expressão reflexiva.

— Eu já não sei se o conheço. — Ele para e me encara. — Na verdade, não sei se algum dia já o conheci.

Eu não digo mais nada sobre isso, porque sei exatamente do que ele está falando.

Nós mudamos de assunto e o resto do jantar é passado discutindo sobre nossas respectivas faculdades e os planos para o verão.

Mais tarde, no quarto dele, Corey tira a minha roupa. Deitado sobre a cama, ele observa a minha calcinha de brilhantes.

Eu não a joguei fora.

Eu deveria. Mas não o fiz.

— Uau, o que é isso? — ele pergunta, alegremente surpreso.

— Comprei ontem — minto e abro um sorriso tímido.

Ele sorri, claramente satisfeito.

— Gostei — ele aprova.

E ele mostra o quanto aprova fazendo um trilha de beijos da minha barriga até abaixo do meu quadril.

E enquanto eu sinto todos os meus nervos reagindo aos toques de prazer, algo se repete na minha cabeça como um manto.

Vai ficar perfeita em você.

E essa frase ainda está na minha cabeça quando atinjo o ápice.



Sienna: *mandei mensagem para Sebastian ontem à noite e ele ainda não me respondeu. Isso é estranho, né?*

Eu encaro a tela do meu celular por alguns segundos.

Eu: *como conseguiu o numero dele?*

Sienna: *pedi ao Gray.*

Claro.

Sienna: *você acha que ele tá me ignorando?*

Porra, eu sou gostosa.

Eu não sei o que dizer.

Eu: *talvez ele só esteja ocupado.*

Sienna: *sim, com todo o lance do tio, né.*

Vou deixar passar.

Dessa vez.

Mudo de assunto.

Eu: *já estou saindo.*

Te encontro em cerca de 20 min.

Combinamos de nos encontrar no shopping para almoçar e comprar algumas coisas.

Saio de casa e entro no carro. O dia está quente, então estou usando uma calça jeans e uma regata. Meus cabelos estão presos

em um coque alto, e de maquiagem uso apenas um pouco de rímel.

Alguns quarteirões depois, entro na rua onde morava o tio de Corey. Conforme vou me aproximando, percebo que a garagem está aberta.

Instantaneamente o vejo.

Sebastian está dentro da garagem. Não há carro algum. Ao invés disso, há madeira por toda parte. Sebastian está inclinado trabalhando com o que parece ser uma serra. Está de luvas e jeans. Só isso.

Não está usando camisa.

Automaticamente reduzo a velocidade pela rua vazia. Pela janela do carro consigo ver os músculos das suas costas bronzeadas flexionando conforme ele se movimenta. Seu cabelo castanho-escuro está como sempre uma bagunça tragicamente harmoniosa. A calça é pouco larga, pendendo baixa em seu quadril. Eu posso ver uma sutil fileta preta de sua cueca.

De repente, sinto uma pressão e sou jogada para frente ao mesmo tempo que para cima. O cinto aperta contra meu peito e eu bato a cabeça na lateral do carro. Não é com tanta força, mas como eu estou usando óculos escuro, tenho a sensação da armação

perfurando meu crânio. Eu fecho os olhos com pressão, devido a dor.

Quando abro, pisco algumas vezes, tentando compreender o que acabou de acontecer.

Aí, meu Deus.

Minhas mãos estão segurando forte o volante e, assim que olho para frente, vejo que acabei de subir na calçada com as rodas dianteiras. O carro colidiu com várias lixeiras.

Não.

A primeira coisa que penso é que a minha mãe vai me matar, porque este é o carro dela. O meu estava guardado dentro da garagem e eu estava com preguiça de tirar. Como o dela estava do lado de fora e ela estava dormindo, não pensei duas vezes.

Estou imaginando o rosto furioso da minha mãe até que vejo o movimento e ergo o olhar.

E é quando me deparo com uma imagem impressionante.

Sebastian está correndo em meu alcance sem camisa como em um maldito filme.

E eu sou a protagonista idiota que acabou de bater o maldito carro, porque é uma pervertida com péssimo senso de direção.

Não. Não. Não.

Ele abre a porta ao meu lado com certa violência.

— Você tá bem? — A sua voz rouca soa urgente.

— Tô — eu resmungo, colocando a mão na cabeça, onde bati.

Eu tiro os óculos do rosto dolorido. Noto que uma lente rachou ao observá-lo.

— Você bateu a cabeça. — E eu não tenho certeza se ele está perguntando ou afirmando, então não digo nada. — Olha pra mim — ele exige com a voz baixa, mas com um toque considerável de autoridade.

Eu não quero encará-lo. Estou com vergonha demais. Só gostaria de magicamente sumir.

Eu levanto a cabeça e encontro um par de olhos âmbar me encarando fixamente. Seu cenho está levemente franzido em um ar de preocupação. Seu maxilar está tenso.

Evito descer os olhos mais para baixo. Foi isso que me levou para essa bagunça para começo de conversa.

— Merda — ele murmura, mas agora não está olhando diretamente para os meus olhos.— Você tá sangrando.

Eu pisco.

— Estou?

Coloco a mão na cabeça e eu sinto a umidade em meus dedos. Eu encaro o sangue.

Antes que eu possa falar qualquer coisa, Sebastian estica o braço e sua mão vai até as chaves, para desligar o carro. Ele fica extremamente próximo. Tanto que eu sinto o seu calor. Em seguida, ele move a mão para o meu cinto. Seu braço roça suavemente contra minha barriga quando ele o solta.

— Vem. Quero dar uma olhada nisso.

Sebastian dá um passo para trás, abrindo espaço para eu descer do carro.

— Você consegue andar?

Eu assinto rapidamente, porque ele parece muito próximo de me pegar nos braços e isso seria simplesmente demais.

Eu saio devagar com a mão ainda pressionada na testa. Eu o sigo pelo gramado do jardim até a garagem. Uma de suas mãos está na base das minhas costas. Acho que ele acredita que posso cair a qualquer momento. Me sinto desconfortável com ela ali porque todo o meu corpo parece muito ciente desse simples toque.

Sebastian sinaliza para um banquinho no canto da garagem que parece mais uma marcenaria improvisada do que qualquer outra coisa. Ao invés de ferramentas para carro, tipo chave de roda, alicates e macaco, só há material de marcenaria. Enquanto observo o lugar, lembro-me que foi aqui que o tio de Sebastian foi encontrado. Frio e sem vida.

— Senta aí.

A sua voz me tira dos pensamentos desagradáveis. Não é um tom suave. É firme apesar de baixo.

Eu tenho vontade de responder um “sim, senhor” com um tom sarcástico, mas seguro a língua. Não me sinto em posição para fazer graça no momento.

Sebastian sai e volta com algumas coisas na mão.

Ele para a minha frente e se agacha, até ficar na altura dos meus olhos. Estamos a centímetros de distância.

—Doí? — ele pergunta, depois de derramar um líquido em um algodão.

Observo seus longos dedos conforme ele o faz. De perto dá para notar alguns calos e eu deduzo que seja devido a todo o trabalho manual na marcenaria. São mãos fortes e grandes. Quando

ele mexe os dedos, as veias longas que sobem até os braços se movimentam simultaneamente.

Sebastian coloca o algodão contra a minha testa.

Eu faço uma careta.

— Um pouco. Mas o orgulho é pior — eu resmungo.

Ele abre um pequeno sorriso torto. Seu lábio direito puxa para cima suavemente e sem muita dificuldade.

Eu me lembro muito bem desses sorrisos.

Lembro de *cada* um deles.

E também lembro que vivia por eles.

Por um segundo, entendo exatamente o porquê eles tinham esse efeito sobre mim. É bonito demais em um rosto atraente demais.

Eu engulo em seco.

— Como você saiu da estrada?

Meu rosto esquenta.

— Eu... me distraí. — Eu suspiro e faço um movimento com a mão direita. — Sabe como é, não dirija e mande mensagem.

Ele não diz nada por alguns segundos, seu olhar fixado no machucado.

Estamos muito próximos, tão próximos quanto alguns minutos atrás no carro. Só que agora estamos de frente um para o outro e eu tenho uma visão absurdamente privilegiada de seu rosto.

Ele termina com o algodão e pega um *Band-Aid*.

— Não parece ser uma contusão. Mas não esquece de mostrar para os seus pais antes de ir dormir hoje — ele diz, abrindo o *Band-Aid*.

Eu assinto e meu olhar cai para seu peito, o que é um erro. Porque o tronco de Sebastian é uma obra de arte. Nunca vi isso na vida real, só em filmes. Músculos bem delineados perfeitos em ombros largos, e, para completar, uma pele cor dourada.

Já era bonito antes, quando ele era mais novo. Ele sempre foi privilegiado no quesito beleza. Mas está ainda melhor. Maior, mais definido.

Há uma camada de brilho em seu peitoral graças à combinação do calor com o trabalho manual. Ele tem algumas tatuagens pretas no braço direito, e no torso, mas seu peito é limpo.

É um alívio, porque eu ficaria genuinamente revoltada se ele rabiscasse essa obra de arte.

Uma buzina me acorda dos pensamentos indesejáveis e Sebastian vira o rosto para encarar a rua.

— Seu carro está atrapalhando o trânsito — ele comenta, aproximando o *Band-Aid* da minha testa e o colocando com uma delicadeza que não combina com os dedos ásperos e as mãos grandes.

Ele fica ainda mais próximo, e entreabre suavemente os lábios. Meus olhos caem para a sua boca. Mas é rápido demais, porque ele logo se levanta.

— Já volto.

Sebastian sai da garagem e eu o observo, pateticamente ferida no canto de sua garagem, enquanto ele conserta a merda que eu fiz.

Eu fecho os olhos com força quando ele entra no carro da minha mãe e começa a manobrar.

Muito bem, Harriet.

Mais uma coisa para colocar na sua longa lista de vergonhas alheias.

Eu pego o meu celular e abro a câmera frontal para avaliar a situação. Não está tão ruim, tirando o fato de que há um enorme *Band-Aid* bem no meio da minha testa.

Eu mereço.

Sebastian volta alguns segundos depois com a minha chave na mão. Ele a deixa em uma mesa comprida ao meu lado e me encara.

— Já estacionei. Fique sentada um momento, por precaução.

Ele fica de frente para mim, em pé, apoiado casualmente contra uma mesa que parece ser o seu projeto no momento. Há papéis e um lápis apoiados sobre ela.

A jeans que usa é bem gasta e há um furo no joelho. Claramente uma calça para trabalho. Ele cruza os braços sobre o peito e eu faço de tudo, tudo *mesmo*, para não olhar, mas, obviamente, eu falho.

Meu olhar desce para seus músculos impressionantes, mas por apenas um segundo, porque trato de desviar rapidamente.

— O que você tá fazendo? — eu pergunto com os olhos na madeira atrás dele, tentando fazer uma voz firme mas ao mesmo tempo casual.

Ele vira o rosto com os braços ainda cruzados sobre o peito, seguindo o meu olhar para o nosso arredor.

— Meu tio deixou alguns projetos sem terminar. Só estou finalizando.

Observo seu perfil à medida que ele analisa seu trabalho em progresso. Ele parece relaxado. A imagem de Sebastian diante de toda essa madeira é tão natural que parece que ele foi feito para isso.

— Você ainda gosta? — eu pergunto, sem conseguir evitar.

Lembro que ele ajudava o tio com a marcenaria desde que o conheci, quando era adolescente. Ele parecia gostar bastante. Mas anos se passaram e certas coisas mudam.

Sebastian volta a me fitar fixamente.

— Gosto. Mas não com a paixão artística do meu tio. Os móveis eram apenas para manter o negócio. Ele fazia esculturas. Ele fazia arte.

— E você não?

Ele parece achar graça da pergunta, porque seu lábio puxa um pouco para cima.

— Eu não sou artista. Gosto da construção em si. Ver madeira ou tijolo se transformar em alguma coisa de verdade.

— Você continuou fazendo isso nos últimos anos?

Estamos entrando em um terreno diferente. Um terreno mais escorregadio e proibido. Estamos falando sobre os anos da vida dele que se passaram em branco para nós em Veahmond.

Mas eu quero saber e eu nunca fui boa em segurar a língua de qualquer forma.

A pergunta, no entanto, não parece incomodá-lo.

— Eu trabalhei com uma construtora para pagar a faculdade.

— Isso explica os músculos.

Aí, meu Deus.

Eu disse em voz alta.

Eu realmente disse em voz alta.

Sebastian me encara em silêncio, parecendo quase tão surpreso quanto eu, apesar de não demonstrar choque em sua feição. Alguns segundos se passam até um sorriso crescer em seus lábios enquanto ele me observa com uma mistura de humor e fascínio.

Eu quero me matar.

Não acredito que disse isso em voz alta. A pancada deve ter sido mais forte do que eu pensei.

— É, possivelmente — ele murmura, com o sorriso lentamente deixando os seus lábios.

Eu engulo em seco e desvio o olhar, porque de repente fica de mais para mim.

— Você já se formou? — eu pergunto, desesperada para mudar de assunto.

O fato de ele ter trabalhado para pagar a faculdade realmente explica ele ter conseguido a proeza de se tornar mais atraente, mas também deixa claro que ele se virou sozinho nos últimos anos.

— Me formei ano passado.

Penso em sua vida nos últimos tempos, imaginando como deve ter sido difícil. Seus pais cortaram seus meios financeiros. Uma pontada incômoda surge em meu coração. Eu meio que já imaginava isso, mas ele dizendo se torna real demais.

O que você fez, Sebastian?

O que você fez para eles te abandonarem assim?

Dessa vez guardo as perguntas impróprias para mim mesma.
Graças a Deus.

— Deve ter sido difícil — eu digo, pensando em como às vezes já é complicado para eu conseguir manter as minhas boas notas sem ter que me preocupar em me sustentar financeiramente.

— Não muito. Era meio período. E eu gostava dos caras e do trabalho. Não há nada melhor do que pegar uma marreta em uma reforma e colocar uma parede no chão. Era quase terapêutico. — Apesar de não estar sorrindo, existia um toque casual em sua voz.

Ele descruza os braços e os abaixa, apoiando as mãos nas laterais da mesa. Seus músculos bem desenhados tensionam conforme ele se movimenta.

Sério, quem tem um corpo assim?

Não deveria ser permitido para pessoas normais terem essa aparência.

Só atores deveriam ser atraentes assim.

— E você sempre costuma trabalhar sem camisa? Não está tão quente. — Minha voz soa quase irritada.

Mais uma coisa estúpida para se dizer, mas depois do meu primeiro comentário, esse parece quase normal.

E para falar a verdade, está muito quente sim.

Ele me encara. Nem mesmo pisca quando seus lábios se movem.

Ganho mais um sorriso.

Se eu não estivesse tão frustrada, irritada e confusa, talvez eu me parabenizasse por esse feito. É legal fazer Sebastian sorrir. Ele não faz com tanta frequência como deveria. Se eu ficasse bonita assim sorrindo, eu nunca pararia. Manteria a boca aberta e mostrando os dentes até ficar dormente.

— É para o caso de alguma garota atraente e distraída passar.

Calor sobe ao meu rosto enquanto eu o encaro.

Sebastian sustenta o meu olhar, o que é ainda pior.

Fica desconfortável e eu me pergunto se ele está flertando.

Não.

Não seja estúpida, digo a mim mesma. Foi como o comentário do dia anterior. É apenas o seu senso de humor.

Tem que ser.

— Vem. Quero te mostrar uma coisa — ele diz, de repente, por fim quebrando o clima denso.

— Aonde? — eu pergunto, levantando-me.

Sebastian já está indo a caminho da porta que separa o interior da casa e a garagem.

Ele não responde, então o sigo.

— O que é? — pergunto, curiosa, sem conseguir evitar.

Entramos na casa. Eu já tinha ido umas duas vezes na casa do tio dele. Continua a mesma: paredes brancas e belos móveis de madeira escura.

— Surpresa — ele responde, sem olhar para trás.

Eu franzo as sobrancelhas.

Uma surpresa?

Estou ansiosa e um tanto confusa. Não consigo nem imaginar o que Sebastian Grant Crawford poderia querer me mostrar. Mas a curiosidade é arrebatadora.

Ele passa perto do sofá e aproveita para pegar a camisa branca que está jogada em cima do encosto de couro.

Está mais frio aqui. O ar da sala está ligado e faz contraste feroz com o calor do lado de fora.

Sebastian coloca a camisa, guiando-me até os fundos da casa.

— Não gosto de surpresa — declaro e observo as suas costas agora cobertas.

— Você ama surpresas — ele rebate, quase presunçoso.

E ele está certo. E isso é meio irritante.

Ele abre a porta de correr de vidro e nós vamos para o jardim dos fundos. Eu o acompanho até que ele para ao lado da churrasqueira de tijolos vermelhos com aparência abandonada.

Eu me volto para ele, ligeiramente confusa e levemente desapontada.

— A surpresa é a churrasqueira do seu tio?

— Dentro dela — ele indica sutilmente com a cabeça. Uma sombra de diversão em seu olhar está presente.

Eu encaro a churrasqueira novamente, e então volto para ele. Eu franzo o cenho, desconfiada. Mas dou dois passos à frente e cedo olhando para baixo.

Inesperadamente há três pares de olhos me fitando.

Eu quase pulo com o susto.

Uma gata e dois filhotes estão dentro da churrasqueira, olhando-me tão surpresos quanto eu. A gata me encara com vigor e com certo receio, o que é compreensível, mas não parece agressiva.

— Ai, meu Deus. — Eu me viro para Sebastian com a boca entreaberta.

Ele está com um pequeno sorriso satisfeito estampado nos lábios.

— Eu não sabia que você tinha uma gata.

Sebastian dá de ombros e cruza os braços sobre o peito.

— Nem eu. Ela apareceu semana retrasada. Tenho alimentado desde então. Mas ontem — ele indica com a cabeça e dá um passo de alguns centímetros, checando os felinos —, isso aconteceu.

— Eles são lindos.

Eu enfio a cabeça na churrasqueira de novo, voltando a encará-los. A gata é malhada e me lembra Polly. Um dos filhotes é

igual a ela e o outro é todo preto. Eles estão encolhidos na barriga da mãe, mirando-me com desconfiança.

— Você está fazendo veterinária, não é? — ele pergunta, atrás de mim.

Eu me volto para ele, um pouco surpresa de ele ter essa informação. Mas logo concluo que Gray provavelmente deve ter comentado.

— Sim.

— Eles parecem bem para você?

Eu coloco a minha cabeça mais uma vez para dentro da churrasqueira.

Os pequenos olhos se voltam para mim e noto que estou atrapalhando. Mas eles parecem perfeitos, assim como a mãe. Gatos são animais muito independentes e resilientes. A maioria das gatas, até mesmo as de rua, fazem um ótimo trabalho cuidando de suas crias.

— Sim, parecem muito bem. — Eu volto o meu rosto para Sebastian — Você vai ficar com eles, não vai? Eu os levaria, mas mamãe me expulsaria. Ela já disse que não entra mais nenhum

animal lá em casa. E você não pode abandoná-los, Sebastian. Principalmente o preto. Eles fazem coisas horríveis...

Ele me corta, provavelmente percebendo o desespero em meus olhos.

— Não vou abandoná-los.

Eu hesito, fechando a boca e logo depois a abrindo de novo.

— Você vai ficar com eles? — pergunto. — *Todos* eles?

Ele dá de ombros.

— Não vejo porque não.

Eu suspiro de alívio e volto a encarar a churrasqueira, animada. Mas dessa vez eu não enfio a cara lá dentro; já ficou muito claro que estou atrapalhando.

— Já escolheu nomes?

— Não. Pensei em deixar isso para você.

Ele me pega de surpresa.

— Para mim? — Eu o encaro como se ele tivesse acabado de me dar um anel de diamantes.

— Nuggets? — Ele ergue uma sobrancelha e abre um sorriso de lado. — Você é bem mais criativa.

Eu sorriso também.

— Ok. Mas eu preciso de tempo para pensar em algo bom de verdade — eu digo mais seriamente.

Ele parece se divertir com o fato de eu levar tão a sério a minha nova tarefa de escolher os nomes dos felinos. E eu realmente levo.

— Claro — ele responde no mesmo tom.

Recebo uma mensagem, que faz o meu aparelho vibrar no bolso traseiro da jeans. Não preciso nem verificar para saber que é Sienna.

— Eu preciso ir — eu declaro, lembrando que já estou atrasada.

Ele se afasta e se dirige para a porta. Eu o sigo de volta para dentro do apartamento.

Sebastian para perto do balcão da cozinha.

— Você está se sentindo bem para dirigir? — ele pergunta, avaliando o meu rosto com atenção desconcertante.

Eu assinto, mas ele entorta a cabeça um pouco para direita para me fitar, pouco convencido.

— Não acredita? Pode me testar se quiser — eu provoco.

Ele aceita o desafio, entretido, e ergue três dedos longos.

— Quantos dedos tenho aqui?

Eu hesito, para causar suspense, e então respondo:

— Quatro?

Ele semicerra os olhos para a minha resposta e eu rolo os meus olhos, atrevida.

— Três — eu cedo.

— Nome completo.

— Harriet Nova Aldridge.

— Nome do seu antigo porco de estimação.

— Willy.

Ele volta a semicerrar os olhos, mas está mais divertido do que realmente preocupado.

— Tenta de novo, espertinha.

Eu fico surpresa. Errei de propósito, pois queria ver se ele se lembrava. Peguei Wilson quando tinha catorze anos, crente de que era um mini porco. Até que ele se tornou do tamanho de um jogador

de futebol americano e a minha mãe anunciou que iríamos ter que dá-lo. Fiquei sem falar com os meus pais por duas semanas.

E ele se lembra.

— Wilson — eu digo, finalmente.

Uma vez, em uma briga, Gray ficou irritado comigo e disse que Wilson havia provavelmente virado bacon e que talvez eu já até tivesse o comido em um dos meus cafés da manhã. A ferida ainda estava muito recente já que havia menos de um mês que tínhamos o doado.

Foi a primeira e única vez que dei um soco em alguém.

Sebastian, obviamente estava lá, e se contorceu de tanto rir quando o nariz de Gray começou a sangrar.

Meu irmão se virou para ele, claramente irritado, mas Sebastian apenas deu de ombros e disse: “Você meio que mereceu, cara”. E depois, quando estava indo embora mais tarde, aproximou-se: “Excelente gancho de direita, mas da próxima vez, coloque um pé para trás e afaste o braço para ganhar impulso” e então piscou para mim.

Amei-o mais um pouquinho naquele dia.

Isso me leva a *antes* de uma forma terrivelmente real. Em uma fração de segundos, tudo se passa pela minha mente muito rápido, em flashes frenéticos.

Faz-me voltar ao passado e lembrar de um Sebastian mais novo e de um Harriet mais estúpida.

Eu tento afastar as palavras que se formam na minha mente. Eu tento evitar o que estou prestes a dizer, porque sei que não é uma boa idéia. Mas eu abro a boca de qualquer forma, e as palavras escorregam pelos meus lábios, pesadas:

— Por que você foi embora?

É como se eu não tivesse controle.

Eu ouço as palavras saindo da minha boca e elas ecoam em meus ouvidos como se não pertencessem a mim.

Sebastian já não tem a expressão divertida no olhar.

Ele absorve as palavras lentamente, da mesma forma que eu. Sua expressão não vacila. Ele nem pisca, na verdade. Seus olhos são muito sérios, assim como o resto de seu rosto. Não parece bravo, mas definitivamente não parece feliz.

Eu tenho o impulso de me desculpar, mas não o faço. Ao invés disso, espero. Cravo os meus lábios juntos me forçando a não

ceder. Quero uma resposta, mesmo que não seja a que eu gostaria de ouvir. Para ser honesta, não faço ideia do que eu quero ouvir.

Mas o que ele diz, definitivamente não é nada do que eu espero.

— Por que você rouba?

E agora é a minha vez de digerir as palavras.

Nunca levei um tapa antes, mas suponho que o efeito emocional seja algo parecido com isso.

Pega-me totalmente de surpresa e eu sinto uma onda fria passar pelo meu corpo, do couro cabeludo até meus dedos dos pés.

Eu recuo um passo, ainda o fitando. Sebastian sustenta o meu olhar. Não acho que sua intenção seja desafiar, porque sua voz parece genuína. Honesta demais. Interessada demais. Mas eu me sinto intimidada de qualquer forma.

Ele me pega com a pergunta e transforma isso em um impasse.

Sinto-me exposta e desconfortável.

Uma verdade por outra. Esse é o preço, concluo.

Mas a questão é que mesmo se eu quisesse tentar explicar, não tenho certeza se consigo.

Meu celular toca no bolso, o barulho ecoando pelo cômodo e preenchendo o silêncio pesado. Eu levo um susto, mas a onda de alívio que sinto quase instantaneamente é visceral.

Vejo o nome de Sienna na tela e volto a encará-lo, antes de atender.

Ele continua me fitando, como se ainda estivesse esperando alguma coisa. E sei o que é. Mas não sei se consigo.

— Tenho que ir — eu declaro, pela segunda vez naquele dia.

E, dessa vez, eu realmente vou.

11.

antes

Duas coisas importantes aconteceram depois do verão de 2013.

A primeira foi que, pouco depois do meu aniversário de quatorze anos, ingressei como aluna do último ano do Ensino Fundamental. O que queria dizer que, a partir de agora, estudávamos no mesmo prédio que as turmas do Ensino Médio, apesar de andares diferentes. Mas mais importante de tudo, dividíamos o mesmo refeitório no intervalo.

Então eu via Sebastian todos os dias agora. Não que fosse incomum, para a minha grande felicidade ele se transformara em

uma figura constante em minha vida. Ele e meu irmão se aproximaram muito e acabaram virando amigos. O que queria dizer, também, que ele estava sempre lá em casa.

O que me leva ao segundo fato importante que havia acontecido no começo do novo ano letivo:

Sebastian Grant Crawford comprara uma moto.

Pelo o que eu soube, os pais dele confiscaram o seu carro como punição por alguma coisa que tinha feito. Então no aniversário de dezessete anos, com o próprio dinheiro (suponho que tenha juntado ajudando o tio na marcenaria), ele se dera de presente uma moto.

Tinha dificuldade em acreditar que seus pais tenham gostado disso; nem os meus aprovaram. Meu irmão perguntara umas sete vezes se ele podia ter uma desde então e minha mãe muito enfaticamente dizia “nem sonhando” toda vez.

— Aí, meu Deus, aí meu Deus, meus olhos.

Foram as exatas palavras que deixaram a boca de Sienna no primeiro dia de aula, no estacionamento da escola, quando ele chegou com a moto preta e um capacete da mesma cor. E esse

comentário foi seguido por um palavrão direto dos meus lábios alguns segundos depois.

Ele estacionou a moto brilhante e deixou metade dos estudantes de queixo caído, porque aquilo pareceu a cena de um filme.

Nós estudávamos em um colégio particular, e aquilo significava que as meninas usavam saias até os joelhos (bem, era o que os diretores exigiam pelo menos, mas na maioria das vezes deixávamos curtas o suficiente até chegar perto da metade da coxa) e os meninos usavam camisa e calça social.

Mas havia uma grande diferença entre os meninos de uniforme e Sebastian Grant Crawford de uniforme.

Sua camisa social geralmente ficava aberta casualmente nos primeiros botões, e as mangas puxadas até próximo aos cotovelos, mostrando os braços bronzeados e tonificados. E o vi pouquíssimas vezes de gravata, que também era parte obrigatória do uniforme. Quando ele usava, ela quase sempre estava larga e desajustada, como se ele a tivesse posto com muito pouco caso.

Ele saindo daquela moto daquele jeito parecia algo bem parecido a um filme do 007 (eu acreditava pelo menos, só tinha visto

a metade de uns dois com o meu irmão).

Mas não demorou muito para que eu entendesse que Sebastian não era um de nós.

Eu notei isso na primeira semana de aula, observando-o no refeitório. Sentávamos em mesas redondas, em grupos divididos basicamente pelas idades e pela popularidade.

Sebastian, apesar de ser grande amigo de Gray e estar com ele constantemente fora da escola, não ficava tão próximo dentro do colégio. No refeitório, meu irmão sentava na grande mesa com vários de seus amigos do time, líderes de torcidas e pessoas descoladas em geral. Ricas e descoladas, como ele.

Eu, claro, fazia o mesmo, com o meu próprio grupo de garotas e garotos. A única diferença era que éramos três séries mais novas. Mas todos ali sabiam que um dia seríamos eles. Tyler, inclusive, um dos garotos sentados em minha mesa, já se destacava no futebol americano. Era um atleta incrível. E pelo menos três garotas em minha mesa já haviam expressado a sua vontade de se tornarem líderes de torcida no ano que vem, quando fôssemos para o Ensino Médio.

O curioso era que Sebastian quase não sentava com eles. Acontecia algumas vezes, mas em geral ele ficava na sala de aula vazia ou pegava seu sanduíche e ia para uma das arquibancadas desocupadas. Às vezes ficava entretido no celular, às vezes na companhia de algum só amigo ou *amiga* e às vezes até mesmo distraído olhando para grande janela do refeitório, fazendo a sua refeição.

As pessoas o observavam, era claro, como um animal majestoso no zoológico, e eu achava que era por isso que, na maioria das vezes, ele preferia ficar na sala.

Nunca entendi o porquê disso. E era nisso que eu passava praticamente todo o tempo pensando durante o meu intervalo. Ele era claramente bem vindo na mesa com o meu irmão. Inclusive, nas poucas vezes que ele decidia ficar na mesa, era agraciado por exclamações e alguns tapas nas costas dos outros caras.

Nós os considerávamos um dos nossos, mas não tenho certeza se ele se considerava de alguém.

Eu achava que isso só o dava um ar ainda mais enigmático.

E era por isso que as garotas não conseguiam tirar os olhos. Aquela foi a parte negativa de dividir o refeitório com ele na escola.

Eu sabia que as outras garotas não eram imunes a Sebastian. Ele era bonito e interessante demais. Eu estava ciente que aquele tipo de coisa ocorria, mas presenciar, *bem* na minha cara, era extremamente irritante.

Acontecia que eu era ciumenta.

— Olha quem resolver dar o ar da graça — comentou Noah, ao meu lado, com certo tom de inveja.

Eu segui o seu olhar para me deparar com Sebastian adentrando o refeitório.

Eu suspirei, enfiando o meu garfo de plástico no macarrão.

Deus, ele era lindo.

Sebastian seguiu em direção à cafeteria, e depois de comprar um sanduíche, ele andou para as arquibancadas de cimento que ficavam contra uma das paredes do refeitório. Só havia duas garotas conversando e um garoto mexendo no celular sentados ali. Ele se sentou na ponta oposta dos três.

— Harriet, fecha a boca, você vai babar na comida — comentou Bethy.

Eu fechei a boca ao mesmo tempo em que joguei um copo de plástico vazio na cara dela.

Nós voltamos a conversar, apesar de eu ter dificuldade de me concentrar depois da entrada de Sebastian.

Ouvi algumas risadas na mesa ao lado. Virei o rosto e notei o grupo de uma turma acima da nossa. Reconheci alguns rostos; eu era colega de algumas meninas da mesa.

O objeto de risadas no caso era um garoto sentado na outra mesa. Ele estava ao lado de seu amigo. Os dois estavam isolados em sua mesa. Óculos, livros de gibis ao lado da comida, e um deles usava uma camisa preta com um super herói. O estereótipo do nerd.

Já o outro estava usando uma calça jeans clara, camisa azul e sapato da mesma cor, o que gerou o comentário:

— Quantos Smurfs você teve que esfolar para fazer esse look?

O garoto, que eu reconheci como Bryce, falou em alto e bom tom, fazendo com que risadas escapassem desde sua própria mesa até ao redor de quase todo o refeitório.

As pessoas agora prestavam atenção.

Noah, ao meu lado, engasgou no refrigerante de tanto rir.

Um sorriso involuntário se formou em meu rosto, porque o garoto estava mesmo de azul dos pés a cabeça.

E apesar de tudo, ele estava rindo junto. O garoto nerd do qual eu não sabia o nome soltou o que parecia com uma risada logo depois do comentário.

— Ah, não. Smurf, não. Você tá se fantasiando de Mística, não é? Ela é gostosa. Sempre suspeitei que você quisesse uma boceta entre as pernas, Howard.

Mais risadas, dessa vez mais altas e mais malvadas.

Meu grupo parecia entretido observando a interação, a maioria rindo junto.

Mas então a coisa escalou quando Bryce e o outro garoto ao seu lado começaram a jogar batata fritas no menino. Entre risadas, eles tentavam acertar a cabeça do garoto. E eu percebi o sorriso do garoto sumir de seu rosto e se transformar em algo mais parecido a uma careta. O amigo ao seu lado tinha a mesma expressão, só que misturada também com raiva.

O sorriso deixou o meu rosto.

— Podemos abaixar as calças dele para descobrir — disse o amigo de Bryce ao lado.

As garotas de sua mesa acompanhavam as risadas e os meninos pareciam beber a atenção.

O garoto de azul estava desviando de algumas batatas fritas assim que eu vi Sebastian se levantar da arquibancada.

Ele tinha os olhos em Bryce, que estava sentado de costas para ele, sem notar a aproximação.

Mas eu vi, e meu coração acelerou quando percebi o que estava prestes a acontecer.

Ele estava na metade do caminho e os jovens sentados do lado oposto de Bryce e de frente a ele repararam a aproximação. Notei, com certa satisfação perversa, o sorriso deles começar a sumir de seus rostos. Mas Bryce continuava alheio, jogando batatas e rindo com o amigo ao lado, também desavisado.

Quando ele finalmente viu o silêncio repentino da mesa, já era tarde demais.

Com a graciosidade de um felino, mas a presença de um lobo, Sebastian parou na mesa de Bryce. Sebastian ainda tinha um sanduíche pela metade na mão esquerda e, com o braço livre, pegou a nuca de Bryce em um movimento brusco e afundou a cabeça dele no prato de comida.

O barulho fez um baque estranho e perturbadamente alto.

O refeitório ficou em completo silêncio. O tipo de silêncio em que só era capaz de se ouvir pulsações.

Sebastian deixou a mão lá, afundando a cabeça de Bryce por alguns segundos. O garoto se contorcia, mas ele não cedeu.

Eu contei os segundos.

Um.

Dois.

Três.

Os amigos da mesa de Bryce apenas observavam em choque, até mesmo o idiota que sentava ao seu lado.

Quando chegou perto do dez, Sebastian soltou.

Bryce ressurgiu com a cara cheia de molho de tomate e alguns fios de macarrão escorrendo pelo seu rosto, buscando por ar.

As risadas abafadas percorreram pelo refeitório. As pessoas agora riam de Bryce.

Eu tinha um sorriso enorme no rosto.

Sebastian, agora com a mão direita livre, pegou algumas batatas da mesa deles e então, em completo silêncio, afastou-se. Sem olhar para ninguém, ele se dirigiu para a saída do refeitório.

Mastigando as batatas, ele empurrou a porta e deixou o lugar com um baque surdo.

Aquele era o problema sobre Sebastian: todos os dias, em cada atitude, cada movimento, cada olhar, ele fazia com que eu me apaixonasse um pouco mais. O que não era nada necessário, porque eu já estava terrível e irrevogavelmente obcecada.

Até a formatura, ninguém mexeu com o garoto de azul de novo.



Quando tocou o último sinal, corri para o estacionamento a tempo de ver Sebastian indo em direção à sua moto.

Ele já estava ao lado da máquina no instante em que finalmente o alcancei.

— Oi, Sebastian — eu disse, tentando conter a minha falta de fôlego.

Ele se virou com o capacete nas mãos.

— Oi, Harriet.

Não chegou a sorrir como gostaria que fizesse, mas havia um reconhecimento familiar em seu rosto.

Eu troquei os peso dos pés e puxei os meus cadernos mais forte contra o corpo.

— Foi muito legal o que você fez hoje.

Ele levantou o olhar que tinha se voltado para o capacete alguns segundos antes, e sua íris me fitou, mas nada saiu de sua boca.

— Ninguém pareceu estar disposto a defendê-lo — eu continuei, já que ficou claro que ele não diria nada.

Ele colocou o capacete preto na cabeça.

— Seu irmão provavelmente faria se eu não tivesse intervindo — ele comentou, sem cerimônias.

Provavelmente. Meu irmão era popular, mas não era o tipo de popular idiota, como Bryce. Ele era o tipo de popular que todos amavam.

— É, mas não fez.

Ele me lançou um olhar, fechando o capacete na cabeça.

— Você podia ter feito.

Eu vacilei.

— Eu?

Ele me encarou, impassível.

— Qualquer um sempre pode fazer alguma coisa.

Eu não sabia o que responder diante daquilo. Senti quase como se ele estivesse me repreendo. Senti como se eu tivesse o decepcionado.

Agilmente e com graciosidade, Sebastian subiu na moto.

Me remexi sob meus pés.

— Você pode me dar uma carona para casa? — eu indaguei.

Como muitas outras garotas, o meu sonho era andar da garupa da moto de Sebastian Grant Crawford.

Ele me observou por um instante.

— Você não vai voltar com o Gray?

— Ele deve ficar até mais tarde.

Era mentira.

Meu irmão me levava para casa praticamente todos os dias de carro. E hoje não havia nada de diferente. Mas se Sebastian

aceitasse me levar, eu poderia simplesmente mandar uma mensagem para ele dizendo que já tinha carona.

— Só tenho um capacete, Harriet.

— Não tem problema. Eu confio em você.

Ele suspirou, um meio sorriso quebrando em sua boca enquanto me observava.

Daquele jeito, em cima de uma moto, e sorrindo daquela forma, ele era capaz de matar uma jovem só com um olhar.

— Não é isso, posso levar multa se ambos não estivermos de capacete. Além do mais, seus pais com certeza não vão gostar de te ver em cima de uma moto — ele disse, inclinando-se e envolvendo as mãos no guidão.

— Pode ser nosso segredo.

Eu estava flertando. Ou pelo menos tentando.

Sebastian me lançou um último olhar.

— Ligue para seus pais te buscarem, Harriet.

Então ele ligou o motor e arrancou.

12.

Eu bato na porta da casa do tio de Sebastian com a mão direita, porque a esquerda segura uma sacola enorme e pesada do *petshop*.

Alguns minutos se passam enquanto eu espero ansiosamente na sacada, perguntando-me se isso de fato é uma boa ideia.

Eu bato mais uma vez, mas de forma mais hesitante. Mais um momento longo se passa e nada.

Com um suspiro, concluo que ele não está em casa quando dou uma olhada ao redor e não encontro a sua caminhonete preta.

Eu volto com a sacola pesada para o meu carro e a coloco no banco de passageiro.

Sebastian deve estar na loja, deduzo.

Depois do nosso encontro no começo da semana, eu passei no *petshop* para comprar as coisas dos meus animais e acabei me empolgando ao pensar na gata e seus novos filhotes. Pensei em

tudo o que minhas gatas gostam e fui adicionando os itens no meu carrinho. Há todo o tipo de brinquedo, petiscos e mantas na sacola que tenho certeza que vai agradar bastante os felinos.

Giro a chave e faço o meu caminho por talvez uns dez minutos até estar em frente à marcenaria. Assim que eu desligo o carro e olho pela grande janela, para dentro da loja, confesso a mim mesma que talvez isso seja meio estúpido.

Estou indo até o trabalho de Sebastian para entregar um bando de brinquedo para gatos.

Definitivamente estanho.

Nem amigos somos. Somos no *máximo* amigos de infância. Conhecidos.

Mas, ao mesmo tempo, ele deixou que eu escolhesse os nomes e eu quase me sinto uma madrinha.

Eu planejava fazer uma visita aos felinos, isso explicaria porque fui até a sua casa. Porém, ali na marcenaria, eu simplesmente pareceria uma louca querendo arranjar uma desculpa para vê-lo.

Deus, Harriet, pare de super analisar isso.

Abro a porta do carro antes que eu perca a coragem.

Eu genuinamente quero ver a gata e seus filhotes, mas uma parte de mim, pequena, porém insistente, quer vê-lo também. Eu ignoro esse pensamento e bato a porta do carro com força. Com um pouco de raiva também, para ser honesta.

Passo pela porta, hesitante, tentando preparar em minha cabeça o que vou dizer. O que é meio idiota porque, geralmente, mesmo planejando, eu consigo ignorar tudo o que foi pensado e dizer as coisas mais estúpidas. Mas eu tento de qualquer forma, porque parece apaziguar meu nervosismo.

A loja parece mais cheia de material do que a última vez em que estive aqui. Há mais duas mesas retangulares de mogno e algumas esculturas que posso jurar que não estavam na loja antes. Algumas coisas foram remanejadas também.

Imagino que Sebastian tenha colocado bastante de seu tempo aqui nos últimos dias. Em minha mente, vejo-o levantando toda essa madeira e trabalhando duro, completamente sozinho.

Um lobo solitário em sua mais plena e natural forma.

Além de notar essas alterações, noto também que ele não está ali. As únicas pessoas que se encontram no amplo espaço são

duas mulheres. Elas estão conversando entre uma escultura alta e um banco comprido, distraídas.

Eu ando até o centro da loja, incerta, perguntando-me se devo ir até o balcão e chamá-lo. Ou talvez, simplesmente deixar a sacola ali e sair correndo.

— Veio vê-lo também?

Giro o meu corpo para a direita e encaro as duas mulheres, ambas na casa dos quarenta anos, a mais ou menos dois metros de mim. A loira é meio rechonchuda e seu rosto está um pouco corado, provavelmente devido ao calor. Seu cabelo, que bate na altura dos ombros, é uma bagunça que não parece ter sido planejada, mas que fica bem nela. A morena, um pouco mais alta e magra, tem os lábios finos pintados de um vermelho fechado. Ambas são mulheres um tanto atraentes apesar da idade.

— O que? — eu indago, confusa, conferindo se elas estão realmente falando comigo. Mas não há mais ninguém ali.

— O jovem da loja — a morena esclarece com um erguer suave das sobrancelhas escuras.

Eu pisco.

Ela está me perguntando se vim ver Sebastian?

Eu hesito um instante antes de responder.

— Hum... Sim. Vocês também? — eu pergunto, porque não quero soar monossilábica ou mal educada.

Ela abre um sorriso irônico e balança uma das mãos no ar. Ela parece ser o tipo de pessoa que gesticula muito quando fala.

— Claro. Não estamos aqui para comprar madeira. Não entendo nada de madeira ou decoração. Meu marido que lida com isso.

A mulher morena sorri em concordância.

Ela é uma mulher bem peculiar e ainda não tenho certeza se gosto das duas. Não estou entendendo muito bem o rumo da conversa para ser sincera.

— Nem eu — digo, porque sinto que preciso dizer alguma coisa. Mas logo adiciono desajeitadamente: — Não que eu tenha um marido e que ele lide com isso. Mas a parte da madeira. Também não entendo.

As duas me observam por um segundo até que a morena diz com um meio sorriso nos lábios vermelhos:

— Ele é realmente muito bonito, não é?

Há um momento de silêncio na espera da minha resposta.

— Sebastian?

— Sim — elas dizem em uníssono enquanto assentem como se eu tivesse algum tipo de atraso mental.

— Ele é, sim — concluo, porque é verdade mesmo que pareça errado dizer isso em voz alta.

— Nós viemos aqui pelo menos uma vez por semana desde que ele assumiu para o falecido tio. Tão trágico a história toda, eu sei, mas é o alto da minha semana — comenta a morena de forma casual.

— Não nos olhe com essa cara. Praticamente todas as mães da vizinhança fazem isso também, querida. Pelo menos todas as mães do nosso clube do livro — emenda a loira, notando a minha expressão.

Eu estou tão surpresa com o destino dessa conversa que não sei o que dizer. Elas me deixaram sem palavras; um enorme feito.

— Ele até que lembra um pouco o meu marido mais jovem, sabe? Antes de toda a cerveja e os quilos extras. — A loira balança a cabeça. — Ele engorda mais do que eu a cada gravidez.

A morena ri.

— Você tem sorte que Jack ainda tem uma cabeça cheia de cabelo, Jenny.

Ela suspira.

— Se eu tivesse a sua idade...

Ela para no meio da frase melancólica e muda por completo sua expressão. Com os olhos fixados nos meus e um dedo apontando intimidadoramente em minha direção, ela completa:

— Te digo uma coisa minha jovem: nunca case antes dos vinte ou tenha mais de três filhos. Na verdade, não tenha mais de um filho. Um já é mais do que o suficiente.

Eu assinto, porque não sei mais o que fazer. E também porque há certa fúria em seu olhar e ela parece um pouco assustadora.

— Jenny, isso é uma coisa terrível de se dizer — repreende a morena.

— É a verdade. Você sabe disso.

— Mas Kelly e os gêmeos são ótimos.

— Monica, você sabe que eu amo meus filhos, mas...

Meus olhos estão acompanhando a conversa das duas como se eu estivesse assistindo à uma partida de Ping Pong furiosa. Minha cabeça se move de Jenny a Monica com extrema rapidez e certa perplexidade.

Eu não sei se essa é a minha deixa para ir embora. Elas parecem tão entretidas na conversa que, talvez, se eu sair em silêncio, nem notem.

Jenny para no meio de uma frase quando um barulho ecoa perto do balcão.

A porta bate e Sebastian surge com uma escultura de madeira nas mãos no mesmo tempo em que caminha em nosso sentido.

Ele tem os olhos na madeira assim que começa a dizer:

— Senhora Bawol, só vou ter...

Mas ele para no meio da frase, porque, quando ergue o olhar para encontrar as duas senhoras, finalmente me vê.

Ele chega a hesitar no seu caminhar, quase parando no meio dos centímetros que separam nós dois. Há surpresa e interrogação em seus olhos, mas se vai muito rapidamente, e ele se recompõe.

— Harriet — ele declara e pausa brevemente, parecendo escolher as suas palavras — Não estava te esperando aqui.

E então não me resta duvidas e eu decido que isso foi de fato uma péssima decisão.

Eu me sinto uma idiota em erguer a sacola pesada que já está deixando o meu braço dormente e anunciar:

— Eu passei no *petshop* e pensei em comprar algumas coisas para os seus gatos. Eu fui até a sua casa, porque eu também queria fazer uma visita. Para *eles*. Para os gatos. Queria visitar os *gatos*.— eu abaixo a sacola pesada — Mas aí você não estava, então eu vim até aqui.

Ele me observa em silêncio por um momento, assim como Jenny e Monica. O que faz com que eu me sinta ainda mais patética.

Até que diversão encontra seus olhos.

— Não precisava, mas obrigado. — Ele sobe a pequena escultura de madeira, sem tirar os olhos dos meus. — Deixa só eu terminar de atender a senhora Bawol.

Eu assinto, um pouco frenética demais e faço questão de completar:

— Claro, claro.

Mas Jenny não parece tão interessada assim na compra. Ela parece muito mais intrigada em outra coisa.

— Ah, vocês são... — Jenny cruza o olhar entre nós dois, e levanta um dedo, em uma mistura de surpresa e curiosidade. — Namorados?

Eu arregalo os olhos.

— Não — respondo, rápido e demasiadamente alto.

Monica quase pula ao meu lado.

Jenny recua um pouco, surpresa com o meu tom enfático e, agora, ainda mais interessada.

Levo o meu olhar até Sebastian, que por sua vez, não respondeu e que me encara fixamente, talvez ainda mais interessado que Jenny. Eu desvio e fito a loira.

— Somos só amigos. — Eu paro, mas como todos ainda me observam, sei que estão esperando que eu diga mais, então continuo: — Velhos amigos. Não *tão* velhos, porque afinal de contas temos vinte anos. — Eu solto uma risada nervosa, tentando descontrair, mas eu sou a única a rir da piada idiota. E Deus sabe como eu quero parar, mas é claro, eu não o faço. — Tipo, nos

conhecemos tem sete anos. Mas estávamos no Ensino Médio e éramos bem jovens. Enfim... *Amigos* — digo, enfática, e jogo um dos braços para cima, exatamente como Jenny fez há alguns minutos, para finalizar o desastre.

O rubor sobe em meu rosto à medida que três pares de olhos me observam. Eu arrisco um olhar em Sebastian e me arrependo. Um rastro de um sorriso cruza seus lábios e eu posso jurar que ele está rindo de mim.

Mas ele tem alguma misericórdia, porque corta o silêncio no meio se voltando para Jenny.

— Senhora Bawol, só tenho essa, infelizmente. — Ele indica para a peça em suas mãos. — A outra foi vendida semana passada.

Jenny chega a arfar.

— Ah, Sebastian, querido, não tem problema. É muito bonita.

— É mesmo — concorda Monica, encarando-o da mesma forma que Jenny. Talvez um pouco mais discreta.

— Vou levar. E já disse para me chamar de Jenny — ela completa com um sorriso doce, doce demais.

Sebastian assente e abre um meio sorriso educado e profissional, mas que faz ambas se transformarem instantaneamente

em adolescentes hormonais.

E eu entendo.

O mais triste dessa situação toda é que eu entendo muito bem. Porque o sorriso dele não se passa despercebido por mim também.

Não as culpo, porque um dia já estive exatamente nessa situação. Pior na verdade. *Muito* pior.

É esse o efeito que Sebastian Grant Crawford causa nas mulheres.

Aparentemente, de todas as idades.

— Vou colocar em uma sacola para você — diz Sebastian, e ele se afasta, sendo seguido cegamente pelas duas como algum tipo de mestre de um culto.

Eu descanso a sacola pesada no chão e observo os três de longe. A dinâmica entre o grupo é um tanto interessante. As duas o lançando sorrisos e risadas bastante joviais. Jenny chega a tocar o antebraço dele em dado momento. Sebastian não parece se importar com a atenção. Talvez nem note. Ele apenas balança a cabeça e as trata com educação.

Em certo momento, ele eleva o olhar em minha direção e me pega encarando. Eu desvio rapidamente, de repente me mostrando muito interessada em uma peça de madeira ao meu lado.

Eu só tiro os olhos da peça, da qual não sei exatamente identificar o que é, quando noto o fã clube de Sebastian se aproximar. As duas mulheres andam rumo a saída, Jenny com sua mais nova escultura nas mãos.

Elas param ao meu lado antes de continuarem. Jenny se aproxima e diz, mais baixo:

— A vida é curta, minha querida. Não se arrependa de ter deixado de fazer coisas que queria.

E com isso, ela e Monica se vão.

Eu pisco duas vezes, digerindo as suas palavras e me perguntando se aquilo foi real. Se aquelas duas eram reais.

— Então.... — Me viro e encontro Sebastian parado há três metros de distância. Seus braços estão cruzados sobre o peito e há um sorriso sutil em seus lábios. E posso jurar que tem um quê de arrogante nele. — Você tem presentes para mim?

Eu troco o peso dos pés e tento com muita força não fazer papel de idiota.

— Para os seus gatos — eu faço questão de dizer.

Seu meio sorriso se transforma em um sorriso completo, e ele se aproxima.

Eu faço menção de pegar a sacola, mas ele é mais rápido. Sebastian fecha o espaço entre nós com dois passos longos e sobe a sacola como se ela estivesse cheia de plumas, enquanto eu sinto o meu braço dormente de segurá-la por cinco minutos.

Sebastian vai até o balcão e abre a sacola, observando o seu interior.

— Você sabe que são só três gatos, certo?— ele diz, desviando o olhar para o meu.

Eu forço um sorriso. Estou ciente de que comprei coisas demais.

Abro a boca para começar a falar, mas ele é mais rápido. Novamente.

— Eles vão adorar, Harriet. Obrigada.

Eu assinto, satisfeita apesar de tudo.

Ele guarda a sacola atrás do balcão e apoia um dos braços contra a madeira plana, fitando-me. Talvez esperando para que eu diga alguma coisa.

Mas eu já não sei mais o que fazer. Eu trouxe os presentes e agora sinto a necessidade de dar meia volta e ir embora, mas me parece um pouco estranho simplesmente sair correndo dali depois de entregar as coisas.

Eu giro o corpo e coloco as mãos nos meus bolsos traseiros da jeans.

Procuro algo para preencher o silêncio, e aponto para a placa que havia me chamado atenção pouco antes.

“Proibido fumar.”

Eu abro um meio sorriso.

— Meio irônico, não? — eu comento, indicando para a placa e então voltando o rosto para ele. — Vai tornar as coisas meio difíceis para você.

Ele leva o olhar até a placa e de volta para mim.

— Eu parei.

Eu ergo as sobrancelhas, recordando-me de todas as vezes que o vi com um cigarro pendendo entre os lábios.

— Jura? — indago, impressionada e surpresa.

Ele assente, e devolve o meio sorriso que estava em meus lábios há dois segundos.

— Uma garota aí costumava me dizer que ia deixar meus dentes podres.

— Ela parece ser uma pessoa muito inteligente e sensata.

— Ela é.

A forma em que ele está me observando agora me incomoda e essa conversa não parece estar indo a nenhum lugar. Então mudo de assunto.

— Tem trabalhado muito? — pergunto, entrelaçando as mãos na frente do corpo, desconfortavelmente.

— Mais ou menos. Não estou abrindo todos os dias. Quero ajeitar algumas coisas até abrir oficialmente.

Eu assinto, pensando em todo o trabalho que deve estar tendo.

— Vai contratar ajuda?

— Eventualmente. Quero ter tempo para trabalhar nas peças e não vou conseguir se ficar o dia todo aqui.

Imagens de Sebastian trabalhando sem camisa na marcenaria atravessam a minha cabeça.

Eu pisco, ao mesmo tempo em que as expulso da minha mente.

— E você? O que anda fazendo?

— Nada de mais. — Dou de ombros. — Matando a saudade dos meus pais, Gray e dos meus animais.

Há um silêncio em que Sebastian me encara fixamente, sua expressão séria e com alguma outra coisa que me incomoda. Ele parece esperar por algo enquanto tem os olhos atentos em mim.

De supetão, o pensamento surge, urgente.

— E Corey, claro! — eu emendo, rapidamente.

Eu esqueci por completo de mencionar o meu namorado.

O vermelho alcança minhas bochechas quando a vergonha e a culpa rondam o meu corpo.

Sebastian concorda devagar, ainda com a expressão tão atenta a ponto de ser desconcertante.

— Há quanto tempo estão juntos? — ele pergunta, depois de um momento desconfortável.

É uma pergunta normal. Uma pergunta que bastante gente faz quando descobre que alguém está namorando. Mas saindo da boca de Sebastian, é estranha.

— Três anos.

As duas palavras chegam até Sebastian, e por um segundo eu tenho a impressão que ele as está digerindo devagar. Ele não diz nada e o silêncio toma conta do ambiente de novo. Seus olhos continuam em mim, mas vejo que ele não vai responder.

— E você? Namorando? — As palavras escapam.

Se a pergunta o pega de surpresa, ele não demonstra. Seu rosto continua muito neutro e fixado no meu para responder com uma voz firme:

— Não.

— Seu fã clube vai ficar aliviado em saber disso — eu comento com humor.

— Meu fã clube?

Eu faço uma indicação com a cabeça para a porta da qual Jenny e Mônica saíram ainda pouco.

— Elas não vem aqui pelas esculturas.

Sua expressão se torna divertida.

— Ah, é? — ele pergunta, erguendo o cenho.

— É. — eu balanço o corpo e semicerro os olhos. — Vai me dizer que nunca suspeitou?

Ele nega com a cabeça.

— Esta dizendo que não tem noção do efeito que causa na população feminina?

Sebastian me observa.

— Na população feminina toda? — indaga. — Isso é muita coisa. *Bilhões* de pessoas. — ele diz, com gozação na voz.

— Eu sei.

— De qualquer forma, não me importo desde que comprem aqui.

Eu faço uma cara desconfiada e meio atrevida.

— Então não faz nenhuma questão da atenção? Muito modesto.

— Depende da atenção. Ou melhor, da pessoa.

Eu ergo as sobrancelhas, inclinando um pouco a cabeça.

— Então você tem um tipo?

Para, Harriet.

Ele assente.

— Tenho.

Para.

— Qual? — As palavras deixam a minha boca.

Ele não responde de imediato dessa vez. A sua expressão muda totalmente ao passo que ele me analisa.

— É muito específico. — Ele faz uma pausa, seus olhos fixados nos meus, quando ele por fim pergunta, lentamente: — Você quer mesmo saber?

Sua voz soa como uma desafio. Mas não o do tipo divertido. O do tipo que pode acabar com tudo. O tipo que só traz ruína.

Ele está me perguntando o que eu acho que ele está?

Não pode ser.

Sebastian não está me perguntando se quero que ele abra o jogo.

Ou está?

Talvez ele esteja.

Talvez ele esteja me perguntando se quero começar. Se quero pular fundo ou correr.

Talvez esteja me dando uma escolha.

Eu balanço a cabeça, sentindo um caroço em minha garganta. Engulo em seco e finalmente respondo.

Escolho correr.

— Não.

É uma declaração. É uma barreira. É um fim antes mesmo de um começo.

É o que precisa ser dito e o que precisamos ouvir.

A forma em que ele me olha depois da minha resposta faz com que eu queira literalmente correr.

Seu olhar escurece, apesar de sua expressão não vacilar. Está dura e inexpressiva.

O silêncio volta, mas agora tão pesado quanto cimento.

— Vou te deixar trabalhar — eu digo, e dou dois passos para trás, afastando-me.

Mas, então, eu tomo uma decisão.

O tipo que *precisa* ser feita.

Não só porque não quero pular, mas porque quero que ele saiba que estou bem longe da beirada.

— Falei com Sienna ontem. — Quebro o silêncio. — Ela está se perguntando quando você vai mandar mensagem. Ela é uma garota incrível. — Eu o observo fixamente com o rosto sério, como se estivesse fazendo uma promessa. Uma sem volta. — Você devia ligar para ela.

Sebastian sequer pisca.

E talvez eu esteja maluca, mas posso jurar que vejo decepção em seu olhar. Talvez até... *Mágoa?*

Um instante se passa.

Ele torce o maxilar, e seu rosto perde qualquer expressão novamente.

— Claro — ele diz, em conclusão. A voz fria ecoando por todo o lugar.

Eu dou mais um passo para trás.

— Tchau, Sebastian — eu digo e me viro.

Não ouço uma resposta.

13.

Cerca de uma semana depois, Sienna aparece na minha porta com um enorme sorriso pervertido no rosto.

— Meu Deus. *Meu. Deus. Do. Céu.* O sexo, Harriet. — Ela passa pela porta de entrada e vai em direção à sala. — O cara é bom. Tipo, bom de verdade.

Demora um segundo para eu poder entender do que ela está falando.

De *quem* ela está falando.

Então me bate.

Sebastian.

— Jura? — é tudo o que consigo dizer.

Há algo estranho na minha garganta, como um pequeno caroço se formando.

— Sério — ela diz, caindo no sofá. — Transamos ontem e hoje de manhã no chuveiro. Ele me colocou contra o azulejo e me deu um dos melhores orgas...

— Muito informação — eu a corto.

Porque a imagem está sendo criada na minha cabeça e, por alguma razão, minha mente está tendo dificuldade em processar Sebastian e Sienna nus juntos.

— Sério? Tem certeza que não quer escutar os detalhes quentes? Porque acredite em mim...

Eu faço uma careta.

— Tenho. É o irmão do meu namorado.

Ele me encara e então suspira dramaticamente. Parecia animada de verdade em me contar. Sienna sempre foi muito aberta quando o assunto é sexo.

Observo seu rosto e ela está realmente feliz. Realmente satisfeita.

O sexo bom está espalhado em toda a sua feição.

Eu engulo com dificuldade.

— E como você e Corey estão? A ruiva falsa ainda é uma discussão? — ela indaga, sentando-se ereta no sofá.

Dou de ombros, aliviada pela mudança de assunto.

— Não. Acho que não posso fazer nada em relação a isso.
Vou dar um voto de confiança.

— Sêrio? Eu estaria arrancando os cabelos — ela percebe o que acabou de dizer e para, claramente arrependida. — Mas seria estupidez, porque provavelmente não tem nada aí. Você está lidando de forma muito madura. É quase como se... — Ela franze um pouco o cenho. — Não se importasse. — ela pondera e elogia: — Muito chique.

Eu dou de ombros novamente.

— Sou boa em controlar meus sentimentos.

Ela ri. *Alto*.

— Eu te conheço há mais de nove anos, Harriet. Não dá para mentir absurdamente assim. Lembra daquela vez que você chamou todas as suas amigas para o enterro do seu porquinho da Índia e....

— Bola mereceu o enterro. E não fale dos mortos. É desrespeitoso.

— De vinte pessoas e com música clássica ao vivo?

— Cala a boca — eu solto, encurralada. — Isso faz décadas.
Amadureci muito.

Ela sorri e balança a cabeça.

— Enfim, falando sobre Corey, vocês também vão para a festa do Hunter hoje à noite?

Eu assinto.

— Você vai também?

— Claro, você sabe que não perco uma boa festa. — Ela trava e abre um pequeno sorriso. — Sebastian também vai.

Mas é claro. Hunter é da idade do meu irmão e Sebastian, e na época da escola eles eram colegas.

Eu a fito.

— Vocês vão tipo... *Juntos*? — A última palavra arranha a minha garganta.

— Acho que sim, tipo, no mesmo carro. Comentei sobre a festa com ele. Ele não parecia muito a fim de ir, mas o convenci. — Seu sorriso se torna malicioso. — Até porque, se ele vai voltar mesmo para cá, por que não começar a rever toda a galera que ele deixou para trás? — Ela eleva os ombros e conclui. — Vai ser legal.

Eu sorrio para a minha amiga.

— É, vai ser legal.



A casa de Hunter fica a cerca de meia hora da minha. Eu conheço muito bem o lugar, porque já o frequentei bastante.

Hunter sempre foi festeiro.

Ele morava com o pai solteiro que estava sempre trabalhando, então na época do Ensino Médio ele vivia reunindo o pessoal da escola.

Agora, essas festas só ocorrem no verão, quando a maioria dos jovens de Veahmond voltam de suas faculdades para a cidade natal.

São dez horas no momento em que chegamos lá.

Corey cumprimenta praticamente todo mundo. Ele manteve mais contato com a galera do Ensino Médio do que eu. Corey é um garoto muito social. Ele ama a atenção e ama seus amigos mais que tudo.

Acho que a solidão é o seu maior medo.

Não sou introvertida e gosto de passar tempo com meus amigos também, então a gente sempre funcionou.

A casa é bem grande, o padrão das casas para esses lados da cidade. Dois andares, teto alto, lustres extravagantes e pinturas caras nas paredes.

Mas no momento, não se parece muito mais com uma casa, e sim um salão de festas. Há copos de plástico por todos os lados e jovens espalhadas em todos os cômodos.

Não demora muito para estarmos jogando *beer pong* em uma mesa no centro da sala de jantar. Estamos jogando em casal, o que deixa Corey um pouco frustrado, porque a minha mira é péssima e o casal do time oposto está acabando com a gente.

— Amor, é só prestar atenção — ele diz, já um pouco bêbado e meio suado. — Olha bem para o copo. Não é muito difícil. Você tá olhando bem pro copo?

— É óbvio que eu tô olhando para o copo. Para onde mais eu estaria olhando? — eu pergunto, meio irritada.

Ele que quis jogar aquele jogo estúpido.

Estamos no final da partida quando observo uma comoção no outro cômodo. Olho para o salão de entrada a tempo de ver Sebastian passando pela porta. As pessoas observam com atenção

o garoto que foi embora e agora voltou um homem basicamente desconhecido. E potencialmente perigoso.

Porque ninguém sabe o que realmente aconteceu naquela noite. Quando a polícia chegou na casa dos Crawfords as onze da noite naquele verão.

Claro, existem teorias.

Algumas envolvem drogas, outras agressão ou abuso.

Mas ninguém realmente sabe. E acho que ninguém tem coragem de perguntar.

O que todos sabemos é que Sebastian Grant Crawford quase foi preso naquela noite, mas os pais deram um jeito e o garoto foi embora sem olhar para trás.

Há alguns anos, eu havia perguntado a Corey sobre o que havia acontecido, mas meu namorado não soube me responder. Estava dormindo na casa de um amigo na noite em que tudo aconteceu. E os pais nunca tocaram no assunto com ele.

Sebastian usa uma jaqueta escura por cima de uma blusa branca e uma calça jeans.

Ele olha em volta brevemente, a inegável confiança na forma em que ele se movimenta. Não é presunção; é apenas o andar de

quem sabe muito bem quem é e o que quer, e que está confortável com esse fato.

Sienna está ao seu lado, usando um vestido preto por baixo de uma jaqueta jeans.

Eles não estão de mãos dadas, mas está claro que vieram juntos.

Ela repara na atenção, até parece gostar. Mas a verdade é que ninguém está olhando para ela.

O olhar de todo mundo, e inclusive o meu, está em Sebastian.

Hunter atravessa o mar de gente até ele.

— É uma miragem ou estou mesmo vendo Sebastian Grant Crawford?— ele diz, alto o suficiente para que eu ouça do outro cômodo. Provavelmente já está meio bêbado.

Eles trocam aquele bater de mãos acompanhados de um meio abraço que os caras fazem, e Sebastian abre um meio sorriso para o antigo colega.

Então, aos poucos, os cumprimentos um pouco hesitantes começam. De repente, Sebastian está no centro de um pequeno círculo.

Alguns ainda se mantêm mais de longe, apenas observando. Os rumores sobre Sebastian na época beiraram a tentativa de assassinato. E isso é ridículo. Mas algumas pessoas ainda estavam receosas em relação a ele. Esse é o problema de nascer na elite de uma cidade como aquela. Os rumores e os pré julgamentos são inevitáveis no pequeno círculo.

Fora que Sebastian nunca foi realmente próximo de ninguém na época da escola. Com exceção do meu irmão, é claro. Ele sempre foi mais como um lobo solitário. Então acho que muita gente se pergunta sobre o que aconteceu porque ninguém realmente sente que o conhece o suficiente para chegar a um conclusão.

Sienna avista a gente entre as pessoas e levanta a mão no ar, empolgada.

— Harriet! — ela exclama.

Eu sorrio em reconhecimento e ela vem em meu norte. Trocamos um rápido e entusiasmado abraço.

— Vocês estão jogando *beer pong*?

— Estamos perdendo em *beer pong*. — Corey murmura ao meu lado.

— Quero jogar com vocês — ela anuncia, alto.

Nesse momento, Sebastian entra na sala de jantar.

— *Beer pong* contra Corey e Harriet? — Sienna pergunta a ele, com animação na voz.

Sienna sempre teve dificuldade em ler o cômodo.

Há uma troca de olhar entre nós três. Sebastian olha para Corey e então me fita. Seu olhar intenso lendo meu rosto brevemente.

Eu desvio e encaro os copos à minha frente.

— Claro. Vamos lá — ouço ele dizer.

— Vamos — Corey reafirma ao meu lado, competitivo.

As pessoas em volta nos observam, curiosos. Minha amiga já está perguntando ao casal que estava jogando com a gente anteriormente se eles se importam. Eles negam e se afastam para o lado dos expectadores.

O jogo começa com uma tacada de Corey, que acerta. Ele comemora com um palavrão empolgado.

Sienna pega um copo e bebe. Ela adora cerveja, então não parece nem um pouco frustrada em perder o ponto e beber.

Em seguida é a vez de Sebastian, que também acerta. Ele não comemora, apenas abre um sorriso sutil quando Sienna bate em seu braço.

Ele me encara, assim como os outros. Porque é a minha vez e ele está esperando.

Seu olhar é desconcertante.

Inspiro fundo e faço a minha jogada.

Claro, eu erro e Corey murmura um palavrão no meu encosto.

O jogo continua. E estamos perdendo. Eu acerto a segunda vez, mas erro a terceira. E Corey errou uma também.

Sebastian acertou todas até agora e Sienna só errou a segunda.

É a minha quarta jogada. Corey está quase salivando ao meu lado. Consigo sentir seu nervosismo pulsando, algo que deixa tudo pior. Seu olhar está queimando em mim, enquanto seguro a bola.

— Mira mais para esquerda, tem mais copos — Corey praticamente rosna ao meu lado.

É demais para mim.

Odeio ficar sob pressão.

Não ajuda também ter toda uma plateia. Tudo bem que são apenas umas quinze pessoas bêbadas, mas mesmo assim.

Eu levanto o braço, olhando vigorosamente para um copo em especial. Há menos buracos agora, o que torna tudo mais difícil.

Eu arremesso e a bola passa longe de onde estava mirando.

Merda.

— *Amor*, meu Deus, eu falei para você mirar para esquerda.

— Seu tom é mais alto, apesar de ele estar claramente tentado se controlar. A palavra *amor* é dita com extrema ênfase.

Eu inspiro fundo, estressada e odiando todos aqueles olhares em nós dois.

E odiando ainda mais o comportamento idiota de Corey, que está me fazendo parecer uma imbecil durante o maldito jogo. Um elo fraco. Um empecilho no seu caminho a glória.

No instante em que ergo o olhar, Sebastian está olhando para mim, ao invés de prestar atenção em Sienna, que agora está com a bola.

O cômodo parece ficar em silêncio por um momento. Porque o tipo de olhar que Sebastian me lança é o tipo que faz você se

sentir a única pessoa no ambiente.

Seus olhos âmbar fazem muito isso.

É desnorteador.

Eu desperto e desvio com Sienna exclamando um grito de vitória, depois de ter acertado a bola no copo. Dessa vez, sou eu que bebo a cerveja. Estou precisando de álcool no meu sistema.

O próximo é Sebastian.

Ele ergue o braço com a bola e o balança lentamente duas vezes no ar, para trás e pra frente. Ele tem o olho direito fechado ao passo que encara os copos com o esquerdo, preparando a sua mira.

Ele arremessa.

E ele erra.

Não parece muito decepcionado, dá apenas um sutil chacoalhado de ombros e Sienna diz alguma coisa. Mas quando isso acontece uma segunda vez, sei que algo está errado.

Assim que a próxima bola que Sebastian arremessa bate contra a mesa no lugar de cair dentro do copo, Corey esmurra o ar.

Mas eu encaro Sebastian. Mesma reação meio decepcionada, mas ao mesmo tempo um pouco blasé.

Não faz sentido. Lembro-me de como ele era bom. Persegui Sebastian basicamente toda a minha adolescência. Sei no que ele é bom e no que ele é ruim. E para ser honesta, ele é bom em praticamente tudo.

Quando ia nas festas, eu sempre prestava atenção nos jogos dele. E lembro claramente de partidas de *beer pong* que ele venceu com facilidade invejável. Os adolescentes bêbados torcendo por ele. Ele costumava jogar com o meu irmão direto. Lembro disso com muita clareza, porque Gray fazia uma dancinha ridícula sempre que eles faziam um ponto. E Sebastian ficava lá, lindo como sempre, modesto como sempre, observando o amigo idiota com um sorriso torto e quase indiferente nos lábios.

E enquanto observo Sebastian do outro lado da mesa, falando alguma coisa com Sienna, sei que ele está fazendo de propósito.

Sebastian está entregando o jogo.

Todo mundo em volta também está meio surpreso com a repentina falta de sorte dele.

Corey está mais animado agora. Eu acerto uma vez e ele comemora. Eu erro na próxima jogada, mas ele apenas me lança um olhar.

— Não tem problema, amor. A gente tá ganhando.

Eu sorrio.

Não sou uma pessoa particularmente competitiva. Talvez se aquele jogo estivesse valendo 10 mil dólares ou um furão (estou tentando convencer meus pais há meses e parece não estar havendo muito progresso), eu estaria muito investida. Mas no momento, não poderia dar a mínima para esse jogo.

Na última jogada de Sebastian, ele ergue o braço e franze o olhar, como se estivesse muito concentrado. É quase engraçado.

Mas não chega a ser divertido, porque é meio fascinante.

Por que ele está fazendo isso?

Está deixando o irmão mais novo ganhar porque sabe que isso é importante para ele?

Ele arremessa e, claro, erra.

Nosso olhar se encontra à medida que as pessoas fazem um barulho coletivo de “*ahhhh*” e Corey comemora.

Eu franzo o cenho em sua direção, quase como em uma pergunta. E em resposta, ele ergue ligeiramente o dele.

Parece que ele está se divertindo.

O jogo termina, e somos vencedores.

Corey está empolgado e bêbado. Eu tomei algumas cervejas e estou apenas relaxada, apesar de tudo.

Ele me abraça e me ergue no ar por alguns segundos. Ele está suando e tem hálito forte de cerveja.

Trocamos um beijo rápido e ele me coloca no chão. Quando viro para o outro lado da mesa, Sebastian já não está mais lá. E Sienna está conversando com o casal que vai jogar em seguida.

Eu o procuro com o olhar entre o mar de jovens, mas ele já não está no ambiente.

A noite se resume em conversar com vários colegas do Ensino Médio, perguntar o que andam fazendo e responder o mesmo.

Não sinto falta de muitas pessoas ali. E reconheço meio tristemente que o laço que criei com algumas pessoas era extremamente fraco. Eu era uma das garotas mais populares na

época do colégio. Frequentava todos os tipos de festas e a maioria dos alunos sabia meu nome e sobrenome.

E agora, vejo como aquilo tudo era transparente. Eu não fiz muitas amizades de verdade.

Eu tinha amigos ricos e populares, porque eu era rica e popular. Não os escolhi. Simplesmente aconteceu devido à conta bancária dos meus pais e a influência do meu irmão mais velho.

Foi quase natural.

E olhando e os escutando agora, noto o quão pouco eu definitivamente me importo sobre suas vidas atuais.

O Ensino Médio parece muito distante. Não sinto que de fato conheço essas pessoas.

A faculdade em que estudo atualmente é enorme. Acho que nem um quarto dos alunos sabe o meu primeiro nome. Há pessoas de todos os lugares e de todas as formas. Ninguém sabe quase nada sobre a família ou o passado de ninguém, a não ser que você a pergunte ou que a stalkie em alguma rede social.

E acho que a maioria nem se importa.

Claro, há alguns esteriótipos. As pessoas mais conhecidas, os atletas, os mais reclusos e as extremamente inteligentes e

estudiosas. Mas, em geral, somos atraídos pelas pessoas de forma mais genuína, como por exemplo os mesmos gostos e mesmas classes acadêmicas.

Pela primeira vez, ninguém me vê como a irmã mais nova de Grayson ou a caçula do médicos Aldridge .

Às duas da manhã alguns de nós está na sala de TV, relembrando de momentos nostálgicos da escola. Alguns casais estão espalhados pela casa se pegando, e uns caras estão na piscina. A música ainda pulsa nas caixas de som da sala de entrada.

Corey está tentando mostrar que a presença do irmão não o afeta. Mas afeta. Sei disso. Ele ainda não está acostumado em tê-lo de volta.

— Vocês se lembram de Sabrina Wallace? Ela quase foi presa esse ano por fazer oral em um cara enquanto ele dirigia.

— Tá brincando?

— Juro. A polícia parou porque eles meio que estavam andando em zigue zague.

— Oral no carro? O que acha de tentarmos Harriet?

Corey bebeu demais.

Alguns rostos se viram para mim.

— Primeiro você precisa aprender a dirigir, irmãozinho. — A voz de Sebastian quebra entre nós. Ele se vira para Hunter com um meio sorriso provocante e bem descontraído. — Corey comentou que reprovou duas vezes o teste de direção?

Meu namorado encara o irmão e por um segundo eles trocam um olhar, mas que passa despercebido pela maioria, porque Hunter logo comenta:

— Duas vezes, cara? Puta que pariu, nem a Pen reprovou mais de uma vez — ele diz, sinalizando para a namorada, ao seu lado.

Ela dá um soco no seu ombro.

Lanço um olhar sobre Sebastian, e o pego me encarando também. Eu desvio o olhar, mas fico, como sempre, muito ciente de sua presença. E noto que ele se levanta, afastando-se enquanto Hunter conta sobre como exatamente Sabrina Wallace foi pega no flagra com o pau de um cara na boca.

Uma hora e alguns goles de cerveja depois, Sienna se aproxima.

— Com quem você vai embora? — ela pergunta, vestindo a jaqueta que ela tinha tirado em algum momento durante a festa.

Olho para Corey, que está quase caindo de bêbado, ao passo que conversa com um amigo. Praticamente beijando a cara dele.

— Não sei — eu digo em meio a um suspiro.

Eu também não estou exatamente sóbria, apesar de não estar muito bêbada. Sem álcool no sangue eu já sou um perigo no volante, estou ciente disso. Depois de duas cervejas então...

— Vem com a gente. Sebastian vai me deixar em casa, ele pode parar na sua também.

Essa parece a pior ideia que já ouvi.

Eu rapidamente balanço a cabeça.

— Não quero atrapalhar. Ele vai ter que fazer duas paradas...

Ela me interrompe.

— Harriet, a gente mora perto. Além do mais, foi ele que sugeriu, dá para ver que Corey não está em condições de dirigir.

Sebastian sugeriu?

Eu desvio o olhar do dela por um segundo.

— E Sebastian tá sóbrio? — eu pergunto, tentando encontrá-lo ao redor.

— Ele só bebeu os três goles de cerveja no jogo de *beer pong*. É melhor que Corey com certeza está.

Eu penso nas minhas opções por um momento, as quais não são muitas.

Ir para casa dirigindo e possivelmente morrer.

Ir para casa com Corey dirigindo e *com certeza* morrer.

Ou pegar uma carona com os dois, o que me fará *querer* morrer.

— Tudo bem — eu digo, no final.

Eu poderia pegar um Uber. Mas não faz muito sentido se tenho uma carona bem aqui. Deixaria as coisas estranhas e Sienna poderia suspeitar que há algo de errado.

E não há, *certo*?

Não há absolutamente nada de errado em pegar uma carona com minha amiga e Sebastian.

Vou até Corey avisar que estou indo para casa de carona e nos despedimos com um selinho. Pergunto a ele que horas ele

planeja ir embora e não entendo nada de sua resposta enrolada. Mas ele parece não querer ir embora tão cedo.

— Talvez seja melhor você dormir no sofá de Hunter — eu aconselho e depois sigo em direção à saída.

Sebastian está na porta ao lado de Sienna que fala alguma coisa.

— Vamos? — eu pergunto, encarando apenas a minha amiga. Mas sinto o olhar dele sobre mim.

Nós atravessamos o jardim da casa de Hunter. Sebastian e Sienna na frente, e eu andando desconfortavelmente a dois passos atrás. Observando eles de costas, percebo que fazem um belo casal.

Sebastian é alto e seus ombros são largos. Sienna também é alta e esguia, cabelos brilhosos escorrendo pelas costas.

Parecem modelos, para ser sincera.

Eu desvio o olhar para o céu escuro e estrelado. A lua é crescente essa noite e eu inspiro com força o ar úmido.

Nós entramos na picape preta de Sebastian e eu me sento atrás do banco do carona.

Sebastian gira a chave e liga o carro. Sienna muda a estação de rádio e para ao ouvir alguma canção da Rihanna.

Os primeiros minutos são resumidos a ela cantarolando baixinho junto a música e eu encarando a janela.

Sebastian não tira os olhos da estrada.

Quando a música acaba, ela diminui um pouco o som.

— Foi tão louco ver todo o pessoal, né? Fazia tempo demais que todos nós não nos encontrávamos. Estou em choque que Melinda e Joshua terminaram. Você também não ficou surpresa, Harriet? A gente apostava que eles iam casar.

— Eu sei. Eles pareciam tão felizes — eu murmuro, ainda com os olhos na noite escura.

— Né! — ela exclama, contorcendo-se no assento e se virando para me encarar. — Lembra como ela era apaixonada na época da escola?

— Ela era completamente louca por ele. E ele por ela. — concordo.

— Pois é! — ela diz, voltando-se para frente.

Alguns segundos se passam e, de repente, ela solta:

— Aí meu Deus, você lembra quando você tinha aquela quedinha pelo Sebastian?

Meu corpo todo fica gelado e há um minuto de silêncio tão denso que eu consigo sentir o peso do ar que respiro.

Minha amiga está definitivamente bêbada.

Eu subo o olhar e vejo os olhos âmbar me encarando pelo retrovisor de centro. Mesmo dentro do carro escuro, eu consigo ver sua íris brilhando em mim.

Sebastian está me observando fixamente pelo espelho, com aquele olhar que faz com que eu me sinta exposta demais.

Eu engulo em seco e fito as minhas mãos, que estão repentinamente suadas.

— Tempos loucos — eu comento, tentando soar descontraída. Mas sinto que a minha voz sai mais como um murmuro rouco e patético.

Sienna solta uma risada abafada.

— Você se lembra? — ela pergunta, colocando a mão no braço dele. — *Nossa, nós éramos tão pirralhas.*

Posso jurar que os longos dedos de Sebastian ficam tensos sobre o volante. As mãos apertando o couro com força.

Ele desvia o olhar de volta para a estrada.

— Lembro — ele apenas diz.

Eu engulo em seco.

— Eu estou com fome — solta Sienna, alguns segundos depois.

— Vocês querem parar para comer alguma coisa? — Sebastian pergunta com a voz impenetrável.

— Eu to bem — comento, baixinho, antes que Sienna diga mais alguma coisa.

Porque só quero ir para casa. Só quero deitar na minha cama e abraçar o meu cachorro.

E mandar uma mensagem para saber se Corey ainda está vivo.

— Que tal ao invés de me deixar em casa, irmos para sua? Podemos fazer um lanche e depois outras coisas...

A voz de Sienna é um murmuro, mas eu consigo escutar.

Sua mão vai para a coxa de Sebastian.

Ele responde em um sussurro rouco, mas eu não consigo ouvir. Porém tenho quase certeza de que é um sim, porque Sienna

parece satisfeita, acariciando a sua coxa.

E, dessa vez, nosso olhar não se encontra no espelho; seus olhos estão fixos na estrada escura.

Eu desvio o olhar para janela e engulo em seco. As árvores estão passando. Carros também.

Mas não vejo nada.

A bola está crescendo em minha garganta. Chega a ficar ruim para respirar.

Está grande demais agora.

E é quando eu finalmente entendo que há algo errado.

Muito errado.

14.

antes

Era um ótimo plano.

Um pouco radical?

Talvez.

Mas a questão era que agora eu já estava no meio dele e não ia dar para trás.

Cavei um pouco mais fundo com os pés, apenas para ficar mais convincente.

Eu analisei o meu trabalho com as mãos na cintura, o buraco sutil, mas potencialmente perigoso no gramado próximo à calçada.

Acontecia que meu tempo a sós com Sebastian era extremamente reduzido, graças ao inoportuno do meu irmão mais velho. Eu só conseguia tê-lo por breves momentos, como por alguns segundos no corredor da escola ou até mesmo lá de casa. Então eu precisava de tempo para que Sebastian começasse a sentir por mim o que sentia por ele. Precisava de um momento a sós e íntimo para que ele finalmente entendesse que éramos almas gêmeas.

A ideia surgira lendo um livro de romance semana passada.

Basicamente, a mocinha ficava com o pé preso em um buraco e o torcia tentando tirá-lo. O mocinho surgia magicamente e a ajudava, colocando-a nos braços e a levando para segurança.

A protagonista do livro, nossa mocinha em questão, não planejou de forma calculista o que houve e realmente feriu o pé. Mas eu, obviamente, não planejava machucar o meu próprio tornozelo de propósito, *porém* eu pretendia fingir. Colocar as minhas habilidades de atuação em ação.

A ideia de Sebastian me pegando nos braços e nossos rostos ficando extremamente próximos era simplesmente irresistível.

Era perfeito.

Seria o pontapé inicial para o nosso romance. Eu já podia nos imaginar contando para nossos filhos a história engraçada e romântica de quando o papai resgatara a mamãe de um tornozelo machucado.

Eu olhei para o pequeno relógio em meu pulso.

Sebastian estava na minha casa quando sai de lá. Como nossas casas eram muito próximas, apenas uma caminhada breve, toda vez que ele ia para nossa casa ele fazia o caminho de ida e volta andando.

Já havia quase trinta minutos que eu estava esperando próxima à calçada no meio caminho entre a minha casa e a de Sebastian.

Apesar do sol, estava um pouco frio, porque estávamos nos aproximando do inverno.

Com os braços ao redor do corpo, comecei a pensar em como poderia ficar quando Sebastian me encontrasse.

De lado?

Com as pernas cruzadas e a barriga para cima?

A mão sobre o colo ou jogada próxima aos cabelos?

Estava pensando em como estar ferida e atraente ao mesmo tempo quando notei um movimento no final da rua. De longe, vi que Sebastian tinha acabado de virar a esquina e agora vinha em minha direção.

Meu coração acelerou e a minha mente girou. Eu levantei o pé, decidindo que ia me jogar no chão e escolher a pose mais natural depois, mas, então, uma sucessão de coisas aconteceram.

A primeira foi a buzina repentina e aguda de um carro na vizinhança tranquila.

Então, em seguida, devido ao susto, errei o passo e cai de verdade no maldito buraco.

E para completar, ao cair de bunda no chão, ouvi o rasgo da minha calça jeans *skinny* bem entre o meu traseiro.

Mas o grande acontecimento mesmo foi o fato de que, ao cair, meu pé torceu de um jeito estranho, fazendo com que o peso do meu corpo machucasse algum músculo ou articulação. Nada insuportável, mas o suficiente para um palavrão escapasse dos meus lábios.

Eu movi o meu pé direito lentamente, só para saber se não tinha o torcido. Por sorte, nenhum grande estrago havia sido feito.

Bem, com exceção a minha jeans.

— Harriet?

Aí, *merda*.

Eu me virei, ou melhor, virei o rosto e o ergui, encarando Sebastian de baixo.

O sol feria os meus olhos e Sebastian se erguia sobre mim como uma sombra mística. Ainda estava com o uniforme da escola. O cabelo castanho parecia brilhar um pouco mais claro diante do sol. E um cigarro pendia em seus lábios.

É, Sebastian era um fumante.

Como filha de dois médicos, eu não aprovava o ato. Apesar de que, eu precisava admitir que caía bem nele. O cigarro, a moto, aquele rosto. Um cigarro entre seus lábios era quase tão natural quanto um petisco na boca de Nuggets.

Ele tirou o cigarro da boca, colocando-o entre os dedos da mão direita.

— Você tá bem? — ele indagou com o cenho franzido, a fumaça deixando os seus lábios junto com as palavras.

— Eu cai — eu disse o óbvio.

Ele desceu os olhos do meu rosto e o arrastou pelo meu corpo.

— Se machucou?

— Sim. — E infelizmente aquilo não era uma mentira. — Eu acho que coloquei meu peso todo no tornozelo direito quando cai.

— Você consegue levantar? — ele perguntou com um ar preocupado que fez o meu coração bater de uma forma estranha.

Sebastian se inclinou e estendeu uma mão para minha.

Eu a peguei, sentindo eletricidade instantaneamente, e por fim me levantei.

Quando fiquei de pé, testei um passo e senti um leve dor na minha perna direita.

— Consegue andar?

Definitivamente conseguia. Doía um pouco, mas eu conhecia aquela dor. Era só um mal jeito incômodo que passaria em questão de minutos.

— Acho que não — disse em um murmuro melancólico. — Doí demais.

Eu até dei mais um passo à frente, como se estivesse testando, e manquei com uma careta de dor quando apoiei meu peso na perna direita.

A minha atuação pareceu funcionar, porque Sebastian olhou para o meu pé, com um ar preocupado. Ele então voltou os olhos para os meus, descartando, com um peteleco, o cigarro que repousava na mão direita.

— Vou te carregar até a sua casa — ele disse e eu tive que lutar contra a vontade de pular e comemorar.

— Ok.

Ele avançou e logo eu congelei, em completo choque.

Por mais que eu estivesse planejando justamente aquilo, na teoria era muito mais fácil.

Porque, quando em um movimento ágil e impassível, Sebastian colocou as mãos em minhas pernas e me ergueu contra o peito, eu perdi o ar completamente.

Aí. Meu. Deus.

— Tudo bem? — ele indagou.

Engoli em seco.

Eu nunca estive tão perto dele assim. Meu corpo estava literalmente colado ao seu peito. Eu conseguia sentir o seu calor. Meu rosto estava encostado próximo ao seu ombro e meus lábios estavam terrivelmente próximos ao seu queixo.

Eu queria o beijar ali.

Não, Harriet.

Para.

— Tudo — eu consegui dizer.

Ele começou a andar comigo em seus braços.

Eu estava me sentindo nas nuvens.

Eu queria morar ali.

Eu queria *morrer* ali.

Sebastian tinha cheiro de cigarro e um sutil perfume masculino; era intoxicante.

— O que aconteceu? — ele indagou, olhando para a calçada à nossa frente.

Eu abri a minha boca, já com as falas ensaiadas:

— Eu tava indo para casa de Sienna, mas aí pensei que tinha visto um gato em cima da árvore.

— Aí você tropeçou nesse buraco quando seguiu em direção à árvore?

Nossa, seus cílios eram tão longos. Nunca tinha notado o quão longos eram, mas por esse ângulo, conseguia os ver perfeitamente.

— Isso.

Eu queria apoiar a minha mão direita em sua nuca, ou em seu peito. Mas decidi deixá-las descansando sobre a minha barriga mesmo.

— E para onde o gato foi?

— Ah... Não tinha nenhum gato. Estava muito longe, vi errado.

Deus, ele era tão bonito.

Por um momento, observando-o tão de perto e de forma tão intensa, fiquei triste.

Fiquei triste, porque estava tão feliz em sua presença e em seus braços, mas sabia que aquilo iria acabar logo.

— Por que você não quer ser meu namorado? — As palavras deixaram a minha boca sem que eu pudesse impedi-las.

A questão era que, depois de mais de sete meses o conhecendo, já havia ficado óbvio para todo mundo, inclusive para o próprio Sebastian, que eu estava apaixonada.

Já não era um segredo. Eu o queria e mostrava isso.

Todo mundo sempre dizia o quanto gostavam de garotas que sabem o que querem.

Bem, eu o queria. Intensa e terrivelmente.

E ele já sabia disso. Então ao invés de me encarar em algo parecido a surpresa, ele simplesmente soltou um meio suspiro quase como se estivesse cansado.

— Você tem quatorze anos, Harriet. — Sua voz, no entanto, era paciente.

— E quatro meses.

— E quatro meses — ele repetiu e eu senti que um meio sorriso ameaçou quebrar em seus lábios.

— E daí? A Mila Kunis é seis anos mais nova que o Ashton Kutcher.

Ele finalmente abaixou o olhar, tirando-o da rua, e me encarou.

— Eu não sou o Ashton Kutcher e você não é a Mila Kunis.

— Verdade. Mas se meu cabelo fosse moreno, talvez....— eu levei meus dedos em direção aos meus fios. — Você gosta de morenas, né?

Eu já tinha ouvido falar por alto. Havia alguns rumores na escola de fontes mais ou menos confiáveis que Sebastian preferia morenas.

Eu havia nascido loira. Mas conforme fui crescendo, meu cabelo se tornou um loiro escuro. Hoje em dia ele era um um castanho claro, dependendo da luz. Mas não achava ainda que podia ser considerado moreno.

— Não faça isso.

Seu rosto era sério quando disse, os traços de humor em sua expressão indo embora por completo.

— O quê?

— Seu cabelo é perfeito do jeito que está — ele comentou em uma voz casual, mas ao mesmo tempo seca.

Meu coração quase saltou pela minha boca com o elogio.

— Você acha meu cabelo per...

Ele me cortou e seu olhar desceu para os meus novamente:

— Nunca mude, ainda mais por um cara.

Aquilo me calou por uns instantes. Eu inspirei, olhando-o, enquanto tentava decifrá-lo.

Meus olhos caíram para a sua boca, para seus belos lábios.

Abri a boca antes que eu a usasse para fazer outra coisa, como, por exemplo, cola-la contra a sua.

— Você tem dentes muitos bonitos, sabia?

Ele hesitou.

— Obrigado.

— É trágico que fume. Além do fato de estar te matando, mas principalmente porque está acabando com os seus dentes perfeitos.

— Eu vou parar.

— Sério?

— Sério. — Ele fez uma pausa. — Eventualmente, vou. Tá doendo muito?

— Quê?

— O seu pé — Sebastian explicou, me encarando. — Ainda tá doendo muito?

Por um momento eu havia me esquecido completamente.

— Ah, sim. Muito.

Eu me senti um pouco culpada, porque ele já estava me carregando a duas, talvez três quadras, e eu podia muito bem andar. Mas, ao mesmo tempo, ele não parecia estar nada cansado com a atividade. Sua respiração não estava nem próxima de ofegante, e ele me carregava como se eu pesasse como um punhado de penas.

E claro, havia a parte extremamente egoísta que estava gostando muito daquilo para abrir mão.

Quando chegamos em frente à minha casa, Sebastian me colocou no chão. Eu contive a vontade de suspirar de frustração.

— Pronto.

— Ok. Obrigada.

— Sem problemas. Mostra para os seus pais para saber se você não torceu.

— Ok. Obrigada — eu repeti, e só notei que havia feito quando era tarde demais.

Meu vocabulário parecia ficar mais estreito nos momentos em que eu estava diante dele. Eu esquecia metade das palavras.

Sebastian abriu aquele meio sorriso, como se seus lábios batalhassem para não sorrir completamente.

Eu tinha a estranha sensação de que, na metade do tempo que Sebastian estava comigo, ele estava lutando para não rir de mim. Mas, honestamente, eu não me importava. Desde que eu o fizesse sorrir, estava bom para mim.

— Tchau — eu disse, dando um passo lento para trás. — Até outro dia, Sebastian.

Eu me virei e manquei um pouco, para fazer um charme e ser convincente apesar de não estar mais sentindo nenhuma dor.

— Ei, Harriet. — Escutei próxima à porta.

Meu coração errou uma batida e eu me virei, em expectativa.

Sebastian não tinha se movido ainda. Continuava parado no mesmo lugar da calçada, fitando-me. Ele tinha tirado um maço de cigarro do bolso e agora colocava um em sua boca.

— O quê? — eu indaguei.

Sebastian tinha uma das sobrancelhas suavemente erguida.

— Você não tinha machucado a perna direita?

Foi então, com completo horror, que me toquei que eu estava mancando com a perna esquerda.

— Ah...

Ele esperou, subindo um isqueiro até a ponta do cigarro, enquanto me fitava. Cheguei a abrir a boca duas vezes, mas nada saiu, porque eu não fazia ideia do que dizer.

Então antes que eu conseguisse cuspir alguma coisa remotamente coerente, Sebastian se afastou.

E eu posso jurar que, antes de se virar, havia um meio sorriso brincando ao redor do cigarro.



— Aí, você precisa parar — meu irmão disse sem cerimônias quando entrou no meu quarto, algumas horas mais tarde.

Eu estava na cama, ainda me castigando mentalmente pela minha escolha de roupas íntimas para aquele dia, porque foi só quando entrei em casa, que lembrei que a minha jeans estava rasgada e que Sebastian muito certamente havia se deparado com a minha calcinha amarela de girassóis.

— Parar com o quê?

Gray nem hesitou, encarando-me seriamente.

— Perseguir Sebastian.

— Do que você tá falando?

— Não se faça de burra.

— Não estou me fazendo de burra. — Talvez eu estivesse um pouquinho sim, mas seu tom e suas palavras me deixaram irritada.

— Não estou perseguindo ninguém. Sou uma jovem apaixonada, Gray. E estou flertando.

Ele cerrou os dentes.

— Ele não tá interessado, Harriet.

Eu cruzei as pernas sobre a cama.

— Como você sabe disso?

Gray respirou fundo, passando a mão pelos fios loiros em um gesto frustrado.

— Porque ele é meu amigo. Eu conheço ele e a maior parte das garotas que ele se envolve. Ele não vai ficar com uma menina de quatorze anos, Harriet.

—Você não entende. Você não sabe nada sobre amor — eu rebati, na defensiva.

Quem era ele para dizer o que eu sentia? O que Sebastian *realmente* sentia?

— Harriet, só para, tá? Tá ficando chato.

Meu coração errou uma batida.

— Ele te disse isso? — eu perguntei, minha garganta parecendo querer se fechar.

Gray balançou a cabeça e respirou fundo mais uma vez.

— Não, não exatamente, mas... Eu sei. — Ele fez uma pausa. — Só para, não vai acontecer.

Ele deixou o meu quarto e voltei a me deitar na cama. Mas as suas palavras ficaram.

Não vai acontecer.

15.

Eu absolutamente amo aniversários. Talvez por ser um dia só meu. Ou talvez pelos presentes. Não sei exatamente, mas os amo.

Meus pais organizam um churrasco esse ano para o meu aniversário de vinte anos. Adoro o fato de meu aniversário ser nas férias de verão, porque isso quer dizer que sempre posso passar em Veahmond.

Há balões dourados de hélio espalhados por todo o lugar.

Há também um barmen em frente a lareira da sala principal. Um homem baixinho de roupas pretas que é extremamente habilidoso em fazer todos os tipos de drinks imagináveis.

Não é uma festa muito grande. Apenas familiares e meus amigos mais próximos da época da escola, o que não são muitos, mas é mais do que o suficiente.

Passei a manhã toda respondendo às mensagens dos meus amigos da faculdade. Esse é o único lado negativo de fazer

aniversário nas férias. Você raramente consegue festejar com os colegas de classe.

São cinco horas da tarde e alguns amigos já estão meio bêbados. Não posso beber legalmente por mais um ano. E contando que meus pais estão bem aqui, permaneço sóbria.

Não que eu queira realmente beber, mas talvez um drink me animasse um pouco.

Desde que me lembro, acordo todas as manhãs no dia 22 de julho com um sorriso enorme no rosto.

Mas essa manhã, quando acordei, foi diferente. Há algo agonizando dentro de mim.

Estou assim tem uns dias. Cinco para ser exata. Desde a noite da festa de Hunter.

Nem mesmo o meu aniversário está me animando. Obviamente, estou feliz de ver todo mundo que gosta de mim aqui. Meus pais me amando mais do que o normal e meu irmão sendo mais legal do que o usual.

É tudo uma boa distração, pelo menos. Mas essa sensação incômoda fica ali. Pequena em meu peito, mas insuportavelmente forte.

Ela parece ficar ainda maior quando Corey me entrega uma grande caixa preta com detalhes prateados com um sorriso no rosto bonito.

— Feliz aniversário, amor.

São *Loubutans*. Pretos, brilhantes, lindos.

Eu sorrio e levo meus lábios até os dele em agradecimento. Corey sempre foi bom em me presentear, mas acho que isso tem um dedo de sua mãe na história.

Com um copo na mão, Sienna se aproxima de mim. Ela está um top vermelho e um short branco que fica perfeito em suas pernas longas.

— Tô tentando falar com o Sebastian, mas não to conseguindo — ela diz, dando uma olhada na tela de seu iPhone. — Achei que ia encontrar ele aqui.

— Não o chamei.

Ela ergue o olhar levemente surpreso em minha direção.

— Por quê?

— As coisas entre Sebastian e Corey ainda estão meio estranhas. Não queria essa energia na minha festa — eu digo, e, em parte, é verdade.

É *uma* parte da verdade, no mínimo.

Ela franze o cenho.

— Jura? Achei que as coisas estavam mais normais. — Ela dá de ombros e abre um sorriso descontraído. — Mas enfim, hoje é o dia da Harriet. E no dia da Harriet, todos estão felizes!

Sienna levanta o copo no ar como se fosse um brinde e, apesar de tudo, eu rio.

Esse definitivamente não deve ser o seu primeiro drink.

— Sebastian está de volta? — pergunta Lillian, encontrando-me na cozinha assim que vou pegar sorvete.

Atualmente ela faz faculdade em Nova Iorque, mas voou até aqui apenas para o meu aniversário. Foi uma surpresa, e no momento em que ela apareceu na minha porta ontem à noite, ficamos talvez meia hora abraçadas.

Ela vai aproveitar e passar a semana toda aqui na cidade com os pais e a irmã mais nova até voltar para a cidade grande.

Isso melhorou bastante a minha semana, embora o meu humor não esteja o melhor ultimamente. Eu sinto falta de Lillian e de como ela balanceia o nosso grupo. Gosto de seu olhar esperto e seu sorriso difícil, porém encantador. Ela continua a mesma garota

de antes, mas hoje em dia ainda mais bonita e elegante, e um tanto quanto impassível. Até as suas roupas refletem a sua personalidade marcante e empoderada. Ela usa uma camisa social branca que fica muito bonita em contraste como o seu tom de pele, e uma saia que, mesmo não sendo muito curta, marca as suas curvas com perfeição.

Ela ainda não é uma promotora de sucesso, mas definitivamente se parece com uma.

— Aham, voltou para ficar com a loja do tio. Como você sabe?

— Callie comentou e Sienna não demorou muito para dar detalhes sobre o pau dele.

Eu abro um sorriso, abrindo o freezer com força desnecessária.

— Claro, Sienna sendo Sienna.

Ela pausa, observando-me.

— Ele continua bonito?

Eu balanço de ombros, abrindo o pote de sorvete sem encará-la. Mas sei que seus olhos avaliadores estão fixados em mim.

— Depende do ponto de vista...

— Ah, Harriet. — Ela entorta a cabeça sutilmente, e abre um pequeno sorriso melancólico. — Você ainda sente algo, né?

Não há nem um fio de julgamento ou repreensão em sua voz; É apenas uma pergunta. Mas é uma pergunta muito, *muito* cruel.

— Não — eu digo, rapidamente, e balanço a cabeça. — Ele é irmão do meu namorado, Lillian.

— Eu sei, mas não era na época. E na época, ele era a sua grande paixão.

Eu abro a boca, mas hesito.

Lillian é inteligente demais, perspectiva demais. Ela é o oposto de Sienna. Não que Sienna seja burra, mas ela definitivamente não é muito observadora.

Não adianta nada ser evasiva e desonesta com Lillian. Então eu cedo.

— Ele foi o meu primeiro amor. — A minha voz é baixa e eu tenho enorme dificuldade em admitir em voz alta. — É normal ter alguma coisa... Mas não é nada demais. Nada *realmente* relevante. — eu afirmo, não exatamente mentindo, porque de fato quero que essas palavras sejam verdade.

O rosto de Lillian se torna um pouco triste. Ela leva os olhos escuros até o copo que tem nas mãos e depois, com um suspiro suave, ela volta a olhar para mim.

— Eu me lembro de você falando dele, Harriet. Lembro como seus olhos brilhavam. — Ela dá de ombros, quase como se estivesse se desculpando, e logo finaliza: — Esse tipo de paixão... Não acho que seja o tipo passageira.

Eu engulo em seco, desviando o olhar para o pote de sorvete enquanto absorvo as suas palavras.

Ficamos em silêncio, até que eu pergunto:

— Você vai querer sorvete?

Ela pisca e me observa por mais um momento até que assente por fim. Então abre o armário e pega duas taças.

E com isso, o assunto morre.

Não gosto de falar sobre isso. Não gosto de falar sobre *ele*.

Mais tarde, quando todos já foram embora há algumas horas, e estou deitada na cama do meu quarto, Gray passa pela porta.

Ele joga as chaves na minha penteadeira no mesmo momento em que ergo o olhar.

— Valeu, maninha. Devo pegar meu carro da mecânica amanhã.

— Você saiu com o meu carro? — pergunto, meio confusa.

Ele me encara com as sobrancelhas franzidas.

— Sim, te perguntei onde estavam as chaves durante o churrasco. Você tava falando com a...

—... tia Ophelia — eu completo, finalmente me recordando.

— Isso. — Ele assente. Então sorri. — Feliz aniversário, Hatty.

— Valeu — eu respondo, voltando-me para a tela do meu computador até que um pensamento me atravessa como um choque.

— Espera.

Gray, que já estava passando pela porta, vira-se.

— Aonde você foi?

— No bar do pai do Todd.

— Com quem?

Por favor, não diga.

— Fui com Sebastian, mas encontrei o Todd e o primo lá e agente acabou batendo papo.

O meu coração dispara.

Se controla.

É possível que ele não tenha visto. Não é o fim do mundo.

Meu irmão franze as sobrancelhas em um misto de curiosidade e confusão.

— Qual é a do interrogatório? — ele indaga.

Eu balanço a cabeça, encontrando uma desculpa.

— Nada. Só fico preocupada se bebeu e dirigiu. — Então meus ombros se movem para cima e para baixo. — Se for morrer pelo menos faça isso com o seu próprio carro.

Ele abre um sorriso.

— Relaxa. Sebastian acabou trazendo o carro porque bebi algumas cervejas demais.

Assim, como se não tivesse acabado de jogar o meu mundo ao chão, meu irmão se vira e vai embora.

Eu olho para as minhas chaves em cima da cama. Eu olho para o chaveiro preso a ela.

E meu sangue gela.

Não.



Dois dias depois, eu desço para tomar o café da manhã e me deparo com Rita.

— Bom dia, Rita.

A doce mulher, que trabalha na casa dos meus pais fazendo faxina desde que eu era um adolescente, está parada diante da pia. Ele trabalha apenas duas vezes por semana, mas, no verão, ela costuma vir com mais frequência porque a casa fica mais cheia e mais caótica graças a mim e meu irmão.

— Bom dia, Harriet. — Ele sorri, seus olhos azuis ficando pequenos quando seu rosto se transforma de forma alegre.

Acho que não me lembro de tê-la visto de mau humor um dia sequer em minha vida. Ela é o tipo de pessoa que tem um espírito extremamente feliz e em paz.

Vou pegar um dos muffins que parecem recém saídos do forno e noto que há algumas correspondências e uma pequena caixa preta na bancada de mármore. Não dou muita atenção, porque as correspondências são sempre para os meus pais.

— A caixa tá endereçada no seu nome, Harriet — ela comenta, lavando um copo.

Eu pego o muffin e encaro a caixa.

— Sabe quem mandou?

— Não sei. Só reparei no seu nome.

Dou uma mordida no meu muffin e pego a caixa, subindo as escadas enquanto mastigo.

É uma caixa delicada e pequena. Quando a abro no andar de cima, percebo que dentro dela há uma caixa ainda menor, e também preta, só que de veludo.

Meu coração erra uma batida.

Eu deixo o muffin de lado e pego a pequena caixa de veludo em ambas as mãos. Perco o fôlego assim que abro e vejo a joia brilhando.

A pulseira de corrente fina é dourada, cujo centro é preenchido por uma plaquinha delicada retangular. Nela, há várias

minúsculas pedras brilhantes formando uma palavra.

Nova.

Meu segundo nome.

Em homenagem a minha bisavó.

Observo, maravilhada. Tenho quase certeza de que é a coisa mais linda e delicada que já vi.

Olho para a caixa, procurando por mais. Esperando encontrar o nome de Corey ou dos meus pais em algum lugar, mas não há nada escrito do lado de fora além do meu nome.

Mas, então, percebo um pequeno papel branco, dobrado uma vez no fundo da caixa.

Abro-o com dedos trêmulos.

Uma Nova é a explosão de uma estrela anã branca em um sistema binário de estrelas. Ela ocorre quando a anã branca, que é o núcleo denso de uma estrela outrora normal, pega gás de sua estrela companheira próxima. Desencadeando uma explosão.

Por um breve período, o sistema pode brilhar até um milhão de vezes mais que o normal.

Acho que nada poderia descrever alguém melhor que isso.

Você é uma explosão de estrelas, Harriet.

Feliz aniversário.

Sebastian.

16.

antes

Eu ganhei peitos depois das férias de inverno.

Já era a hora, na verdade, porque eu estava há alguns meses de fazer quinze anos. Eles demoraram bastante, contando que Sienna e Lillian já os tinham, assim como boa parte das minhas amigas.

Mas eles finalmente vieram e eu fiquei em êxtase.

Antes, a minha influência social na escola era unicamente graças ao meu irmão e o dinheiro da minha família. Mas os garotos me notavam agora. Não que eles me ignorassem no passado. Mas agora eles me notavam de outra forma. Havia alguma coisa

diferente em seus olhares. E antes era apenas os meninos da minha série. Agora até os meninos do Ensino Médio estavam me dando uma atenção diferente.

E aquilo me colocou no topo da cadeia alimentar da escola naquele ano.

Só havia um problema. Um *grande* problema.

Quando apareci na escola com peitos, todos notaram, menos uma pessoa.

Sebastian Grant Crawford parecia completamente alheio à minha nova aquisição.

E eu estava simplesmente devastada. Porque era a única atenção com que eu realmente me importava.

— Ei, Harriet.

Eu virei o meu rosto para encontrar Jeremy Newson, um garoto um ano mais velho, em um conversível preto ao meu lado no estacionamento da escola.

— Dá uma olhada no carro que meus pais me deram de aniversário.

As pessoas, com frequência, lembravam-me animais.

Jeremy Newson, com os cabelos loiros e sempre muito empolgado, lembrava-me um labrador.

Eu adorava labradores, mas não adorava Jeremy Newson.

Ele girou a chave e seu sorriso se tornou maior.

— Que tal eu te levar para dar uma volta depois da aula?

Então eu ouvi o motor.

Virei o rosto e me deparei com Sebastian de moto adentrando pelo estacionamento. Com habilidade e naturalidade, ele estacionou no lugar que estacionava todos os dias. Não havia vagas marcadas, mas todo mundo sabia que ali era a vaga dele.

Os alunos se espalhavam em pequenos grupos ao redor do estacionamento esperando o sinal tocar.

Sebastian tirou o capacete, alheio aos olhares, e desligou a moto. Naquele mesmo segundo, o sinal tocou e as pessoas começaram a se movimentar. Os pequenos grupos seguiram para dentro da escola.

Sebastian atravessou o estacionamento sozinho.

Ele não parecia querer fazer parte de nenhum grupo. Tinha um cigarro entre os lábios, mas não era parte dos fumantes ou maconheiros. Era o melhor na aula de física, mas não fazia parte

dos nerds. Era conhecido por todo mundo, mas não fazia parte dos populares.

Sebastian era Sebastian.

Ele me lembrava um lobo.

Um lobo solitário.

— Harriet. — A voz me acordou e tirei os olhos de Sebastian.

Virei-me para Jeramy e inspirei fundo. Ele me encrava, esperando por uma resposta.

— Ah, desculpa, não vou poder. — Abracei os meus livros mais firmemente no peito. — Tenho trabalho de História na casa do Corey hoje.

Ele murmurou um “talvez outro dia, então” e eu concordei enquanto me afastava, apesar de saber que esse dia nunca aconteceria.

Meu coração pertencia a um lobo belo e solitário.



— Vamos terminar essa parte da república e aí quinta a gente faz o resto — disse Lillian, tirando os óculos pretos e observando os papéis.

Todos nós concordamos.

Lillian sempre tomava a frente dos trabalhos. Era a mais inteligente e a mais determinada, então fazia sentido. Ninguém entrava no seu caminho.

— Eu vou ao banheiro — anunciei, levantando-me do chão.

— Segunda porta à esquerda. — Corey murmurou com os olhos no notebook.

— Eu sei — murmurei de volta.

Eu já tinha ido na casa do irmão de Sebastian algumas vezes em festas e outros trabalhos também. Mas, dessa vez, enquanto seguia pelo corredor para chegar ao banheiro, notei que o quarto de Sebastian estava aberto.

Nunca estive no quarto dele.

Não suportei a curiosidade, e lentamente, aproximei-me.

Sebastian não estava em casa. Nas terças e quintas ele trabalhava com o tio na marcenaria.

Sentindo-me um completa perseguidora, entrei.

Não faria mal so dar uma olhadinha.

O quarto era grande. Uma cama de casal com lençóis brancos no centro. Havia uma janela de tamanho considerável dando visão para a rua e vários móveis em mogno. As paredes eram cinza-claro. Não havia porta-retratos ou fotos.

Era um quarto simples, apesar de bonito.

A cama estava bagunçada e tive que me segurar para não me jogar nela e cheirar os lençóis.

Meu Deus, Harriet, você está soando como uma sociopata.

Eu estava me dirigindo de volta para o corredor quando meus pés congelaram no lugar.

Parei com os olhos em um chaveiro em cima da cômoda de madeira. Aproximei-me e sem conseguir evitar o peguei. Era um chaveiro no formato do estado de Ohio em couro marrom escuro. Não estava preso a nenhuma chave.

Eu o observei por vários segundos, sentindo a sensação crescer no peito.

Eu estava indo tão bem. Fazendo terapia toda semana e controlando os meus impulsos. Mas lá estava eu, com o meu

coração batendo forte contra o peito, enquanto segurava o pequeno objeto.

Era só um chaveiro. Ele não daria falta, decidi.

— Perdida?

Eu me virei em supetão. O susto foi tão grande que achei que meu coração pularia para fora da boca.

Sebastian estava na porta de seu quarto, observando-me em uma mistura de curiosidade e diversão.

Eu fechei o punho ao redor do chaveiro ao mesmo tempo em que trouxe a mão para as minhas costas, para longe de seu olhar.

— Sim. É uma casa muito grande — eu consegui dizer.

Ele estava lindo em uma blusa branca meio amassada e uma jeans rasgada. Os cabelos estavam mais bagunçado do que o usual.

Sebastian não disse nada, mas a sombra de um sorriso atravessou seus lábios quando ele passou pela porta, tirando a jaqueta azul marinho. Ele a jogou casualmente na cadeira de sua escrivaninha.

Eu me remexi, desconfortável. E aproveitei para colocar furtivamente o chaveiro no meu bolso. Meu coração ainda batia

descontrolado por quase ter sido pega.

— A gente tá fazendo um trabalho de História. Eu tava indo no banheiro — eu expliquei, preenchendo o silêncio que não parecia incomodá-lo.

Ele tirou as chaves do bolso da jeans e a jogou em cima da jaqueta.

— É melhor eu ir — eu disse quando ele foi em direção ao seu armário.

Eu estava próxima à porta, mas fui obrigada a parar quando o escutei me chamar.

— Harriet.

Eu virei o rosto, deparando-me com Sebastian de lado, sem camisa e próximo ao armário aberto. Seu tronco forte e bronzeado estava exposto, enquanto ele trocava de blusa.

Eu engoli em seco e me obriguei a encarar seus olhos, que estavam fixos nos meus.

— Pode ficar — ele disse, finalmente.

Eu pisquei.

— O quê?

— Com o chaveiro — ele explicou. — Pode ficar.

Sebastian casualmente desviou o olhar, descendo uma nova camisa branca pelo tronco impressionante.

Sentindo todo o meu corpo gelado em choque, forcei as minhas pernas a funcionarem e deixei o seu quarto com o chaveiro no bolso.

17.

Eu não posso usar. Simples assim.

Como o chaveiro, seria um erro.

Eu fechei a caixa com a pulseira logo depois que vi o bilhete. Deixei-a na minha mesinha de cabeceira e a encarei por talvez trinta minutos, da minha cama, até que não suportei mais.

Que mal faria apenas experimentar?

Então eu coloquei e me arrependi na hora. Cheguei a arfar encarando o meu pulso. Porque era perfeita. Exatamente como imaginei que seria. Ficou absolutamente linda.

Eu a tirei rapidamente do meu pulso, sentindo-me quase enjoada.

Guardei a caixa, dessa vez no fundo do armário.

Esse não é o tipo de presente que um amigo dá. E eu e Sebastian definitivamente não somos amigos.

Não somos nada.

Então, *por quê?*

Pena?

Arrependimento?

Por ter feito o que fez?

Talvez seja um pedido de desculpas. Faz sentido. Ele está tentando consertar as coisas, tentando consertar as merdas do seu passado.

Talvez eu só seja algo do seu passado que precise ser consertado. Como quando viciados entram na terapia e precisam se desculpar com todas as pessoas de suas vidas que foram afetados pelo seu vício.

Mas há aquela outra possibilidade. Aquela pequena possibilidade de que talvez seja mais que isso. Mas eu corto esse pensamento da minha mente. Ou, pelo menos, *tento*.

No meio da tarde, estou deitada na cama tentando me distrair, quando ouço:

— Harriet!

Gray aparece dois segundos depois no batente da minha porta. Os cabelos loiros bagunçados e um olhar impaciente.

— Alguma chance de Nuggets ter pegado aquele meu sapato preto com uma listra cinza?

Eu torço o rosto, lembrando-me vividamente da imagem de Nuggets muito feliz carregando um sapato preto na boca na manhã passada.

— Não.

— *Harriet* — ele sibila, encarando-me fixamente.

Eu me viro para Nuggets, que está deitado como um anjo ao meu lado.

— Você viu algum sapato preto por aí?

Nuggets apenas me fita com adoráveis olhos culpados. Então me volto para o meu irmão.

— Ele diz que não viu nada.

Gray suspira, o rosto sério.

— Você tá me devendo um sapato novo. E os outros quinze dos últimos anos.

— *Claaaaro* — eu canto e observo suas roupas. — Aonde você vai?

— Pixes. Quer ir?

Corey está na casa de Josh. É noite de *Fortnite*. Isso quer dizer que no momento ele nem se lembra do meu primeiro nome.

Dou de ombros. Sei que preciso da distração.

— Claro.

— Começa a se arrumar. Vamos sair às nove — ele anuncia e eu olho para o relógio em minha cabeceira que mostra oito e meia.

Às nove e sete eu desço as escadas vestindo um top azul marinho e jeans com uma jaqueta preta. Não há nada de espetacular no look, mas a calça jeans faz maravilhas para a minha bunda (apesar de eu não ter muita carne lá atrás), e o top azul deixa à mostra um pouco da minha barriga que, por sorte, está relativamente bronzeada devido às ultimas semanas de verão.

Também me empolgo com a maquiagem e resolvo fazer mais do que o usual rímel. Coloco base e faço um delineado que é a razão de eu estar sete minutos atrasada quando desço as escadas.

Tiro até uma selfie antes de sair do quarto para mandar para Corey, apesar de saber que ele não vai me responder tão cedo. O garoto leva *Fortnite* muito a sério.

Você poderia estar aqui.

Digito e envio junto com a selfie.

Gray levanta o olhar do celular para me encarar enquanto desço para o primeiro andar. Ele parece inquieto assim que se vira para a maçaneta.

— Vamos, o Sebastian já está lá fora.

Eu paro no meio da escada.

— Que? — eu pergunto, com a voz pateticamente estrangulada.

— Vamos de carona com Sebastian — ele avisa, impaciente. Já está abrindo a porta.

Meu Deus, ele está em todo o lugar.

Por que ele está em todo o lugar?

Eu tenho a repentina vontade de dar meia volta e correr escada acima.

Você está sendo ridícula.

Eu desço as escada com esforço sobrenatural e sigo o meu irmão em direção à saída.

Eu não posso fugir disso.

Sebastian está de volta, é irmão do meu namorado e também amigo de Gray. Eu vou ter que simplesmente me acostumar com

isso. Talvez se eu sufocar o que quer que esse sentimento seja, ele vai embora.

Mas primeiro, eu preciso enfrentar.

Sua picape preta está parada em frente à nossa casa.

Eu penso no chaveiro. É basicamente na única coisa que consegui pensar nos últimos dias para ser sincera. Até eu receber a pulseira naquela manhã, então foi só nisso que consegui pensar.

A questão é que as duas únicas coisas que continuam a martelar em minha cabeça tem a ver diretamente com ele. E isso é desconcertante.

Talvez Sebastian não tenha reparado no chaveiro. Talvez ele nem tenha se lembrado. Afinal, fazem anos.

Estou dando muita importância a isso.

Inspiro fundo e a minha mão encontra a maçaneta do carro.

— E aí, cara? Harriet, vai com a gente, beleza? — é a primeira coisa que Gray diz quando entra no carro, com um tom casual e despreocupado. Completamente alheio.

— Oi, Sebastian — eu digo, a voz baixa demais.

Aparentemente é muito difícil falar duas malditas palavras.

Nosso olhar se encontra no espelho do retrovisor de centro. No segundo que trocamos esse olhar, tento encontrar alguma coisa ali que me dê respostas, porque estou cheia de dúvidas.

— Oi, Harriet — ele responde, sem sorrir.

Mas não encontro nada além de um rosto sério, praticamente inexpressivo.

Isso pode querer dizer qualquer coisa.

Talvez ele não se recorde do chaveiro.

Talvez a pulseira tenha sido apenas um presente de desculpas.

Ou talvez, não.

Talvez ele tenha se lembrado do chaveiro.

E talvez ele tenha comprado aquela pulseira pensando em mim e em todas as minhas constelações explosivas.

Deus.

Desvio o olhar para a janela.

Eu tenho vontade de gritar. Tenho vontade de bater a minha cabeça contra o encosto da frente.

Eu sabia que deveria ter tirado aquele chaveiro e o jogado fora. Ou pelo menos o esconder em algum lugar do meu quarto. Mas eu o uso desde que ganhei o meu primeiro carro, pouco depois de fazer dezesseis. Era a única coisa que eu tinha dele e significava muito naquela época.

Eu deveria ter tirado depois que comecei a namorar Corey, mas o tempo passou e ele simplesmente continuou ali. Era só um chaveiro, afinal. Bem, pelo menos é o que fico repetindo em minha cabeça enquanto olho para janela.

Fico em silêncio o trajeto todo. Grayson ocasionalmente fala com Sebastian sobre algum conhecido ou sobre algum jogo.

Eu tento focar no rock suave que toca no fundo da conversa dos dois.

Pixes é uma boate famosa no centro da cidade. Ela é grande e luxuosa, luzes azuis e vermelhas por toda a parte, iluminando suavemente o lugar escuro. Tem um ar intimista, mas, ao mesmo tempo, frenético, com sexo e bebida gritando junto com a música.

Sempre foi muito frequentada pelos jovens de Veahmond, principalmente os de elite. Tirar uma identidade falsa para entrar no

Pixes pela primeira vez era como um ritual de passagem para os jovens da nossa cidade.

Sebastian para o carro no amplo estacionamento e saímos. Sinto-me a terceira roda novamente, como na noite da festa de Hunter, quando fiquei de carona.

Grayson e Sebastian estão comentando alguma coisa no instante em que passamos pela porta de entrada.

O lugar já está cheio. Piso na boate, tentando reprimir a vontade de dar meia volta e ir embora.

Não quero mais estar aqui.

Sei que essa noite não será divertida. Já está sendo um inferno.

Logo em que entramos, um cara vem cumprimentar Gray e Sebastian. Ele abre um sorriso para o meu irmão e encara Sebastian como se estivesse vendo algum tipo de fantasma, mas não exatamente de forma ruim ou rude, apenas surpreso.

Nesse exato momento, alguém toca o meu braço e eu me viro para dar de cara com Georgina Olliphant.

Estudei com ela no Ensino Médio, mas nunca mais a vi depois da formatura. Nunca fui muito próxima dela, mas lembro que

ela fazia parte do nosso ciclo e era bem simpática. Ela namorava algum amigo de Corey, o qual não consigo lembrar o nome agora.

— Harriet, quanto tempo! — ela diz, abrindo um sorriso.

Eu também sorrio, aliviada com a interrupção; já estava me sentindo desconfortável parada ao lado dos garotos.

— Uau, você mudou o cabelo — eu digo, declarando o óbvio. Ela está com ele basicamente raspado.

Mas o rosto fino é o mesmo, assim como os olhos azuis.

Ela fica surpreendentemente bem quase careca.

— Tive um surto no último semestre da faculdade e raspei essa porra. Mas gostei. Mamãe quase me matou.

— Ficou ótimo! — eu digo com sinceridade.

— Vamos tomar uma bebida? Tô curiosa para saber o que a Harriet Aldridge fez nos últimos anos.

— Não fui presa e nem matei ninguém se é isso que quer saber — eu falo com humor.

Ela ri.

— Sério? Jurava que em algum momento seria presa por comparecer a algum tipo de protesto contra abuso de animais.

Honestamente, eu também.

— *Ainda* não.

Ela ri e eu me viro para Gray.

— Ei, vou tomar uma bebida com uma amiga. — aviso.

Meu irmão se vira para mim, assim como Sebastian.

— Beleza, mas fica de olho. Hoje tá bem cheio — ele diz, passando um olhar em volta e me encarando. — Se algum idiota se empolgar, chama a gente.

Chama *a gente*.

Não apenas Grayson. Mas *a gente*.

Eu sinto o olhar de Sebastian sobre mim quando assinto para o meu irmão, mas não me atrevo a encarar.

— Isso é tão fofo — comenta Georgina ao nos distanciarmos dele.

— O quê?

— Seu irmão superprotetor.

Eu torço o rosto.

— Às vezes é meio irritante.

— Não reclame. Eu trocaria em um piscar de olhos pela minha irmã de dez anos que só sabe roubar as minhas coisas. — ela comenta, mas há amor em seus olhos ao dizer isso.

A palavra “roubar” tem um certo impacto sobre mim e eu me esforço para me manter impassiva diante dela. Eu forço um sorriso.

— Você pode ficar com ele. — ofereço.

Ela suspira.

— Sério? Porque é tipo o meu sonho um ménage com o seu irmão e Sebastian Grant. Acho que de toda a garota de Veahmond que estudou com eles no ensino médio.

Eu faço uma careta, não gostando de imaginar meu irmão fazendo ménages. E nem Sebastian. Muito menos juntos.

Ew.

— O astro de basquete popular e o rebelde lindo e misterioso. — Ela sorri e então faz um pausa. — Falando no lindo e misterioso, Sebastian não tinha sido preso?

Georgiana não estava na cidade na época em que aconteceu. Ela provavelmente sabe ainda menos do que eu.

— Não. Ele não chegou a ser preso — eu respondo e a pergunto sobre o garoto com quem ela costumava namorar na

escola, porque não quero falar sobre Sebastian.

Tenho sucesso com a mudança de assunto, porque assim que é mencionado o nome dele, ela defere uns dez palavrões. Aparentemente o cara foi um completo idiota.

Nós paramos em frente ao bar, que é um círculo enorme do centro do salão. Como uma ilha, repleta de garrafas e copos.

Em volta, as pessoas estão espalhadas. Há uma parte em que fica a pista, outra que ficam algumas cadeiras e uma mais distante onde ficam alguns sofás e cabines acolchoadas. No bar, no centro de tudo, temos uma visão ampla de todos os jovens bêbados e excitados.

Converso com Georgina por alguns minutos. Ela me empurra um drinque e toma outro. Não ficamos exatamente bêbadas, mas felizes o suficiente para correr para a pista de dança quando escutamos uma música conhecida e com balada boa.

Juntamo-nos aos outros jovens, alguns mais intoxicados pela bebida e pela melodia do que o restante.

Eu fecho os olhos e jogo os meus braços para cima, sentindo um peso que eu nem sabia que estava carregando evaporar.

Eu relaxo pela primeira vez do que parecem semanas.

Georgina está sorrindo para mim e eu para ela. Ela faz um movimento engraçado com os braços que tira uma gargalhada dos meus lábios. Aquela gargalhada que é finalizada com um ronco de porco, mas nem me importo.

As luzes brancas como holofotes piscam de forma psicodélica, confundindo a minha visão e tornando tudo em mágica.

É como um sonho. Quase sinto como se o meu corpo não fosse meu. Esse tipo de liberdade é inebriante.

Estou balançando o meu quadril no ritmo da música, ocasionalmente esbarrando em um corpo suado. Em um movimento, eu me viro na direção oposta, e o vejo. Meu coração para instantaneamente, assim como os meus movimentos desaceleram.

De pé, com a parte de trás do corpo contra o bar e um cotovelo casualmente apoiado sobre ele, Sebastian tem os olhos em mim.

Fixados em mim.

Sei disso porque o sinto em todo o lugar.

Nas minhas pernas, na minha barriga, nos fios de cabelos da minha nuca.

Ele não está sorrindo. Nem mesmo no encontro dos olhos, ele reconhece o meu olhar com uma saudação.

Ele me observa sério, concentrado. Quase metódico.

Predador.

Eu não paro de mover o meu corpo. De repente, estou muito mais ciente dele. De cada membro, cada nervo.

Ficamos nesse balanço um tempo. Continuo dançando e ele continua observando. Sem nem por um minuto desviar os olhos.

As luzes fortes piscam algumas vezes, fazendo-me perdê-lo por um momento, mas então o devolvendo uma fração de segundo depois.

Imagens atravessam em minha mente de ele vindo em meu sentido, lentamente. Ficando de frente para mim. Colocando as mãos em meus quadris.

Eu pisco com força, afastando o pensamento sombrio e traidor. Mas volto encará-lo, e ele ainda está lá. Sua figura longa e imponente me encarando.

Apesar de tanta gente em volta, é íntimo demais. *Errado* demais. Como se fosse apenas nós dois naquele salão.

Eu dançando para *ele*.

Meu olhar continua preso nele, e é por isso que eu a percebo chegar perto.

Uma garota de cabelos escuros longos, saltos pretos, corpo esbelto para ao lado de Sebastian. Ela move os lábios e eu presencio, com certa dificuldade, o olhar dele deixar o meu para fitá-la.

De repente, fica complicado de respirar. Como se o olhar dele fosse oxigênio e agora ele havia me deixado sem nada.

Você está me matando, Sebastian.

E eu acho que você nem faz ideia.

E lá está o maldito caroço em minha garganta. Eu fecho os olhos com força e giro o meu corpo na direção contrária.

Aas luzes são demais, os corpos em volta são demais. Tudo está girando e apertando.

Georgina está mais distante agora, dançando com um cara. Seu sorriso despreocupado no rosto bonito.

Eu sinto uma mão no meu quadril e me viro para encontrar um homem de cabelo espetado na minha frente. Ele tem um meio sorriso no rosto largo.

— Oi— ele diz, alto o suficiente para que eu possa ouvi-lo.

— Oi — eu digo de volta, ainda conturbada por causa dos últimos segundos.

— Você é linda demais — ele comenta, aproximando a boca do meu ouvido.

Eu recuo.

— Valeu, mas eu tenho namorado.

Mas você não se importa de dançar para o irmão dele, não é?

Eu sou mesmo uma hipócrita nojenta.

Mas a minha declaração não parece abalar o desconhecido. Não sei se ele não acredita em mim ou se simplesmente não liga.

— Relaxa, vamos só dançar — ele diz, aproximando-se, seus braços cercando as minhas laterais.

Eu coloco a mão no tronco dele e faço pressão.

— Não quero dançar.

Tento dar um passo pra trás, mas há corpos espremidos por toda a parte. Dou de costas com outro cara e fico sem saída.

— Só essa música, gata. Vamos lá — ele insiste, pressionando seu corpo contra o meu.

Eu me irrita.

Fui educada e o cara continua insistindo. Continua me *tocando*.

Eu chutaria as suas bolas, como Gray me ensinou, mas ele tem as pernas fechadas e eu não consigo levantar o meu joelho, porque estou espremida em um mar de gente.

Ele faz menção de abaixar a cabeça para me dizer alguma coisa, e eu estou prestes a levantar a mão e lhe dar um tapa no rosto, mas a cabeça dele não chega nem na metade do caminho até mim antes de ser puxada para trás.

Simples assim, os braços do cara já não me envolvem mais.

Eu pisco uma vez, surpresa e desorientada, até que entendo.

Há talvez um metro de mim, Sebastian tem uma mão na parte de trás da camisa azul do cara. Ele a solta e fita o desconhecido quando eles ficam de frente um para o outro, que o encara de volta, em um misto de raiva e confusão.

O rosto de Sebastian é gelo enquanto olha para o idiota.

Vejo uma troca de palavras, mas não posso escutar por causa da melodia pulsante e alta demais. E eu não sei se é por

causa da música ou por causa das luzes, mas eu estou me sentindo um pouco enjoada e tonta.

A mão de Sebastian vai até o ombro do homem e ele diz algo perto do ouvido dele. Vejo o seu maxilar cerrado e sei que o que sai de sua boca não é algo nem um pouco gentil.

O homem de cabelo espetado dá um passo para trás e, como em um passe de magia, desaparece entre a multidão.

Eu espero, com o coração pulsando forte contra o meu peito, o momento em que Sebastian vira o rosto lentamente e encontra o meu.

Ele dá três passos até mim, encontrando-me no meio de todos os corpos.

Seu maxilar continua cerrado, mas há mais preocupação do que raiva em seu olhar agora.

Eu inclino a cabeça para encontrar os seus olhos.

— Você tá bem? — Ele precisa abaixar a cabeça e aproximar a boca do meu ouvido para que eu possa escutá-lo.

O seu cheiro bate contra mim de forma violenta. É incrível e familiar demais.

Eu assinto devagar e vejo o seu olhar estudar o meu rosto, esperado a resposta.

— Você quer ir embora? — ele pergunta.

— Quero.

Ele assente de forma quase imperceptível.

— Vamos.

18.

antes

— Sinceramente, nada demais — disse Lillian ao meu lado.

Eu queria concordar, mas enquanto olhava para a garota a cerca de dez metros de mim, sabia que Lillian estava mentindo.

Ou melhor, a mulher.

Eu estava olhando para uma mulher.

Há cerca de dez minutos, Sebastian chegara na festa de Hunter Miller acompanhado. E há cerca de dez minutos eu estava a encarando fixamente.

Porque Sebastian nunca chegava a lugar nenhum acompanhado com nenhuma garota. Mas lá estava ela.

Linda e intimidante, como ele.

— Tá. — Chegou Sienna ao nosso lado, quase ofegante. Ela havia saído para procurar informações. — Ela é um ano mais velha. Tá na faculdade de Cleveland fazendo Arquitetura. O nome dela é Riley.

— Riley. — Eu testei o nome na minha boca.

Ela fumava um cigarro do lado de fora, distante de nós. Sebastian tinha acabado de entrar, provavelmente para pegar bebida para os dois.

Quando eu vi os dois chegando juntos, achei que ia morrer. Eu sabia que Sebastian ficava com garotas, mas ele nunca chegava em festas com garotas. Ainda mais com garotas como aquela.

Eu sabia que ela era mais velha.

Uma universitária.

Inacreditável.

Como uma menina como eu, que tinha acabado de fazer quinze anos, teria alguma chance?

Até o nome dela era descolado.

Riley.

Combinava com ela. Com a jeans rasgada e os cabelos escuros.

Óbvio que ela era morena.

— O que ela tá fazendo aqui de qualquer forma se ela estuda em Cleveland?

— É verão, Harriet. Ela tá de férias. Às vezes algum familiar mora aqui.

— Tá, mas o que ela tá fazendo nessa festa? Só tem o pessoal da nossa escola aqui.

Eu sabia que a minha raiva era irracional, mas eu não conseguia evitar.

O ciúme queimava.

— Ela veio com ele, ué. Talvez estejam juntos para valer.

Eu tirei os olhos da universitária fumante e descolada e encarei Lillian.

— Você acha que eles estão namorando?

Ela não respondeu, então levei meu olhar até Sienna.

— Não faço ideia. Mas é provável que não. Afinal de contas, nem aqui ela mora. Como eu disse, ela estuda em Cleveland.

— É, mas Sebastian se formou. Talvez ele esteja pensando em fazer faculdade em Cleveland depois do verão. — Eu faço uma pausa. — Aí meu Deus, talvez ele vá morar com ela.

— Calma — Lillian disse. — Você tá surtando.

— Sebastian não vai começar a namorar prestes a entrar na faculdade — Sienna comentou e deu de ombros. — Eles devem estar só curtindo.

Eu inspirei fundo, voltando a olhar para Riley. E foi naquele momento que Sebastian chegou com dois copos na mão. Ela soprou a fumaça e sorriu para ele. Ele sorriu de volta, aquele sorriso de canto de lábio.

Meu coração apertou em uma sensação excruciante.

Ver o garoto que você amava sorrindo para outra garota deveria estar no top três piores coisas do mundo.

Sebastian estendeu um copo para Riley e ela o pegou. Ele tirou o cigarro dos lábios dela e o tragou ao mesmo passo em que a garota levou o copo até a própria boca.

Eu virei o rosto antes que ele a beijasse.

Aquilo seria demais.

Enquanto desejava que os dentes de ambos apodrecessem juntos, esbarrei com Tyler, um dos meus amigos meninos mais próximos. E resolvi que ali seria a minha distração.

Tyler e eu nos pegávamos às vezes.

Porque, por mais que eu amasse Sebastian, eu não podia o esperar em completo celibato. E como ele estava no momento ocupado com a universitária dele, queria fazer algo que esvaziasse a minha mente.

Tyler era muito bonito, relativamente engraçado e beijava muito bem. Apesar de ter a minha idade, era alto e com músculos consideráveis. Ele era o capitão do time de futebol.

As horas se passaram, e entre amassos com Tyler e conversas com amigos já bêbados, eu consegui evitar Sebastian e a universitária descolada por uma quantidade impressionante de tempo.

Até que lá para as duas da manhã, quando uma quantidade considerável de gente já tinha ido embora, e eu estava indo a caminho do banheiro, deparei-me com os dois no corredor. Ele a tinha contra a parede, uma mão ao lado de sua cabeça e a outra na cintura dela. Ele estava inclinado sobre ela e Riley tinha um sorriso

no rosto, à medida que ele murmurava alguma coisa muito próximo ao rosto dela.

Por pouco eu não congelei assim que virei no corredor. Eu me forcei a ignorar e continuei andando. Nenhum dos dois notou a minha presença, tive certeza disso, porque uma gargalhada deixou os lábios dela para algo que ele disse.

Eu engoli em seco e virei mais uma vez, para o banheiro.

A perseguição parara um pouco nos últimos meses.

Em parte porque eu dera uma amadurecida, já tinha quinze anos afinal. Mas também pelo fato de que meu irmão disse que eu estava começando a parecer uma estupradora. O que na hora achei ridículo e mandei ele se ferrar. Mas a verdade era que eu não queria violentar o cara.

Queria tocá-lo o tempo todo? Sim. Já tive fantasias sexuais com ele? Definitivamente.

Mas ele estava consentindo em todas elas.

Então mudei a minha estratégia, tentando me fazer um pouco indiferente. Mas, fazendo xixi, e a imagem dele a beijando contra a parede consumindo a minha mente, percebi que minha nova estratégia também não estava dando certo.

Era trágico e frustrante.

Quando saí do banheiro, estava decidida a ir para casa. Estava cansada de beijar Tyler e jogar conversa fora com meus amigos.

Para me poupar de ficar diante da cena de Sebastian beijando Riley novamente, saí do banheiro e fui para a sala por outro caminho. Dessa forma, tive que atravessar a cozinha, e lá encontrei o mais maravilhoso prato de brownies sobre a ilha de mármore.

Isso instantaneamente levantou o meu humor.

Eu peguei um e comi, saboreando-o.

Estava incrível e não demorou muito para eu começar a afogar as minhas mágoas no doce. Ao invés de voltar para a sala, com os meus amigos, fiquei ali sozinha na cozinha. Não estava com humor para conversar de qualquer forma e aqueles brownies eram melhor companhia do que qualquer outra pessoa.

Eu estava colocando um pedaço na minha boca quando ele foi tirado de forma brusca da minha mão.

Sebastian estava agora ao meu lado, com o meu meio pedaço de brownie nas mãos.

Eu fechei a boca, que estava entreaberta para receber o doce.

— Você comeu os brownies? — ele perguntou, encarando-me fixamente.

Eu engoli o resto que ainda tinha em minha boca enquanto o encarava.

— Comi.

— Quantos?

Eu pisquei.

— Não sei.

— Harriet, *quantos*? — Sua voz era firme, beirando a irritada.

— Não sei, não contei. Por que você tá irritado? — eu indaguei, confusa.

— Mais de um? — ele indagou, colocando o pedaço de brownie meio comido de volta na mesa.

— Definitivamente. Tem um monte de brownie aqui, Sebastian. Tem para você e para todo mundo nessa festa — eu argumentei, tentando ignorar como ele estava bonito dessa forma, meio irritado.

Por que ele estava sendo tão egoísta?

— Não quero brownies, Harriet.

— Então o qual o problema?

— São brownies batizados.

Eu hesitei, sem entender.

— São brownies de maconha, Harriet. — ele explicou.

Eu congelei e meu cérebro deu uma três voltas em minha cabeça.

— Ai, meu Deus. *Ai meu Deus.* — meu coração acelerou e eu pisquei várias vezes, em completo horror. — Eu fui drogada.

Eu dei um passo para trás e coloquei as mãos no pescoço. Eu nunca tinha ingerido nenhuma droga.

— Não. Não. — Sebastian pegou o meu braço. — Relaxa. Não surta, porque senão é pior.

Eu o encarei.

— O que eu faço? — sem lhe dar tempo para responder me inclinei um pouco e soltei: — Ai, meu Deus, eu preciso vomitar.

Sebastian segurou o meu braço com mais firmeza e me arrastou por um corredor até estarmos de frente à uma porta. Ele a

abriu e me empurrou para dentro do que parecia ser um quarto de hóspedes.

A minha cabeça girava.

— Eu nunca fumei antes — anunciei no segundo que ele achou a porta.

— Eu sei.

— Como você sabe?

— Dá para notar.

— Eu não sou careta — eu disse, levemente ofendida.

Sebastian não respondeu.

— O que vai acontecer agora? — eu indaguei, tentando não soar assustada e falhando ridiculamente.

— Depende de quantos você comeu. Por isso eu preciso saber.

Eu franzi o cenho, tentando me lembrar.

— Três. Tecnicamente quatro. Aquele que você tirou de mim era o meu quarto.

A sua expressão não mudou muito mas seu seu maxilar torceu sutilmente e ele ficou em silêncio.

Oh, não.

Aquilo não era um bom sinal.

— Sebastian? Ai, meu Deus, isso é ruim, não é? Eu vou morrer.

Ele deu um passo à frente, ficando muito perto.

— Não, você não vai morrer. Harriet, maconha é só uma planta. Não vai te matar. A quantidade que você ingeriu foi só um pouco maior do que o usual. Mas vai ficar tudo bem e tudo vai voltar ao normal dentro de — ele fez uma pausa — algumas horas.

— Algumas horas?

— Sim.

— Quantas?

— Não sei. Duas... Talvez cinco.

Meu coração pulou.

— Cinco?!

— Provavelmente duas.

Eu coloquei as mãos ao redor do pescoço e inspirei fundo.

— Ai, meu Deus.

Eu perdi a conta de quantas vezes falei aquilo em voz alta. Mas era a única coisa que eu conseguia proferir.

Sebastian adiantou-se, ficando extremamente próximo, e colocou as mãos nas laterais do meu rosto.

Se eu não estivesse em completo pânico depois de ingerir uma quantidade absurda de maconha por engano, aquele seria um momento muito romântico.

— Ei, você precisa relaxar, ok? — ele disse, devagar. — Para que seja uma experiência tranquila. Inspira.

Havia uma calma em Sebastian, um núcleo seguro e impenetrável. Era como se ele sempre tivesse controle sobre tudo. Como se nada fosse grande ou assustador o suficiente para ele.

Sempre invejei isso nele. E sempre admirei também.

E naquele momento, enquanto observava seu poderoso e ao mesmo tempo sereno âmbar, sabia que eu ficaria bem.

— Ok — soprei.

Meus olhos deixaram os seus e desceram até a sua boca. Eu não sabia se o que eu estava sentindo era a maconha começando a fazer efeito ou se era simplesmente Sebastian.

Eu ainda estava tentando me decidir quando a porta do quarto foi aberta.

Ambos nos viramos com a intromissão.

E quem colocou a bela cabeça para dentro do quarto foi ninguém mais, ninguém menos do que Riley, A Universitária Gostosa.

— Ah, tava te procurando — ela disse, com os olhos em Sebastian.

Depois eles foram até mim e eu fiquei incomodada com o fato de ela ser ainda mais bonita de perto.

E, no momento, ela não parecia irritada ou desconsertada ao ver o ficante dela com outra garota. Ela só parecia um pouco surpresa e confusa.

Gostaria que ela me olhasse como se eu fosse uma ameaça. Gostaria que ela tivesse tantos ciúmes de mim quanto eu tinha por ela.

— Espera aí — Sebastian murmurou, sem olhar para mim, porque estava muito ocupado com os olhos nela.

— Não — eu disse, agarrando o seu braço no instante em que ele fez menção de se afastar — Não me deixa aqui sozinha.

Ele me encarou.

— Não vou, Harriet.

Mas eu não o soltei.

— Juro — ele prometeu com os olhos intensos fixados nos meus.

E eu sabia que Sebastian não era o tipo de pessoa que quebrava suas promessas.

Soltei-o.

Ele se afastou e se aproximou da porta. Eu virei o rosto e ele começou a explicar a situação para ela. Não ouvi exatamente o que dizia, porque a música distante, vindo da sala, abafava os seus murmúrios.

Mas eu imaginava ela rindo da irmã mais nova idiota do melhor amigo de Sebastian se empanturrando de brownies de maconha por engano e precisando de uma babá.

Demorou apenas alguns minutos antes que a porta se fechasse.

Ele voltou a se aproximar.

Eu sabia que deveria manter a boca fechada, mas, como sempre, não consegui evitar.

— Ela é bem bonita.

Sebastian se aproximou da cama, e em completo silêncio, começou a ajeitá-la. Ele nem olhou para mim.

— Vocês estão namorando? — indaguei, tentando soar casual.

Sebastian se sentou tranquilamente na cama, ainda de sapatos. Ele cruzou os braços atrás da cabeça e isso fez maravilha para seus bíceps.

— Deita, Harriet.

E isso me tirou completamente de qualquer coisa que não fosse Sebastian em uma cama me pedindo para que se juntasse a ele.

Eu obedeci, deitando-me ao seu lado de barriga para cima.

Eu havia sonhado com aquele momento há tanto tempo, mas em meus sonhos ele geralmente estava me tocando e não cuidando para que eu não tivesse um surto psicótico.

— Eu não estou sentindo nada diferente — eu declarei, alguns segundos depois, encarando o teto branco.

— Demora um pouco.

Eu inspirei.

— Hum.

Mais alguns segundos se passaram.

— Eu vou ter alucinações? Tipo, vou ver unicórnios ou alguma coisa assim? — eu indaguei, virando o meu rosto para encará-lo.

Ele tinha os olhos no teto e eu me perdi em seu belo perfil por alguns segundos.

— Você ingeriu maconha, Harriet, não ecstasy.

— Você vai contar para o meu irmão?

Ele finalmente tirou os olhos do teto e me encarou.

— Que você comeu brownie de maconha por acidente?

— É.

— Você não quer que eu conte?

Não me importava muito para ser sincera. Meu irmão não ia surtar ou contar para os nossos pais, mas ele ia me dar um sermão sobre não colocar qualquer coisa comestível na boca em festas.

Mas eu gostava da ideia de ter um segredo com Sebastian.

— Não.

— Tudo bem — ele disse, desviando o olhar para o teto. — Só toma cuidado com essas coisas. Nunca coma brownie em festas de adolescentes.

Eu voltei a encarar o teto também e suspirei.

— Tava tão gostoso.

Alguns segundos se passaram.

— Sabe o que o seu nome significa? — eu indaguei, mirando-o, e fiz uma pausa. — Venerado.

— Parece que a maconha bateu.

— Não, é serio. Eu gosto de significados de nomes. Pesquisei o seu. Combina com você.

Ele me encarou.

— Qual é o seu?

— Harriet?

— É.

— Portadora de armas.

Ele riu. Uma risada genuína e gostosa. Aquele tom rouco e grave chegou dançando até os meus ouvidos.

— O que foi? — indaguei, fascinada.

— Combina com você também.

— Eu não tenho nenhuma arma.

— Graças a Deus. Se tivesse, estaríamos todos perdidos.

Eu sorri enquanto o observava. Eu não sabia se era graças às suas palavras, ao seu sorriso lindo ou se porque as coisas estavam simplesmente ficando mais engraçadas.

Tudo começou a ficar mais lento e diferente, mas de uma forma boa. Uma forma preguiçosa.

Eu me virei, deitando de lado. Inspirei fundo, perdendo-me nele enquanto fitava o seu perfil.

Deus, ele era tão incrível.

— Sabe, você vai me amar um dia.

Sebastian olhou para mim.

— Você deveria parar de esperar por isso. Tem muita coisa melhor para se desejar.

Eu balancei a cabeça contra o travesseiro.

— Não, é só isso que eu quero. — Eu fiz uma pausa, séria.

— Ah! E, claro, salvar todos os animais de rua do mundo. Esses são

meus dois únicos desejos.

Então isso me levou a imaginar vários animais em minha casa. Havia tantos cães que, ao abrir a porta da frente, animais eram cuspidos para fora. E todos eles, por alguma razão, tinham o rosto de Nuggets.

Uma risada deixou meus lábios, pois eu imaginava um milhão de Nuggets.

— Quer saber? Eu acho que eu gosto de maconha.

Dessa vez foi Sebastian que soltou uma risada rouca.

— Não, princesa, não gosta.

Não lembro mais de nada, porque acabei dormindo pesado pouco depois.

No final das contas, Sebastian mentiu. Provavelmente para me deixar mais calma. Mas o efeito da droga não teve apenas duas horas. Quando eu acordei, deitada na minha própria cama, mais de cinco horas depois, ainda me sentia estranha.

Mas estava tudo bem, porque Sebastian Grant Crawford havia me chamado de princesa.

19.

Sebastian sai na frente, abrindo espaço entre o mar de gente e eu sigo. Os ombros largos fazendo caminho entre a multidão.

Uma vez fora da pista, ele tira o celular do bolso e começa a digitar conforme andamos até a saída da boate.

Eu o observo de perfil. Ele parece meio irritado. Os lábios em uma linha reta e os olhos sérios.

Alguns segundos depois, ele se vira para mim.

— Grayson vai ficar. Conheceu...

Ele não chega a terminar a frase, porque a garota, que acabo reconhecendo como a morena de alguns minutos atrás, nos interrompe. Ela surge como um maldito ninja.

— Já está indo? — ela pergunta, observando-o.

Noto o batom muito vermelho em seus lábios carnudos enquanto ela fala.

— Já.

Ela abre um meio sorriso.

— Poxa, que pena. — Ela parece muito próxima de fazer um biquinho quando finalmente me vê. — Ah, — ela não esconde a sua surpresa — quem é essa?

Eu me remexo desconfortavelmente ao lado de Sebastian. Ele me encara assim que meus olhos deixam a mulher para mirá-lo.

— É a namorada do meu irmão mais novo. — Não há expressão em seu rosto, mas a sua voz é gelada.

E eu sinto o baque gelado assim que ele profere as palavras em voz alta. Como um banho de água fria.

É a namorada do meu irmão mais novo.

Ele não está errado. Sou mesmo a namorada do irmão mais novo dele. Mas ele fala de uma forma que sinto como se fossem veneno.

Eu desvio o olhar, engolindo um gosto desagradável.

A garota fica visivelmente aliviada ao perceber que não sou uma ameaça. Ela sorri e está prestes a abrir a boca perfeita, mas sou mais rápida.

— Eu te encontro na porta — eu aviso a Sebastian, porque não posso aguentar mais um segundo disso.

Distancio-me, deixando-os a sós.

No momento em que chego até o lado de fora, inspiro com força, aliviada. Odeio o que estou sentindo. Odeio o fato de que há um nome para essa sensação, mas que não quero admitir. Porque é errado. Porque eu não tenho o direito.

Porque eu sou a namorada do irmão mais novo dele.

Começo a me perguntar se vou ter que ficar esperando por muito tempo enquanto Sebastian flerta com a morena, mas ele chega ao meu lado menos de um minuto depois.

— Vamos? — ele diz, passando por mim com a expressão vazia.

A música pulsa do lado de fora, apesar de bem mais baixa e distante. Há pessoas fumando e conversando abaixo da noite quente. Um casal se pega contra o carro, no estacionamento. Há um par de garotas que parecem estar tendo uma discussão bêbada. Lágrimas nos olhos e emoção à flor da pele.

Eu e Sebastian andamos próximos, ainda que eu esteja alguns centímetros mais para trás. Andar ao seu lado talvez requeira algum tipo de diálogo e eu sei que, se eu abrir a boca, direi

algo estúpido do qual irei me arrepender profundamente logo em seguida.

— Sebastian Grant Crawford. Eu tô vendo um fantasma?

Eu olho para a minha direita, para um grupo de homens a alguns metros. O que acabou de dizer isso está encostado contra a parede com um cigarro pendendo nos lábios.

Há um ar divertido em seu olhar. Provocante.

Envolta, todos os outros três homens encaram Sebastian.

Ele desacelera o passo, mas Sebastian continua a andar. Não parece reconhecer o homem.

Então um careca, ao lado dele, responde:

— Não, é ele mesmo. — Ele balança a cabeça e então diz mais alto: — Você não tava preso cara? Achei que caras que batiam nos pais ficavam mais do que quatro anos na prisão.

O ar muda, de repente. E eu quase tropeço nas pedras irregulares onde piso.

Estou surpresa demais com a declaração. Surpresa demais em testemunhar essas palavras.

Sebastian vira o rosto para frente, ainda caminhando. Estou logo atrás dele, meu olhar nos homens que nos encaram.

— Tem que ter muita coragem para ir com um condenado. — O fumante ri e exclama: — Ei, moça, eu te prometo que posso ser bem mais gentil.

Sebastian para, o que faz com que eu quase esbarre meu ombro contra as suas costas.

Ele fica assim por um segundo, talvez dois.

Estou tão perto dele que se me inclinar sutilmente nossos corpos se tocam. Eu sinto o seu calor. Eu também sinto o dilema em sua mente. A raiva atravessando e a razão tentando fazer com que ele ignore.

E é por isso que eu abro a boca e digo, devagar:

— Sebastian...

Eu não sei o que dizer em seguida, mas nem preciso me dar ao trabalho, porque ouço o careca falar para seus amigos:

— Essas vadias se amarram em levar porrada depois do sexo.

Bem na minha frente, eu vejo o dilema terminar.

A raiva vence.

Porque a mão direita de Sebastian se torna um punho e ele se vira, andando em direção à direita.

Seu andar é decidido.

Fatal.

Predatório.

Os homens o observam, numa mistura de surpresa e curiosidade, talvez também satisfação por ter conseguido provocá-lo. Dois deles recuam, mas os outros dois esperam.

O com o cigarro nos lábios é o primeiro.

Ele tira as costas da parede, vendo Sebastian se aproximar. Ele se prepara, mas acho que não é rápido o suficiente porque o punho de Sebastian encontra a sua jugular *com força*.

Estremeço, porque escuto o impacto de onde estou.

O cigarro voa de sua boca e ele bate as costas contra a parede devido ao impulso. Seu corpo escorrega contra a parede como um boneco de pano.

Eu pisco.

Sebastian o nocauteou com um soco.

Eu nunca vi uma luta na vida real. Já vi uma ou outra na época da escola. Mas nunca vi uma luta *real* com homens de verdade. Porém, sempre supus que havia troca de socos, ataques e recuadas. Quase como uma dança violeta.

Mas não há nenhuma dança ali. É rápida, crua e agressiva.

O homem careca rapidamente vai para o ataque, deferindo um soco em Sebastian. Os outros dois homens recuam, observando-os.

As pessoas em volta estão olhando agora. Vejo que as garotas já não estão discutindo e se aproximaram, curiosas.

Sebastian leva um soco e vejo o seu rosto contorcer sutilmente para o outro lado, mas então ele o fixa no homem careca. E eu posso sentir o medo do homem desconhecido do ponto que estou parada.

Como um predador que sente o cheiro imundo do medo de sua presa.

O careca dá um passo para trás, para ganhar tempo talvez, mas Sebastian avança. O primeiro soco quase o fazendo girar, mas diferente do amigo, ele não cai. Ele tenta outro soco em Sebastian, mas ele acerta apenas de raspão.

Sebastian aproveita a deixa e o soca novamente, antes que ele possa se recuperar. Coloca a mão em sua camisa e o empurra contra a parede.

Ele o soca mais uma uma vez. Sua cabeça bate contra a parede e volta, como uma bola quicando.

— Aí, cara, já tá bom — ouço um homem mais distante dizendo. Sua voz não é autoritária ou irritada; é mais como um pedido ou conselho.

O careca não está mais reagindo aos seus socos. Apenas encara Sebastian com seus olhos de presa.

Finalmente saio de meu transe e me aproximo alguns passos. Não sei o que fazer, mas Sebastian não pode bater mais nesse homem.

Toda essa noite me parece um maldito pesadelo.

Suas mãos continuam pressionando o corpo do homem na parede pela gola da camisa.

— Diz — Sebastian pede e o ouço respirar com força — “desculpa, Harriet.”

A sua voz é rouca, mas estranhamente controlada.

O cara apenas o encara, sangue machado em seu rosto.

Vejo os músculos das costas de Sebastian tensionarem contra a camisa quando ele pressiona o peito do homem mais forte.

— Descul-culpa. — ele diz, baixo e hesitante.

— *Harriet* — Sebastian rosna.

Nunca ouvi meu nome ser proferido daquela forma.

O careca tira as íris de cima de Sebastian por uma fração de segundos para me fitar.

Eu engulo em seco.

— Desculpa, Harriet — ele diz, voltando os olhos para Sebastian.

Eu balanço entre os pés e passo uma das mãos na nuca, sentindo o meu coração na garganta.

Sebastian não o solta instantemente.

As pessoas envolta trocam olhares entre eu e os dois.

— Sebastian — eu chamo. E depois de alguns segundos, mas que parecem décadas, as mãos dele deixam a camisa do homem, que continua encostado pateticamente contra a parede.

— Eu vou chamar a polícia — diz uma das garotas chorosas ao meu lado.

Ela tem um smartphone nos dedos trêmulos.

— Não precisa — eu digo, virando-me para a loira. — Eles já pararam.

A garota olha para mim, os grandes olhos azuis confusos e marejados. Então rapidamente volta a olhar para os dois.

— Mas acho melhor...

Eu a interrompo.

— Não — eu falo, e quase tiro o celular das mãos dela em um impulso. Minha voz sai mais irritada do que intento. — Eles já pararam, viu? — indico com a cabeça, suavizando a voz.

Não sei se é a adrenalina, mas quase me sinto disposta a brigar com a loira pelo celular. Ela me fita por um momento e abaixa o aparelho.

Sebastian começa a andar em direção ao estacionamento e eu o sigo. Olho para trás, para ver as pessoas se aproximando dos dois homens e formando uma pequena aglomeração.

Se alguém chamar a polícia, Sebastian pode se dar mal. Ele já tem histórico.

Eu inspiro com força e abro a porta do carona, sentando-me no couro gelado.

Sebastian já tem a mão na chave e a gira.

Eu o encaro ao passo que saímos do estacionamento. Ele fica em silêncio, os olhos na estrada. De certa forma, eu espero uma respiração forte, tensão nas linhas do rosto e raiva no olhar.

Mas não.

Ele parece quase... *Calmo*.

Mais calmo do que estava quando saímos da pista de dança um pouco mais cedo.

É quase como se a luta tivesse levado embora toda aquela energia tensa e pulsante.

Desço o meus olhos, porque não quero ser pega encarando, apesar de saber que ele está ciente do meu olhar. Encaro suas mãos no volante e vejo os nós de seus dedos vermelhos.

Um frio incômodo percorre a minha espinha.

Eu desvio o olhar para a estrada, concluindo que é estranho estar no assento do passageiro do carro de Sebastian. Meu coração sufoca a lembrança da noite em que ele me deixou em casa, quando eu estava sentada no banco de trás. Sebastian parando o carro à medida que Sienna se inclinava sobre ele praticamente

chupando o seu lóbulo. O meu peito apertando e o caroço em minha garganta ficando gigante.

Eu murmurei um tchau e praticamente pulei para fora do carro. Senti-me claustrofóbica. Só consegui respirar de novo assim que entrei em minha casa.

— Você costumava falar mais. — A sua voz é grave, mas suave.

A constatação me surpreende e eu o fito, mas ele ainda olha para a estrada.

Eu abro a boca duas vezes antes de conseguir responder.

— Estou tentando policiar. Dizem que quando abro a boca geralmente eu não consigo fechar novamente até dizer algo embaraçoso.

Os olhos dele deixam a estrada e encontram os meus. Eu recuo diante de seu olhar; é um movimento suave, quase imperceptível, e completamente instintivo.

— Quem diz isso?

— Todo mundo: Corey, Gray, meus a...

Ele bufa. É um som de desprezo e ele vem com balançar de cabeça suave e amargo para completar.

— Besteira — ele murmura, voltando-se para a estrada.

Eu o fito por talvez três segundos, tentando entender o que ele quis dizer, e logo sigo o seu olhar para frente.

Ele está dizendo que gosta quando eu divago?

Porque eu me lembro muito bem da época em que ele achava irritante.

Eu suspiro e eu tento, tento *de verdade*, não abrir a boca. Mas ele mesmo disse que isso era ridículo, não é?

Então que seja.

— Tinha uma época em que você concordava com eles.

E dessa vez sou eu que não desvio meus olhos da estrada. Sinto seu rosto virar em minha direção e também consigo sentir seus olhos queimarem em minha pele. Mas me mantenho firme.

Não sei se ele pretende responder, porque se passam alguns segundos, mas meu celular começa a tocar antes que eu possa descobrir. O som é suave e abafado em meu bolso, mas o bastante para que quebre a tensão no meio.

Eu suspiro aliviada e o tiro do bolso. Mas eu cometo o erro de aceitar a ligação de forma automática, antes de ver o contato.

— Oi — eu digo, colocando o aparelho no ouvido.

— Ele me deu um fora, acredita? — A voz de Sienna é alta e clara, o que faz com que eu quase dê um pulo de susto, tentando desesperadamente abaixar o volume do maldito celular.

— Quê? Quem? — eu pergunto, em um misto de confusão e desespero.

Encontro o maldito botão e aumento o som ao invés de abaixar.

— Sebastian!

Putá merda.

Eu fecho os olhos com força.

— Um segundo — eu a corto e, por fim, encontro o botão certo.

Lanço um olhar de lado para Sebastian. Não sei se ele ouviu ou não. Seus olhos continuam presos na estrada. Não há nada em seu rosto que me faça presumir que ele ouviu, mas meu estômago está dando voltas.

E além do mais, Sebastian sempre foi bom nisso. Ser um maldito quebra-cabeça.

Não sei o que pensar, mas murmuro:

— Pronto. Pode falar.

A voz dela é consideravelmente mais baixa agora, um som bem distante.

— Você ouviu o que eu disse? — ela pergunta do outro lado da linha.

— Sim, alto e claro. — eu murmuro. — Quando aconteceu?

Ela suspira.

— Desde o dia do seu aniversário eu não tava conseguindo falar muito bem com ele. Ele tava me evitando, mas hoje ele oficialmente me dispensou.

Eu engulo em seco. Tentando processar a informação e o fato de que estou tendo que fazer isso bem ao lado de Sebastian.

— Hum... Por quê? — Minha voz sai quase como um sussurro.

— Sei lá. Ele não disse exatamente. Só deu uma desculpa genérica de homem — ela diz com a voz frustrada e eu não preciso estar ao lado dela para saber que ela está revirando os olhos nesse momento.

Eu lanço um olhar para ele.

Nada.

Desvio e pergunto:

— Você tá bem?

Ela ri.

— O cara é gato demais, mas a gente só estava se divertindo, Harriet. E acredite em mim quando eu digo que estávamos nos divertindo *muito*. Mas é por isso que estou meio confusa. Achei que ele queria continuar por mais um tempo. Pelo menos até o fim do verão.

— Então isso é um não? — indago, aliviada.

— É definitivamente um não. Meio decepcionada? Sim, talvez. Mas triste, não. Sebastian nunca insinuou que era mais do que sexo. Ele deixou bem claro, na verdade. O cara é distante demais. E eu também nunca esperei nada diferente.

Eu escuto um barulho de pessoas falando no fundo e aproveito a oportunidade para mudar de assunto.

— Onde você tá?

— Vim com os meus pais passar o final de semana na casa da minha tia. A mãe da Julie, sabe?

— Ah, sim. Bem — eu faço uma pausa, sem saber muito bem o que dizer nessa situação, mas quero terminar essa ligação —, qualquer coisa me liga.

Despedimo-nos e eu coloco o meu celular de volta no bolso.

Percebo que estamos nos aproximando da minha rua.

E é só aí que me bate.

— *Merda* — eu sibilo, fechando os olhos e batendo a cabeça no encosto do banco.

É obvio que essa noite tinha que piorar.

Sebastian olha para mim.

— O que foi?

— As chaves. — Eu suspiro, virando a cabeça e encontrando seus olhos âmbar.

Ele pisca, sem entender.

— O que tem elas?

— Não trouxe minhas chaves, porque vim com Gray. Não pensei que...

— Seus pais não estão em casa?

— Minha mãe está de plantão e meu pai está viajando por causa das palestras — eu digo, quase com dor.

Viramos à esquerda e entramos na minha rua.

Penso em mandar uma mensagem para Sienna, que mora muito perto. Mas então me recordo de nossa conversa e do fato de ela estar na casa da tia, que vive a mais de uma hora daqui, então a ideia é rapidamente descartada.

Um longo silencio se estabelece.

— A casa do meu tio tem um quarto de hóspedes. — ele finalmente fala.

E é nesse exato momento em que ele estaciona ao lado da minha casa.

Eu o encaro.

Dormir na casa dele?

Eu tenho vontade de rir. Ou chorar.

— Não precisa. Não quero atrapalhar — eu digo, rapidamente.

— Não tem problema.

Seu rosto é sério. Ele também não parece empolgado com a ideia, mas não sinto como se ele considerasse um fardo.

A casa de Corey fica a alguns quarteirões de onde estamos estacionados. A antiga casa de Sebastian.

Mas ele vai dormir no Josh e eu nunca passei a noite na casa dele só com os pais. E uma parte de mim também não quer ir para a casa dos pais de Corey de carona com o filho mais velho no meio da madrugada.

Imagino os olhares curiosos em mim e as perguntas silenciosas no ar.

Eu preciso ser pragmática, digo a mim mesma.

A situação mais razoável é essa. Afinal, não é como se fossemos dormir no mesmo quarto.

Há um quarto de hóspedes vago na casa dele e são duas da manhã.

Não há nada de errado com isso.

— Tudo bem — eu digo em conclusão, mas não tenho tanta certeza assim.

20.

Ele gira a chave na porta e eu o sigo para dentro da casa. Está completamente no breu, até que ouço o clique do interruptor e luz invade.

Eu dou alguns passos no piso de madeira e Sebastian fecha a porta atrás de mim. Está muito organizada. Da onde estou, consigo ver a sala de jantar à minha esquerda, a sala de tv à minha direita e um pouco da cozinha.

A casa em geral é um pouco impessoal. Não há quase nenhuma decoração. O tio de Sebastian sempre foi um cara mais simplório e pragmático.

Há apenas os móveis e coisas do dia dia; as chaves em cima da mesinha perto da porta, um copo vazio na ilha da cozinha. A casa também não é muito grande, mas sim média. E é bonita, mas se comparada a minha casa ou a casa dos pais de Sebastian, é bem simples.

Eu giro o corpo e, quando encaro Sebastian, noto que ele está me analisando, próximo à porta.

Ele não diz nada, o que deixa tudo pior.

Sebastian não parece constrangido por ter sido pego encarando. A maldita confiança inabalável.

Engulo em seco.

— Você não mudou muita coisa — eu falo, após alguns segundos, porque não consigo suportar o silêncio.

Olhando para ele, em toda a sua figura alta e impotente, parado dessa forma em frente à porta, faz com que eu me sinta encurralada. Como um cordeiro na cova de uma onça.

Que tipo de cordeiro entra voluntariamente na cova de uma onça?

Um cordeiro muito, *muito* estúpido, concluo.

Eu me movo entre os pés, já começando a me arrepender da decisão.

— Não. É provisório de qualquer forma — ele diz, jogando a chave da casa na mesinha de entrada.

Ele se distancia da porta e passa por mim.

— Fique à vontade.

É um comentário geralmente acolhedor e com o intuito de fazer com que a pessoa se sinta confortável, mas saindo da boca dele, eu sinto justamente o contrário.

— Eu achei que fosse ficar em Veahmond para administrar a loja.

— E vou. Mas não vou morar aqui. Meu tio me deixou a loja, mas a casa foi dividida entre a família.

Ele entra na cozinha e abre a geladeira. A cozinha é bem aberta, dando visão para a entrada, as escadas e a sala de jantar.

Sebastian pega uma garrafa de água e a coloca sobre a ilha de mármore.

— Acredito que eles não se importariam se você quisesse ficar aqui a longo prazo.

— De qualquer forma, não quero ficar aqui. Seria — ele fez uma pausa enquanto abre o armário — demais.

Eu entendo. Ficar com a loja, morar na mesma casa... Seria como se ele estivesse vivendo a vida do tio falecido. O fantasma dele ali o tempo todo.

— Você sente falta dele?

É uma pergunta estúpida. Eu percebo assim que as palavras deixam os meus lábios. Mas agora é tarde demais.

Ele me encara, agora de forma fixa.

— Sim. — ele finalmente responde.

— Desculpe. Foi uma pergunta idiota. Óbvio que você sente falta do seu falecido tio. Eu não....

Ele me corta.

— Você quer água? — ele indaga.

Eu hesito.

— Uh, não. Obrigada.

Ele abre o armário e pega apenas um copo. Eu o observo quando ele o leva até a boca. Engolindo, o pomo de Adão se movimenta suavemente.

Sebastian termina e abaixa o copo, seus olhos estão colados nos meus.

— Não sabia sobre o outro ataque cardíaco que ele teve no ano passado. Ele não me disse nada. Se eu soubesse — ele hesita, abaixando o olhar para o copo e o erguendo até metade do caminho até a sua boca — teria vindo antes.

Suas palavras me pegam de surpresa.

Não consigo acreditar que ele está se abrindo. Quase me sinto tentada a colocar a mão em sua testa para saber se está doente. Se eu estivesse um pouquinho mais bêbada, eu faria.

Eu me aproximo e paro na entrada da cozinha. Sebastian termina de beber o restante da água e coloca o copo na pia, ficando de costas para mim.

— Ninguém esperava que ele fosse... falecer tão cedo. Ele não tinha nem cinquenta anos — eu digo, observando as suas costas largas.

Ele coloca o copo dentro da pia, devagar, e se vira para mim. Então abre um sorriso amargo.

— É, mas eu não estava aqui, não é?

Eu fico em silêncio diante disso.

Ele se culpa por não ter estado aqui. Eu consigo ver isso com clareza em seu rosto agora. A expressão dolorosa.

— Não dá para viver no passado. Pensando no que teria sido. O arrependimento é um sentimento muito cruel — eu falo em tom solidário.

Mas assim que as palavras pulam da minha boca, eu sinto como se tivesse dado um tapa em mim mesma.

Sebastian fica em silêncio, o sorriso amargo se desfazendo de seu rosto, porque eu acho que ele também nota a ironia do que acabei de falar.

— É. — Ele assente, fitando-me. — Muito cruel.

Ele fica parado, quase congelado por vários segundos, e eu estou muito perto de quebrar o nosso contato visual quando ele finalmente pisca.

Ele pega a jarra de água e a guarda dentro da geladeira.

— Vou te mostrar o quarto.

Eu o sigo até as escadas e subimos sem dizer mais nada. Pergunto-me como estão os gatos, até abro a boca para verbalizar, mas a fecho por alguma razão.

O segundo andar está escuro e ele acende a luz do corredor antes de chegarmos ao quarto.

Tem algo estranhamente íntimo em estar em uma casa vazia com um homem como Sebastian.

Ele gira a maçaneta e empurra a porta. Ela se abre, revelando um quarto de hóspedes modesto e organizado. Sebastian

não entra. Ele recua para o lado, abrindo espaço para que eu passe em frente.

Eu o faço.

Ando em direção à cama com edredom branco e paro no meio do caminho. Dou um breve passar de olhos e me viro para encará-lo. Ele está encostado no batente da porta, os braços cruzados enquanto me observa.

— Você vai querer tomar banho?

— Não, tô exausta.

Não estou tão cansada assim. Mas planejo apenas tirar um cochilo até amanhecer. A minha mãe chega por volta das seis da manhã.

Além do mais, por alguma razão, tomar banho na casa dele torna as coisas piores. Como se fosse ainda mais errado. O que não faz muito sentido, mas prefiro tornar isso tudo o mais rápido e indolor possível.

Há uma voz em minha mente dizendo que, se eu tomar banho ali, vou me sentir ainda mais suja quando terminar.

Ele assente.

Não sei o que dizer, mas mesmo assim abro a maldita boca.

— Bem... Acho que é isso, então — eu digo, entrelaçando as minhas mãos em frente ao corpo, porque não faço ideia do que fazer com elas.

Acho que é isso, então?

Sério, Harriet?

Deus.

A sombra de um sorriso surge em seus lábios quando ele percebe o meu desconforto.

— Se precisar de alguma coisa é só me chamar. Meu quarto é o do fim do corredor.

Eu não sei o que dizer diante disso. Porque a menção do seu quarto no final do corredor já é desconcertante. Mas o fato se ele dizer que posso ir até lá caso eu precise de algo é simplesmente apavorante.

Mas ele só está sendo educado. Como um bom anfitrião.

Eu concordo.

— Boa noite, Harriet — ele deseja, sua voz grave um pouco mais baixa agora.

— Boa noite — eu devolvo, ignorando o que aconteceu com o meu cérebro ao ouvir “Harriet” saindo de seus lábios.

Eu odeio como ele diz meu nome. É como se fosse algo ruim. Como se desse a ele um gosto ruim na boca.

Como se fosse *errado*.

E odeio acima de tudo, porque é exatamente como o *seu* nome sai da minha boca.

Ele desencosta a parte direita do corpo do batente e, lançando-me um último olhar, afasta-se.

Volto-me para a cama e sento no colchão macio, dando um longo suspiro. Jogo o corpo para trás e as minhas costas batem contra o edredom. Fecho os olhos por alguns segundos, escutando o silêncio.

É nesse minuto que tenho certeza de que não vou conseguir dormir nessa noite.



Dito e feito.

Passo as próximas horas me remexendo no colchão, meus pensamentos não me deixando pegar no sono.

Eu tento. Fecho os olhos. Conto a minha respiração. Em dado momento chego até a contar ovelhas. Mas continuo completamente alerta.

Porque não consigo parar de pensar que Sebastian está em sua cama logo no final do corredor. Sob o mesmo teto que eu. Apenas um par de paredes entre nós.

Eu suspiro, frustrada.

Cheguei a mandar mensagem para Corey, mas ele não respondeu. Acho que de certo modo fiquei aliviada, porque eu não teria ideia do que diria caso ele me perguntasse onde eu estava.

Eu contaria a verdade, é claro.

Porém, essa ideia me aterrorizou.

E então, foi aí que eu vi o quão essa situação é fodida. Se só de pensar em contar isso para o meu namorado me assusta, deve ser porque estou fazendo algo errado.

Certo?

Ou talvez eu esteja super analisando isso.

Não havia outra opção lógica. Estou aqui por necessidade.

Mas esse é apenas um dos pensamentos que me assombram. Porque Sienna continua surgindo em minha cabeça. Nossa conversa no carro em que ela me disse que Sebastian havia terminado o que quer eles estavam tendo.

Sienna é linda e divertida. Por que um homem simplesmente negaria sexo casual?

E foi logo após o lance do chaveiro e o meu presente de aniversário.

Tento me convencer de que foi apenas uma coincidência. Mas então a maldita frase surge em minha cabeça:

“Vai ficar perfeita em você.”

A forma em que ele falou. A *entonação* na sua voz.

Deus.

Fecho os olhos com força. Tentando me obrigar a dormir, porque não aguento mais meus próprios pensamentos. Eles me enjoam. Fazem com que eu me sinta imunda e a culpa é um sentimento cruel.

Mas eu não consigo.

E eu me pergunto se, do outro lado do corredor, ele está dormindo ou sendo assombrado por pensamentos parecidos.

Às cinco e meia da manhã, eu me levanto. Há um relógio com aparência antiga sobre a cômoda de madeira.

Ainda está escuro, mas falta pouco para amanhecer.

Acho que cheguei a cochilar por alguns minutos nas últimas três horas, mas sinto como se essa noite tenha sido a mais longa da história.

Eu lavo o meu rosto e faço um bochecho com uma pasta de dente que encontro na pia do banheiro. Passo o dedo entre os fios de cabelo bagunçados, tentando controlá-los.

Checo o meu celular e, com um suspiro de frustração, vejo que a bateria acabou.

Coloco a minha jeans que tinha tirado ao me deitar e pego a minha jaqueta na poltrona perto da cama. Abro a porta e saio do quarto descalça com as minhas botas nas mãos. O piso é de madeira e quero ser o mais silenciosa possível. Dou uma olhada na direção do quarto no fim do corredor antes de descer as escadas para o primeiro andar.

Minha boca está seca e eu paro na cozinha para pegar um copo de água. Abro a geladeira e pego com cuidado a mesma garrafa que Sebastian havia usado algumas horas atrás.

Enquanto bebo, olho pela janela da cozinha o sol tímido começando a mostrar as caras.

A casa do tio de Sebastian não é no mesmo bairro em que a minha casa, mas também não é muito distante. É uma caminhada de talvez uns trinta minutos. E não me importo nem um pouco com a perspectiva de uma caminhada ao nascer do sol. Acho que talvez até precise disso.

Termino o último gole de água, mas ao levá-lo para a pia, o copo escorrega das minhas mãos e se estilhaça no chão com um barulho agudo.

— Puta merda. *Put a que pariu.*

E eu sigo xingando todos os palavrões que conheço.

Eu cheguei a tirar a bota para não fazer nenhum barulho, mas derramo um maldito copo de vidro no chão.

Excelente, Harriet.

Falando em botas, no momento as minhas estão no chão perto da porta da cozinha, o que quer dizer que meus pés ainda

estão descalços.

Eu xingo de novo, agachando-me para recolher os cacos, com cuidado para não me cortar.

Eu ouço o barulho de passos nas escadas e sei que ele está descendo. Sinto instantaneamente a minha pulsação aumentar.

O universo me odeia. Tenho certeza disso.

Eu levanto de trás da ilha do cozinha para jogar os cacos na lixeira e vejo Sebastian passando pela porta. Ele ainda está no meio caminho de colocar a camisa branca, como se tivesse saído correndo da cama. O que provavelmente foi exatamente o que aconteceu.

Olho o começo de seu abdômen de aço antes que a camisa branca amassada o cubra. Ele usa uma calça de moletom cinza e seu olhar é urgente e um tanto confuso.

— O que aconteceu? — ele pergunta, parando do outro lado da ilha de mármore.

Seus cabelos estão bagunçados mas rosto não está inchado. Fora que ele ainda parece muito alerta. Não é o rosto de alguém que acabou de acordar de um sono pesado.

Eu congelo onde estou.

— Deixei um copo cair — eu solto, sentindo-me incrivelmente estúpida.

Ele relaxa visivelmente. Percebo a tensão em seus ombros suavizarem, e ele se aproxima lentamente, olhando para o estrago que eu fiz.

— Deixa eu pegar — ele diz com firmeza cortante assim que eu faço menção de me agachar novamente. — Você está descalça.

Eu encaro os seus pés nus e ele se agacha à minha frente.

— Você também — eu acuso.

Ele não diz nada, mas me lança um olhar depois de pegar os primeiros cacos e colocá-los sobre a pia.

O tipo de olhar que faz com que eu me sinta uma criança petulante e imatura. Sebastian tem um talento especial em fazer isso. Ele sempre foi bom em fazer com que os nossos três anos de diferença parecessem dez.

Observo-o conforme ele limpa a sujeira que fiz e concluo que isso está virando um hábito.

Eu sou um caos.

E Sebastian está presenciando os meus piores momentos.

Primeiro eu furto e fico muito próxima de ser presa. Depois eu bato de carro em frente à sua casa. E agora eu quebro um copo em sua casa na madrugada.

— Desculpa.

Ele não me encara, agachado, e recolhe os cacos delicados com as grandes mãos.

— Pelo copo ou por estar saindo de fininho?

A acusação me pega de surpresa.

— Pelo copo e por te acordar.

— Você não me acordou. Já estava acordado.

Eu hesito.

— Sono leve? — Minha voz sai fraca.

Ele demora alguns segundos para responder.

— É... Algo como isso — ele murmura, erguendo-se novamente com alguns cacos nas mãos para colocar na lixeira.

A intonação com o que ele diz isso faz com que eu engula em seco.

Ele dormiu mal também?

Um breve — porém irritante — questionamento surge em minha mente.

Pela mesma razão que eu?

O silêncio do amanhecer que antes era pacífico agora se torna insuportável.

Ele termina de recolher os cacos e se vira para mim.

— Você está indo agora?

Eu assinto.

— Eu posso te levar — ele diz, encostando o final das costas na pia para me encarar.

As luzes da cozinha estão apagadas, assim como o resto da casa. Estamos sendo iluminados apenas pelos suaves fios de sol do amanhecer entrando pelas janelas.

— Eu gosto de caminhar.

E acho que essa é a melhor hora de agradecer e ir embora. É o momento certo para me despedir.

Mas não o faço.

Fico presa naquela cozinha com o seu olhar fisgando os meus.

— Você recebeu o meu presente? — ele pergunta, por fim.

Você é uma explosão de estrelas, Harriet.

Eu fecho o punho ao lado do meu corpo.

— Recebi.

— Você gostou? — ele pergunta, devagar.

Eu não consigo responder, então simplesmente assinto.

Os segundos se arrastam e eu decido que preciso ir embora.

Imediatamente.

E é quando ele tira as costas da pia e se aproxima, com os olhos fitando os meus de forma delirante.

Eu sou capaz de escutar a minha pulsação. Violenta e desesperada.

Sebastian para na minha frente e eu recuo até que as minhas costas encontrem o mármore da ilha. Estamos próximos demais.

Eu ergo a cabeça para fitá-lo.

Seu olhar desce dos meus olhos até o meu braço direito. Ele ergue a mão e pega o meu pulso com delicadeza. Mas o choque é violento.

Ele sobe o meu pulso com os dedos para próximo do rosto e noto os calos machucados em suas mãos.

Sebastian olha para mim.

E logo, com o cuidado e a precisão de um predador gracioso prestes a atacar um cordeiro, ele pergunta:

— Então por que você não está usando?

Porque é errado.

Porque é íntimo demais.

Porque você é o irmão do meu namorado.

E porque eu ainda sinto algo por você.

— Você sabe o porquê. — As minhas palavras rasgam o silêncio no meio.

Ele não reage em surpresa, como se soubesse com clareza o que estou dizendo e como se concordasse com isso.

Eu abro a boca e eu sei que vou me arrepender dessa pergunta assim que ela escapar dos meus lábios, mas não consigo evitar:

— Por que você terminou as coisas com a Sienna?

Pronto.

Eu disse e agora é tarde demais.

Mas a pergunta também não o choca. É quase como se ele estivesse esperando por ela.

Querendo-a.

Ele a bebe e a saboreia, como um veneno com o sabor de um vinho de ótima safra.

Um brilho que eu não consigo decifrar reluz em seus olhos âmbar. O tipo de brilho que significa que vidas serão arruinadas.

E eu não demoro muito para entender que será a minha.

Sebastian dá mais um passo, ficando a talvez um centímetro de colar o seu corpo ao meu. Sua voz grave é quase um sussurro:

— Você sabe o porquê — ele diz, usando as minhas próprias palavras contra mim.

E é isso.

Está bem ali.

A verdade dolorosa explodindo em cima de nós como uma bomba silenciosa, mas mortal.

O ar é tão denso que é difícil de respirar.

Sebastian se inclina e desce o rosto até que eu sinto a sua respiração em minha pele.

— Você sentiu a minha falta, princesa?

Os olhos dele descem para a minha boca e eu quase engasgo no turbilhão de emoções.

Eu não respondo, porque ele já sabe a resposta.

Seus lábios ficam extremamente próximos aos meus. Eu fecho os olhos porque acho que estou sentindo dor.

— O quanto você me odiaria se eu te beijasse agora? — ele pergunta, com a voz rouca do que agora eu tenho certeza ser desejo.

Eu fecho os olhos.

— Muito — eu sopro.

E Sebastian Grant Crawford me beija.

21.

antes

Eu sabia que eu não deveria fazer isso.

Eu sabia que era uma péssima ideia. Mas eu não me importava.

Era agora ou nunca.

Porque eu já estava cansada daquilo.

O ano passara de forma longa e dolorosa. Exatamente como eu temia.

Como a maioria dos jovens de Veahmond, Sebastian se mudara depois das férias de verão do último ano escolar para fazer faculdade em outra cidade. Assim como como o meu irmão, que

havia entrado na faculdade de Medicina, Sebastian vinha para Veahmond apenas nas férias e nos feriados. Raramente nos víamos, porque ele estava sempre saindo com o meu irmão e outros amigos ou trabalhando com o tio. E quando acontecia, era como se fossemos estranhos. Não que havíamos ficado super próximos nos últimos anos. Mas ele estava ainda mais distante.

Era excruciante.

Era como se o pouco que eu possuísse dele estivesse escapando como grãos de areia entre meus dedos.

Eu esperei que essa sensação ruim passasse durante todo o ano.

Fiquei com garotos.

Sai com amigos.

Foquei nos estudos.

Mas Sebastian Grant Crawford não deixara a minha mente.

Principalmente a noite, quando eu deitava a cabeça no colchão pensando onde ele estava. Se estava feliz. Se estava pensando em mim. E o fato da resposta para a última pergunta ser muito provavelmente não, me matava.

Então, enquanto eu encarava a porta da frente da casa dos Crawfords, eu sabia que era agora ou nunca.

O verão já estava acabando, e em cerca de uma semana, ele iria embora.

De novo.

Eu só queria de uma chance. Era tudo o que eu precisava.

Que ele me desse *uma* chance.

Eu apertei a companhia.

Sabia que seus pais não iriam atender, porque eles estavam em um evento beneficente da cidade assim como os meus pais e basicamente todas as pessoas com dinheiro de Veahmond.

Meu coração batia forte contra o peito, aguardando ser atendida. Cerca de trinta segundos depois, a porta foi aberta.

Sebastian estava na minha frente, visivelmente confuso. Eram onze horas da noite de uma quinta-feira.

Ele piscou, uma mão ainda segurando a porta aberta, e eu tive que engolir em seco para me recompor diante de sua presença.

— Harriet? — Sebastian franziu suavemente o cenho quando a palavra deixou a sua boca.

— Oi — consegui dizer em um murmuro.

— O que você tá fazendo aqui? O que aconteceu?

Eu troquei o peso dos pés.

— Posso entrar?

Ele piscou de novo, mas logo abriu espaço para que eu adentrasse. Parei na entrada e me virei no mesmo tempo em que ele fechou a porta.

— Será que podemos conversar?

Sebastian hesitou por um segundo, observando-me com algo que parecia curiosidade, confusão e um pouco de desconfiança também.

— Claro — ele respondeu, finalmente.

E antes que ele pudesse me guiar até a sala de estar, virei-me e comecei a subir as escadas para o seu quarto. Demorou um momento, mas eventualmente escutei seus passos pesados nos degraus atrás de mim.

Quando entrei em seu quarto, escutei o rock suave que saía da caixa de som em cima de sua escrivaninha. Parei no meio de cômodo e me virei, sentindo as batidas do meu coração mais rápidas.

Sebastian esperava, parado na porta, olhando-me com cautela.

Ele estava lindo em uma bermuda escura e uma blusa preta. Casual e belo.

— Você não se sente atraído por mim? — eu cuspi as palavras antes que perdesse a coragem.

A minha voz soou amarga e triste.

Patética.

Sebastian suspirou, me fitando.

— Harriet, a gente não vai fazer isso de novo.

— Só me responde. Você não me acha bonita? Nem um pouco?

Eu não conseguia entender. Vários meninos na escola queriam ficar comigo e eu nem precisava me esforçar. Eu me jogava na direção de Sebastian e ele nem notava.

Ele suspirou de novo, mas dessa vez cruzou os braços no peito e apoiou a lateral do corpo na porta.

— Você é bonita. Sabe que é. Aposto que vários garotos da sua sala gostariam de ficar com você. Fique com algum deles.

Tentei ignorar o meu coração idiota depois de ouvir o elogio.

— Alguns garotos da *sua* sala me querem — argumentei.

E era verdade. Eu odiava o fato de ele ficar trazendo aquela coisa da idade quando eu já tinha beijado meninos na mesma faixa etária que ele.

Sua expressão mudou.

— Quem?

— Brandon Walsh, por exemplo.

Seu rosto se tornou duro e ele não hesito em dizer:

— Não fique com ele.

Aquilo era ciúmes?

Parecia bastante com ciúmes, mas eu provavelmente estava vendo algo que queria ver. No entanto, não consegui evitar a fagulha de satisfação de surgiu em meu peito.

— Por quê?

— Ele não é um cara legal. É um idiota.

Dei de ombros, tentando soar casual.

— Talvez eu tenha um lance por caras que não são legais — provoquei.

— Escolha alguém mais novo. Da *sua* idade. Um cara legal.

— Eu quero você.

Ele inspirou e balançou a cabeça, frustração atravessando seu rosto.

— Por Deus, Harriet, você não pode ter sempre tudo o que quer.

— Claro que posso. E eu quero você.

— Você tá romantizando. Idealizando. Você só tem dezesseis anos. Não sabe do que tá falando.

— Dezesseis anos e cinco semanas. E você ainda tem dezoito — adicionei.

Haviam seis deliciosas semanas no ano em que a diferença de idade entre eu e Sebastian era de apenas dois anos.

— Eu faço dezenove semana que vem. — Ele descruzou os braços e tirou a lateral da parede. Sebastian deu dois passos em minha direção e falou, muito seriamente: — Você é menor de idade, Harriet.

— Você sabia que a idade de consentimento nos Estados Unidos é dezesseis? — Eu fiz uma pausa. — Pode checar no celular se quiser, já pesquisei.

Ele me encarou e balançou a cabeça, e eu podia jurar que algo diferente de frustração e irritação atravessou o seu olhar. Algo como humor.

— Você é impossível.

— Eu acho que você gosta. — Eu torci a cabeça. — Pelo menos lá no fundo, alguma parte de você gosta um pouquinho.

Ele não respondeu, apenas ficou parado a alguns passos de mim, fitando-me. Se eu esticasse o braço, era capaz de tocá-lo.

— Se você realmente me acha bonita, não vejo por que não possa dar uma chance. Eu estou ciente do que estou fazendo e...

Sebastian se virou e, dando-me as costas, foi em direção à porta.

As palavras agarraram em minha boca com a decepção e a mágoa.

Era o fim.

Eu o puxei até o limite.

Mas no lugar de sair do quarto, Sebastian fechou a porta e se virou de volta para mim.

Meu ritmo cardíaco se transformou frenético quando ele veio em meu sentido de forma decidida, como um homem com um verdadeiro propósito. Ele invadiu completamente o meu espaço pessoal. Sebastian só parou quando sua camisa roçou o meu busto.

Surpresa e um pouco assustada com o movimento repentino, dei um passo para trás.

— O que você tá fazendo? — eu perguntei, a voz arranhando a minha garganta.

Seu rosto era muito sério e ele deu mais um passo a frente, compensando o que eu dei para trás. Ele inclinou o rosto e nossas faces ficaram extremamente próximas.

Fiquei com dificuldade para respirar.

— Eu vou te beijar, Harriet.

A sua voz saiu como um murmuro baixo, porém firme.

Meu coração errou uma batida.

— Ah... — Foi tudo o que saiu dos meus lábios.

— Eu vou te beijar e te provar que isso é besteira. — Ele tinha os olhos fixados com intensidade perturbadora nos meus — Então você vai parar com isso de uma vez por todas.

Eu não sabia se ele estava esperando uma resposta, ou se precisava de uma, mas era difícil demais falar. Ou fazer qualquer coisa na verdade. Eu já estava lutando para respirar.

— Ok — a minha voz era um sussurro rouco.

Eu engoli em seco mais uma vez.

E esperei, enquanto meu coração parecia explodir dentro do meu peito. Eu conseguia escutar quase tão bem quanto a música que tocava ao nosso redor.

Sua mão direita subiu até o meu pescoço, envolvendo-o em um toque suave, porém firme. O polegar tocava o meu maxilar e o começo da minha bochecha.

Meu corpo reagiu a sua mão como um choque de alta voltagem.

Seus olhos viajaram até a minha boca.

E, por um momento, o mundo parou.

Realmente *parou*.

Meu Deus, estava acontecendo. Eu não podia acreditar.

O ar agarrou em meus pulmões e eu senti a sua respiração lenta em meu rosto. Era uma mistura suave de cigarro e hortelã.

E estava cada vez mais perto.

Não sentia meu corpo. Meu sangue virou puro gelo.

Até que seus lábios finalmente encontraram os meus. Lento. Um toque suave, como veludo. Ele arrastou os lábios nos meus primeiro, sentindo-me, inalando-me. Isso fez todos os pelos da minha nuca levantarem.

E eu fiz o mesmo com ele.

Eu peguei tudo o que podia. Meu lábios entreabriam, convidando-o para tomar o que precisasse.

Porque eu queria lhe dar *tudo*.

Ele me provou com a língua, se demorando e fazendo com que meu corpo se resumisse a desejo líquido.

Então seus lábios deixaram os meus e foi como se eu tivesse perdido uma parte do meu próprio corpo.

Abri os olhos para encontrar o rosto de Sebastian.

E eu engoli em seco quando finalmente fitei seus olhos.

Porque o que encontrei ali foi algo que nunca tinha visto nele.

Seu âmbar queimava em algo diferente enquanto me observava, quase como se estivesse me vendo pela primeira vez.

Era uma mistura de confusão, desejo, e quase...*violência*.

Assim como os meus, seus lábios estavam entreabertos e deixavam escapar uma respiração próxima a ofegante.

Aquele olhar durou provavelmente menos de cinco segundos, mas pareceu uma década. Pareceu uma vida inteira resumida a um instante.

Um instante decisivo.

Os olhos de Sebastian voltaram para os meus lábios.

E antes que eu pudesse fazer ou dizer qualquer coisa, ele voltou a me beijar.

Minha cabeça girava e todos os meus sentidos pareciam mais aguçados.

E dessa vez Sebastian foi mais agressivo. Mais urgente. Sua outra mão também me encontrou, e ele segurou o meu rosto, alinhando-me contra a sua boca.

Sebastian pegou meu lábio inferior entre os seus. E sua língua escapou, traçando uma breve linha até chegar ao interior da minha boca e encontrar a minha língua.

Todo o gelo derreteu. Meu sangue era quente e estava pulsando em todo lugar, eu conseguia sentir.

Sua língua entrou mais um pouco e eu senti os meus joelhos enfraquecerem.

Ele fazia pressão, seus lábios e seu corpo empurrando contra o meu.

Recompus-me do choque inicial e minhas mãos deixaram a lateral do meu corpo, indo até ele. Coloquei uma em seu peito e a outra em sua nuca, sentindo os seus fios entre meus dedos e o puxando para mim ao mesmo tempo que ele empurrava contra mim.

Nunca havia experimentado aquilo. Era forte. Era quente. Era *erótico*.

Ele me sugou.

Ele me tomou.

Apenas com a boca.

Eu era o sol, quente e pulsante, e ele era esta órbita em minha volta, como se realmente precisasse de mim para viver. Cercando todos os lugares certos e precisos.

Eu queria mais. Eu queria *tudo*.

Quando eu mordi seu lábio inferior, seu corpo reagiu, suas mãos descendo para a minha bunda. Assim que sua mãos grandes me apertaram, um gemido escapou dos meus lábios.

Então o senti endurecer assim que ele se empurrou contra mim no mesmo passo em que seu aperto em minha bunda ficou mais firme.

Eu sentia algo no começo da minha barriga que nunca havia sentido antes. Eu estava sentindo coisas que passei dezesseis anos da minha vida sem sentir.

Mas, agora, estava tudo ali.

Em uma explosão quente e intensa golpeando todo o meu corpo.

Quando Sebastian empurrou contra meu corpo com mais força, de forma mais desesperada, recuei alguns passos, batendo a perna na ponta de cama.

Eu não tinha certeza se eu caí contra a cama ou se ele me empurrou; talvez tenha sido uma junção dos dois. Só sabia que minhas costas bateram no colchão e Sebastian ficou por cima de mim. Ele apoiou os braços ao meu redor e seus lábios deixaram os meus. Eles desceram pelo meu pescoço, fazendo uma trilha até o decote da minha blusa. Às vezes a ponta da sua língua aparecia e provava algum ponto.

Eu estava a fervendo.

Eu sentia a pressão entre o meio das minhas pernas e eu sabia exatamente do que eu precisava.

Eu o queria.

Tão desesperadamente e de forma muito crua.

Minha mão explorou seu peito duro e meus dedos desceram até chegar no começo de sua calça jeans.

Então ele parou.

Seus lábios congelaram, e sua mão direita deixou o colchão para segurar o meu braço.

Ele ergueu o rosto e seus olhos encontraram os meus. Eu pisquei.

Congelamos naquela posição.

— O que foi? — eu indaguei, um murmuro.

Ele me encarou, os olhos queimando em desejo, mas o rosto sério.

— Você é virgem.

Acho que era uma pergunta, mas pareceu uma constatação.

Não hesitei nem por um segundo.

— Não.

— Harriet — ele sibilou, sem parecer convencido.

— Eu juro. Perdi nas férias de inverno, com o Tyler, lá da escola.

Eu disse Tyler, porque eu sabia que Sebastian o conhecia e tinha conhecimento de que éramos bem próximos. Não era segredo que nós nos pegávamos de vez em quando. Mas nunca chegamos próximos de fazer sexo. Não que ele não tenha tentado.

Deus, como ele tentara.

Foi uma das razões pelas quais eu parei de ficar com ele.

Ele estava esperando algo que eu sabia que jamais ia acontecer.

Sebastian analisou o meu rosto, tentando se decidir se acreditava em mim ou não.

Eu era uma mentirosa nojenta. Mas eu sabia que ele hesitaria se soubesse que eu era virgem.

Sebastian duvidava da minha certeza e da minha vontade de fazer sexo com ele. Mas era porque ele não entendia. Ele não conseguia compreender que aquela era a única certeza que eu realmente tinha.

Achei que ele se deu por convencido, porque finalmente cedeu e seus lábios voltaram para os meus.

Sebastian se ergueu por um breve momento e tirou a própria camisa e, com isso, também me roubou o fôlego.

Eu passei as mãos em seu belo tronco sem acreditar que estava finalmente podendo tocá-lo daquela forma.

Ele fez o mesmo comigo logo depois, tirando a minha blusa e o sutiã. Tive uma vontade imediata de me cobrir. Nenhum garoto nunca tinha me visto daquela forma, e uma insegurança estranha se apossou do meu corpo. Mas foi breve, porque Sebastian não perdeu tempo antes de abaixar a cabeça explorar a minha pele com a boca.

Cada beijo, cada mordida, fazia o meu corpo reagir de baixo dele.

Estremecer, contorcer, empurrar.

Eu desabotoei a minha calça e ele a desceu pelas minhas pernas, beijando-me no processo. Tive que fazer força para ignorar o desconforto quando me vi completamente nua diante dele. Mas o desejo era tão grande que não era tão difícil assim.

Ele tirou os lábios e as mãos de mim por um momento e esticou o braço esquerdo para a gaveta ao lado da cama.

Sebastian tirou de lá uma camisinha e se ergueu um segundo para tirar a bermuda.

Seu olhar encontrou o meu no processo.

Eu estava ofegante graças aos beijos e ao desejo pulsante.

Quando ele tirou a bermuda, fiquei diante de uma impressionante ereção. Eu pisquei, em um misto de fascinação e curiosidade.

Sebastian Grant Crawford era lindo.

Todo ele.

Ajoelhado no colchão, diante de mim, Sebastian abriu a camisinha. E conforme a colocava em seu pau, seus olhos escorregaram pelo meu corpo completamente nu.

Eu senti calafrios.

Mas, ao mesmo tempo, eu estava queimando. Era como se o meu corpo estivesse sentindo tudo ao mesmo tempo.

Quando terminou, voltou a se inclinar sobre mim.

Senti sua ereção pesada arrastou sobre a minha pele assim que ele se posicionou.

Sebastian colocou a mão em seu pau e o senti na minha entrada. Engoli em seco e ele fez alguns movimentos ao redor da minha entrada enquanto observava o meu rosto.

Até que ele parou, bem no meu centro, ao mesmo tempo em que a música que tocava no fundo acabou.

Ele fixou os olhos nos meus, no silêncio, estudando-me. Sem palavras, Sebastian estava me perguntando se realmente queria continuar.

Outra canção começou a tocar, que mais tarde descobriria ser *Nothing's Gonna Hurt You Baby* e que eu jamais esqueceria. A melodia suave se juntando com nossas respirações quentes.

E como resposta, levei minhas mão até os seus ombros e o beijei.

Então Sebastian entrou em mim.

Eu arfei.

Mas só foi apenas até a metade, como se estivesse esperando para o meu corpo se adaptar.

As palavras começaram a inundar o ambiente.

Sussurrei algo em seu ouvido.

Foi uma coisa pervertida para se dizer.

Meus dedos seguraram contra a sua pele com mais força enquanto meu corpo estava tentando processar a invasão.

Ele me encarou e colocou os lábios nos meus mais uma vez.

Mas eu disse mesmo assim.

Fiz você sorrir e desviar o olhar.

Então, em um mais movimento, Sebastian me preencheu completamente.

Eu fechei os olhos com força quando senti a ardência queimando fundo.

Nada vai te machucar, meu bem.

Enquanto você estiver comigo, você vai ficar bem.

Abri os olhos no mesmo momento em que Sebastian tirou os lábios dos meus e me encarou.

E foi quando eu vi a compreensão atravessar seus olhos.

Eu não consegui esconder a dor, e por consequência, não consegui esconder a mentira.

Nada vai te machucar, meu bem.

Nada vai tirar você do meu lado.

— Harriet — ele sussurrou, sem se mover.

Parecia quase machucado, quase cansado. Como um homem abatido.

Sebastian deixou a cabeça cair e a testa tocou no meu colo, próximo a minha clavícula. Sua respiração batia suavemente contra meu seio.

Eu gostava do que eu estava fazendo com ele. Ele parecia estar sentindo dor. Ele me queria tanto que doía. Gostava disso, porque era exatamente assim que eu me sentia.

E há muito tempo.

— Sebastian, não para — eu pedi com a voz fraca, tentando encontrar os seus olhos. — Por favor.

Ele não podia parar, porque mesmo com a dor, eu nunca senti algo daquele tipo. Nunca em minha vida me senti como se estivesse tão completa.

Nunca nada foi tão certo ou perfeito quanto Sebastian dentro de mim.

Eu ergui suavemente os meus quadris.

— *Por favor.*

Ele não recuou, mas continuou parado. As únicas coisas que se escutava era a música suave e nossos batimentos cardíacos.

Eu achei que ele pararia e se afastaria, mas então senti seu hálito próximo ao meu mamilo. Ele soltou uma longa respiração e seus lábios o tomaram.

A respiração agarrou em minha garganta e eu soltei um gemido. Minhas mãos foram em direção ao seus fios de cabelo e os segurei entre os meus dedos.

Ele levantou cabeça, dessa vez os lábios roçando em meu rosto.

— Você vai acabar comigo, princesa — ele sussurrou as palavras contra a minha pele.

Então Sebastian começou a se mover. De forma lenta, porém em um ritmo preciso.

— *Ah*. — Deixei escapar e finquei as unhas em seus ombros.

— Tudo bem? — ele indagou, procurando os meus olhos.

Eu assenti.

— Sim.

Sua mão desceu pela minha barriga até seus dedos encontrarem o meio das minhas pernas. Com dois dedos, ele começou a estimular uma parte sensível, muito próxima de onde seu corpo encontrava o meu.

Suas estocadas aumentaram de velocidade e, aos poucos, a ardência se transformou em desejo derretido em pura lava.

— Você não é bonita, Harriet — ele soprou próximo no meu ouvido e me preencheu mais uma vez. — Você é linda.

Enquanto você estiver comigo, você vai ficar bem.

Nada vai te machucar, meu bem.

Nada vai tirar você do meu lado.

E simples assim, e completamente sem volta, eu era dele.

22.

Eu estou correndo.

Minhas botas de cano curto estão batendo contra a calçada em um som ritmado enquanto o sol termina de subir de forma preguiçosa e magnífica.

Meu coração parece muito próximo de sair pela boca. E talvez seja pelo esforço físico, mas tenho quase certeza que é graças aos acontecimentos dos últimos minutos.

Meu Deus, Harriet.

Meu Deus.

Eu consigo sentir as lágrimas ameaçando a cair, mas eu engulo o choro e faço a terceira curva desde que sai da casa de Sebastian.

Paro de correr, sentindo-me longe o suficiente. Eu coloco as mãos entre o rosto e solto o que pode ser um gemido ou um soluço, no meio da calçada.

Pareço louca.

E talvez eu esteja.

Mas não há ninguém na rua e eu sinceramente não poderia me importar menos com isso no momento.

Eu ainda consigo o sentir em minha boca. Seu cheiro. As suas mãos.

A culpa soca com força e eu volto a me mover. Mas dessa vez eu caminho. Quero me recompor antes de chegar em casa. Minha mãe vai abrir a porta para a filha às seis da manhã e não quero que ela veja isso.

O sol já subiu quase por completo assim que chego na entrada de casa.

Eu toco a campainha e minha mãe atende, ainda com as roupas de trabalho. Ela parece exausta. Não faz muitas perguntas. Apenas o básico, e eu respondo de forma breve, dizendo que fiquei sem chave e dormi na casa de uma amiga depois de uma festa.

Ela me dá um beijo e, depois de um suspiro cansado, sobe para o quarto.

Essa é uma das vantagens de ter vinte. Seus pais começam a te tratar como algo parecido a um adulto. Alguém que toma decisões mais racionais e inteligentes.

O que é uma ironia, porque o que acabei de fazer não foi nada racional ou inteligente.

Eu subo as escadas correndo e fecho a porta atrás de mim, desmontando. As lágrimas começam e eu me jogo contra a cama, fazendo a minha gata, Polly, pular para fora dela.

Fico alguns minutos com a cabeça contra o travesseiro, molhando a fronha, até que tomo uma decisão desesperada.

Coloco o meu celular para carregar e espero ele ganhar vida. Preciso falar com Corey. Preciso contar a verdade.

Meu dedo está tremendo para apertar em seu contato.

Eu espero depois de vários toques. Mas Corey não atende, é claro. Porque são seis da manhã. No meu pânico nem reparei que tinha acabado de amanhecer.

Eu vou para o chuveiro, precisando desesperadamente de um banho. Acho que, no fundo, com esperanças de que a água possa lavar tudo isso que estou sentindo.

No final, ajuda, mas não leva tudo embora. A culpa e a confusão ainda estão lá.

Eu acabo adormecendo na minha cama ainda de toalha, mas não sei se foi pela exaustão física ou emocional.

Quando abro os olhos percebo que já é a tarde.

Foi tudo um sonho, não foi?

Eu quero me convencer disso. Quero que não tenha sido real. Mas sei que foi. Sei que foi real, porque meus lábios ainda formigam no lugar que ele esteve.

Pego o meu celular e vejo uma mensagem de Corey. É uma resposta breve para algo que eu tinha mandado para ele na noite passada.

Eu abro o contato e eu tento apertar, mas parece que a coragem que antes estava pulsando em mim foi embora, sendo substituída por pura covardia.

Eu jogo o celular do outro lado da cama e levanto para colocar uma roupa.

O som de uma suave batida antecede a cabeça de Gray surgindo na porta. Eu estou escovando meu cabelo nesse instante.

— Ei, tudo bem?

Estou sentada na minha cama brigando com os nós em meus fios. Antes que eu possa lhe responder, ele faz outra pergunta.

— Você estava chorando? — ele indaga, abrindo um pouco mais a porta.

Balanço a cabeça.

— Deve ser a ressaca combinada com poucas horas de sono.

Gray parece aceitar a minha mentira.

Observo o rosto dele e procuro alguma indicação de que ele sabe de algo. Afinal, ele e Sebastian são amigos.

— Desculpa por ontem à noite. Não sabia que você não tinha chave.

Ele não está usando as mesmas roupas da noite anterior e parece também ter saído do chuveiro há pouco tempo.

— Não tem problema. Dei um jeito.

Eu espero pela sua reação. Pela indicação de saber do meu segredo sujo. Mas não há nada disso. Ele apenas suspira suavemente de forma preguiçosa e diz:

— É, mandei mensagem para Sebastian agora pouco e ele disse que te deixou na casa de uma amiga.

Eu hesito. A escova parando no meio do caminho entre os fios castanhos.

— Ah, sim — eu concordo e não sinto que pareço muito conveniente, então completo: — Ela também quebrou o galho e me trouxe em casa pela manhã.

Não digo nenhum nome, porque não sou rápida o suficiente para pensar em um. Não posso usar Sienna, porque Gray a conhece e eu eventualmente posso ser pega na mentira.

— Beleza. Desculpa mesmo, maninha.

— Tudo bem. — Eu forço um sorriso travesso, apesar do meu humor hoje. Não quero que ele note nada diferente. — Pelo menos se divertiu?

Ele devolve o meu sorriso.

— Você sabe que sim.

Ele pisca um olho e, com isso, deixa meu quarto.

Quando ele fecha a porta e volto a ficar sozinha, o sorriso some do meu rosto.

Ele mentiu.

Sebastian mentiu para Gray.

Não sei se eu esperava que ele contasse sobre o que aconteceu entre a gente para o meu irmão, mas eu definitivamente

não esperava que ele mentisse sobre toda a noite. Sobre eu passar a madrugada na casa dele.

Não sei o que sentir sobre isso.

Daria tudo para saber o que está passando pela cabeça dele nesse momento.

Em um misto de emoções, puxo o meu celular. Estou adiando isso, mas sei que não posso fazer isso para sempre.

Aperto no contato de Corey e coloco o aparelho no ouvido.

Não sinto as minhas pernas e conto os toques.

Eu preciso fazer isso.

É o certo.

Corey atende no quarto toque.

— Oi, amor.

Eu estremeço ao ouvi-lo. Nunca odiei um som tanto quanto odeio ouvir a sua voz agora.

— Oi — eu murmuro.

Ele vai entender.

Ele *precisa* entender.

Foi um erro. Só isso.

Um deslize erro em anos.

— Desculpa a demora para responder ontem. — Ele suspira.
— Sabe como é quando eu to jogando. Eu e Josh ficamos até às quatro online.

Ele parece tranquilo. Mal sabe o que vem em seguida.

Deus, eu me odeio.

— Não, tudo bem — eu digo.

Vai, Harriet.

Agora ou nunca.

— Corey...

É o certo a se fazer. Não posso viver nessa mentira. Corey não é um cara qualquer. É o garoto que conheço desde os meus treze anos de idade. É o garoto que antes de tudo foi meu amigo. É o garoto com quem eu já cheguei a falar sobre casamento e filhos.

— Harriet, tudo bem? — A sua voz preocupada me acorda.

Eu fecho os olhos, meu corpo dolorido.

Quem eu estou querendo enganar?

Ele não vai me perdoar.

Ele não vai entender.

— Tudo. Só estou de ressaca — eu finalmente falo.

Covarde.

— Ah. Se você se sentir melhor mais tarde, manda mensagem. To a fim de ver aquele filme novo do Daniel Craig.

Sua voz é casual e descontraída. Corey sabe que eu sai ontem. Mandeí aquela selfie minha depois que me arrumei para a boate. Mas até onde ele sabe, fui apenas com Gray.

— Ok.

— Beijos. Te amo.

Eu inspiro.

— Também te amo — digo e me sinto suja.

Desligo a ligação com o coração e cabeça pesando centenas de quilos.

Com dificuldade, devido aos muitos anos de vida e aos quilos extras, Nuggets pula na cama e enfia o focinho embaixo do meu braço.

As minhas lágrimas voltam a descer.

Eu o aconchego em meus braços e fecho os olhos, voltando às lembranças.

Voltando a *ele*.

Sete horas antes:

Quando os lábios dele tocam os meus é como se uma explosão silenciosa tivesse irrompido dentro de mim.

Silenciosa, mas violenta.

Sebastian cobre o meu lábio inferior com os seus e o suga. O tempo congela.

Suas mãos encontram as laterais do meu rosto e ele me mantém presa em seu toque. A sua língua não pede permissão para entrar. Eu a sinto acariciar provocativamente o meu lábio superior e então invadir a minha boca.

Sugando. Tomando.

Sebastian nunca foi o tipo de cara que pede permissão.

Um gemido rouco e dolorido escapa da minha garganta ao sentir o seu gosto. E Sebastian me faz lembrar do efeito que ele tem sobre o meu corpo.

Mesmo depois de tantos anos, eu lembro assim que ele coloca a boca na minha.

É tão intoxicante quanto eu recordava.

No mesmo segundo, Sebastian avança e pressiona seu corpo contra o meu. Minhas costas ficam presas contra a ilha de mármore da cozinha.

Minhas mãos, que até um segundo atrás estavam congeladas nas laterais do meu corpo, sobem para alcançá-lo, porque não estou pensando. Não sou capaz de raciocinar desse jeito. Somos apenas eu, ele e o que precisamos.

Sebastian sempre teve essa capacidade de se iluminar e deixar o resto do mundo escuro para mim. É como se ele fosse a única luz. Tão forte que chega a cegar.

Coloco uma mão em seu peito, sentindo a solidez entre meus dedos, e a outra vai para a curva de seu pescoço o puxando ainda mais para mim.

Escuto o meu coração batendo, e posso jurar que também posso escutar o dele.

Ambos completamente enlouquecidos.

Uma de suas mãos deixa meu rosto para encontrar o meu cabelo. Ele puxa os fios castanhos entre os dedos ao mesmo tempo em que tem meu lábios inferior entre os dentes.

Eu arfo e a minha cabeça é impulsionada para trás devido à pressão. Eu não sei se é por causa de seus dentes nos meus lábios ou seus dedos em meu cabelo.

Ele pressiona o corpo mais forte contra mim e eu quase engasgo ao senti-lo duro no começo da minha barriga.

Seus lábios escorregam pelo meu pescoço sedutoramente, causando calafrios até chegar perto da minha orelha.

— *Harriet* — ele sopra com a voz dolorosamente rouca.

Eu engulo em seco e sinto a pontada entre as minhas pernas. A dor latejante.

Eu sei o que eu preciso.

Eu sei o que eu quero.

Tão forte e intenso quanto ele.

Eu abro os olhos e encontro os dele. Observo seu belo rosto contra a luz suave do amanhecer. Mas é o suficiente para eu enxergar a sua beleza seca e dolorosa. As feições perfeitamente esculpidas e os lábios inchados.

Eu engulo em seco, analisando seus olhos.

O âmbar queimando em fome. Em desespero contido. E em algo mais, uma emoção mais obscura.

Ele torna a fitar a minha boca. E então eu sei. Eu sei o que vai acontecer se ele voltar a me beijar.

O pecado em sua mais pura e deliciosa forma.

E eu não posso.

Corey.

Seu nome ecoa em minha mente como uma punição.

Eu pisco, saindo do torpor causado pelo homem à minha frente.

Sebastian faz menção de avançar novamente. Mas eu faço pressão em seu peito e recuo o rosto.

Ele congela o movimento, lendo-me.

A pergunta pairando em sua íris.

— Eu... — é difícil falar.

Sebastian me encara por um longo momento em silêncio. Seu rosto é rígido, mas consigo ver o turbilhão de emoções em seus olhos.

Até que ele pisca e se recompõe, voltando a si.

Sebastian recua, mas ainda está extremamente próximo.

Tanto que é difícil respirar.

— Eu não posso. — A minha voz sai sem força alguma, mas ecoa por toda a cozinha.

Sinto as pernas fracas e algo torcer dentro do meu peito.

Sebastian dá dois passos para trás com os olhos fixados no meu rosto.

Eu finalmente consigo inspirar, apesar do meu peito ainda doer. E eu não volto a fitar seus olhos. Ao invés disso, dou-lhe as costas e, pegando as minhas botas, corro para saída.

Corro *dele*.

23.

antes

Eram onze e meia da noite do dia em que tudo mudou.

Eu já estava de pijama na cama, assistindo uma série qualquer quando ouvi sirenes. Era incomum ouvir sirenes naquela parte da cidade, ainda mais naquela hora. Mas supus que fosse apenas uma ambulância por causa de algum acidente de trânsito.

Não dei muita bola e continuei a assistir a minha série, quase pegando no sono. Havia acordado cedo naquele dia.

Meu celular, que carregava na cômoda ao lado da cama, tremeu.

Sienna: *Tá acordada?*

Eu: *Aham.*

Sienna: *Uma viatura passou aqui na rua agora e ela parou em frente a casa dos Crawfords.*

A casa de Sienna ficava muito próxima de Sebastian. Se ela colocasse a cabeça para fora da janela do seu quarto, era possível ver uma parte do jardim dele.

Tirei o celular do carregador e me remexi no colchão, sentando-me na cama.

Eu: *Por quê??*

Sienna: *Não faço a menor ideia.*

Eu: *O que você tá conseguindo ver?*

Sienna: *Só a viatura estacionada.*

Provavelmente não é nada.

Mas meio estranho, né.

Sim, aquilo era muito estranho.

E como ela disse, provavelmente não era nada.

Mas havia uma sensação estranha no meu peito. Algo que eu não sabia exatamente descrever, mas que tinha a forte sensação de que era alguma coisa sim.

Provavelmente se devia ao fato de que só o nome de Sebastian ser mencionado o meu coração dava cinco cambalhotas no peito. Há exatamente três dias havíamos feito sexo. Há exatamente três dias eu havia perdido a minha virgindade com ele. E há exatos três dias eu não conseguia pensar em outra coisa.

Com o celular na mão, fui em direção à janela. Não sei por que, já que era impossível ver qualquer coisa dali. Nossas casas eram algumas quadras de distância. Mas fui mesmo assim.

A rua estava serena e estrelada. Não passava nem um carro sequer pela vizinhança e as calçadas eram iluminadas por postes.

Eu: *É, provavelmente não é nada.*

Eu digitei de volta, voltando-me para cama com uma sensação estranha no peito. Com o sono perdido, dei *play* na série novamente mas não conseguia pensar em nada além dele. Não tinha notícias de Sebastian desde a nossa noite juntos.

E aquilo estava me matando.

Assisti cerca de mais dez minutos até ouvir o motor de um carro.

Levantei da cama de novo, enquanto escutava o som se aproximando. Cheguei na janela a tempo de vê-la passar. A viatura, que já não tinha mais a sirene ligada, atravessou a minha rua enquanto eu a acompanhava com o olhar, até que ela desapareceu na curva.

Eu inspirei e estava prestes a voltar para cama, mas vi um movimento na calçada. Alguém tinha acabado de fazer a curva da minha rua na mesma direção em que as viaturas surgiram.

E mesmo com casaco e de bem distante, não levei nem dois segundos para reconhecê-lo.

Congelei na janela do meu quarto conforme ele se aproximava da frente da minha casa. Ele tinha as mãos no bolso do casaco de moletom e a cabeça fitava o chão.

O que ele estava fazendo?

Para aonde ele estava indo?

Havia algo errado. Eu conseguia sentir em meu coração.

Engoli em seco e ele passou na calçada em frente ao meu jardim, distanciando-se. Sem pensar duas vezes, fui até o armário e peguei um casaco fino. O verão estava terminando e as noites estavam começando a ficar frias.

Coloquei no mesmo passo em que atravessei a porta do meu quarto. Desci as escadas com o coração batendo forte no peito e torcendo para que meus pais e meu irmão não escutassem nada.

Saí de casa e atravessei correndo o jardim de entrada. Ele já estava se aproximando do final da rua.

Entrando na calçada, apertei o passo, tentando alcançá-lo.

Quando estava a cerca de três metros de distância, chamei pelo seu nome.

— Sebastian! — não cheguei a gritar, mas foi alto o suficiente para que ele fosse capaz de me ouvir.

E ele o fez, porque Sebastian parou e se virou.

Eu parei de correr no minuto em que nossos olhares se encontraram. Foi como se minhas pernas congelassem devido ao impacto.

Havia sangue no seu rosto. Aquela foi a primeira coisa que vi.

A segunda foi seus olhos âmbar; eles estavam nebulosos e vermelhos.

Havia algo muito errado.

Sebastian não disse nada, apenas me fitou. Sua expressão não era nada receptiva e parecia conturbada.

Eu abri a boca, mas as palavras demoraram um momento doloroso para sair.

— O que aconteceu? — eu consegui perguntar com certa dificuldade.

Eu estava sem fôlego e meu coração batia forte. Eu não sabia se isso era graças ao esforço físico da corrida desesperada ou o de estar diante dele.

Era a primeira vez em três dias em que nós víamos. Era a primeira vez que nos víamos depois do que acontecera.

— O que você tá fazendo aqui? — ele indagou com a voz seca.

O sem tom foi como um tapa.

Eu engoli em seco.

— Eu estava na janela e vi a viatura. Você tá bem?

Seu maxilar torceu.

— Estou. Vai para casa, Harriet.

Ele se moveu, com a intenção de se virar.

Meus punhos se fecharam nas laterais do meu meu corpo.

— Para aonde você vai?

— Embora — ele apenas disse, e então se virou.

O pânico subiu pela minhas entranhas.

— Como assim? — eu questionei.

Ele não respondeu, só continuou andando.

Eu o segui.

— Sebastian. Espera.

Ele não esperou. Continuei o acompanhando até estar a dois passos de distância.

— Sebastian! — eu gritei, com o coração batendo forte contra o peito.

Ele se virou com certa violência. Irritação e frustração estavam estampados em seus olhos.

— Para de me seguir, Harriet!

Senti o cheiro da bebida.

Eu recuei um passo e minha voz desceu vários graus, tornando-se quase um sussurro.

— Então me diz para aonde está indo e quando vai voltar.

— Não é dá sua conta.

Eu o encarei e pisquei.

— É, sim.

— Por quê? — Ele fez uma pausa e um meio sorriso cruel torceu em seus lábios. — Por que a gente transou?

A sua voz era veneno. Era desprezo.

Era Sebastian diminuindo o acontecimento que não abandonara a minha mente nem por um segundo nos últimos três dias. Era Sebastian diminuindo a coisa mais importante que acontecera na minha vida até aquele momento.

— É — eu finalmente respondi, a minha voz saindo em um sopro patético.

— Nada mudou, Harriet. Foi sexo. *Só isso.*

Algo ardeu em minha garganta.

— Mudou, sim.

Ele estava mentindo.

Eu vi em seus olhos naquele dia. Mudou para ele, sim. Pelo menos um pouco.

— Não mudou. Não sinto nada por você, Harriet. — Ele se demorou em uma pausa, encarando-me com vigor. — Vai para casa.

Sebastian se virou novamente e começou a se distanciar.

A queimação em minha garganta e no meu peito geraram lágrimas pesadas em meus olhos. Eu não fui atrás dele. Dessa vez eu continuei parada no mesmo lugar.

Com o coração na mão e o estendo em sua direção, eu abri a boca e deixei que as palavras saíssem:

— Eu te amo.

Eu já sabia.

Ele também.

Mas eu nunca tinha dito em voz alta.

Sebastian parou no mesmo instante. Mas ele não se virou. Ao invés disso, jogou a cabeça para cima, para as estrelas.

Meu coração batia de forma frenética enquanto esperava. Meu peito descia e subia de tão forte que ele pulsava.

Ele finalmente abaixou a cabeça e se virou. Sebastian fixou os olhos em mim, mas agora eles estavam diferentes. Mais escuros. Mais fatais.

Sebastian se aproximou, parando a um par de passos de mim. Ele pegou o coração que eu estendia e o apertou com força maldosa entre os dedos.

— Mas eu não te amo. E nunca vou te amar. Você é mimada, irritante e imatura. Você é a irmã mais nova do meu melhor amigo que não me deixa em paz. E se eu pudesse retirar o que fizemos há três dias, eu faria em um piscar de olhos.

As lágrimas escorriam com fora agora e meu coração doía. Eu dei um passo para trás devido ao golpe.

— Você tá bêbado. Não tá falando sério.

Mas ele não parou.

Ele apertou mais um pouco.

— Não estou falando isso porque estou bêbado. Estou falando porque é o que sinto. E eu não sinto nada por você, Harriet. E nunca vou sentir. — Ele fez uma pausa, e já não restava muito do meu coração. — Eu não vou me lembrar de você, então faça um favor a si mesma e esqueça. *Me esqueça*, Harriet.

Estava morto. Estava acabado. Não havia mais nenhuma pulsação.

Então, o mesmo garoto que teve o meu coração e que também o destruiu, se virou e se afastou.

Ele me deixou.

24.

Foi só um beijo.

Há níveis de traição, certo?

Se eu tivesse feito sexo com ele seria muito pior.

Imperdoável.

Mas um beijo? Um breve momento de fraqueza, que eu *interrompi*?

É compreensível.

É isso que eu repito a mim mesma enquanto faço a minha caminhada diária com Nuggets. Mas, no fundo, isso é só uma desculpa para fazer com que eu me sinta menos culpada. É o lado racional do meu cérebro tentando consertar as coisas.

Mas no final das contas, eu sou uma traidora. A palavra faz o meu estômago girar.

Eu jamais pensei que eu fosse o tipo de garota que traía o namorado. Acho que na verdade ninguém pensa que é até que se torna uma. Mas eu sempre fui fiel a Corey, mesmo com o namoro à

distância. Mesmo com as dificuldades e todas as oportunidades do estilo de vida de uma universitária.

Eu sempre soube o que era certo. Eu sempre soube o que eu deveria fazer ou deixar de fazer.

Nunca nem cheguei perto de fazer alguma besteira em todos esses anos. Sempre foi muito claro para mim o que eu não podia fazer e que eu esperava que ele fizesse o mesmo.

E para ser honesta, isso sempre foi fácil.

Porque era o certo. Simples assim.

Nunca nem cogitei fazer algo que prejudicasse isso.

Bem, até aquela noite.

Meus pais tem um casamento feliz. Meu pai venera o chão em que a minha mãe pisa, e apesar dela não demonstrar tanto quanto ele, minha mãe é louca pelo marido. Mas conheço casamentos quebrados. A maioria dos pais dos meus amigos estão separados ou presos a um casamento infeliz. E muitas dessas histórias têm traição no meio.

Voltando da caminhada, solto um Nuggets exausto no jardim e entro em casa. Subo as escadas até o segundo andar e faço o

meu caminho para o quarto. Eu passo pela porta e estaco no segundo em que dou o primeiro passo para dentro do cômodo.

Sebastian está parado em frente à minha escrivaninha, as mãos casualmente nos bolsos e seu tronco sutilmente inclinado para fitar um dos meus porta retratos sobre a mesinha de madeira branca.

Ele não olha para mim instantaneamente, ainda que eu saiba muito bem que ele está ciente da minha presença. Ele sempre está. Tenho certeza disso, porque é mútuo.

— O que está fazendo aqui? — eu pergunto, não mencionando o seu nome de propósito.

Não gosto do impacto que ele causa em mim quando sai da minha boca.

Sem muito esforço, ele vira a cabeça em minha direção, finalmente reconhecendo a minha presença. Ele se ergue, ainda com as mãos no bolso. E eu tento ignorar a pancada assim que seus olhos param nos meus.

— Eu lembro desse dia — ele diz, voltando a fitar as fotos.

Sua expressão é casual, assim como a sua voz.

Eu dou dois passos hesitantes e observo as fotos também.

Uma das fotos sou eu, pequena, com um sorriso faltando alguns dentes, segurando Nuggets ainda filhote. Meu sorriso é enorme e estou vestida de bruxa, porque era Halloween. Naturalmente, Nuggets está vestido de abóbora.

Todo ano que eu me fantasiava, eu combinava a minha roupa com a dele. Quando eu fui Cinderela, ele foi um dos ratos amigos da princesa. Quando eu fui uma sereia, ele foi um peixe.

Isso provavelmente durou até os meus onze anos.

O cachorro já passou por muita coisa.

A outra foto, a do meio, sou eu, meus pais e Gray na minha formatura da escola. Eu estou usando beca e segurando o diploma ao lado da minha família sorridente.

E por último, e a foto da qual ele está se referindo, é a imagem do meu aniversário de quinze anos. Sou eu no centro com Sienna e Lillian me cercando, posando felizes para a foto. Eu dou a língua para quem quer que esteja tirando a foto, Sienna está fazendo um biquinho horrendo e Lillian gargalha.

No final da festa, lembro de encontrar Sebastian no gramado, com um cigarro entre os lábios, sozinho. Lembro também de me aproximar dele e lhe pedir um presente de aniversário.

Um *beijo*.

Em minha defesa, eu estava um pouco bêbada por causa das garrafas que alguns amigos tinham trazido para dentro da festa escondido. E era o último verão antes de Sebastian ir para faculdade. Eu estava um pouco emotiva. Achando que estava prestes a perdê-lo.

E eu estava certa.

Não que em algum momento eu já o tivesse tido.

De qualquer forma, ele apagou o cigarro e se aproximou lentamente, fitando-me.

Meu coração galopava de forma descontrolada. A minha boca secou, e eu, por um momento, pensei que ia desmaiar. Porque havia finalmente chegado o momento.

Com o rosto sério e os olhos âmbar reluzindo contra a noite estrelada, ele se inclinou.

E me beijou suavemente na testa.

Eu fechei os olhos. Em uma mistura de dor, êxtase e *extrema* decepção.

— Foi uma ótima noite — ele comenta, trazendo-me de volta para realidade.

— Eu não lembro de ser tão boa assim — devolvo. — O que você está fazendo aqui? — A minha voz é mais exigente agora.

Sebastian cruza os braços fortes sobre a camisa preta e, casualmente, apoia a parte de trás do corpo minha mesinha, sentando-se parcialmente na madeira branca. As suas longas pernas, cobertas por uma jeans escura, cruzam-se.

Odeio como ele faz o cômodo parecer pequeno.

O quarto não parece mais meu. É como se Sebastian tivesse o tomado para ele, sua presença dominando o lugar. Eu quase me sinto tentada a pedir permissão para ficar. E isso me deixa irritada.

Apesar da pose casual, seu rosto se mantém sério.

— Por que você guardou o chaveiro?

Seus olhos estão fixados nos meus, avaliando quase meticulosamente o meu rosto.

Merda.

Eu desvio o olhar.

Nesse momento, Petúnia desce da cama preguiçosamente e anda com lentidão até Sebastian. Ela, para o meu completo choque, esfrega-se contra a sua perna e ronrona prazerosamente.

Petúnia é uma gata um tanto temperamental. Ela odeia tudo e todos. Inclusive eu. Acho que ela apenas me suporta, porque eu a alimento. Perdi as contas das vezes em que ela arranhou meu rosto em uma tentativa minha frustrada de abraçá-la ou até mesmo acariciá-la.

Mas lá está a traidora, esfregando-se nele como se ele fosse algum tipo de deus dos felinos.

Por que todos os meus animais gostam dele?

É desconfortável.

Eu disfarço o choque e o incômodo e cruzo os braços.

Os olhos de Sebastian descem até a gata, reconhecendo a atenção com pouco entusiasmo até que ele volta a me fitar.

— Eu joguei fora — cuspo, por fim reunindo as minhas palavras.

É mentira. Não joguei fora, apenas o tirei das chaves do meu quarto e guardei junto com a minha pulseira, no fundo do meu armário.

— Não foi isso que eu perguntei.

— Sai do meu quarto, por favor.

Ele não move um dedo sequer. Ao invés disso, fita-me em silêncio por alguns segundos.

— Você se esqueceu do que aconteceu sexta? — A voz soa como um desafio.

— Não sei do que você tá falando.

Ele ergue uma sobrancelha de forma presunçosa.

— Não? — Ele pausa e então instiga. — Você quer que eu te lembre?

Eu recuo, encarando-o com algo parecido a choque e ofensa.

Por que ele está fazendo isso?

— Não. Não quero. — Minha voz soa dura.

Ele continua me fitando, parado na mesma posição enquanto me estuda.

— O que você quer então?

A pergunta sai de seus lábios de forma crua.

Eu travo diante dela e ela paira no ar de forma pesada e desafiadora.

Sebastian espera, seus olhos mirando os meus, pacientemente. Até que ele nota que eu não vou responder.

Porque não consigo.

O que eu quero?

Não faço ideia.

Mas eu sei o que eu preciso. E é esquecer que aquilo aconteceu.

Sebastian consegue ler isso em meus olhos.

— Você quer fingir que não aconteceu?

— E você não? — eu devolvo com veneno.

O que ele espera que eu faça?

O que ele *quer* que eu faça?

Ele não responde, no lugar disso, encara-me de forma quase severa.

Seu olhar é um misto de raiva, ofensa e acho que, lá no fundo, enxergo um pouco de mágoa também.

De repente, fico com raiva, porque Sebastian não tem o direito de fazer isso. Não agora. Não depois de tudo.

— Foi você que foi embora.

É uma acusação. E as palavras saem da minha boca como se estivessem sufocadas em minha garganta por muito tempo. E

acho que de fato estão. É ao mesmo tempo um grande alívio e um terrível pesadelo dizê-las em voz alta.

Apesar de não demonstrar, sei que as palavras batem contra ele com força. Um golpe certo. Consigo ver a mágoa em seus olhos com mais clareza agora.

— Eu estou aqui agora. — A sua voz é baixa e rouca, mas firme.

Ele abaixa a arma, declarando derrota. Pedindo paz, porque ele sabe que vacilou.

Mas eu continuo com a minha erguida.

Eu dou um passo à frente, ficando a três de distância.

E eu puxo o gatilho.

— Você pediu para que eu te esquecesse, — eu engulo em seco, sustentando seu olhar intenso — então foi isso o que eu fiz.

Eu me afasto e saio do meu próprio quarto para que Sebastian não possa ver, estampado em meu rosto, a grande mentirosa que sou.

25.

É o aniversário de cinquenta anos de Helena Crawford.

Eu passo alguns segundos fitando o espelho de chão do meu quarto. Estou usando um vestido vermelho escuro de alças que vai até a metade das minhas coxas. O material é de cetim e abraça o meu corpo de forma suave, porém sensual. Meu cabelo está preso em um coque, apenas alguns fios moldando as laterais do meu rosto.

Os Crawford, assim como meus pais, são pessoas com dinheiro. Uma festa como essa quer dizer muita gente importante e bem vestida bebendo todo o tipo de bebida cara que se possa imaginar.

Corey passa para me buscar às oito e vinte. Apesar de morarmos muito perto, estou de saltos e essa é uma festa muito formal para que eu simplesmente apareça lá a pé.

Quando entro em sua mercedes cinza, encontro meu namorado de smoking preto, os cabelos mais comportados do que o

normal e uma gravata azul marinha. Ele tira os olhos da tela do celular e encontra os meus olhos.

Ele está lindo.

Eu me inclino e o beijo nos lábios depois de fechar a porta.

— Você está muito bonito.

Ele abre um meio sorriso e olha para o meu vestido vermelho.

— Você também — ele diz, virando-se para ligar o carro.

Estou aliviada.

Estou aliviada por ele ainda me causar esse impacto. Mesmo depois dos últimos acontecimentos, sinto-me atraída pelo meu namorado.

Uma parte de mim estava receosa em relação aos meus sentimentos por Corey.

Estou confusa ultimamente. Mas talvez as coisas não estejam completamente perdidas. Talvez eu esteja exagerando. Nem tudo está perdido e talvez o dano não seja irreversível.

Há vários carros de luxo desde a grande entrada da casa dos Crawford até quase a metade da rua.

A casa está muito iluminada. As janelas e as sacadas expõem a iluminação amarelada do interior, e o jardim brilha com vida, inclusive o chafariz no centro da entrada.

Outros dois casais da idade dos meus pais saem do carro no mesmo momento que eu e Corey. Nós o cumprimentamos brevemente, e entramos todos juntos.

A mãe de Corey está no salão de entrada com um sorriso no rosto enquanto conversa com alguns convidados.

Em seus plenos cinquenta anos, Helena Crawford continua sendo uma mulher bela. E hoje à noite ela está especialmente bonita com seu vestido preto de gola alta, aberto nas costas. Ela é uma mulher de estatura média, mas seu afiado salto preto lhe dá uns bons dez centímetros a mais. O corte chanel castanho escuro está perfeito e intocável como sempre.

Seu sorriso cresce quando nos vê. Ela diz algo aos convidados e vem em nosso alcance, encontrando-nos no meio caminho do salão.

— Ah, você está tão linda, Harriet.

Ela olha para Corey e então novamente para mim.

— Vocês dois estão — há amor em seus olhos quando diz isso.

Eu sorrio.

Helena é sempre extremamente gentil comigo.

— Obrigada, mas é você que está linda. E parabéns pelo aniversário e pela festa. Meus pais pediram desculpas por não poderem vir.

Ela balança a cabeça.

— Não se preocupe, querida. Você sabe que eu entendo completamente e respeito muito a profissão dos dois.

Eu abro um pequeno sorriso e estendo uma caixa em sua direção.

— Mamãe que escolheu. Espero que goste.

Ela pega a caixa dourada.

— Sua mãe tem um excelente gosto. Não tenho dúvidas de que vou amar. — Ela passa a mão no antebraço do filho de forma maternal. — Agora vão se divertir, crianças.

Corey e eu seguimos para dentro do salão ao passo que Helena continua próxima à entrada, recebendo os convidados.

Há glamour por toda a parte. E apesar de eu já estar acostumada com esses tipos de eventos, não gosto deles. Em geral me saio bem. Sorrio e sou educada, tento falar o menos possível e escutar aos mais velhos e influentes.

Aperfeiçoei essa postura ao longo dos anos. Não há outra opção quando se nasce em uma família e em uma cidade como a minha. Mas isso não quer dizer que gosto. Muito pelo contrário. Preferia estar em casa com Nuggets, assistindo a um filme enquanto como sorvete de chocolate na minha cama.

Os tios de Corey estão próximos ao piano, e assim que nos vêem, acenam para nós.

— Vocês dois estão tão lindos! — diz Patty assim que chegamos.

Ela é uma das várias irmãs de Helena. Tão bonita quanto ela, mas alguns anos mais velha.

Depois de agradecermos com um sorriso sem graça, o marido dela comenta:

— Estávamos apreciando esse piano. Esse tom é lindo demais; ele chega a brilhar.

Roy, o marido de Patty, é um homem muito culto, e um tanto pomposo para falar a verdade. Você pode ficar falando por horas com ele sobre pinturas, filmes cult e música, e ele sempre terá assunto e opiniões um tanto incisivas.

— Helena disse que você toca, Harriet.

Eu abro um sorriso sem graça.

— Toco um pouco.

— Que incrível! Nosso sonho era fazer a Melanie tocar algum instrumento, mas ela nunca gostou.

— Você toca há muito tempo? — pergunta Roy.

— Meu pai me deu de presente de aniversário de doze anos. Toco desde então.

Patty parece surpresa.

— Nossa, então você deve tocar muito bem.

Eu balanço a cabeça, ainda sorrindo.

— Ah, não. — Eu dou de ombros. — É só um hobbie.

— Por que você não toca para gente? — ela sugere, sorrindo.

Eu os encaro, surpresa com a sugestão.

— Não! Não poderia. Tem tanta gente aqui — eu digo e olho ao redor, para o salão cheio. — Não quero chamar atenção.

— Acho que essa festa está precisando de uma música — ela diz.

— Tenho certeza que todos adorariam te ouvir — Roy incentiva.

Eu hesito e dou uma olhada para o piano. Eu realmente gosto de tocar e venho ensaiado uma música desde o começo desse verão; tenho quase certeza que a dominei.

Corey encosta suavemente em meu braço e eu me viro para encará-lo.

— Harriet. — Há um sorriso doce em seus lábios. Doce e ensaiado.

— Você não quer chamar a atenção de toda essa gente, né? — ele pergunta, ainda sorrindo.

Eu sacudo de ombros, mas fico meio inserta diante do comentário.

— Seria só uma música — eu murmuro.

Patty e o marido nos observam.

— Eu adoraria ver alguém tocando nesse piano maravilhoso
— diz ela em tom gentil, mas ao mesmo tempo animado.

Corey tira os olhos de mim e lança o seu sorriso mais educado a Patty.

— Eu conheço Harriet e a minha garota fica sem graça com esse tipo de coisa. Não quero que ela fique com vergonha.

Patty devolve o sorriso quando meu namorado passa a mão em meu braço, em um gesto carinhoso. Mas eu só fico parada, sentindo-me completamente sem voz. Há um momento longo e meio desconfortável em que Patty e Roy trocam o olhar entre mim e Corey.

Por sorte, nesse exato momento, uma outra irmã de Helena, uma que ainda não conhecia muito bem, aproxima-se com a esposa.

Em seguida, há uma breve troca de palavras, nenhuma delas sobre piano. E depois de alguns minutos, eu e Corey nos distanciamos.

— Você não quer que eu fique com vergonha ou você não quer ficar com vergonha? — eu pergunto, assim que nos afastamos do grupo.

O fato é ele ter ficado tão desesperado para que eu não tocasse me incomoda.

Corey vacila, encarando-me.

— Do que você tá falando?

— Você sabe do que eu to falando. Por que ficou resistente diante da ideia de eu tocar?

Ele suspira, como se eu o cansasse.

— Ah, Harriet, qual é...

— Qual é, não — eu devolvo em tom mais duro. — Sério, por quê?

Ele me encara por um longo tempo, sem dizer nada. Seu rosto passa de meio causal e frustrado para sério e desconfortável.

— Você sabe, Harriet... — Ele faz uma pausa, parecendo tentar escolher as palavras. — Eu só não queria que você se constrangesse caso errasse alguma nota. Tem muita gente aqui.

— Você realmente acha que eu toco tão mal assim?

Ele balança a cabeça.

— Claro que não. Eu não disse isso.

— Mas é obvio que é o você tá pensando. E qual é o problema se eu não sou a droga do Beethoven? Eu estou ciente que não sou incrível, mas não teria problema nenhum em tocar uma música.

— Eu só tava tentando te poupar — ele diz mais alto dessa vez.

— Não, você estava tentando se poupar. — Eu elevo a voz também. — E qual seria a diferença se eu passasse vergonha? Não te interferia em nada. Não dá para passar vergonha por associação!

— Claro que dá! Você é a minha namorada!

Eu fico em silêncio naquele instante.

O problema não é ele achar que eu toco mal ou o que quer que seja, apesar disso me ferir um pouquinho, o maior problema é ele ter vergonha de mim.

Isso corta fundo.

A questão é que as pessoas gostam de pessoas excêntricas. Até que é demais. Até que de repente perde a graça.

Corey, no começo do namoro, costumava dizer que achava adorável quando eu gargalhava até fazer um barulho de ronco no final da risada. Ele também achava incrível o fato de eu levar uma

conversa de vários minutos com meus animais. Hoje em dia, quando eu faço isso em público e ele está ao meu lado, consigo notar o seu constrangimento.

É por isso que nunca falei com Corey sobre a cleptomania. E nunca irei.

— Olha, desculpa. — Ele respira fundo, frustrado, porque sabe que foi longe demais. — Mas você realmente quer brigar no meio da festa de aniversário da minha mãe?

Eu não aceito as suas desculpas verbalmente, mas deixo de lado esse assunto. Pelo menos por enquanto. Porque eu não quero fazer cena, ainda mais nessa noite. E também, talvez, porque me sinto culpada. Não é como se eu estivesse sendo a melhor namorada nos últimos tempos.

Os próximos trinta minutos são bem entediantes, cheios de conversas superficiais e longas. Tudo fica ainda melhor quando Corey some depois de encontrar um de seus amigos, abandonando-me completamente sozinha na festa.

Eu simplesmente odeio quando ele faz isso. Não que tenhamos que ficar grudados um ao outro durante todo o evento, mas ele não espera nem dez minutos para me abandonar. Talvez eu

devesse me sentir aliviada, porque o clima entre nós não estava o melhor de qualquer forma.

Vejo alguns rostos jovens conhecidos da época da escola que acompanharam os pais, mas nenhum íntimo o suficiente para que eu queira me aproximar e conversar. Mas sei que eventualmente terei que fazer, até porque Corey vai ficar a noite toda entre eles.

Não demora muito para que eu esteja falando com um casal mais velho e bem vestido sobre a minha faculdade. São conhecidos dos meus pais, assim como muitos ali. O círculo elitista de Veahmond não é tão grande e a maioria está ciente um do outro.

Eu sorrio, respondo e ocasionalmente faço perguntas, mas algo me incomoda. Há um frio espetando em minha nuca. Uma nota de ansiedade desconfortável.

Mesmo que eu não queira admitir, sei exatamente a causadora dela.

Ou melhor, *o causador*.

Corey disse que Sebastian foi chamado pela mãe para a festa. O quer dizer que existe a grande possibilidade de ele chegar aqui a qualquer momento.

E embora eu esteja tentando ignorar esse pensamento e o que ele causa em meu corpo, a cada dois minutos eu desvio o meu olhar para a entrada. Mas eu mantenho a conversa entre os convidados, tentando afastar o pensamento de forma quase obsessiva.

Depois de quase uma hora, eu começo a relaxar, porque já se passou tempo demais e os convidados pararam de chegar.

Também não faz sentido Sebastian aparecer aqui. Não consigo imaginá-lo aparecendo em uma festa como essa.

Principalmente não depois de tudo o que aconteceu.

Em dado momento, estou conversando com Kylie, uma líder de torcida e colega na época da escola. Ela é um ano mais velha, mas conversávamos algumas vezes, principalmente na época em que ela ficou com meu irmão, um rolo do qual não durou mais que três meses. Ela está no meio de uma frase quando a sua boca pende aberta sem que ela termine de deferir as palavras. Seus olhos não estão em mim; eles encaram algo por cima do meu ombro.

Eu giro o meu corpo devagar e não demora meio segundo para que eu entenda. Não demora nem meio segundo para que

meus olhos o encontrem. Porque é só isso que é possível de se ver.

Sebastian acabou de entrar no salão.

Eu engulo em seco, e tenho noção que a minha expressão no momento é bem similar a de Kylie. Talvez pior.

Assim como todos os homens ali, Sebastian usa um smoking, mas diferente deles, não está de paletó e nem gravata. A camisa branca social cobre de forma quase rude seu peito largo e bem tonificado. Mesmo com o material, é possível ver a perfeição de seus músculos, que forçam de forma suave contra o material caro. As calças pretas sociais se estendem sobre suas pernas longas. Seus fios castanhos escuros estão uma bagunça muito mal contida. Como se ele tivesse apenas passado os dedos entre eles antes de chegar aqui.

Sebastian está dolorosamente bonito.

Seu ar selvagem e indiferente faz contraste gritante com as roupas sociais. Mas isso surpreendente o deixa ainda mais bonito. Ainda mais fascinante. E acho que todos concordam comigo, porque as cabeças giram conforme Sebastian Grant Crawford atravessa o salão.

Ele anda com confiança e sem esforço, ignorando os olhares, apesar de reconhecê-los. Não há como ele não notar que praticamente toda a festa parou para vê-lo entrar.

Mas não é apenas a sua aparência paralisante que faz cabeças girarem.

É curiosidade e surpresa.

Todos ali são amigos e conhecidos da família dele e todos da elite de Veahmond sabem sobre a noite que o filho mais velho dos Crawford fez algo terrível. Todos lembram da noite em que a polícia parou em frente à casa deles e ficou muito próxima de prendê-lo. E todos também lembram do dia seguinte em que ele foi embora.

Coisas assim não acontece entre nós. Nossos segredos, traições e pecados são arrastados para baixo do tapete. A feiura não é exposta. Preferimos esconder tudo isso em nome das aparências.

Achamos que temos classe demais para qualquer atenção negativa.

Mas ali está Sebastian, sugando cada pinga de atenção da festa.

Eu o observo de longe enquanto ele anda em direção a mãe. Ela o fita, tão surpresa quanto o resto de nós.

Kylie diz alguma coisa, mas estou ocupada demais focando na cena diante de mim.

Ele para em frente a mãe, pairando sobre ela, porque mesmo com os saltos, ele é vários centímetros maior.

Eles trocam algumas palavras breves. Sebastian não abre um grande sorriso, mas ele se inclina e beija a bochecha da mãe em dado momento.

E mesmo de longe, mesmo sem conseguir ver o rosto inteiro de Helena, sei o quão emocionada está. Consigo sentir o quão importante é isso, mesmo que pareça pequeno e extremamente banal.

Ele diz mais alguma coisa e ela também, então Sebastian se afasta e seu olhar finalmente corre pelo salão, à procura de algo.

Eu sinto o galopar do meu coração no exato momento em que ele me encontra. Seus olhos âmbar se fixam nos meus por talvez três segundos, mas parecem durar décadas. Até que ele desvia e volta a fixar o olhar no lugar em que está seguindo.

Sebastian agora vai até seu pai, que está em um grupo de outros três homens.

Eu finalmente desvio o olhar e Kylie chama a minha atenção.

— Ele olhou para gente ou é impressão minha? — ela pergunta, ainda o encarando.

Eu engulo em seco.

— Impressão sua.

Ela volta o olhar para mim, os grandes olhos azuis parecendo maiores, ainda muito surpresa.

— Eu não fazia ideia que ele viria. Faz quanto tempo que ele foi embora? Três anos?

Noto que as pessoas já não estão encarando tão fixamente. Todos os ricos sabem que é muito feio encarar, e lentamente as pessoas voltam a seus próprios assuntos.

Eu faço como eles, forçando a fixar meu olhar apenas em Kylie.

— Quatro — eu a corrijo.

Ela lança mais um olhar sobre ele e balança a cabeça, pensativa.

— Se eu não tivesse namorando, eu pediria o número dele. Nem me importo se ele tenha tentado cometer homicídio ou algo assim. — Ela suspira. — Olha só para esse cara.

Eu não olho, pois não preciso; entendo muito bem o que ela quer dizer.

Ao invés disso, franzo o cenho e digo:

— Ele não cometeu homicídio.

— É, eu sei, mas sabe... — ela fala com um despreocupado dar de ombros. — Ninguém realmente sabe o que aconteceu.

— Definitivamente não uma tentativa de *homicídio*.

Ela ignora o comentário.

— Você não tinha uma queda por ele na época da escola? — Ela não me dá espaço para responder. — Teve! Agora lembrei! Mas, sinceramente, acho que todas as garotas tiveram. O que cá entre nós: é compreensível.

Nesse momento, ambos os pais de Kylie se aproximam de nós para falar com a filha e nós acabamos conversando por uns bons vinte minutos. O pai de Kylie financia uma ONG de animais abandonados e isso desencadeou um diálogo muito interessante, apesar de eu estar muito ciente de certa presença no salão.

Eu não o fitei por todo o tempo em que conversei com o Frank, pai de Kylie. Eu mantive meus olhos no homem e em sua esposa à medida que tentava apreciar a conversa. A verdade é que, em qualquer outro momento, eu estaria adorando dialogar sobre seu trabalho com a ONG, mas nesse instante parece ser difícil me concentrar em qualquer coisa além *dele*.

O namorado de Kylie, Chase, junta-se a nós e eu aproveito para perguntar se ele viu Corey em algum lugar. Ele me informa que da última vez que viu Corey, ele estava com outros dois amigos no jardim dos fundos, mas que não tinha certeza se ainda estava lá.

A casa dos Crawford é malditamente grande e, procurando por Corey, eu cometo o erro de passar o olhar pelo salão, porque meus olhos caem direto em Sebastian e nas duas mulheres que se encontram em sua frente.

Uma loira baixinha e uma negra alta estão de costas para mim, e de frente para ele. Ambas estão muito bem vestidas, com um vestido preto e vermelho, respectivamente.

Elas dizem alguma coisa e Sebastian fita as duas, absorvendo o que quer que estejam dizendo. Ele tem um copo nas mãos e o leva até os lábios em certo ponto.

Só consigo ver as costas de ambas, mas quando a loira vira para fitar a amiga por um segundo, reconheço-a. Não me recordo de seu nome, mas sei que estudou em nossa escola.

As quatro pessoas ao meu lado estão falando alguma coisa, mas eu não presto atenção.

As duas sorriem e não param de falar. Tenho a impressão de que ambas estão se esforçando para prender todo o foco dele. Uma mulher percebe a competição assim que se vê diante dela. E essas duas estão definitivamente competindo por ele.

Eu sinto aquela sensação incômoda na minha barriga. Eu quero desviar o olhar, mas não consigo. E é nesse exato momento em que Sebastian levanta o olhar das duas e encontra o meu.

Rubor sobe em minha bochecha quando sou pega encarando. Meu corpo se divide em uma mistura de vergonha e mágoa. Talvez um pouco de culpa também.

Culpa por estar sentindo o que estou sentindo.

A palavra feia que me negava a falar.

Ciúmes.

Em sua mais crua e terrível forma.

Não adianta negar; está pulsando em minhas veias como veneno. E ele vê. Eu sei que ele vê assim que encontra o meu olhar.

E ele *gosta*.

Sebastian não desvia. Ele sustenta o meu olhar enquanto eu me esforço para desviar.

— Não é, Harriet?

Eu pisco, voltando à vida real e fitando Chase.

— É, sim — eu digo, sem ter ideia do que estou concordando e torcendo para fazer sentido.

Aliviada, vejo Chase assentir e a conversa continuar.

Eu tento manter o foco no diálogo que se desenrola à minha frente e aguento por talvez trinta segundos antes de desistir. Eu sinto o olhar dele queimando em minha pele, mesmo há vários metros de distância.

Então, como a masoquista que sou, eu volta a encará-lo.

E lá está ele, com os olhos diretamente em mim. *Apenas* em mim.

As garotas continuam falando com ele, assim como as pessoas a minha volta, mas só há eu e Sebastian no salão. E eu

absolutamente odeio a parte de mim que fica aliviada por ele não parecer minimamente interessado nelas. Eu quero matar a parte dentro de mim que ama o fato de ele me fitar como ele está fazendo agora.

Sebastian assente, como se as estivesse ouvindo, e deixa o meu olhar por talvez um segundo para observá-las antes de voltar.

Seu rosto está completamente neutro enquanto me analisa. Com uma das mãos, ele sobe o copo até os lábios, observando-me e engolindo o álcool.

É quase como se ele estivesse me desafiando a desviar.

A cada segundo que se passa, meu coração bate mais desesperado. Eu me sinto sufocada. E odeio que ele consiga fazer isso tudo comigo mesmo há vários metros de distância e apenas com *um olhar*.

Sebastian abaixa o copo e eu tenho a impressão de ver a sombra de um sorriso atravessar seus lábios. Eu pisco talvez duas vezes para ter certeza de que não estou imaginando coisas. Mas não estou.

É um jogo.

As meninas, assim como todas as pessoas em nossa volta, são peões nesse jogo de xadrez distorcido e proibido.

É um jogo que eu odeio, mas que não sou capaz de parar.

Talvez eu esteja viciada.

— Mê deem licença — eu digo para Kylie e o resto do grupo, finalmente quebrando o contato visual.

Deixando que ele ganhe dessa vez, eu sigo para a cozinha, porque aparentemente não consigo respirar no mesmo cômodo que Sebastian. Mesmo que o cômodo seja do tamanho de um maldito campo de um futebol.

A cozinha, felizmente, está vazia. E eu abro a enorme geladeira atrás de álcool.

Não sou fã de bebida e nem deveria beber contando que ainda não fiz vinte e um, mas hoje sinto que preciso desesperante de álcool no sangue. Não acho que os pais de Corey se importem comigo bebendo na casa deles, mas tecnicamente é contra lei e estamos em um evento lotado de pessoas. Então ao invés de pegar uma taça de champanhe dos garçons que circulam pelo salão, eu agarro uma garrafa de vinho branco já pela metade e a tiro da geladeira.

Inspirando fundo, eu coloco a garrafa em cima da pia de mármore e abro o armário no alto da minha cabeça, alcançando um copo.

Eu quero ir embora. Não estou em clima para festa e definitivamente não estou no clima para o que quer que esteja acontecendo aqui.

Eu escuto o som de passos e sinto a presença de alguém adentrando a cozinha. Sem me dar ao trabalho de me virar, pego a garrafa e tiro a rolha. No segundo em que escuto o barulho oco da rolha deixando a garrafa, eu sinto a presença logo atrás de mim.

A pessoa para há alguns passos. Não vai até a geladeira ou até alguma gaveta. Simplesmente para.

E por alguma razão que eu não entendo, eu simplesmente *sei*.

Meu *corpo* sabe. Mesmo que meus olhos não estejam nele.

Eu o sinto.

Eu fecho os olhos com força, agradecida que ele não é capaz de ver meu rosto.

De repente, eu me sinto muito consciente de todo o meu corpo. Desde a ponta dos meus pés até o meu couro cabeludo. O

tecido suave de seda ao redor do meu corpo e a pele que ele deixa exposta. Estou ciente de absolutamente *tudo*.

Eu ouço três passos terrivelmente lentos.

Um.

Dois.

Três.

Sebastian paira sobre mim e o seu cheiro me bate com força avassaladora.

Ele não encosta o peito em minha costas, mas ele está perto. *Muito* perto. Tão perto que eu sinto o seu calor. Eu sei que se eu der meio passo para trás as minhas costas vão se chocar contra seu corpo.

Eu engulo em seco e levanto a garrafa de vinho, sentindo o peso do mundo sobre mim. Minha mão treme fazendo a garrafa ficar sem estabilidade. Eu xingo mentalmente e tento me controlar, mas o líquido desce inseguro e de forma patética.

Ele nota, eu sei.

Se eu achava que estava difícil de respirar antes, agora está impossível.

Eu faço menção de sair, movendo-me para a direita, mas então Sebastian ergue ambos os braços, alcançando a pia na minha frente. Ele coloca as mãos em ambos os lados, interceptando meu caminho.

Ele me cerca.

Eu aperto o copo de vinho com força até tê-lo em meus lábios.

— Cuidado, meu bem. Você vai acabar quebrando isso. — Sua voz é suave como veludo e causa um choque em minha espinha.

O álcool desce pela minha garganta queimando, mas eu praticamente não o sinto, porque todo o resto do meu corpo já está em chamas.

— Para — eu peço, petrificada onde estou, tentando acalmar meu estúpido coração que parece prestes a sair pela boca.

— Parar com o quê? — ele pergunta com a voz escorrendo inocência ensaiada.

Sua voz grave reverbera em todo o meu corpo.

Eu tenho dificuldade de falar, porque tenho plena consciência de quão próximo o corpo dele está. Se eu me mover um pouco para

trás...

Se eu apenas jogar a minha cabeça um pouco para trás, em direção ao seu peito...

Deus.

— Com isso. Com tudo.

Minha voz sai como um sussurro. É quase inaudível, mas ele está perto demais para não ser capaz ouvir.

E eu preciso que ele pare. Eu realmente preciso que ele pare, porque eu não sei se eu tenho força suficiente por nós dois.

Sebastian se inclina mais um pouco. Sua boca fica próxima ao meu ouvido e eu sinto as suas palavras queimando em meu pescoço.

— Então pare de me encarar assim.

— Assim como?

Ele aproxima o rosto até que sinto sua boca roçar suavemente meu lóbulo. Calor sobe imediatamente, como uma avalanche de lava ao invés de água.

— Como se quisesse que eu te jogasse no chão e te fodesse bem no meio do salão.

Eu engasgo, mesmo que não haja vinho em minha boca.

Ouçõ passos se aproximando e Sebastian se afasta, por fim abrindo espaço. O garçom adentra a cozinha, lançando um olhar para gente e logo depois desviando.

Impenetrável e em silêncio, Sebastian faz seu caminho até a saída.

O garçom vai à geladeira e eu faço o meu melhor para não parecer tão ridiculamente abalada.

26.

Nós poderíamos ter sido pegos.

Eu notei o olhar do garçom em nós.

Como Sebastian tem coragem de fazer e dizer aquelas coisas na festa de aniversário da mãe?

Encontro Corey quando volto para o salão. A minha mão ainda treme um pouco ao segurar o copo.

— Aonde você estava? — ele pergunta, alcançando as minhas costas com uma das palmas.

Eu desvio o meu olhar para o copo, sem querer encará-lo.

— Te procurando.

Tecnicamente, não é uma mentira. Pelo menos não completa.

Nós vamos para um dos sofás do salão. O primeiro andar da casa dos Crawfords quase não tem divisória. É apenas uma grande salão com vários ambientes, mas devido à festa, eles abriram espaço para o centro e ajeitaram os móveis de forma que eles ficassem mais próximos à parede. No centro, eles alugaram várias

mesas redondas, que estavam enfeitadas com buques de belas flores brancas.

Corey conta que estava do lado de fora enchendo a cara com Jimmy e um outro garoto que estudou com a gente. Sei que a os pais dele não gostariam que ele ficasse bêbado nessa festa, ainda mais por causa do fato da maioridade. Essa festa está repleta de pessoas que trabalham com a lei, como juizes e até um governador.

Mas quem sou eu para julgar?

Sinto-me uma hipócrita segurando o meu copo de vinho branco como se fosse suco de maçã.

— Sebastian tá aqui — ele comenta com uma expressão pouco simpática. — Eu esbarrei com ele agora há pouco.

— Eu sei, o vi chegar — limito-me a dizer.

Ele balança a cabeça.

— Eu realmente não entendo o que ele tá fazendo aqui. Depois de todo esse tempo. Depois de tudo o que aconteceu.

Eu não consigo evitar a curiosidade.

— O que aconteceu afinal?

Já tínhamos tido essa conversa há alguns anos, no começo do nosso relacionamento, mas nada realmente foi dito.

Ele desvia o olhar, como se estivesse voltando para o passado e buscando em sua memória.

— Não sei. Só lembro dele indo embora e dos meus pais agindo de forma meio estranha por um longo tempo. Eu perguntei, mas eles nunca adentraram no assunto comigo. Disseram que tiveram um desentendimento e que Sebastian já era grande o suficiente para tomar a suas próprias decisões.

Eu assinto, e continuo o encarando, mas ele não diz mais nada. Noto a repentina expressão distante e melancólica e resolvo trazê-lo de volta para o presente.

— Você falou com ele?

— Com o meu irmão?

Eu assinto.

— Trocamos um breve “oi”. — Ele dá de ombros. — Mamãe pediu para que eu fosse legal. Sei que ela quer recomeçar e sei que ela quer que eu tente também.

Ele suspira, parecendo cansado do assunto e um pouco desinteressado.

A mão de Corey vai até a minha perna e ele acaricia a pele exposta.

— Você tá muito gostosa nesse vestido. É novo? — ele pergunta, aproximando o rosto do meu.

Eu sinto o hálito forte de álcool e me viro para encará-lo. Ele tem os olhos estudando o meu corpo.

— É.

Corey sorri e volta a fitar o meu rosto.

— Está mais do que aprovado. — Ele suspira e diz com um tom sugestivo: — Sabe, poderíamos subir para o meu quarto.

Eu devolvo o sorriso.

— Agora não, Corey. — Eu coloco a mão em seu rosto e vejo a decepção em seus olhos. — Mais tarde — eu prometo com um suave beijo em seus lábios.

Eu tiro os olhos do meu namorado para dar um gole no meu vinho e vejo Sebastian do outro lado do salão. Ele está encostado no batente da divisória do salão com a cozinha, sozinho.

E ele tem os olhos em nós dois.

Corey está distraído demais, dando beijos no meu pescoço para notar o seu olhar. Mas eu congelo. Cada membro do meu corpo travando qualquer movimento.

— Qual é, amor — ele reclama, depois de beijar o começo do meu pescoço.

O olhar de Sebastian cai sobre a mão de Corey, que faz uma linha com os dedos desde o joelho até a metade da minha coxa.

Eu sinto todo o tipo de sensação em meu corpo, mas tenho a suspeita de que não tem nada a ver com o toque de Corey.

Eu solto o ar com força, sem notar que estava o prendendo esse tempo todo.

— Corey, estamos no aniversário da sua mãe. As pessoas estão olhando.

A verdade é que Corey não está fazendo nada gráfico demais e poucas pessoas na festa parecem se importar com o jovem casal apaixonado no sofá.

Mas *e/le* está olhando.

E eu sinto como se tivesse sendo pega no flagra fazendo algo que eu não devia. O que não faz o menor sentido.

Mas, recentemente, nada tem feito muito sentido para mim.

A expressão no olhar de Sebastian é dura. Seus lábios estão em linha reta e seu maxilar trincado.

Corey bufa entre os meus cabelos, frustrado. Como uma criança que acaba de ser negada um doce antes da janta.

Sebastian tira o ombro da parede e se vira, afastando-se. Eu sigo o olhar em suas costas largas, e o vejo subir as grandes escadas de mármore ao lado da entrada.

— Beleza. Vou voltar lá para fora com Jimmy então, to precisando de mais uma cerveja — ele diz, em um misto de decepção e tédio. Ele se levanta e, quase como se estivesse se esquecendo de alguma coisa, ele se volta para mim. — Quer vir?

Eu balanço a cabeça.

— Agora não. Daqui a pouco eu te encontro.

Ele se vai.

Eu dou um último grande gole no meu copo enquanto encaro um ponto qualquer do salão. Eu não quero fazer o que estou prestes a fazer. Eu sei que eu não devo.

Não tenho certeza se é o álcool ou a adrenalina, mas eu me levanto e vou em direção às escadas. Eu deixo o copo em uma das mesas redondas e faço o meu caminho pelo salão.

A cada degrau que eu subo ao segundo andar, a minha pulsação aumenta. Só a perspectiva de vê-lo, de ficar diante dele, faz isso com o meu peito.

É ridículo. *Completamente* ridículo.

Eu passo pelo longo corredor como se fosse o corredor da morte.

A primeira porta à esquerda é o banheiro, que está aberta e o cômodo vazio. A primeira à direita é o quarto de Corey. Eu sigo em frente, engolindo o gosto ruim da culpa. A última porta do corredor está aberta. É o escritório do pai de Corey.

E é lá que eu o encontro, de costas para porta, onde estou parada.

Ele está no fim do quarto, em frente a grande janela de vidro que dá uma bela visão da noite estrelada lá fora. A mesa bem organizada de madeira escura está entre nós, assim como um enorme tapete marrom que ocupa quase todo o cômodo.

O escritório é de muito bom gosto e muito bem organizado. Há poucos móveis. A mesa no centro, um armário à direita e uma poltrona de couro à esquerda.

Eu o observo por um momento em silêncio. Absorvendo a imagem à minha frente.

Ele tem a mão no bolso da calça social e a palma livre segura um copo de uísque. Ele subiu as mangas de sua camisa branca, deixando o seu antebraço exposto, e eu sou capaz de ver o começo de uma de suas tatuagens negras, descendo pela sua pele bronzeada.

Eu penso em me afastar. Passa pela minha cabeça ir embora dali. Mas eu não faço isso. Dou um passo a frente, o meu salto batendo no piso de madeira e fazendo um suave e tímido barulho.

— O que está fazendo aqui? — ele indaga. — Pensei que estivesse se divertindo lá em baixo.

A sua voz grave ecoa no cômodo, mas ele continua de costas.

Eu ignoro o comentário venenoso, viro-me e fecho a porta, porque não quero arriscar que ninguém ouça a nossa conversa, ou até mesmo que nos vejam juntos em um cômodo a sós.

Avanço alguns passos e abro a boca, encontrando a minha voz.

— Você não pode fazer o que fez lá em baixo de novo. Achei que a gente tinha concordado em...

— Eu não concordei com nada — ele me corta, de repente se virando.

Eu paro de caminhar, congelando bem no centro do cômodo.

Os olhos âmbar queimam em meu rosto e os primeiros dois botões de sua camisa social agora estão desabotoados. Eu sou capaz de ver o começo de seu peitoral.

Eu inspiro fundo, porque é difícil puxar ar o suficiente de frente a algo tão belo assim.

Uma bela bagunça selvagem.

Eu engulo em seco.

— É errado. Se Corey descobrir, ele nunca vai me perdoar. Nunca vai *te* perdoar. — Eu faço uma pausa, debatendo se devo, mas digo mesmo assim: — Ele é o seu irmão.

— Você acha que eu não sei disso? — Há uma mistura de raiva e desprezo em sua voz.

Eu hesito.

— Você não quer consertar as coisas?

Ele solta uma respiração forte acompanhada de escárnio.

— Não dá para consertar as coisas. — Sua voz é cortante.

— Por quê?

Sebastian desvia o olhar do meu e balança a cabeça. Parece frustrado.

— Por quê? — eu exijo.

Seus olhos voltam para os meus, sérios.

— Você não entende, Harriet.

Eu odeio as suas palavras. Eu odeio o seu tom. Me resume a Harriet de anos atrás. Ingênua demais. Apaixonada demais.

— Não fale comigo dessa forma. Como se eu fosse estúpida e jovem demais para saber das coisas. Eu não sou uma garota mais, Sebastian.

Um pequeno sorriso amargo e sarcástico atravessa seus lábios, mas a diversão não atinge seus olhos.

— Acredite em mim, Harriet, estou bem ciente disso.

Seus olhos estão fixos em mim. Queimando o tipo de incêndio que destrói uma cidade inteira.

O ar pesa entre nós.

Eu engulo em seco, fechando os punhos nas laterais do meu corpo.

Ele sobe o copo de uísque até os lábios e, sem tirar os olhos de mim, dá um gole lento. Eu observo o álcool descer pela sua garganta, seu pomo de Adão se movendo. Sebastian leva até a boca as duas pedras de gelo do copo, e as quebra entre os dentes, cerrando o maxilar. Eu escuto o *crac* rouco de onde estou, como se ele fosse na minha espinha.

Eu observo fascinada. Nervosa. Como se fosse a plateia diante de uma cena tragicamente bela e hipnotizante.

Ele deixa o copo de uísque vazio na mesa ao seu lado e segue em minha direção.

Recuo um, dois passos. Mas ele continua vindo até que para na minha frente.

Eu ergo o meu olhar e o sustento quando Sebastian paira sobre mim. Sem dizer uma palavra, ele leva uma de suas mãos até a lateral da minha coxa e eu sinto queimar a minha pele assim que ele me toca. Eu prendo a respiração.

Seus dedos brincam com o final do tecido do meu vestido, ao passo que ele estuda o meu rosto.

E ele vai subindo e subindo.

Provocando.

Com a ponta dos dedos, Sebastian vai fazendo desenhos lentos e tortuosos em minha pele.

Eu sinto o meu núcleo pulsar.

Em nenhum momento ele tira os olhos dos meus. Há um brilho predatório em sua íris. Ele se inclina um pouco mais e encontra a alça da minha calcinha. Nossos rostos ficam muito próximos e eu sinto o hálito de uísque em sua respiração.

Ele esteve com um copo nas mãos a noite toda. Sei que Sebastian não está sóbrio. Mas eu estou. O copo de vinho não foi o suficiente para me deixar alterada. E é por isso que eu deveria estar parando isso. Impedindo esse absurdo.

— Você bebeu demais. — eu murmuro, rouca.

— Não estou bêbado. Eu sei exatamente o que eu estou fazendo.

Ele segura a alça da minha calcinha. Não a desce, nem mesmo a move. Só a segura entre os dois dedos.

— Você está usando o meu presente?

A voz é baixa, uma pergunta que soa quase como um segredo. O *nosso* segredo.

Eu não estou, penso, aliviada.

Eu pisco, tentando me manter firme diante do que está acontecendo. Diante do que Sebastian está fazendo com o meu corpo. Porque os dedos dele começam a se movimentar e dessa vez para baixo. Escorregando o material de forma insuportavelmente lenta.

— Não. Só a usei com o meu namorado.

Os seus dedos param de se movimentar, como se tivessem congelado.

O rosto de Sebastian continua neutro, mas eu vejo a raiva queimar em seus olhos enquanto ele me fita.

Eu o atingi.

Eu tento não me arrepender do que disse, mas elas causam um peso muito grande.

Mas pelo menos eu espero que isso o faça recuar. Espero que as minhas palavras sejam o suficiente para nos trazer de volta a realidade. Mas, ao invés disso, os olhos de Sebastian tomam novo brilho. Uma mistura de raiva e desejo pulsante.

— E me diz: — ele trás a sua boca mais próxima — Você teve que morder os lábios para não gemer meu nome quando ele a tirou de você?

Há clara acidez em sua voz.

Eu sinto vontade de lhe dar um tapa. Estou irritada acima de tudo, porque a resposta para essa pergunta cruel é *sim*.

Cerro os dentes dentro da minha boca e pondero a ideia de bater em seu rosto bonito. Mas não faço isso. No lugar disso, dou meia volta e me distancio, indo em direção à porta.

Sinto meu corpo em chamas e ouço os saltos batendo contra o piso em um passo duro.

Quando minha mão encontra a maçaneta, eu o escuto. E eu só consigo abrir a porta por talvez cinco centímetros antes dele se aproximar por trás e a bater de volta. O barulho ecoa alto e me faz estremecer.

Meu coração pulsa de forma descontrolada e vários segundos se passam até que eu consiga me mover para encará-lo.

Lentamente eu me viro. Seus olhos me recebem com intensidade.

Antes que eu possa protestar, sua mão direita se demora para fazer caminho até a chave, e eu escuto o clique assim que ele tranca a porta. Sebastian não tira os olhos do meu em nenhum segundo durante o processo.

— O que está fazendo? — Minha voz soa rouca e patética.

— Trancando a porta, princesa.

— Está me prendendo aqui?

— Estou impedindo que alguém entre aqui, para que ninguém veja o que estou prestes a fazer com você. Mas você pode sair quando bem entender. E sabe disso. A grande questão aqui, Harriet — ele suspira e entorta sutilmente a cabeça —, é que você *não quer* sair, não é?

Eu não digo nada. E o silêncio me entrega.

— É, foi o que eu pensei. — Ele abre um meio sorriso presunçoso e malvado.

Sua cabeça se inclina um pouco, porque mesmo de salto e quase um e setenta, temos centímetros consideráveis de diferença.

Eu engulo em seco, querendo recuar, mas não o fazendo.

— Não me beija — eu digo, de forma quase frenética. E eu não sei como reúno forças para dizer isso, mas de alguma forma

consigo.

Ele deixa a boca a um centímetro da minha.

— Eu não vou te beijar — ele sopra em meus lábios. — Não nos lábios pelo menos. Eles estão seguros.

Os dedos dele voltam a provocar, tocando a minha coxa por baixo da seda. Ele move os longos dedos para cima novamente, mas dessa vez não sobe pela lateral, e sinto o toque pelo interior da minha coxa.

Os cabelos da minha nuca se arrepiam, os seus dedos finalmente chegando exatamente no lugar onde eu os preciso.

E por um momento eu tenho vergonha do quão molhada já estou.

Eu fecho os olhos e recuo um passo, como se tivesse levado um choque. Mas Sebastian não tira os dedos de mim e me acompanha assistindo minhas costas baterem na porta.

Ele tira o pequeno material de algodão do caminho e toca o meu clítoris. Ele começa a fazer movimentos circulares na carne sensível.

Eu arfo, entreabrindo os lábios e apoiando as minhas mãos em seu peito. Não tenho certeza se para empurrá-lo ou se para

puxá-lo ainda mais para mim.

— Sebastian, eu... — Paro no meio da frase, porque ele começa a aumentar o ritmo. Eu fecho os meus punhos em sua camisa, amassando o material.

Ele apoia a mão esquerda na parede ao lado da minha cabeça e curva o rosto até seus lábios encontrarem o meu pescoço. Ele faz uma trilha de beijos até chegar próximo aos meus lábios, mas ele não beija a minha boca, como prometido.

— Me diz que você não quer isso, Harriet — ele murmura, perto da minha orelha, e logo depois suga o meu lóbulo.

Eu solto um gemido suave.

— Me diz que você não quer e eu paro.

Meu corpo está quente demais. E eu acho que nem se quisesse, conseguiria formar uma frase coerente. Eu permaneço em silêncio e ele para de sugar o meu lóbulo. Ele o morde, e no instante em que seus dentes encontram a minha pele, ele penetra um dedo em mim.

Eu arfo mais forte dessa vez, minha cabeça caindo contra a curva do seu pescoço.

— Eu sei que é errado — ele murmura contra a minha pele, e então arrasta a ponta da língua pela minha jugular.

Seu dedo faz movimentos para frente e para trás, escorregando mais fundo dentro de mim e logo recolhendo.

— Mas parece certo, não parece? — ele pergunta, deliciando-se com os barulhos que deixam a minha garganta.

Ele me entrega o pecado em uma bandeja e eu o pego.

Eu o bebo.

É veneno. Mas tem um gosto delicioso.

Ele coloca um segundo dedo e minhas costas arqueiam.

Sua boca desce até o começo do meu decote e a sua mão esquerda deixa a parede por um momento para viajarem até o meu seio.

— Esses estão maiores — ele comenta, envolvendo-me com a sua mão grande. Seu polegar arrasta pelo meu mamilo, e eu o sinto ficar duro e puxar contra o tecido fino do vestido.

— *Deus* — eu sopro.

— Não é Deus que está prestes a te fazer gozar, Harriet.

Sebastian continua os movimentos torturantes de forma ritmada e ágil, fazendo-me fechar os olhos com força e apertar a sua camisa com mais intensidade.

Meu interior aperta envolta de seus dedos enquanto eu balanço suavemente o meu quadril, acompanhando os seus movimentos. Eu sinto que estou muito perto de gozar, mas então ele desacelera.

Eu choro em seu pescoço, puxando a sua caminha.

Sebastian afasta o rosto do meu alguns centímetros e encontra o meu olhar. O âmbar está mais selvagem do que nunca.

Sua boca fica bem próxima a minha, mas não a encontra.

— Diz — ele sibila com a voz áspera.

Eu hesito e pisco.

Seus dedos escorregam para fora e eu juro por tudo que lágrimas enchem meus olhos.

— *Sebastian*. — O seu nome deixa os meus lábios como se fosse uma sentença de morte.

E eu estou perdida.

Sei disso.

Não há mais volta.

Satisfeito, ele volta para dentro de mim e eu fecho os olhos novamente, mordendo o lábio inferior com força.

Ele continua os movimentos, só que dessa vez mais rápido. Ele não tem mais a boca em minha pele. Sebastian afasta um pouco o rosto, observando-me contorcer de prazer contra a parede.

Ele quer me ver gozar.

Meus gemidos ficam mais altos e sua mão esquerda deixa meu seio para tapar a minha boca. As minhas pernas ficam fracas e eu coloco as mãos em seus ombros, segurando-me quando o orgasmo me atinge com força brutal.

Fico aliviada por sua mão tampar a minha boca, porque o som que escapa dos meus lábios é o de uma mulher se derretendo em um prazer violento.

É imoral.

No momento em que eu abro os olhos, encontro sua íris fixada em meu rosto.

Ele tira a mão que cobre a minha boca e volta a apoiá-la na parede ao meu lado. Sebastian espera até que eu recupere o fôlego, mas seus dedos continuam dentro de mim.

Eu tiro as mãos de seus ombros largos como se eles tivessem queimando as minhas palmas.

— Dá próxima vez que ele tiver dentro de você, se lembre disso. — Ele se aproxima mais um pouco e eu sinto a sua respiração em meu rosto. — Se lembre de *mim*.

— Eu não vou — eu digo, de forma baixa de um tanto estúpida.

Ele sorri, um sorriso satisfeito e ligeiramente maquiavélico, porque reconhece a mentira assim que ela saí dos meus lábios.

Os dedos de Sebastian deixam o meu interior, que ainda lateja do orgasmo intenso. Eu arfo suavemente.

Então, com os olhos sem deixar os meus, e ainda meio inclinado sobre mim, ele lentamente leva os dois dedos da mão direita até a boca e os chupa.

Eu pisco, segurando o ar.

Eu agradeço pela parede atrás de mim, porque sinto que sem ela, eu já teria escorregado em direção ao chão. Minhas pernas parecem dois palitos prestes a estalar no meio.

Completamente chocada, eu o analiso, porque estou presenciando a cena mais erótica que já vi na minha vida.

Ele tira os dedos da boca e desencosta a mão esquerda da parede perto da minha cabeça.

Sebastian se afasta.

Ainda colada contra a parede, eu o vejo ir até a mesa. Sua camisa branca está amaçada aonde as minhas mãos estiveram, e ele parece ainda mais selvagem do que antes. Pergunto-me qual é a minha aparência se a dele é essa.

Ele pega o copo de uísque da mesa e se vira.

Eu tiro as costas da porta mas não consigo fazer muito mais que isso então simplesmente fico plantada no mesmo lugar o observando.

— Não dá para consertar as coisas porque eu toquei na namorada do meu irmão, Harriet. — Com os olhos nos meus e com a voz ríspida, ele completa: — E porque é só nisso que eu consigo pensar.

Então ele segue em sentido à porta, em direção a mim. Eu dou um passo automático para a direita, saindo de seu caminho. E ele passa por mim, deixando-me sozinha no escritório.

Com o coração golpeando descontrolado contra o meu peito, eu noto que Sebastian Grant Crawford acaba de quebrar o meu

coração pela segunda vez.

27.

Sienna termina de mastigar um pedaço de seu *croissant* antes de falar.

— Como foi a festa da Helena Crawford ontem?

Estamos em um café no centro da cidade. Eu aceitei tomar café da manhã com ela, porque estava cansada demais de ficar sozinha com meus pensamentos. Não aguento mais a culpa e os dilemas.

Eu dou de ombros enquanto corto o meu próprio *croissant* de chocolate.

Deus, eu amo carboidratos.

— Boa... Sabe como é. — Sacudo os ombros de forma casual. — Muito enfeite chique, gente com dinheiro e bebida cara que a gente não pode consumir.

— Sebastian foi?

Meu corpo se contrai apenas com a lembrança. Ainda o sinto em mim.

Eu desvio o olhar para o meu prato quando respondo.

— Aham.

Ela ergue as sobrancelhas, interessada.

— Jura? Ele estava de terno? Aposto que estava uma delícia.

Eu coloco um pedaço de *croissant* na boca propositalmente antes de responder, com o intuito de ganhar tempo.

Eu passei as últimas horas me sentindo tão malditamente culpada com o que fiz em relação a Corey que acabei esquecendo completamente que, de certa forma, Sienna também está envolvida nessa confusão.

Eu me sinto uma merda ainda maior.

Sienna sempre foi minha amiga e eu me sinto como uma traidora.

Eles não estão namorando ou sequer juntos, mas eles transaram. Ela disse que não está apaixonada por ele, mas ela definitivamente está interessada. E eu sei muito bem disso. Eu *sabia* muito bem disso, mas não me impediu.

Eu engulo a comida e ela desce pela minha garganta como chumbo.

Eu preciso contar.

Devo isso a ela. Devo a verdade.

Devo também a Corey, mas vou começar com ela.

Sienna recebe uma mensagem e o seu celular apita sobre a mesa. Ela dá uma olhada na tela, distraída, e eu a encaro, juntando coragem.

— Eu preciso te contar uma coisa.

Ela tira os olhos azuis da tela e me encara.

— Diga — ela comenta, casualmente.

Não parece esperar nada muito chocante ou preocupante, mas conforme os segundos se passam e eu não abro a boca, a sua expressão muda.

— O que foi, Harriet?

Eu engulo em seco e procuro a minha voz.

Contar a verdade é como tirar um *band-aid*. Tem que ser rápido. Fazer de uma vez e sem enrolação.

— Sebastian e eu...

Eu não sei como completar. Eu digo que nos beijamos? Eu digo que seus dedos estiveram dentro de mim?

Mas não parece ser necessário, porque Sienna arregala os olhos e a boca.

Ela recua com o choque.

— Aí, meu Deus.

A minha pulsação acelera ao ver a sua expressão.

Merda.

É o final da nossa amizade. Sei disso.

— Sienna... — eu começo, mas não faço ideia do que dizer.

Ela finalmente pisca e abre a boca:

— Eu me sinto tão estúpida. Como eu não vi? Estava tão na cara. — Ela balança a cabeça.

Eu sinto um gosto amargo na minha boca e perco por completo o apetite.

Eu me odeio. E eu estou cansada desse sentimento. Estou cansada de estar cansada, para ser honesta.

Abaixo a cabeça e encaro o meu prato em um misto de vergonha e culpa. Espero para que ela diga as coisas horríveis que está prestes a dizer. Preparo-me para escutar o que eu mereço.

— Eu sinto tanto, Harriet.

O quê?

Eu tiro os olhos do meu prato e ergo o olhar para encontrar os de Sienna.

Há um toque de tristeza e ainda um resquício de surpresa em sua íris. Mas acima de tudo há honestidade.

Meu cérebro está girando.

— Você sente? — Minha voz é um murmuro.

— Estava tão óbvio. E vocês tem um histórico... — Ela balança a cabeça, enfática, como se estivesse tentando organizar as coisas em sua mente.

— Mas você me perguntou e eu disse que não me importava — eu a interrompo.

— Você sabe que eu tenho dificuldade de ler essas coisas, mas estava escrito na sua testa. *Está* escrito na sua testa.

A ênfase no presente me incomoda, porque é verdade.

Eu fico em silêncio e ela demora alguns segundos para voltar a falar.

— É que como você está com...— Ela hesita e sua voz desce dois graus. — Corey... Eu presumi que estivesse tudo bem.

Eu agarro o meu garfo e enfio na massa, sem pretensão nenhuma de continuar a comer. O meu apetite todo se foi.

— Eu sei — eu murmuro, sem encará-la, enquanto brinco com a comida em meu prato.

— Harriet, o que aconteceu?

Eu pisco, sentindo lágrimas ameaçarem a cair, mas as afasto.

— Mais do que devia.

Ela comprime os lábios juntos, fitando-me com algo que parece solidariedade.

— Ah, Harriet — ela sussurra, vendo a angústia em meus olhos.

Sua mão alcança a minha, que está apoiada sobre a mesa.

— O que eu vou fazer, Sienna?

Estou desesperada por ajuda, porque me sinto completamente perdida.

Ela hesita.

— O que você *quer* fazer?

Essa é uma ótima pergunta e da qual eu daria tudo para ter uma resposta.

— Eu não sei. Só sei que não posso fazer isso com Corey. Eles são irmãos, Sienna. — Eu aperto os meus dedos em volta do talher. — Eu me sinto nojenta.

— Não seja tão dura, Harriet. Esse é tipo de coisa que a gente não escolhe. Não escolhemos o que sentimos e por quem sentimos.

Eu dou um meio sorriso melancólico.

— Você é a melhor amiga que já pisou no planeta terra.

Ela sorri; Sienna ama elogios. E para ser sincera, ela os merece.

— Eu sei — ela concorda, solenemente.

— E eu juro que tudo o que a gente fez foi depois de vocês já...

Ela me para.

— Harriet, é sério. Tá tudo bem. Sou eu quem devo desculpas. E o que eu e ele tínhamos não era nada comparado ao que vocês têm. Não tô apaixonada. É que o cara é quente... — Ela dá de ombros. — E você sabe que eu sou obcecada por caras quentes.

Eu solto uma risada, mesmo no meio de toda a tragédia.

— Eu sei.

Sienna termina seu *croissant* e um alívio relaxa um pouco o meu corpo. Mas é apenas uma leve dose, porque apesar da minha amiga não estar magoada comigo, ainda tem Corey.

Eu não termino o meu prato, porque perco o apetite.

Quando Sienna me deixa em casa depois do nosso café da manhã, e estamos nos despedindo, ela me para antes que eu feche a porta.

— Ei.

Eu me inclino, segurando a porta de seu Audi vermelho, e fito os seus olhos azuis, esperando.

Ela abre a boca e hesita por um momento, como se estivesse refletindo sobre suas palavras.

— Sobre o que eu te perguntei mais cedo, sobre o que você quer... — Ela tem uma expressão gentil e ao mesmo tempo melancólica no rosto. — Acho que você já sabe exatamente o que quer. Inclusive, acho que sabe há muito tempo.



Escuto Gray chegar em casa, mas estou assistindo a um filme no sofá da sala de TV. Ele passa pelo corredor de entrada, a caminho das escadas, mas para ao me ver com as pernas esticadas no enorme sofá e um balde de pipocas nas mãos.

— E aí, maninha? Assistindo o quê? — ele pergunta, entrando no cômodo.

Ele tira a jaqueta azul escura e a joga no braço do sofá antes de cair ao lado.

— Ei, você sentou nos meus chocolates.

Ele faz uma careta e coloca a mão por baixo da bunda, tirando as várias barras de chocolate de baixo de si.

Gray ergue uma sobrancelha em minha direção.

— TPM? — ele indaga.

— Cala a boca — eu digo, antes de enfiar um punhado de pipoca na boca.

Eu como pipoca igual a um ogro. Nunca entendi essas garotas que colocam duas pipocas na boca por vez. Eu as como daquela forma em que não é possível enfiar o punhado todo na boca, e várias pipocas caem em torno de você e das cobertas.

Gray olha para TV.

— Qual é o filme?

— *Doce Lar*. Acho que é alguma comedia romântica.

Ele faz uma careta.

— Sério? Não tá a fim de ver o novo filme de ação do Jason Staton?

Eu nem me dou o trabalho de encará-lo.

— Eu não faço ideia de quem seja esse Jason, e não. O filme já começou.

Gray suspira, decepcionado, mas tira os sapatos com chutes e pega um punhado de pipoca do meu balde.

Escolhi o filme na Netflix de forma quase aleatória. Vi que tinha Reese Witherspoon como protagonista e apertei em um piscar de olhos, porque ela é incrível. Fora que parecia ser uma comedia romântica, e apesar de eu não adorar gênero, realmente preciso de algo leve e que seja capaz de me distrair um pouco.

Às vezes, uma garota só precisa de lanches repletos de calorias e filmes meia boca com um final feliz.

De qualquer forma, para ser completamente honesta, estou mais interessada na pipoca e no chocolate do que no conteúdo à minha frente.

Comida sempre faz as coisas melhores. Principalmente doce.

Açúcar é o meu crack.

Meu intuito é sair da minha realidade e dos meus problemas por algumas horas, mas em cerca de vinte minutos de filme, vejo que não será possível.

O filme, com a bela Reese como protagonista, conta a história de uma garota comprometida (noiva, na verdade, para melhorar tudo), que volta para a sua cidade natal e reecontra o seu amor de infância.

Qual é, né?

O universo me odeia, concluo.

Eu não consigo evitar. E quando uma Reese muito irritada reencontra Jake, eu não consigo evitar de pensar em Sebastian. Não que eu tivesse parado de pensar nele em algum momento; ele sempre está lá, da hora em que acordo até a hora em que durmo, às vezes em meus sonhos.

Mas dessa vez ele vem com tudo.

Eu suspiro, colocando mais pipoca na boca, mas ela não tem o mesmo gosto delicioso.

Alguns minutos depois o quase noivo dela aparece em cena.

— Qual você escolheria? — eu pergunto, finalmente.

— Que? — Gray pergunta sem tirar os olhos da tela.

— Jake ou Andrew?

Gray nem pisca.

— Jake com certeza, bem mais gostoso.

Eu solto uma risada estrangulada, apesar da minha angustia.

Gray nunca falha em melhorar o meu humor.

— Tá, mas tirando a gostosura, qual é mais interessante?

Gray balança os ombros.

— Tá querendo saber quais traços eu acho mais atraente em um cara, Harriet? — Ele move a cabeça. — Acho que nunca parei para pensar nisso, maninha. Mas eu acho que a loirinha...

— Reese — eu o interrompo.

— É, a Resse. Ela tem mais química com o gostosão do Jake — ele pondera, colocando mais pipoca na boca.

Eu volto a encarar a tela, observando a angústia de Reese.

O *dilema*.

É ridículo como eu me conecto tanto com a personagem. Simpatizo, porque sei exatamente o que ela está sentindo. Nunca pensei que uma comédia romântica boba me impactaria dessa forma.

— Você acredita que é possível amar duas pessoas ao mesmo tempo?

Gray hesita por um momento, parecendo realmente pensar sobre isso, então tira os olhos da TV para me encarar.

— Acho que sim. Mas de formas diferentes.

— Como assim?

Ele leva os olhos para a TV e logo volta novamente para os meus.

Gray dá de ombros quando começa a falar.

— Acho que amar é algo grande demais. Não dá para ser definido de uma só forma. O amor que temos por um amigo é diferente do que temos por outro. O amor que temos por um dos pais, é diferente do que temos pelo outro. Então acho que você pode amar duas mulheres ou dois homens ao mesmo tempo, mas nunca vai ser o mesmo sentimento. O mesmo amor.

Eu recuo diante de suas palavras, surpresa.

Embora fosse inteligente, Gray não costuma ser o maior filósofo do mundo, e o que diz causa um impacto desconfortável, porque eu realmente entendo.

— Então como saber qual é o mais importante? Qual saber qual escolher?

Eu o encaro fixamente, esperando pela sua resposta como se suas palavras pudessem resolver o meu problema e também o de Reese.

— Acho que no final das contas, bem lá no fundo, você sabe. Não tem como não saber.

Eu o encaro, surpresa.

— Uau, você está bem profundo essa noite.

Ele sorri de forma presunçosa e coloca um pouco de pipoca na boca.

— Eu sei. Já te falei que sou um gênio — ele diz, ainda de boca cheia.

Eu faço careta.

— A pretensão estraga todo o efeito.

Seu sorriso se alarga, pouco se importando, e ele volta os olhos para TV.

Mas eu não estou sorrindo.

Eu tento focar na TV.

Eu sei que filme não está ajudando nem um pouco a esquecer a minha situação atual, muito pelo contrário, mas não consigo tirar os olhos da tela. Estou muito dentro agora, louca para saber como Reese vai resolver essa bagunça.

— Talvez a Resse deveria dar o pé na bunda dos dois e ir embora — murmuro.

Gray não responde, concentrado demais.

Meu celular treme.

“Eu ainda consigo sentir o seu gosto”.

Eu pisco para a mensagem mais vezes do que consigo contar. O mundo para por um momento enquanto eu releio as palavras uma centena de vezes.

Meus dedos tocam a tela completos de incertezas.

Eu não me dou o trabalho de perguntar quem é, pois tenho certeza de que é *ele*.

Eu: *Quem te passou o meu numero?*

Sebastian: *Seu irmão.*

Eu: *Você simplesmente pediu o meu numero ao meu irmão?*

Eu espero a resposta com o coração na boca. Já não sei o que está acontecendo à minha volta. Esqueço completamente de Reese e seu maldito dilema.

Sebastian: *Eu disse que queria te perguntar sobre uma garota que estou interessado.*

Eu: *Então você mentiu para o seu melhor amigo*

Sebastian: *Tecnicamente, não menti.*

Estou interessado em uma garota e ninguém sabe mais sobre ela do que você.

Eu seguro a respiração.

Eu: *Não me manda mensagem.*

Eu digito e envio com um gosto amargo na boca.

— Você não tá prestando atenção — Gray comenta, e eu o pego me observando e mastigando a pipoca. — Eu só tô vendo esse filme estúpido por sua causa e você nem tá assistindo.

Eu volto o meu olhar para TV e realmente percebo que não estou prestando nenhuma atenção, porque as cenas estão passando diante dos meus olhos de forma insignificante.

Sebastian: *Não disse ontem, mas você estava linda.*

Ignoro o que o simples elogio faz comigo.

Eu: *Para, Sebastian. Não vai acontecer. É tarde demais.*

Vejo os três pontinhos indicando que está digitando e meu coração acelera em ansiedade. Até que finalmente ele responde.

Sebastian: *Tem certeza?*

Eu solto o celular como se ele queimasse os meus dedos.

Eu consigo imaginá-lo perguntando. Os olhos âmbar me desafiando.

É, Harriet? Tem certeza disso?

Meu coração aperta com uma sensação ruim quando forço o meu olhar para a TV. E é nesse exato momento que Reese Witherspoon parece muito prestes a beijar Jake.

— Esse filme é estúpido, vamos mudar — eu declaro, cansada e frustrada.

Gray me encara.

— Ah, qual é, já passamos da metade.

— E daí?

— E daí que não vamos mudar agora, bem no final.

Eu ergo as sobrancelhas em sua direção.

— Para quem queria ver o novo filme de ação do Jason sei lá o que você parece muito interessado nessa comedia romântica — provoco.

Ele joga uma pipoca em mim, que acerta a minha testa.

Eu a jogo de volta, mas ele a pega com a boca e a engole, satisfeito.

Levanto-me do sofá, mascarando as minhas verdadeiras emoções com tédio e irritação.

— Não quer ver com quem ela fica no final? — ele pergunta quando chego até a porta.

Não, não quero.

— Tô com sono — minto.

Porque eu já sei com quem ela vai terminar.

Ela vai escolher Jake, o seu amor antigo e que faz seu coração pulsar loucamente. Tudo vai dar certo e eles terão um final

felizes para sempre.

A maior besteira.

Eu subo as escadas para o meu quarto, com uma pontada aguda no peito.

Porque Sienna está certa. Eu já sei o que eu quero.

Mas eu também sei que é algo que jamais poderei ter.

A vida real não é nada como os filmes.

28.

Talvez ele tenha transado com Vanessa Gibson.

E esse pensamento, ao mesmo tempo que me incomoda, alivia-me. Tira a dor da culpa, mas a troca por uma dor diferente. Mais amarga.

Alivia-me, porque de alguma forma, Corey ter errado faz com que meu erro seja menor.

Perdoável.

Mas sei que não me absolve do pecado. Não conserta as coisas e não desfaz o fato de que sou uma traidora.

Suaviza a culpa, mas não muda os fatos.

E de qualquer forma, pensar no meu namorado de três anos, no cara que compartilhei segredos e juras de amor, transando com alguma garota me deixa com raiva.

A hipocrisia na sua mais bela e impiedosa forma.

Sentada no banco da ilha cozinha mastigando o meu cereal de chocolate com leite, lanço um olhar para o meu pai. Ele está

sentado na mesa, o computador aberto enquanto ele toma café.

— Pai, você acha que eu sou uma pessoa boa?

Ele não hesita antes de responder.

— Claro — ele diz, sem desviar os olhos do computador.

Eu faço careta.

— Você nem pensou antes de responder.

— Não preciso.

— É sério, pai.

Meu pai descansa a caneca na mesa e me encara.

— Que tipo de pergunta é essa? Você é a minha filha, você é perfeita — ele diz, simplesmente, parecendo quase ofendido.

Eu rolo os olhos, pegando a minha tigela de cereal nas mãos e rodando o torço em sua direção.

— Ninguém é perfeito — eu retruco, encarando-o.

— Bem, aí discordamos — ele fala com a atenção já voltada para o computador.

Quase tenho vontade de lembrá-lo do pequeno fato de que roubo compulsivamente.

Minha mãe, que está fazendo café para viagem, volta-se para mim.

— Você não é perfeita, Harriet. Tem defeitos. Seu pai não consegue enxergar porque você é um anjo na terra aos olhos dele, mas você é uma pessoa boa.

— Como tem certeza disso?

— Porque sou sua mãe.

— E isso quer dizer que automaticamente sabe de tudo?

Ela me encara com o rosto sério.

— Exatamente.

O telefone de papai toca e ele se levanta, saindo da cozinha para atender e deixando eu e mamãe a sós.

A agenda do meu pai costuma ser mais flexível do que a da mamãe, mas essa época do verão, ele geralmente tem uma carga maior de trabalho.

Todo mundo prefere fazer cirurgias plásticas durante as férias, o que é compreensível.

Eu volto a comer o meu cereal, pensativa.

Acho que a minha mãe nota o meu olhar distante e frustrado, porque ela se aproxima do balcão.

— Está tudo bem, filha?

Eu assinto, mas não sei se é muito convincente, porque ela me lança um olhar preocupado.

— Olha, eu sei que eu tenho trabalhado muito e seu pai também, mas...

Noto a culpa em seu olhar e isso me incomoda, porque o que estou enfrentando não tem nada a ver com a ausência deles.

— Mãe, está tudo bem. Você sabe que estou mais que acostumada com isso. Acho que só estou um pouco... melancólica.

Ela suspira, observando-me.

— Sabe que estamos aqui, certo? E se realmente precisar, seu pai e eu arranjamos tempo para o que quer que seja.

— Eu sei.

Ela hesita.

— Como estão seus... impulsos?

Meus pais não costumam tocar no assunto com muita frequência, porque sabem que o tema não é um dos meus favoritos.

Nem o deles, para ser honesta.

Mas sei que sempre que eu começo agir estranha essa é sua primeira preocupação.

A minha cleptomania sempre parece piorar em momentos de estresse. Quando estou com o emocional ruim isso afeta diretamente nos meus impulsos.

— Estão normais — eu digo, e não tenho certeza se é uma mentira ou não.

Vejo alívio em seus olhos e ela vai até a máquina de café no momento em que ele fica pronto. Ela o coloca em uma garrafa térmica e pega as chaves.

Antes de sair, ela me encara com olhos suaves, porém sábios.

— E, querida, só o fato de você estar se perguntando e se preocupando com a questão de ser uma pessoa boa ou não, já te faz melhor do que a maioria das pessoas. Quer dizer que você tem uma consciência.

Eu suspiro.

Sim, quer dizer que eu tenho uma consciência. E eu concluo que talvez então eu gostaria de não ser uma pessoa boa. Porque é

ela que está fazendo isso comigo. Minha maldita consciência.

Meu celular vibra em cima da bancada de mármore e eu deduzo que seja Corey. Nos últimos dois dias o tenho evitado. Não só ele como Sebastian também. Na verdade, acho que estou evitando tudo e todos. Eu preciso de tempo longe do problema, preciso decidir o que vou fazer, porque isso está me matando. Mas não sei se estou pronta para encarar o que quer que seja ainda.

Quando pego o aparelho, não há surpresas.

Corey: *Tá a fim de sair hoje? É a noite da tequila no Pixes.*

É a última coisa que quero fazer, mas tenho estado muito distante ultimamente. E ele vai começa a suspeitar de algo.

Não quero que ele note que há algo errado, não até eu saber o que vou fazer.

Eu: *Claro.*

Corey: *Passo para te buscar às dez.*

Ele chega na minha casa às dez e meia. Já estou pronta, esperando no sofá da sala enquanto checo as minhas redes sociais para saber o que os meus colegas da faculdade estão fazendo nesse verão.

Aposto que estão bem mais felizes do que eu pelo menos.

Corey não buzina, mas vai até a entrada e toca a campainha.

Eu abro a porta e ele sorri, os dentes brancos cintilando em minha direção.

Meu coração aperta, e não de uma forma boa.

— Oi — ele diz, aproximando-se para me beijar.

— Oi.

— Senti a sua falta, amor — ele confessa depois de beijar meus lábios.

— Eu também.

E o pior de tudo é que eu só noto que é uma mentira depois que as palavras deixam a minha boca.

— Vamos? — eu pergunto com a mão na maçaneta, pronta para fechar a porta atrás de mim.

— Pensei em matarmos a saudade antes — ele fala, um sorriso sugestivo se abrindo nos lábios. Ele se avizinha e, um pouco hesitante, abro espaço para que ele possa entrar.

— Seus pais estão aí? — ele pergunta, passando as mãos envolta da minha cintura.

Eu fecho a porta.

— Só meu pai, mas ele já foi para cama.

Corey me segura com mais força por trás e planta um beijo no meu ombro.

Eu suspiro e me viro. Ficamos cara a cara, mas ele só encara meus lábios.

Corey beija os meus lábios.

— Já estamos meio atrasados para encontrar o pessoal — eu digo quando sua boca faz um caminho para o meu pescoço.

— Não tem problema.

— Tem certeza? — eu pergunto, afastando um pouco o rosto.

Eu pressiono minha mão contra seu peito para encará-lo.

Seus olhos agora estão fixados nos meus.

— Qual o problema, Harriet? — ele pergunta. — Você também não quis na festa do aniversário da minha mãe.

Há uma mistura de frustração, dúvida e irritação em seu olhar.

Eu recuo, sentindo-me um tanto culpada e encurralada.

É verdade. Tenho ignorado as suas investidas e ele está começando a perceber que tem algo de errado.

— Você tava bêbado demais, Corey. Sabe disso — eu respondo, rapidamente.

Ele parece aceitar a desculpa e volta a aproximar a boca do meu pescoço.

— Mas eu tô sóbrio agora — ele conta, a voz sedutora de volta.

Eu fecho os olhos, sentindo seus lábios em minha pele. Os lábios que eu conheço tão bem e que costumavam fazer com que os pelos do meu corpo se arrepiassem.

Mas isso não acontece agora. Não sinto nada além de culpa e frustração.

Mas o beijo de volta e juntos subimos as escadas para o segundo andar. Quando fecho a porta do meu quarto, Corey já está tirando a camisa. Ele me puxa em direção à cama e começa a tirar a roupa que eu tinha coloca há alguns minutos para sair.

Corey deita sobre mim, beijando-me nos lábios e no pescoço.

Ele nunca foi muito fã de preliminar, então no momento em que ficamos completamente nus, Corey entra em mim.

É tão familiar. É tão natural. É Corey, o garoto com que já estive várias vezes. Que já explorou todo o meu corpo centenas de vezes.

É o garoto que eu amo, certo?

Sua respiração ofegante bate contra o meu pescoço conforme ele se movimenta para frente e para trás.

Eu fecho os olhos e esse é provavelmente o maior erro que cometi na vida.

Porque não é meu namorado que aparece em meus pensamentos.

Sebastian invade a minha mente de forma avassaladora. É como um tsunami cruel e impiedoso. Ele não pede permissão para chegar. E ele só cresce, ficando cada vez maior e cada vez mais

monstruoso. Até que bate contra a civilização e leva tudo, destruindo qualquer outra coisa no caminho.

Quando ele acaba, não resta mais nada além de desgraça.

Abro os olhos assim que Corey solta um gemido estrangulado e libera um palavrão; ele está perto de gozar. Sei disso, porque seus movimentos começam a ficar mais rápidos.

Eu beijo Corey com força, tentando limpar a minha mente dos pensamentos horríveis. Eu o beijo tão forte que meus lábios machucam contra os meus dentes. Tento mudar meu foco para a dor, tirando o homem que não devia estar na minha cabeça nesse momento. Ou em momento algum na verdade.

Corey se desfaz sobre mim, gemendo uma última vez. Quando o corpo dele cai fraco sobre o meu, eu me sinto suja.

Eu sinto como se estivesse fazendo algo errado.

Corey é meu namorado, o que estamos fazendo é o certo, mas por alguma razão parece errado.

E é quando me bate.

A verdade atravessa o meu corpo de forma violenta.

Sentindo-me sufocada, levanto-me da cama assim que ele sai de cima de mim. Eu vou em direção ao banheiro do meu quarto,

deixando Corey na cama. Olho-me pelo espelho, odiando a garota à minha frente. Seguro a pia com força, os meus dedos ficando vermelhos devido à pressão.

Esse é o problema de ter uma consciência.

Ela torna todo o pecado extremamente doloroso.

Eu dou a descarga para justificar o tempo que estou no banheiro sem que Corey estranhe, porque eu preciso de tempo. Preciso de tempo para processar essa verdade.

— Vamos, Harriet? — eu o ouço gritar do quarto, provavelmente já se vestindo.

Eu me sento no vaso com a tampa abaixada e apoio as mãos nos joelhos, encarando o azulejo branco perto dos meus olhos e digerindo a verdade nebulosa.

Eu não amo Corey. E o pior: começo a me perguntar se algum dia realmente já o amei.

29.

O pub está lotado. A noite de tequila é extremamente popular desde que consigo me lembrar. Acontece uma vez por mês e toda dose de tequila é vendida pela metade do preço.

Isso resulta em um tumultuado de jovens bêbados. Mas como o Pixes é bem grande e espaçoso, não chega a ficar claustrofóbico.

Apesar dos corpos dançantes na pista e da energia eletrizante, dá para conversar agradavelmente e sentar em cabines mais distantes do centro.

Eu e Corey estamos de mãos dadas, passando pela porta. Estamos conversamos com amigos e colegas antigos, mas não consigo parar de pensar no fato de que terei que terminar com ele.

Não posso continuar assim. Ainda mais agora que sei a verdade. Isso não é temporário. Não vai passar. Sei que o que quer que Sebastian tenha feito comigo destruiu completamente o meu relacionamento com Corey.

Nunca foi perfeito ou magnífico. Mas no começo era muito bom, talvez até mesmo incrível e eu sempre gostei dele assim como eu sabia que o sentimento era recíproco.

Nos três anos de namoro, eu nunca cogitei seriamente um término e nunca me interessei remotamente por outra pessoa. Óbvio que já havia ficado muito irritada e às vezes decepcionada com ele depois de brigas. E também já havia achado outros caras bonitos em alguns momentos.

Mas nada como isso.

Eu ainda estou chocada como em um período de semanas tudo foi posto de cabeça para baixo.

Corey beija a lateral da minha cabeça em dado momento da conversa e eu observo o seu perfil bem de perto enquanto ele continua a conversar com o colega. E olhando para o rosto familiar do meu namorado, penso que talvez eu esteja me precipitando.

Mas esse pensamento é tão rápido para se dissipar quanto foi para aparecer.

Mesmo se eu quisesse continuar as coisas com Corey, a mentira e a traição iriam me assombrar. Eu não conseguiria viver carregando esse pecado em segredo.

Meu cérebro está fervendo em decisões e dilemas, à medida que há cerca de vinte metros, meu problema está materializado.

É claro que essa noite tinha que piorar.

Eu cruzo com o olhar de Sebastian por entre as pessoas.

Ele está ao lado do balcão do bar, encarando-me. Há uma garota loira ao seu lado, bebendo um drink de canudinho. Pergunto-me se ela está com ele, e então ela se inclina um pouco sobre ele e tenho a minha resposta.

Sebastian deixa o meu olhar para fitá-la, casualmente pegando o seu celular em suas mãos.

Simples assim, ele se vai.

Ele desvia como se a minha presença não fosse digna de reconhecimento. E eu odeio, porque a presença dele afeta o meu corpo a ponto de eu sentir a espinha gelar.

Eu volto a encarar o amigo de Corey, que está falando alguma coisa relacionada a algum esporte.

Eu não consigo evitar de lançá-lo mais um olhar.

Não sei por que isso acontece comigo. Não sei por que eu preciso ter os olhos nele o tempo todo. É como se Sebastian fosse um acidente de carro. Você quer desviar o olhar, porque sabe que

não deve, que não trará nada bom, mas simplesmente não consegue.

Ele ainda tem o celular nas mãos, sua boca se mexendo em uma conversa com a garota.

O meu bolso treme, e com o coração pulsando mais rápido, eu encaro a tela do meu celular.

Sebastian: *Você tá encarando.*

Eu levanto os olhos da tela para encará-lo e o bastardo me lança um meio sorriso.

Pisco e desvio o olhar com rapidez violenta. O sangue sobe para as minhas bochechas e eu fixo o meu olhar no amigo de Corey que parece não ser capaz de fechar a boca.

Meu celular treme de novo e eu gostaria de ter força de vontade o suficiente para ignorar, mas sei que não vou conseguir.

Meus olhos voltam para a tela.

Sebastian: *Não estou reclamando*

Eu gosto

Eu fecho a tela com força, e quando eu levanto o rosto para observá-lo novamente, meu irmão entra no meu campo de visão.

— Maninha! — exclama Gray.

Pela forma que ele anda até mim, deduzo que já tomou alguns copos.

Ele não tinha me dito que viria, mas supus que isso acontecesse porque, afinal, é noite da tequila e quase todos os jovens de Veahmond estão aqui. Além do mais, Gray nunca perde uma boa noitada.

Meu irmão passa uma palma no meu ombro e troca um aperto de mão com Corey.

— Não sabia que vocês vinham. — Ele aponta com a mão para as cabines de mesas redondas. — Consegui uma mesa. Tão a fim de sentar e beber alguma coisa?

Eu e Corey não pensamos duas vezes; passamos a última meia hora em pé jogando conversa fora sem conseguir pegar nenhuma bebida. E sei que Corey já está ficando impaciente diante à sobriedade nesse mar de bêbados.

Seguimos Gray entre várias pessoas até chegar na cabine, e me forço a não procurar Sebastian com os olhos.

Quando chegamos na mesa, há uma bela garota com traços asiáticos sentada bebericando em seu copo. Gray escorrega para dentro da cabine e se aconchega ao lado dela.

Começamos a conversar e logo descubro que o nome dela é Lilly. Ela é bem simpática e falamos sobre nossas faculdades, porque aparentemente todos naquela mesa estudam em diferentes lugares.

Gray está claramente flertando com ela. E faço esforço para que o meu rosto não se contorça em uma careta toda vez que ele diz algo que presume ser sedutor.

Meu irmão sempre foi popular com as garotas, mas para mim, como irmã, presenciar isso é um tanto inconveniente.

Apesar da menina ser legal e eu gostar do Pixes, quero ir embora. Não consigo nem por um minuto tirar os pensamentos que estão rondando a minha cabeça desde que Corey e eu saímos de casa. Lilly está no meio de uma história sobre uma trote estudantil quando sua fala é interrompida.

— Porra, cara, achei que vocês dois tinham fugido — meu irmão diz.

Eu viro o meu rosto para acompanhar o seu olhar e encontro Sebastian parado em frente à nossa mesa. Ao lado dele, está a loira do bar.

Todos nós nos viramos para encará-los, mas o âmbar está em mim. E um segundo depois está em Corey.

— Jamais — ele diz, depositando as garrafas em cima da mesa.

E então Sebastian faz o que ele faz de melhor: ele puxa meus limites até o ponto em que eu não consigo mais raciocinar.

Ele tem a audácia de se sentar no meu lado da cabine e escorrega para perto de mim, não de Gray.

A loira se senta logo depois, em seu lado esquerdo.

A expressão dele é casual, como se fosse o movimento mais natural do mundo, mas meu corpo gela. Eu me movo mais para a direita, aproximando-me de Corey.

Silêncio se instala por um momento sobre a mesa. Lanço um olhar para meu namorado, que parece um pouco incomodado, mas nada preocupante. Acho que ele está finalmente começando a se

acostumar com a volta de seu irmão a Veahmond e sua presença frequente.

Gray, que já está meio bêbado, é o primeiro a abrir a boca e logo retomamos a conversa.

Sebastian está muito próximo, a sua perna toca a minha, assim como o seu braço direito encosta o meu esquerdo. Eu sinto seus músculos contra a minha jaqueta. Eu sinto o seu calor.

Os drinques começam a acumular conforme vamos nos revezando para ir até o bar. Eu tomo todos de bom grado, porque talvez o álcool ajude a superar o fato de que estou sentada entre o meu namorado e o cara que teve seus dedos dentro de mim há três dias.

Para quem não gosta de beber, ultimamente tenho feito isso em todas as oportunidades que tenho. Essa situação toda está muito perto de me transformar em uma alcoólatra.

Com alguns minutos de conversa, descubro que o nome da loira é Kayla e ela e Lilly são amigas. As duas estudam na mesma faculdade e estão passando algumas semanas de férias na casa da prima de uma delas.

No final das contas, ambas são simpáticas e interessantes.

E se não fosse o fato de Kayla não conseguir tirar os olhos enormes de Sebastian, eu talvez até conseguiria me ver fazendo uma amizade com ela.

Depois de alguns minutos que Gray volta do bar, é a vez de Kayla buscar as bebidas. Quando ela saí da mesa, meu irmão lança um olhar na direção de Sebastian.

— Cara, você é inacreditável.

Sebastian ergue uma sobrancelha para o amigo.

Gray continua:

— Ela está em cima de você desde o começo da noite e você não tá dando a mínima.

Lilly ri ao lado de Gray e concorda com a cabeça. Ela já meio bêbada depois das três doses de tequila.

— É verdade. Ela disse que te queria quando fomos ao banheiro.

Eu mordo o interior da minha boca.

Ao meu lado, Sebastian toma um gole de cerveja muito tranquilamente.

— Não vim para levar ninguém para casa — ele constata, sem esforço, depois de engolir.

Algo que se parece com alívio cobre meu corpo e eu sinto vergonha dessa sensação instantaneamente.

Gray balança a cabeça e se vira para gente.

— Ele tá a fim de uma garota. — ele explica. — E ela deve ser gostosa para caralho, porque aparentemente deixou ele cego para todas as outras mulheres nos últimos tempos.

Eu levanto a minha garrafa de cerveja e dou um grande gole. Grande demais.

— Ela é. — ele sopra, ao meu lado.

Essas duas palavrinhas fazem com que meu corpo esquente, porque a forma em que diz é como se elas fossem apenas para mim.

Corey o encara, abaixando a garrafa de cerveja depois de tomar um gole.

— Ela é daqui? — A sua voz é remotamente interessada, mas ao mesmo tempo casual.

A bebida o tornou mais simpático em relação ao irmão.

Eu fito a mesa à minha frente, sentindo algo que nem consigo entender o que é.

Sebastian tem a audácia de encontrar os olhos do irmão e assentir.

— É.

— A gente conhece? — Corey pergunta, indicando para Gray.

Sebastian balança a cabeça de forma sutil. E eu fico impressionada em como ele consegue fazer isso. Como ele consegue dizer essas coisas sem nem hesitar.

— Não, vocês não a conhecem.

Gray suspira e coloca o braço em volta de Lilly.

— Bem, amor, eu tô mais do que interessado — Gray diz e completa com um sorriso bêbado. — E disponível.

Ela ri, igualmente bêbada.

Não acho graça, mas fico mais tranquila pela mudança de assunto.

A conversa volta a fluir, mas eu continuo sem conseguir levantar o olhar da mesa. Quando já estou muito próxima de perder

a cabeça, sinto a mão de Sebastian escorregar até a minha por baixo da mesa.

Eu engasgo na minha bebida.

Corey lança um olhar em direção ao meu rosto. Recomponho-me depois de tossir algumas vezes.

A mão dele continua lá, e ao mesmo tempo que todo o calor do meu corpo se concentra na coxa em que ele toca, raiva irrompe.

Como ele ousa?

Eu levanto a cabeça para mirá-lo brevemente. Seu rosto é completamente neutro e indiferente conforme ele responde a algo que Gray acabou de falar. Sua forma tão controlada diante dessa situação me deixa ainda mais revoltada, porque não é justo.

Meu mundo está desabando e isso tudo é tão fodidamente errado.

Kayla volta tentando equilibrar duas tequilas e mais quatro cervejas nos braços finos. E depois de colocar as bebidas na mesa, ela se senta de volta ao lado de Sebastian.

A mão dele continua apoiada na minha coxa.

Quero tirá-la dali. Acho que talvez até queira machucá-lo.

Quero gritar com ele.

E acima de tudo, quero sair daqui.

Mas não me movo, nem para tirar a sua mão de mim, porque tenho medo de fazer algum movimento que atraia a atenção de Corey para o que está acontecendo debaixo da mesa.

Tento manter a postura e falar normalmente à medida que conversamos. Mas não consigo deixar de notar a forma em que Kayla olha para Sebastian toda vez que ele diz alguma coisa, ou até mesmo quando ele está em silêncio. Ela bate seus longos cílios postigos em sua direção e preciso admitir que eles tem um efeito muito impressionante combinados aos seus olhos castanhos.

Corey, Gray e Lilly estão engajados em uma conversa que estou tentando prestar atenção, mas Kayla e Sebastian deixam isso muito difícil.

— Não sei se é impressão minha, mas estou começando a pegar uma vibe de que você não tá muito interessado — Kayla diz, mais baixo, apenas para Sebastian, mas estou tão perto que infelizmente consigo escutar.

Apesar das palavras, a voz de Kayla é extremamente sedutora.

— Está? — é tudo o que Sebastian diz.

— Sim. — Há uma pausa e posso jurar que a ouço sorrir. — Não me acha bonita?

Eu espero a resposta dele, apertando meus dedos com mais força pelo corpo da minha segunda garrafa de cerveja.

Até agora são duas cervejas e uma dose de tequila. Mas estou longe de estar bêbada o bastante para ser capaz de ouvir isso.

— Você é bonita, Kayla, não tem nada a ver com você.

— Tem a ver com o que então?

Sebastian movimenta seus dedos sobre a minha perna, fazendo pequenos círculos lentos sobre a minha jeans com o indicador. Ele sabe que estou ouvindo.

O toque causa um formigamento que atravessa o meu corpo até os fios de cabelo da minha nuca.

— Tem a ver com outra pessoa — ele declara, fazendo o meu coração errar uma batida.

— Ah, entendi. — Ela faz uma pausa. — Mas então, por que você não tá com ela agora?

— Ela não me quer.

As suas palavras me golpeiam brutalmente assim que chegam até os meus ouvidos.

Kayla ri.

— Tá brincando. Tá me dizendo que tem alguma garota te dispensando? Duvido. — ela provoca.

— Juro.

— Ela é louca. E se ela não te quer, para que ficar esperando?

Sebastian não diz nada e o seu silêncio é tão pesado que eu sinto como se tivesse cimento descendo sobre mim.

— É perda de tempo eu insistir ou tenho uma chance? — Kayla pergunta finalmente.

Eu espero a sua resposta como se fossem palavras sagradas.

— Harriet — Corey me chama e eu me viro para encará-lo com um susto.

Eu fito seus olhos escuros, saindo de um transe.

Ele sorri e levanta a garrafa de cerveja próximo ao seu rosto.

— Sua vez de ir até o bar, amor. Quero uma tequila, a Patrón.

— Cerveja para mim — diz Gray.

— Para mim também — emenda Lilly.

Ainda sentindo o meu corpo gelado, viro-me com dificuldade para os dois ao meu lado.

Ambos tem os olhos em mim.

— Cerveja — Sebastian murmura, mas evito o seu olhar, fitando Kayla, porque é mais fácil.

— Tequila — ela diz, e lança um sorriso gentil para mim.

Tento sorrir de volta, mas não acho que tenho sucesso.

Levanto-me da mesa com a impressão de que vou vomitar. A mão de Sebastian finalmente deixa a minha perna e eu sinto um alívio estarrecedor e ao mesmo tempo um vazio cruel.

Kayla e Sebastian deixam a cabine, levantando-se para que eu possa passar. Não olho para ele quando saio, nem mesmo quando meu ombro roça suavemente contra seu peito ao me afastar.

Atravesso a multidão de jovens e sinto que só consigo respirar a metros de distância depois.

Apoio-me contra o balcão do bar cheio e respiro fundo.

Eu não ouvi.

Eu não ouvi a resposta de Sebastian.

E eu queria não me importar. Queria não ligar para o que ele tenha dito, mas eu ligo. E *muito*.

Deus, Harriet, controle-se.

Olho para as pessoas do outro lado do balcão. Três atendentes, um homem ruivo e duas mulheres. Todos extremamente ocupados. Levanto o braço quando a morena passa na minha frente, mas ela nem me lança um olhar, correndo para entregar a bebida de alguém no final do balcão.

Faço isso mais uma vez no momento em que ela volta, mas não tenho resposta.

Eu bufo e recolho a mão, frustrada.

Mas talvez não me importe em demorar para ser atendida. Não estou nem um pouco a fim de voltar para a mesa.

— Desse jeito você vai ficar aqui a noite toda.

Viro a cabeça para encontrar o perfil bem definido de Sebastian ao meu lado.

Ele se apoia contra o balcão enquanto segue a atendente com os olhos.

— Ei — ele a chama ao vê-la perto novamente.

A morena para na hora, seus olhos desviando para o rosto de Sebastian em meio ao caos.

A garota pisca e abre um meio sorriso.

Tá de brincadeira.

Eu ranjo os dentes dentro da boca.

— Oi! O que você quer? — ela pergunta, dando um passo à frente e se aproximando dele.

Sebastian vira o rosto para mim, finalmente me fitando, e espera.

Com a expressão irritada, volto-me para a mulher.

— Duas doses de tequila e três cervejas — eu peço de forma seca.

Ela assente para mim e sai, mas não sem antes dar uma boa olhada na direção dele.

— Parabéns. Parece que você consegue tudo o que quer na hora que quer — eu digo com ácido na voz.

Ele me encara fixamente e há diversão em seus lábios, mas não em seus olhos.

— Nem tudo.

As palavras pairam no ar e ele sustenta o meu olhar por todo o tempo em que eu leio sua íris. Até que eu desvio, como a covarde que sou.

A música pulsa a nossa volta, uma balada irritante e repetitiva, mas eu não consigo parecer me importar com nada além da proximidade dele.

As palavras se formam em minha mente e eu sei que não devo.

Sei que é errado.

Mas eu quero ouvir.

Quero ouvir as palavras saindo dos lábios dele.

Eu vou pro inferno, sei disso.

— O que você quer que não pode ter? — provoco.

Sebastian me observa e, de repente, ele fica sério. O sorriso deixa os seus lábios como se eu tivesse cuspidos em seu rosto. Ele

ainda tem os cotovelos apoiados sobre o balcão e o tronco inclinado, mas ele se aproxima, o rosto ficando mais perto.

Nossos braços roçam um contra o outro e ele fala com a voz severa:

— Não entre nesse jogo comigo se não estiver disposta a jogar, Harriet.

Eu engulo em seco, sentindo o golpe.

Mas eu mereci.

Eu o provoquei, joguei a isca, mas não estou disposta a dá-lo nada em troca e ele sabe muito bem disso. Mas isso não quer dizer que eu consiga suportar o peso de suas palavras.

Sebastian está puxando muito forte e eu, de fato, não estou disposta a jogar o que quer que estejamos jogando.

Eu *quero*.

Mas não posso.

Seus olhos viajam até a minha boca, e por um segundo penso que ele vai me beijar. Eu recuo um pouco, porque sei que se ele o fizer, não vou conseguir protestar.

Ele parece ler meus pensamentos.

Um sorriso de lado quebra em seus lábios e ele volta a atenção para meus olhos.

— Relaxa. Você disse para eu não te beijar. Então não vou fazer. — Ele fita de novo meus lábios e completa: — Não vou te beijar até que você peça.

Eu me levanto do balcão. Preciso ficar longe dele. Preciso de espaço, porque talvez eu comece a chorar no meio desse maldito pub graças à explosão de emoções dentro de mim.

Eu giro o tronco, prestes a fazer uma saída dramática quando, é claro, a droga da minha jaqueta agarra no banquinho no qual estava sentada. Eu sou puxada para trás com violência e dou uma estagnada instantânea.

— Merda — eu murmuro, voltando-me para tentar tirar o zíper de onde ele agarrou.

Não levanto o olhar para olhá-lo, mas sei que os seus olhos estão em mim, o que torna tudo um milhão de vezes pior.

Eu puxo com violência, mas o zíper não solta e está meio escuro, tornando mais difícil a tarefa.

— Harriet. — Eu ouço meu nome deixar os lábios dele, daquela forma que faz meu coração dar cambalhotas.

E talvez seja a bebida. Talvez seja a vergonha. Talvez seja o medo.

Ou tudo junto.

Mas sinto as lágrimas encherem meus olhos.

O fato de eu estar começando a chorar, obviamente piora tudo, porque fico me sentindo ainda mais idiota.

Eu me dobro mais, escondendo o rosto dele e respirando fundo. Tento com tudo o que há em mim conseguir me soltar. Mas a maldita jaqueta não cede e eu sinto uma lágrima prestes a cair. Eu começo a puxar com violência e sei que provavelmente algumas pessoas estão olhando, mas não me importo.

Minha garganta dói.

— Harriet — ele diz de novo.

E eu perco o controle.

— O que foi?!

Levanto a cabeça para encará-lo, ao mesmo tempo que largo a jaqueta e jogo os braços ao lado do corpo, derrotada.

Ele fita o meu rosto e sua expressão muda no segundo em que nota as minhas lágrimas. Eles ficam lá por um momento, com

algo que posso jurar que é ternura, mas provavelmente estou errada; está escuro demais e estou bêbada.

Então, sem dizer absolutamente nada, Sebastian se curva e suas mãos alcançam a minha jaqueta.

Eu observo, com o coração galopando no peito, ele mexer os longos dedos com agilidade e delicadeza.

Em talvez dez segundos, estou livre.

Sebastian ergue os olhos para fitar os meus, mas me viro sem me dar o trabalho de agradecer. Eu praticamente corro contra a multidão, esbarrando em corpos suados. Vejo a placa de saída e não penso duas vezes antes de atravessá-la.

O vento fresco bate contra o meu rosto assim que chego no estacionamento, mas ele é bem vindo. É revigorante. Cruzo os braços e encaro o chão repleto de pequenas pedras, sentindo a primeira lágrima cair. Fecho os olhos com força quando escuto a porta atrás de mim.

Viro-me para Sebastian. Ele não diz nada, apenas estuda o meu rosto com atenção desconcertante.

Odeio o fato de que estou chorando, então mascaro a mágoa com veneno.

— Tem muita garota mais do que disponível para você aqui.

Por que você está atrás de uma comprometida?

Ele bebe as palavras feias e abre um meio sorriso maldoso.

— Ciúmes?

— Não. — Não sei por que me dou ao trabalho de negar, mas o faço de qualquer jeito.

Ele dá dois passos à frente, o meio sorriso cruel lentamente desaparecendo de seus lábios.

— Eu curto. — Ele para a cerca de um metro de mim. — Pelo menos você tem um gosto do que eu sinto toda vez que ele te toca.

E então eu entendo. Ele *gosta* disso. Ele *gosta* das minhas lágrimas. Gosta da agonia, porque sabe que estou começando a cair.

A cair por *ele*.

Eu dou um passo predador em sua direção.

— Eu não sou sua — eu sibilo, mais alto agora. — E você não é meu. Pode fazer o que quiser. Inclusive, vá em frente. Não é problema meu.

E é verdade.

Ou pelo menos eu quero acreditar que sim.

Ele me estuda, parado em minha frente. Depois do que podem ser alguns segundos ou várias décadas, ele dá mais três passos, fechando o espaço entre nós.

Sebastian paira sobre mim.

— Tem certeza? — ele pergunta e inclina suavemente para que seu rosto fique mais próximo do meu. — Quando eu sair daqui, Harriet, vou me aproximar de uma garota bonita e no ouvido dela, vou dizer todo o tipo de coisa que sei que ela quer ouvir. Vou levá-la para casa e fazer topo o tipo de coisa que ela precisa que eu faça. Coisas que eu gostaria de fazer com você. — Ele faz uma pausa para que eu consiga digerir suas palavras antes de terminar de me quebrar. — Vou prová-la sentindo a lembrança do seu gosto.

Não estou mais chorando, mas a dor em minha garganta queima de forma insuportável. Eu ergo o meu queixo enquanto sustento o seu olhar com toda a pouca força que sobrou de mim.

Sebastian espera.

Ele espera pela minha resposta.

E ele a tem, porque o meu silêncio diz tudo.

Seus lábios se movem lentamente até que torna um sorriso amargo em seu rosto. Seus olhos são duros como aço e ele assente a cabeça, como se tivesse compreendido.

Sebastian não diz mais nada, apenas se move trás, afastando-se com os olhos ainda nos meus. Ele fica de costas e começa a andar até a porta.

A minha garganta parece prestes a eclodir em lava. Não sinto as minhas pernas e fecho os dedos em um punho apenas para ter certeza de que ainda tenho controle sobre eles.

Deixe que ele vá.

Deixe.

É o certo.

Pelo amor de Deus, Harriet, *deixe.*

— Não — eu exclamo, mas minha voz sai mais fraca do que espero.

Mas é o suficiente para quebrar tudo a nossa volta.

Ele para.

Sebastian fica parado como se a minha palavra tivesse o poder de congelar.

Eu observo as suas costas e conto os segundos. Cada um deles parece durar uma década.

Até que Sebastian se vira.

— Por que, Harriet? Por que não? — ele exige, seu olhar encontrando o meu.

Eu abro a boca.

Porque eu quero dizer tudo e nada ao mesmo tempo e é muito difícil escolher entre um e outro.

Eu não consigo explicar o que estou sentindo, porque ele rasga dentro de mim de tal forma que nunca senti antes. Pelo menos não desde a noite em que ele me deixou.

Abro a boca de novo e tento.

— Eu não... Eu...

Mas a minha tentativa patética de fala é interrompida quando Sebastian começa a andar até mim com passos de caçador.

Ele para na minha frente, roubando todo o ar a nossa volta.

— Isso que você tá sentindo agora.— Ele ergue um dedo em minha direção. — Essa sensação no peito. Excruciante. Desesperadora. É isso que eu tenho sentido nos últimos dias.

Doentio, né? — ele diz com os olhos queimando e a voz amarga. —
Por quanto tempo você quer continuar com isso?

— O que você quer que eu faça, Sebastian? Eu não posso...

— Pode. Você pode, Harriet! Só depende de você. Eu estou bem aqui. Eu só estou esperando! — ele exclama, raiva irrompendo.

Eu recuo.

— E Corey? Não se importa com o seu irmão?

— Isso não tem nada a ver com ele.

— Tem *tudo* a ver...

— Não, Harriet — ele corta. — Tem a ver comigo e com você.

Sempre foi sobre eu e você.

Eu engulo em seco e pisco.

— Mas tem consequências que afetam ele. Você sabe disso.

Seu rosto suaviza um pouco, a raiva dissipando em dor. Ele balança a cabeça, e eu nunca vi um garoto tão bonito e tão triste.

— Ele não te merece. Você não vai ser feliz com ele. E ele não vai ser feliz com você, porque não tem noção da sorte que tem.

As suas palavras doem acima de tudo, porque são verdadeiras.

Não serei feliz com ele, porque já não sou. Porque não consigo tirar da cabeça o irmão mais velho que quebrou o meu coração quando eu era só uma menina.

— O que você disse a Kayla? — Eu quebro o silêncio doloroso e Sebastian me encara, procurando por mais. — O que disse a Kayla quando ela perguntou se deveria insistir mais ou se ela estava perdendo o tempo dela?

Sebastian pisca, como se não entendesse a minha pergunta. Até que seu rosto fica muito sério, e ele me olha, quase cansado mas franco.

— Eu disse que estava perdendo tempo. — Ele pausa, e inspira. — Que a outra garota me tinha por completo.

Eu fito o chão, porque acho que posso começar a chorar novamente.

Sebastian ergue a mão direita, e com o dedo indicador, levanta meu queixo para que eu veja seu rosto.

E quando os meus olhos encontram os dele, eu sei.

É ele.

Sempre foi.

E como eu pude, por um minuto que fosse, pensar que não era?

— Me escolhe, Harriet. — Ele me fita como se o futuro do universo dependesse das minhas próximas palavras. — *Me escolhe.*

Eu engulo em seco, sentindo como estivesse flutuando.

Mas antes que eu possa abrir a boca, escuto a porta de metal e o barulho abafado da música do lado de dentro se tornando mais alta.

Eu viro o rosto e vejo Corey.

30.

O mundo cai.

E acontece em questão de milésimos de segundos.

É assim que encontro o olhar de Corey e vejo a sua expressão. Ele congela, observando-nos com o corpo tenso. A única coisa que faz é piscar.

Uma vez. Duas vezes.

Como se estivesse com dificuldade de processar o que está vendo.

Eu sei como está se sentindo, porque acho que estou bem próxima a isso. Meu corpo está dormente enquanto o tempo para ao nosso redor. Eu escuto o meu coração, apesar da pressão em meus ouvidos.

Os olhos dele trocam entre os meus e os de Sebastian. E eu presencio, de primeira fila, ele ligar os pontos.

Então eu vejo a raiva irromper com o choque. Ele abre a boca, mas nada sai.

Eu me afasto de Sebastian como se ele fosse feito de fogo e tivesse acabado de me queimar.

— Corey. — A minha voz saí insegura e suplicante.

Ele balança a cabeça.

Eu vou em sua direção, mas ele dá dois passos para trás, como se não suportasse a ideia de ficar perto de mim.

Paro a três metros dele.

— Corey... — eu repito, mas não faço ideia do que vem em seguida.

Não sei o que dizer. Não sei como explicar isso. Não sei como tornar isso menos feio. De qualquer forma, ele não espera que eu continue.

— Você o beijou? — ele finalmente pergunta, sua voz gelada.

Eu engulo em seco, tentando encontrar a minha voz.

Tenho vontade de mentir, mas sei que é tarde demais. Sei que é finalmente o momento em que isso tem que sair.

É hora de confessar.

— Sim.

Eu vejo como ele recebe o golpe, mas ele se mantém controlado, porque acho que já esperava por essa resposta.

E logo ele abre a boca novamente.

— Ele te fodeu?

Dessa vez sou eu quem recebe o golpe. Recuo diante de suas palavras.

Ele espera conforme, em minha mente, há flashes da noite da festa, em que Sebastian me deu um orgasmo.

Eu não sei o que dizer, então Corey entende o meu silêncio como uma resposta.

O ódio explode em seu olhar e ele fecha os punhos ao lado do corpo. Corey fita Sebastian, que nos observa do mesmo lugar, há alguns metros de distância. O maxilar de Corey está cerrado e eu sinto a raiva reverberando.

Ele lança um olhar de nojo em minha direção e, por um momento, penso que ele vai embora, porque ele se vira, como se não suportasse ficar perto de mim por nem mais um segundo.

Mas então eu o ouço:

— Ela gozou com os meus dedos dentro dela.

Eu engasgo, meu olhar se arregalando enquanto me pergunto se ouvi direito.

Porque não é possível.

Corey para abruptamente.

Eu me viro devagar, e quando encontro o olhar de Sebastian, sei que não ouvi errado, porque ele queima na nuca do meu namorado em pura provocação.

Sebastian fica lá, com uma tranquilidade desconcertante, à medida que espera.

E por um segundo, eu sinto a mesma sensação que senti há anos. Naquela noite horrível em que ele me deixou. Por um momento, eu sinto que o odeio.

Eu volto o meu olhar para Corey, sentindo o silêncio pesado antes do caos.

— Seu merda. — Sua voz escorre um ódio vingativo.

E os próximos segundos acontecem como a cena de um filme. Meu namorado se vira e anda em direção a Sebastian.

Não.

Ele *corre*.

Sebastian não move um dedo. Ele apenas o encara fixamente e o observa de forma quase serena, esperando o que vem em seguida.

O soco vem com a força da fúria de um homem que acabou de ser traído.

É terrível.

O rosto de Sebastian é lançado para a direita depois do impacto, e vejo o movimento do seu maxilar quando ele o testa, voltando a encarar o irmão. Há um momento de troca de olhar entre os dois e eu os assisto de longe, os membros do meu corpo dormentes.

Corey está de costas para mim, mas consigo ver de forma clara os olhos de Sebastian. Eles brilham em provocação.

Em *desafio*.

— É só isso que você tem, maninho?

Então eu entendo.

Ele *quer* isso.

Ele quer a provocação. Ele quer os golpes.

E ele consegue.

Porque Corey avança, empurrando contra o irmão com os impactos dos socos.

Eu começo a contá-los.

Um.

Dois.

No terceiro, Sebastian cambaleia para trás, o sangue escorrendo pelo nariz. Mas isso não faz Corey parar, porque o quarto vem logo em seguida.

— Quem você pensa que é para voltar aqui e achar que pode roubar a minha namorada, seu merda? — ele grita, hesitando por um momento.

Sebastian abre um meio sorriso. Não parece satisfeito, mesmo com o sangue escorrendo pelo rosto bonito.

— Você sabe que você quer fazer mais que isso.

Corey avança com um som gutural saindo de seus lábios. Ele o empurra com força até que as costas de Sebastian estão contra a parede.

Mais socos.

Cinco.

E eu não entendo. Eu simplesmente não entendo.

Porque Sebastian não faz absolutamente nada. Ele aguenta os impactos sem mover um dedo para impedi-los.

Eu chego a ter a distorcida impressão de que ele gosta deles. Cada golpe pulsando vida para dentro de seu corpo.

No sexto, eu me aproximo.

Porque há muito sangue no rosto de Sebastian e cada soco eu sinto como se fosse em meu estômago.

— Briga! — Eu escuto uma voz abafada, bem no fundo.

E de repente a porta é escancarada por um pequeno grupo de jovens e não estamos mais sozinhos.

Eu me aproximo.

— Corey, chega! — eu peço com a voz estrangulada.

Eu solto a respiração que nem sabia estar prendendo.

Eu grito o nome de Corey, porque não posso mais aguentar as pancadas. Olho em volta, mas ninguém parece interessado em separar.

— Para! — eu me aproximo, segurando o braço de Corey.

Eu sinto as lágrimas caírem.

— Chega. *Por favor* — eu imploro.

Corey, em meio a respirações ofegantes, vira o rosto para mim. Ele recua e tira os braços de Sebastian, que fica encostado contra a parede. Sua raiva se volta para mim. E ele me encara enquanto seu peito sobe e desce com força, os ombros tensos.

— Implorando por ele, é? — Sua voz é amarga.

Ele avança e eu recuo um passo, assustada ao ver a intensidade da ira queimando em seus olhos.

— *Fodendo* o meu irmão? Sério, Harriet? — Ele range os dentes e dá um passo rápido em minha direção, fazendo-me recuar novamente. — Sua *vadia*.

No fundo sei que ele não vai me acertar, mas ele está louco e por reflexo não consigo evitar. Mas antes que qualquer coisa possa acontecer, Sebastian deixa a parede na qual estava encostado como se de repente tivesse ganhado vida.

Destruído, mas firme, ele avança sobre Corey, colocando-se entre nós.

— Toma cuidado — ele avisa, e eu sinto a ameaça em sua voz, baixa, porém perigosa.

Sebastian estabelece um limite. Ele não se importa de levar os socos, desde que a raiva de Corey se concentre nele. Mas está claro que, se Corey avançar para cima de mim, Sebastian vai começar a deferir golpes também.

Os dois se encaram por um longo momento em silêncio, até que Corey se move para trás.

Mas Sebastian ainda não terminou.

Ele prepara o melhor para o final.

— Ela já te disse com quem perdeu a virgindade?

As suas palavras me atingem tão forte quanto atingem Corey. Ele congela e pisca. Dessa vez, há mais choque do que ódio no olhar.

Já havíamos tido essa conversa, e quando Corey perguntou sobre o cara que veio antes dele, eu menti. Disse que foi um garoto nas férias de verão quando fui para outro estado.

Corey tira o olhar de Sebastian e procura o meu. Ele me encara, como se buscasse a verdade, e eu sinto o meu coração se partindo ao ver a dor em seus olhos. E eu não preciso abrir a boca, porque está tudo bem ali, escrito em meu rosto.

Sebastian se afasta alguns passos e meus olhos ainda estão em Corey, em um perdão silencioso.

— Eu não roubei a sua namorada, porque ela nunca foi sua.

A sua voz corta seu caminho até mim e eu o encaro.

Sebastian está com as costas apoiadas contra a parede, o rosto sangrando e os ombros curvados, e mesmo assim, ele ainda parece surpreendentemente imponente.

Corey não responde. Ele fecha os olhos por alguns segundos, mas parece uma década. Ele absorve as palavras de Sebastian como se elas fossem uma maldição. Então ele abre os olhos para me lançar um último olhar.

Eu engulo em seco e vejo o turbilhão de emoções presentes ali, sentindo as lágrimas escorrendo pela minha bochecha.

Corey se afasta, sem olhar para irmão, e passa pelo monte de gente até atravessar a porta.

As pessoas abrem caminho, acompanhando-o com os olhares curiosos e famintos por caos. A pequena plateia, que aos poucos começa a aumentar de tamanho, agora observa a mim e a Sebastian.

Eu dou um passo, querendo ir atrás de Corey, mas eu travo, pois uma força sobrenatural parece me impedir.

Eu olho para Sebastian, que continua apoiado contra a parede. Seu cabelo castanho escuro está uma bagunça selvagem assim como o resto dele. O sangue pinta o seu rosto como uma obra de arte trágica e eu sinto o meu peito se contorcer diante de seus ferimentos.

Ele sustenta o meu olhar. E eu quase esqueço dos intrusos em nossa volta.

Sebastian vê a dúvida em meu olhar, porque noto a expressão amarga em seu rosto. Ele cospe o sangue que se acumula em sua boca no chão e me fita, com algo que parece ser desprezo.

— Vai.

É tudo o que ele diz, mas o som sai com uma mistura de crueldade e desdém na voz de um homem derrotado.

Eu eu faço o que ele diz.

Vou atrás de Corey.

31.

Corey me ignora por dois dias.

Desde a noite do pub na sexta, ele não responde a nenhuma das minhas ligações ou mensagens.

Depois que deixei Sebastian e corri atrás dele pelo mar de pessoas, tentei conversar. Mas Corey sumiu por entre a multidão de jovens bêbados, e quando finalmente cheguei no estacionamento, ele já estava arrancando com o carro.

Pedi um Uber e fui para casa naquela noite com o peso do mundo em minhas costas.

Gray chegou em casa uma hora depois e me perguntou o que tinha acontecido, porque, apesar de não ter presenciado, ele ouviu que houve uma briga do lado de fora do Pixes, e não demorou muito tempo para descobrir quem eram os envolvidos.

Os irmãos Crawford.

Gray só não sabia o porquê. E eu preferi deixar assim. Ele estava ocupado demais com Lilly e disse que, quando foi nos

procurar, todos nós já tínhamos ido embora e um colega contou sobre a briga.

Eu me pergunto o que Sebastian vai dizer a ele.

Mas não sei se me importo muito com isso agora. A única pessoa com quem me importo no momento é Corey.

Porém pensamentos envolvendo Sebastian continuam em minha cabeça, como um parasita permanente.

E eu odeio isso com força.

Faço de tudo para afastá-los da minha mente, porque isso é sobre Corey agora. Já me meti em problemas demais por ter Sebastian na minha cabeça o tempo todo. Já feri demais por causa disso. A mim e a outros.

Hoje é domingo de manhã e eu não aguento mais. Não aguento o silêncio e não suporto a culpa. Quero consertar as coisas, por mais que eu saiba que existem coisas que não têm conserto. E acho que essa é uma delas.

Mas quero tentar. Quero pelo menos amenizar o estrago. Não sei ainda como vou fazer isso, mas quero olhar nos olhos de Corey e dizer o quanto eu me sinto uma merda por ter feito isso com ele.

Saio de casa, passando direto pela cozinha, onde meu pai toma café da manhã.

Não me dou trabalho de pegar o carro e vou andando até a casa dos Crawford. Paro na entrada, com o coração batendo forte contra o meu peito e sem a menor ideia do que vou dizer a Corey quando vê-lo.

Já fiz o e refiz o discurso em minha cabeça tantas vezes que já não faço ideia do que irá sair dos meus lábios assim que eu abrir a boca.

Bato na porta, decidida e extremamente nervosa.

Menos de trinta segundos depois, ouço passos e a porta é aberta. Na minha frente está Helena Crawford, em um vestido verde de mangas curtas e seu cabelo escuro perfeitamente liso ao redor do seu rosto em formato de coração.

Ela lança seu sorriso educado e gentil em minha direção.

— Olá, Harriet — ela diz, abrindo a porta amplamente.

Eu faço a tentativa de um sorriso também.

— Oi, senhora Crawford. Tudo bem?

Ela assente e me pergunta como estou.

Se ela soubesse.

— Estou bem — respondo e então os meus olhos viajam sobre o ombro dela, para dentro da casa. — Só passei para ver Corey.

— Ah, querida, ele não está.

Eu pisco.

— Não?

É domingo de manhã e nem havia se passado pela minha cabeça que ele não estaria aqui.

Ela balança a cabeça e abro a boca para balbuciar algum agradecimento ou despedida, mas ela sorri de forma convidativa.

— Entra, tome um café comigo. Talvez ele volte daqui a pouco.

Eu hesito, parada na porta de entrada.

Geralmente gosto muito da presença de Helena, mas não sei se estou no clima para jogar conversa fora com a mãe das duas pessoas com quem estou terrivelmente envolvida.

Mas ela já está dando um passo para trás, abrindo caminho para que eu atravessasse a porta.

Eu acabo cedendo e passo pela entrada, a caminho do salão.

Helena me guia pela casa e passamos o salão até a sala de estar próxima à uma janela ampla, que dá vista para o jardim bem cuidado.

— Vou pegar o café. Quer biscoitos de manteiga?

Eu assinto. A cozinheira dos Crawford faz os melhores biscoitos de manteiga e Helena sabe que eu os amo.

Ela vai até a cozinha enquanto eu observo a janela, estalando os nós dos dedos.

Onde Corey pode estar?

Provavelmente na casa de um amigo.

Ele está fugindo de mim?

Com certeza presumiu que em algum momento eu apareceria na casa dele.

Não o culpo por estar me evitando. Se os papéis estivessem invertidos, eu também não iria querer encará-lo.

Helena volta antes que meus pensamentos me sufoquem. Ela coloca a bandeja com as xícaras sobre a mesinha de centro e

se senta na poltrona ao lado do sofá. Ela pega o bule e o ergue para servir o café.

— Você sabe aonde Corey foi?

Terminando de derramar o café na segunda xícara, Helena balança a cabeça.

— Acho que ele foi para casa do Jimmy, mas não tenho certeza. Não falei muito com ele nos últimos dias. Ele tem estado um pouco distante.

Eu arranho a garganta e desvio o olhar, sentindo-me desconfortável. Enfio um biscoito na boca e mastigo devagar.

Quando Helena termina, coloco açúcar em uma das xícaras e levo até os lábios.

Ela faz o mesmo, mas coloca adoçante no seu. Ela ergue a própria xícara para o seu primeiro gole e nossos olhos se encontram.

— Vocês estão tendo algum problema, Harriet? — ela pergunta, abaixando a porcelana enquanto seus olhos me fitam.

Eles são exatamente iguais aos de Sebastian.

O mesmo tom âmbar penetrante. O castanho flertando com o dourado. É tão parecido que chega a ser desconfortável.

Eu hesito diante da pergunta um tanto direta. Helena raramente é invasiva então sou pega de surpresa.

— Não — digo de forma quase automática.

Ela assente, e eu sinto que ela não acredita nem um pouco em minha resposta.

— Você tem visto Sebastian?

Eu pisco.

Ai, meu Deus.

Ela sabe.

Eu congelo, fitando-a com a xícara no meio caminho até a boca.

As palavras deixam a minha boca em um sussurro:

— Como você sabe?

Ela me lança um sorriso, mas não é um sorriso feliz. Helena não responde, ao invés disso, ela pergunta:

— Corey descobriu, não foi?

Desisto de tomar o café, e abaixo a xícara. Mas continuo a segurando, porque sinto que preciso de algo para ocupar as minhas mãos.

— Eu vim me desculpar, mas ele não quer me ver.

Ela não diz nada, apenas me observa, e isso faz com que eu abra a boca novamente.

— Eu me importo com ele, de verdade. Não quero machucá-lo. Não quero machucar ninguém, mas ultimamente eu sinto que...

As palavras perdem força e eu não termino a frase, deixando-as no ar.

Helena apoia a xícara na mesinha e volta seus olhos para mim.

— Você já sabe?

Eu não entendo de primeiro. Preciso de alguns segundos para finalmente compreender do que ela está falando.

Helena está perguntando se eu já sei qual dos seus filhos eu realmente amo.

— Acho que sempre soube, mas é complicado...

Ela assente, como se entendesse. E eu fico chocada e comovida com a bondade dessa mulher. O fato de eu basicamente conversar sobre como estou brincando com os sentimentos de seus filhos e ela me encarar como se não me odiasse. Encarando-me, na verdade, quase como se me amasse.

Eu não sabia do quanto eu precisava desse olhar.

Não acho que eu mereça, mas a sensação é incrivelmente reconfortante.

— A gente não escolhe quem a gente ama, Harriet. E nem sempre o nosso coração coincide com o que é moralmente certo. Isso não te faz uma pessoa ruim.

Ela estende a mão direita para tocar a minha. O seu toque é suave e ela conclui:

— As nossas ações, o que a gente escolhe fazer diante dessa situação é o realmente define o tipo de pessoas que somos.

Minhas ações em frente aos acontecimentos recentes não são dignas de orgulho, mas não digo isso a ela.

Helena não compreende a extensão do problema, de onde deixei isso chegar.

— Obrigada, Helena, por... — Eu pauso, porque não sei exatamente pelo o que estou agradecendo. O carinho? A compreensão? — Tudo. Mesmo sabendo o que está acontecendo e ainda assim, sendo tão gentil. Nem consigo imaginar o que esteja pensando sobre mim ago...

Ela me interrompe, mais firme agora, apesar da voz doce:

— Não estou pensando em nada disso. Só não quero que nenhum dos dois se machuquem. E nem você, Harriet. Gosto de você como se fosse a filha que nunca tive.

Eu sinto vontade de chorar.

Não sei se me sinto mais aliviada ou mais culpada, porque as suas palavras são doces demais. E eu sei que não mereço esse tipo de bondade.

Porque eu já machuquei a ambos e a mim.

Eu me levanto, desesperada para sair dali.

— Preciso ir. Obrigada pelo café.

Ela me leva até a porta e me abraça antes que eu saia.

Helena nunca foi de abraços, ainda mais como esse. Ela sempre foi educada e simpática, mas abraços longos e apertados como o que ela me dá antes que eu passe pela porta não são de seu feitio.

Confusa e um pouco sem graça, eu a abraço de volta.

Quando entro no carro, solto uma forte respiração que estava presa desde que sai da casa dos Crawford. E odeio o fato de que quando coloco as mãos no volante e fecho os olhos, só consigo pensar nele.

A saudade vem como uma pancada violenta.

Quero vê-lo.

Preciso vê-lo.

As nossas ações, o que a gente escolhe fazer diante dessa situação é o que realmente define o tipo de pessoas que somos.

E giro a chave, decidindo o tipo de pessoa que sou, porque sei exatamente para aonde estou indo.

Estou indo até ele.

Porque é o fim de qualquer forma. Eu arruinei a mim e alguém com quem eu me importava. Eu já havia jogado tudo para cima e não havia mais volta.

Sebastian será a minha ruína. Eu estou ciente disso.

Mas eu não consigo imaginar um final mais doce.



Eu chego na casa dele dez minutos depois. É uma viagem de pelo menos quinze, mas eu a faço incrivelmente rápido.

Estaciono o carro ao lado da calçada e atravesso o jardim antes que eu comece a repensar sobre o que estou fazendo.

Para ser honesta, não sei exatamente o que estou fazendo, só sei que preciso vê-lo.

Bato na porta de tal forma que os nós dos meus dedos doem. Abaixo as mãos e as fecho nervosamente nas laterais do meu corpo.

Cada segundo que se passa é uma década inteira e eu sinto o meu coração aumentar de velocidade.

Ouçõ a a maçaneta e a porta é aberta. Eu recuo, e o coração que antes parecia frenético, erra uma batida.

Sebastian está a menos de um metro de mim.

Há um corte em seu lábio inferior, deixando o canto de sua boca um pouco inchado e avermelhado.

Seu olho esquerdo está roxo, e em seu supercílio há um enorme corte que chega quase até seu olho. Pergunto-me se precisou de pontos.

Seu cabelo está meio molhado, deixando-o em um tom mais escuro. E vestido em sua camisa branca e jeans, ele tem um aspecto fresco, apesar de tudo.

Sebastian está claramente machucado. Sua aparência é realmente a de um homem que esteve em uma briga.

Uma briga da qual não fez questão nenhuma de se defender.

Meu coração aperta instantaneamente.

E o mais impressionante é que isso não o faz menos belo, porque Sebastian tem o tipo de beleza que vai além da compreensão humana.

Eu olho para ele e concluo que ele está *dolorosamente* bonito.

Sebastian não sorri quando os seus olhos encontram os meus; não que eu esperasse isso de qualquer forma.

Mas ele também não diz nada.

Com uma das mãos ainda segurando a maçaneta da porta aberta, ele me observa. Sua expressão é neutra ao passo que ele espera. Mas há algo em seu olhar. Algo que tenho certeza que ele pode ver no meu também.

— Oi. — A minha voz soa tão ridícula a ponto de eu querer devolver a palavra de volta para minha boca assim que ela sai.

Ele não responde, apenas continua me observando atentamente.

Ainda esperando.

— Posso entrar?

As palavras arranham a minha garganta.

Ele me observa por mais um segundo e o medo da rejeição vem como uma lufada de ar frio. Até que, ainda em silêncio, ele dá um passo para trás, abrindo caminho para eu passar. Eu forço as minhas pernas a funcionarem e dou alguns passos em frente, tomando cuidado para o meu braço não encostar em seu peito enquanto ele se mantém ao lado, segurando a porta.

Eu o ouço fechar a porta atrás de mim e paro no meio da sala de entrada. Eu me viro, para encontrá-lo com os olhos em mim, e tenho um déjà-vu da noite em que dormi na casa dele.

Não faço ideia do que dizer, então apenas o observo também. E em qualquer outra situação, eu estaria preenchendo o silêncio com qualquer assunto banal, tagarelando sem parar, mas Sebastian sabe como me deixar sem palavras.

Porque, nos segundos que olho para ele, só consigo absorvê-lo.

Sebastian não parece bravo comigo. Mas ele também não parece feliz ao me ver. E eu odeio a sensação de nunca conseguir

lê-lo como ele faz comigo.

Parados há cerca de quatro metros de distância um do outro, nós nos encaramos.

Há tanta coisa passando em minha mente, como sei que há na dele também.

O passado, as palavras, as dores. *As consequências.*

Mas o pensamento que grita mais alto, mais forte do qualquer outro, é a verdade de que o quero. Quero passar meus braços ao redor dele. Quero sua pele contra a minha. Quero inspirar seu cheiro.

Suas palavras ditas na outra noite ecoam em minha cabeça.

Você disse para eu não te beijar. Então não vou fazer.

Eu engulo em seco, encontrando a voz para dizer o que preciso.

Não vou te beijar até que você peça.

Eu abro a boca:

— Me beija, Sebastian.

E as palavras saem em sussurro, beirando a súplica.

O ar pesa instantaneamente.

Sebastian sequer pisca e sua expressão se mantém a mesma séria e impassiva. Mas seu olhar toma outra forma. E eu consigo ver como as palavras o impactam pela maneira que o dourado em seus olhos se transforma em fogo.

E eu finalmente entendo que era isso que ele estava esperando.

Sebastian começa a andar até mim, com os passos firmes de um homem que está prestes a tomar o que quer.

E eu fico ali, parada, com as pernas fracas à medida que espero o bote.

A minha visão fica turva até que ele fecha a distância entre nós e, sem hesitar, pressiona a boca contra a minha. Meus olhos se fecham e ele escorrega a língua para dentro da minha boca, envolvendo as mãos envolta dos meus quadris. Eu recuo um passo para trás, devido ao impacto, mas ele não deixa que eu vá para muito longe.

Com a explosão que ocorre dentro de mim, eu sinto os joelhos fraquejarem.

Meus braços se erguem instantaneamente e eu levo os meus dedos até a sua nuca, sentindo os fios ainda úmidos sob a minha

pele.

Seu cheiro me inunda completamente. É o cheiro almiscarado familiar de Sebastian com o aroma refrescante pós-banho.

Sua língua trabalha na minha boca, sugando e provocando. Suas mãos descem até a minha bunda e, com um aperto firme, ele me puxa mais para perto, pressionando o meu corpo contra o dele, até que o sinto duro na minha barriga.

Isso automaticamente lança uma pontada até o meu núcleo, e eu sinto a minha calcinha molhar.

Noto o gosto metálico de sangue depois de passar a língua sobre o machucado em seu lábio inferior, mas Sebastian não se afasta ou reclama. No lugar disso, ele aperta a minha bunda com mais força e me ergue contra seu corpo. Levanto as pernas ao redor de seu quadril, e sem tirar a boca da minha, ele começa a andar em direção a outro cômodo.

Eu não olho pelos cantos para ver para aonde estamos indo, tampouco me importo, para ser sincera.

Eu iria para o inferno com esse homem.

Talvez já estamos lá.

Mas, por enquanto, esse é o paraíso.

Sebastian me coloca sentada sobre a mesa de jantar, no espaço entre duas cadeiras, e move as mãos para os meus quadris. Sua boca desce para a minha jugular e meus dedos encontram o seu peito firme sob a camiseta.

Ele beija o meu pescoço e para na gola da minha blusa. Seus dedos deixam o meu quadril e sobem até encontrar a borda do material. Em um movimento rápido e ágil, ele a puxa para cima, sem qualquer cerimônia. Agradeço por estar com um sutiã preto relativamente bonito.

Não que eu ache que Sebastian se importaria se esse não fosse o caso, porque ele não demora muito para tirá-lo de seu caminho também. Ele afasta o rosto por menos de três segundos depois que meus seios são liberados, e os observa.

Ele solta o que parece ser uma respiração junta a um rosnado, nada que eu tenha ouvido antes, mas que é estranha e deliciosamente sexy, antes de levar a boca até o meu mamilo direito. Ele planta um beijo ali antes de usar a língua para me provocar. E com a mão esquerda, ele brinca com o meu outro mamilo, roçando seu polegar sobre a pele sensível.

Eu jogo a cabeça para trás erguendo o peito e lhe dando mais acesso aos meus seios.

Sebastian coloca o mamilo entre os dentes e isso faz escapar um gemido dos meus lábios.

Ele coloca mais força nos dentes e a mordida leva uma pontada de dor até o meu núcleo, a sensação se misturando rapidamente com prazer.

— Sebastian — Eu deixo fugir.

Seus dedos descem até o zíper da minha jeans e ele o abre, sua boca deixando os meus seios. Ele me lança um olhar antes de descer novamente, só que dessa vez ele se abaixa na minha frente e começa a escorregar a minha calça junto a minha calcinha. Praticamente desesperada, eu apoio as minhas mãos na mesa e ergo o meu quadril, facilitando para que ele possa tirar a minha roupa.

O material escorrega pela a minha perna, joelhos, até que ele o tira de vez, junto aos meus sapatos. Quando a roupa se encontra no chão ao nosso lado e estou completamente nua, Sebastian, ainda agachado à minha frente, coloca a cabeça entre as minhas pernas.

Eu sinto a sua respiração na pele sensível e engulo em seco. Os seus fios castanhos fazendo cócegas no interior da minha coxa.

Por meio segundo, fico terrivelmente ciente do quão molhada estou agora. Mas essa preocupação é esquecida logo que a língua de Sebastian encontra o meu centro e ele a escorrega entre meus lábios até o meu clitóris.

Eu tremo sobre a mesa, mordendo o meu lábio inferior. Com os olhos fechados, tiro uma das minhas mãos apoiadas na mesa e tento encontrar a sua cabeça.

Mas Sebastian só me dá isso.

Apenas um escorregar de sua língua, provocando tudo o que há em mim.

Eu abro os olhos no segundo que sinto a sua respiração deixar a minha pele. E o vejo se erguer diante de mim, mas no lufar de voltar a sua boca para minha, ele dá um passo para trás.

E mais um.

E outro.

Eu sinto o galopar desesperador do meu coração conforme, com os olhos sem deixar os meus, Sebastian dá exatamente cinco passos para trás.

Então ele para.

E seus olhos deixam os meus para percorrer lentamente o meu corpo. Sem pressa, ele passa pelo meu pescoço, meus seios, minha barriga, até chegar entre as minhas pernas.

Seus ombros estão tensos e ele não move um dedo sequer.

A sua ereção força contra a jeans e eu não consigo deixar de encará-la, sentindo os meus mamilos endurecerem ainda mais.

E nunca, em toda a minha vida, eu me senti tão exposta como agora.

Eu sinto que nem se estivesse na frente de um estádio de futebol lotado eu estaria me sentindo dessa forma.

E é terrivelmente injusto, porque, enquanto estou nua, ele está completamente vestido.

Eu levanto os braços que estavam apoiados na mesa ao meu lado e levo até os meus seios. Antes que eu possa me cobrir, ele fala:

— Não.

A voz reverbera em meu ouvido em clara ordem.

É baixa, mas é firme.

Eu congelo os meus movimentos e então, de forma hesitante, deixo meus braços caírem novamente.

Seu olhar continua fixo no meu. *Queimando.*

— Abre as pernas, princesa.

É o mesmo tom. O mesmo som rouco, baixo, porém duro.

Eu pisco diante da ordem, mas faço o que ele pede, porque eu faria qualquer coisa por ele. E pela forma que ele olha para mim agora, penso que talvez ele se sinta da mesma forma.

Sebastian me engole. Fita-me como se eu fosse algum ser cósmico. Como se eu fosse algo próximo do surreal.

Seu maxilar tensiona e seu olhar volta para a minha íris, quase como se ele estivesse com raiva.

— Porra, Harriet.

É tudo o que ele diz.

E eu sinto a emoção tensa em sua voz.

Eu nunca me considerei uma garota feia. Na maioria dos dias, inclusive, minha autoestima é boa. E também sei que sou atraente para a maioria dos homens.

Mas nenhum homem nunca me encarou dessa forma.

Na verdade, tenho a impressão de que nenhum homem na terra, jamais encarou uma mulher dessa forma.

Porque Sebastian me encara não só como me quisesse.

Mas como se me *idolatriasse*.

E é quando eu sei que nenhum outro homem vai me olhar assim. E eu nem quero.

Estou completamente rendida a esse olhar. Estou completamente rendida a ele.

— Você já me viu pelada — eu digo, finalmente, bebendo de seu olhar.

Ele pisca e respira fundo. O tipo de respiração de um homem que está lutando para manter a calma.

— É, e você de alguma forma conseguiu ficar ainda mais bonita.

E Deus, por um segundo penso que posso gozar só com o poder de seu olhar e suas palavras. Ele nem mesmo precisa me tocar.

— Isso é injusto — eu reclamo. — Você está completamente vestido.

O rubor sobe as minhas bochechas quando ouço o tom suplicante saindo dos meus lábios.

Mas ele não parece se importar. Sebastian espera apenas um segundo até que tira a camisa branca, colocando a mão na gola da parte de trás da caminha e puxando pela frente.

Seu tronco fica exposto e eu o fito. Sebastian deixa a camisa cair no chão ao seu lado.

É perfeito. Como sempre foi.

Magro, porém musculoso. A pele dourada e os ombros largos. As tatuagens negras no antebraço esquerdo, subindo até pouco além do cotovelo.

Ele ganhou mais massa muscular desde todos esses anos, e se antes eu já o achava perfeito, agora não sei mais o que pensar.

Sinto os seus olhos em mim conforme seus dedos vão até o zíper da sua calça, e eu mordo o meu lábio inferior ao vê abaixar a jeans.

A sua ereção parece prestes a rasgar a sua cueca cinza. Vejo o contorno de seu pau contra o tecido e a dor entre as minhas pernas fica maior. E as fecho, resistindo a vontade de cruzá-las.

Seus dedos longos finalmente encontram a barra cueca e eu sei que seus olhos estão fixos em mim assim que ele abaixa o material, libertando-se.

Eu solto a respiração, devagar.

E lá está ele, Sebastian Grant Crawford gloriosamente nu.

O rosto machucado ou não, ele é a coisa mais linda que eu já vi.

E eu já sabia disso desde que tinha treze anos. Já sabia mesmo naquela época que jamais veria algo tão belo.

E eu deduzo que o estou observando da mesma forma que ele está fazendo comigo.

Encontrando os olhos dele, sei que não aguento mais. Eu o quero. O corpo dele. A sua pele contra a minha.

Quero-o dentro de mim.

Eu abro a boca, mas Sebastian entende pelo meu olhar, porque antes que algum som possa sair, ele avança lentamente, porém confiante, os olhos queimando como nunca. Com a fome.

Ele se coloca entre as minhas pernas e eu sinto o seu pau roçar como uma pedra no final da minha barriga.

— É isso que você faz comigo, Harriet — ele suspira contra a minha pele. — Todo o maldito tempo.

Eu arfo, e ele aproveita a minha boca entreaberta e a toma com intensidade. Ele coloca as mãos nas laterais das minhas pernas e me puxa mais para a borda da mesa, sua ereção pressionando forte contra mim agora.

Eu passo as mãos na obra de arte que é seu tronco, sentindo a solidez sob meus dedos.

Sebastian afasta o rosto, seus olhos procurando os meus. Quando ele os encontra, eu chego a arquejar diante da intensidade.

Uma de suas mãos está na lateral da minha perna esquerda, mas a outra, a direita, segura seu pau.

Ele o encosta em mim e é como um choque.

Com os olhos nos meus, ele observa me contorcendo conforme arrasta lentamente a sua ponta em minha entrada.

Eu gemo, fechando os olhos.

Mas ele não para. Sebastian chega a colocar a ponta para dentro, mas a tira em pura maldade.

Dói.

Dói como nunca doeu antes e acho que ele sabe, porque ele observa meu rosto com a extrema atenção de um felino caçando.

Eu levanto um pouco o meu quadril e o empurro suavemente em direção a borda da mesa, tentando alcançá-lo. Mas Sebastian recua.

Com os olhos em mim e a voz suave, ele pergunta:

— Sentiu saudades, princesa?

Eu assinto. O coração batendo desesperado e o corpo quente por ele. *Pulsando* por ele.

É a segunda vez que ele me faz essa pergunta e, dessa vez, eu lhe digo a verdade.

— Sim — eu sopro a verdade cruel.

E, finalmente, ele me preenche.

Devagar, tão devagar que chega a ser doloroso.

E apesar de eu não querer perder isso, perder seu rosto, eu simplesmente não consigo. Fecho os olhos e jogo a cabeça para trás, sentindo o seu efeito até a ponta do meus pés.

Sebastian termina de colocar dentro de mim e um som rouco sai de sua garganta.

— Eu também — ele sopra de volta.

Volto a apoiar as mãos na mesa ao meu lado, e inclino o tronco um pouco para trás, deixando meu quadril a sua disposição.

Com as mãos firmes nas laterais das minhas coxas, ele começa a se movimentar para dentro e para fora de mim.

É brutal.

É visceral.

É perfeito.

Ele observa o meu rosto ao passo que eu deixo escapar gemidos estrangulados. Ele parece amar os sons, porque cada vez que um deixa os meus lábios, ele aumenta a velocidade.

Seus olhos caem para meus seios e ele se dobra sobre mim, e sem deixar de se movimentar, ele cobre a boca em um dos meus mamilos. Eu aproveito a proximidade e tiro uma das mãos da mesa para tocá-lo.

Agarro seu cabelo conforme ele chupa a minha pele.

— Ah. Meu...— Eu não consigo terminar.

Ele deixa o meu seio e procura a minha boca. Eu enrolo as minhas pernas ao seu redor, puxando-o mais para dentro de mim, e

eu o sinto arfar dentro da minha boca.

Ele se curva sobre meu corpo, seu peito me empurrando contra a mesa enquanto ele me beija com força.

Eu passo os meus braços ao redor de seu pescoço e agora estou totalmente agarrada a ele. Tanto os meus braços, quanto as minhas pernas estão fechadas em torno dele. E eu tenho a devastadora sensação de que jamais serei capaz de soltá-lo.

Sebastian tira as mãos de minhas coxas e as coloca na mesa nas minhas laterais, em punhos.

Ele desacelera o ritmo, com estocadas mais fortes e mais profundas.

Meus dentes agarram seu lábio interior e eu sinto o gosto metálico mais forte do que nunca quando o ferimento se abre e sangue se mistura ao nosso beijo. Mas Sebastian não para de se mover.

Eu estou muito próxima. Os dedos dos meus pés se encolhem e eu sinto o final da minha barriga apertar.

Meu corpo sua e meu coração galopa.

Eu choro em sua boca, *precisando*.

E ele bebe o som assim que chega a sua boca.

— Eu sei, princesa, eu sei — ele murmura, a voz rouca contra os meus lábios.

Então ele afasta o rosto do meu e se ergue novamente.

— Segura na mesa — ele ordena de forma firme, mas carinhosa.

Eu tiro os braços de seu pescoço e o libero do meu aperto, apoiando-me com as palmas na mesa.

Eu o observo hipnotizada quando ele agarra a minha bunda e ergue meus quadris no ar.

E ele me dá exatamente o que eu preciso.

Segurando a minha bunda, ele se move com investidas rápidas e precisas.

Eu me seguro com as mãos na madeira lisa, tentando me manter firme diante da pressão que ele faz contra mim.

Minhas pernas balançam no ar e os gemidos ficam maiores até que viram gritos. Meu corpo cede, a explosão começando entre as minhas pernas e cintilando por todo o meu corpo.

As minhas pálpebras se fecham e meus olhos rolam para trás da cabeça em puro prazer.

— Sebastian! — eu exclamo, sentindo o último espasmo me quebrar.

Mas ele não para. Sentindo-me que não posso mais suportar, ele me preenche por uma última vez. Seus ombros e seus músculos do tronco tensionam, e ele cai sobre mim, o corpo grande e sólido empurrando o meu até que as minhas costas encontram a mesa e estou deitada.

A sua cabeça aninha sobre o meu pescoço, e eu sinto a sua respiração parecida a minha própria, quente e ofegante, contra a minha pele.

Meu corpo está fraco, ainda sentindo os últimos choques suaves do orgasmo.

E ali, deitada com ele ainda dentro de mim e sentindo as batidas frenéticas de seu coração contra as minhas próprias, eu o amo.

Sempre o amei.

É quando a realidade bate contra a mim. Eu sinto lágrimas encherem os meus olhos.

Porque não podemos ficar juntos.

Porque não estar mais com Corey não quer dizer que eu esteja livre para ficar com Sebastian.

Ele continua sendo o irmão do cara com quem namorei por três anos. Eu jamais poderia fazer isso com ele. Ou com a família dele. Ou comigo, para ser honesta.

É errado.

É pecado.

E é o que estamos fazendo.

Sinto a dor familiar em minha garganta e um som escapa de minha garganta.

Sebastian ergue o rosto, apoiando-se contra os cotovelos na mesa para me encarar. Seus olhos encontram os meus e existe uma mistura de confusão e surpresa. Seus cabelos ainda estão um pouco molhados e ele brilha com uma fina camada de suor. O sangue mancha o canto de sua boca, onde o machucado voltou a abrir.

— Harriet — ele chama com a voz rouca de uma forma que meu nome parece uma pergunta.

Eu pisco, sentindo a primeira lágrima cair.

— Eu quero levantar — eu digo, tentando engolir o caroço em minha garganta.

Mas ele não se move, mantendo-me presa sobre o seu corpo.

— O que houve?

Eu não olho para ele quando peço:

— Sai de cima de mim. Por favor.

Lentamente, sinto o seu peso aliviar assim que ele se ergue. E com uma sensação de abandono visceral e inexplicável, sinto ele sair de dentro de mim.

Sinto-me completamente vazia.

Ele se distânciia alguns passos, ainda com os olhos em mim, e eu aproveito para me levantar. Com um dos braços sobre os seios, eu começo a recolher as minhas roupas.

E Sebastian fica parado ali, sem mover um dedo, enquanto me observa.

Eu visto o sutiã e a calcinha sem encará-lo.

— Eu fiz algo de errado? — Sua voz é baixa.

Eu fecho os olhos com força e me agacho para pegar a minha calça, em silêncio.

— Eu te machuquei? — Sua voz é próxima de uma súplica agora, e um soluço escapa da minha garganta.

Eu me viro para ele.

— Não. Você não me machucou.

Não desse jeito.

— Então o que foi?

Eu sigo para pegar a minha blusa e ele me segue com passos pesados.

— Por que você está chorando? — ele exige com a voz beirando a urgente.

Eu me agacho para pegar a minha última peça de roupa e ele segura o meu braço em um aperto.

— *Harriet* — ele diz, mais alto agora.

Eu me viro para ele e faço a pergunta que está presa em minha garganta há tempo demais:

— Por que agora?

Ele franze as sobrancelhas diante da pergunta.

— O quê?

— Por que você me quer agora?

Sebastian pisca e, de repente, raiva irrompe em meu corpo.

— Você me teve desde que eu tinha treze anos. Eu te amei com tudo o que eu tinha. E você sabia. Você *sempre* soube. Eu te amei por quase sete anos. Eu não sou incrível em matemática, mas isso são mais de dois mil dias. Dois mil dias da minha vida perdidos em você. Você tem noção de como isso machuca?

Ele recua diante das minhas palavras, encarando-me intensamente enquanto tenta ler meu rosto.

Eu estou chorando para valer agora, o que piora tudo, porque eu já estou tão cansada de chorar. Eu sinto que é só isso que ando fazendo desde que ele voltou.

— Harriet...

Eu o interrompo.

— Você nunca me quis quando eu estava disponível. — Eu passo a mão na minha bochecha, limpando uma lágrima grossa. — É porque finalmente não estou aos seus pés. Finalmente estava seguindo a minha vida. Finalmente encontrei alguém e esqueci você. E é *agora* que você me quer.

Ele não responde, apenas me observa, parecendo procurar algo em meu rosto.

Eu coloco a camisa e pego os meus sapatos. Quando chego próxima a porta, ouço a sua voz.

— Você fez? — Eu me viro devagar e o encaro. Ele está parado com os olhos fixados em mim, e lá encontro algo parecido a desafio. — Você me esqueceu?

É como um soco.

Porque ele vê.

Ele consegue ver por trás de mim. Sebastian enxerga a verdade que eu tentei desesperadamente negar.

Eu quebro nosso contato visual finalmente me virando de novo. Sinto outra lágrima cair, mas essa é resultado de uma mistura de mágoa e também raiva.

Como se faz para esquecer alguém que está impregnado na sua pele? Alguém que não abandona os seus pensamentos? Alguém que tomou o seu coração no segundo em que o viu?

É muito simples:

Você não consegue.

32.

Quando eu vejo o stories de Corey no Instagram, uma foto em que o fundo é o seu apartamento da faculdade, não penso duas vezes antes de fazer uma viagem até Toledo.

O fato de que ele voltou para o campus no meio do verão faz com que eu me sinta ainda mais culpada.

Ele está tão mal a ponto de precisar sair da cidade.

Ele está tão desesperado para ficar longe de mim que fez uma viagem de três horas e vários quilômetros.

— Viagem das garotas! — Sienna exclama animada, entrando no carro com uma bolsa enorme de marca e óculos escuros.

— Isso não é uma viagem das garotas. É uma viagem de término. — Eu enfio na boca a batata frita gordurosa do *McDonalds* que comprei no *drive thru* a caminho da casa dela. — Estou indo encerrar o meu relacionamento de três anos.

Ela fecha a porta.

— Então, viagem-de-encerramento-de relacionamento-com-as-garotas! — ela diz com o mesmo tom animado.

Chamei Sienna porque sei que vou precisar de apoio moral na viagem de volta.

Sei que conversar com Corey vai ser intenso. Colocar as cartas na mesa e dizer a verdade não será agradável. E Sienna é mestre em levantar o astral de qualquer pessoa em qualquer ambiente.

Meu celular treme no porta-copos e eu o pego, com uma certeza incomoda de que é Sebastian. Não nos falamos por mensagem ou ligação depois que fui embora da casa dele ontem. As coisas terminaram estranhas. Não quero que ele mande mensagem. É melhor que seja assim.

Mas quando encaro a tela e vejo o nome do meu irmão, decepção me inunda. Eu devolvo o celular para o porta-copos e foco na estrada.

Arranco com o carro e começamos a viagem. Sienna não demora nem dez minutos antes de tirar os sapatos e colocar os pés no painel. Nós conversamos e, por bastante tempo, ela me distrai

com assuntos que não envolvem Corey, Sebastian ou o meu caráter duvidoso.

— Você acha que ele vai chorar?

Eu tiro os olhos da estrada para encará-la.

— O quê?

— Você acha que Corey vai chorar quando você terminar com ele? — ela pergunta, em um tom casual, beirando a tédio.

Já estamos há mais de uma hora no carro. Passamos da metade do caminho.

— Sienna, a gente já terminou. Isso será mais uma oficialização e finalização. E foi ele que terminou comigo, tecnicamente. Eu acho. — Eu penso por instante, voltando-me para a estrada. — Talvez tenha sido mútuo.

— Entendi. Então talvez ele não chore.

— Por que você tá tão preocupada com a questão que ele vai chorar ou não?

— Sei lá... — Ela solta um suspiro. — É só que eu odeio quando os caras choram. Eu nunca sei o que fazer. Te falei daquela vez em Madri que tentei consolar aquele espanhol e ele surtou? Eu

disse que queria um tempo e ele começou a chorar. Eu ofereci um lenço e o cara enlouqueceu. Porra, eu tava tentando ser legal.

— Você ofereceu um lenço pro cara? Quem faz isso? Estamos no século vinte um. Da onde você tirou um lenço?

— Acho que era um guardanapo. Mas essa não é a questão. A questão é que ele gritou comigo e ficou ainda mais irritado. Disse algo do tipo: “Eu não preciso de um lenço. Você acha que eu sou a porra de uma garota?” E aí falou mais um bando de coisa em meio a gritos e soluços, mas foi tudo em espanhol, então eu perdi metade.

Sienna já está morando na Espanha há quase dois anos e só fala o básico. Mas se houvesse algum diploma pala palavrões, ela seria formada com louvor. Ela até me ensinou alguns.

— Que *gilipollas* — eu digo, o que quer dizer “que idiota”.

Ela assente de forma enfática.

— *Mucho*.

— O que aconteceu depois disso? Ele ficou agressivo ou algo assim?

— Não. A gente transou e depois nunca mais o vi.

Eu me viro para ela.

— Vocês transaram depois disso tudo?

Ela dá de ombros.

— Sexo de término é um dos melhores sexos.

— Um dos melhores? Qual é o melhor?

— Reconciliação. Definitivamente. — Ela faz uma pausa. —

Vocês acham que vocês vão transar?

Eu a encaro.

— Eu e Corey?

Ela assente.

— Não — eu digo, sem hesitar.

— Por que não?

Eu fico em silêncio por um momento.

— Bem, tem mais de uma razão, mas a maior é porque não quero.

Eu inspiro fundo, pensando em Corey. E então em Sebastian. E, para finalizar, em toda a minha situação.

— Talvez ele não chore, mas eu definitivamente vou — declaro com os olhos na estrada.

Não me importo em chorar. Acho que é bem necessário em alguns momentos e traz um alívio enorme. Mas eu acho bati o recorde nos últimos dois meses.

Eu aperto no painel do carro e troco a música até chegar na melodia que preciso.

Assim que as primeiras notas preenchem o ambiente, Sienna se vira para mim.

— Ah, não! — ela exclama, dramaticamente quando *Believe* de Cher começa a tocar. — Pelo amor de Deus, não!

— Eu preciso, Sienna! — eu digo, séria, e igualmente dramática ao me virar para encará-la.

Essa música e eu temos uma história. Acho que, na vida, devo ter umas cinco músicas que marcaram a minha história, e essa é uma delas.

Ela simplesmente me deixa mais feliz e mais calma.

Eu a descobri no começo da adolescência e lembro que escutei várias vezes em uma ótima época da minha vida. E quando a ouço, ela me leva para um lugar mais pleno.

O problema é que, nos últimos quase dez anos, essa música toca sempre em *lopping* toda vez que eu estou meio deprê ou

ansiosa.

E Sienna já não aguenta mais.

— Harriet, eu não posso... — Ela começa, muito séria.

— Ela levanta meu astral, você sabe disso.

— Ela faz com que eu queira me matar — ela devolve.

Eu abro as janelas e começo a cantar junto a música, sentindo a leveza e a liberdade, tentando com muita força pensar em só coisas positivas.

— Você sabia que isso ia acontecer em algum momento! — eu exclamo e escutamos *Belive* mais umas duas vezes antes de Sienna ameaçar se jogar para fora do carro.

Conforme vamos nos aproximando do campus, nervosismo se instala e a minha coragem e determinação começam a me abandonar.

— Você tá com fome? — pergunto, quebrando o silêncio há pouco instalado.

Sienna tem os olhos na tela do celular.

— Não.

— Tem certeza?

— Tenho.

— Eu tô um pouco e tem um Pizza Hut bem ali — eu digo, indicando com o dedo para um ponto mais a frente. — A gente pode fazer uma parada.

Sienna me lança um olhar.

— Você comeu duas batatas fritas e um cheeseburger.

— Uma batata frita e meia — eu corrijo.

— Você não tá com fome; você só tá querendo evitar isso. Mas você só vai prolongar a tortura.

— Não tô, não — eu digo, encarando-a ofendida, apesar de ela estar completamente certa.

— Fizemos duas paradas até agora em dois postos diferentes sem a menor necessidade — ela acusa.

— Eu precisava calibrar o pneu e eu tinha esquecido de fazer isso no primeiro posto — eu devolvo na defensiva.

Ela rola os olhos e diz, séria:

— Não vamos parar no *Pizza Hut*.

Eu volto o olhar para a estrada, sufocando uma reclamação, ainda que sei que ela está com a razão.

Chegamos no grande campus da faculdade de Corey, onde já estive algumas vezes. Principalmente nos primeiros meses do nosso relacionamento à distância. No primeiro semestre, quando ambos entramos em universidades em cidades diferentes, tentávamos nos encontrar em praticamente todos os finais de semana. Em um final de semana eu ia até ele e no outro ele ia até mim.

Fizemos isso até notar que não era sustentável. Estávamos cansados das viagens de carro longas e tínhamos muito pouco tempo juntos no final das contas.

Depois, as visitas se resumiram aos feriados e as férias, e costumávamos nos encontrar em Veahmond, porque aí juntávamos o útil ao agradável. Nós curtíamos nosso escasso tempo juntos, mas também víamos nossas famílias. E também era no meio do caminho entre as duas cidades.

O campus está mais vazio agora, e isso com certeza se dá ao fato de que a maioria dos alunos vai viajar ou volta para a cidade natal no verão.

— O que você vai fazer enquanto isso? — pergunto, depois de encarar o prédio do apartamento do meu namorado.

Meu ex namorado, eu penso, com certa melancolia.

Sienna termina de digitar algo e levanta o celular em frente ao meu rosto.

— Tem um shopping há cinco minutos daqui. Me manda mensagem quando quiser ir embora e eu volto.

Eu olho para o celular e vejo a foto de um shopping e as coordenadas de como chegar.

— Não vai ser tão ruim quanto você está pensando — ela diz, e eu quero muito acreditar nela, mas não consigo. — Ele teve alguns dias para se acalmar e pensar sobre tudo o que aconteceu. Ele e você tiveram tempo para digerir.

Eu assinto mais uma vez, dessa vez com um pouco mais de confiança.

Faço o meu caminho até o prédio, e no elevador, penso no que vou dizer.

Desculpas, obvio.

Mas preciso mais do que isso. Preciso fazer com que ele entenda que jamais quis magoá-lo ou enganá-lo.

Bato na porta dele com o coração na mão, pronta para deixar o “sinto muito” escapar de meus lábios. A maçaneta gira, eu engulo

em seco e separo os lábios.

Mas quem aparece na porta, alguns segundos depois, não é Corey.

E ninguém mais, ninguém menos, do que a porra da Vanessa Gibson.

Eu congelo.

Seus cabelos ruivos estão presos em um coque e ela usa roupas confortáveis.

Eu não demoro muito para notar que a blusa que ela está usando no momento é de Corey. Sei disso porque eu mesma já a usei algumas vezes. Noto também que ela não está de sutiã, porque sou capaz de ver o contorno de seus mamilos contra a camisa do meu namorado.

Ex namorado.

Ela pisca os olhos escuros e ficamos em frente a outra nos observando pelo o que parece ser milênios.

E pela forma que ela me encara, com o mesmo choque que tenho em meus olhos, sei que ela sabe quem eu sou.

— Oi, Vanessa.

Ela hesita e percebo que o seu nome saindo de minha boca a golpeia.

Bom.

— Oi — ela diz, receosa.

— Corey está?

Ela balança a cabeça devagar.

— Ele saiu.

Eu assinto, frustrada por ele não estar ali para que eu possa dizer tudo o que preciso de uma vez. Mas também noto que talvez isso seja melhor. Vê-lo ali, ao lado de Vanessa, no mesmo campo de visão potencialmente faria meu estômago embrulhar.

— Você não vai gritar nem nada? — Ela quebra o silêncio e eu a encaro levemente confusa.

Ela continua:

— Nos filmes esse é o momento em que a garota começa a surtar e a atacar a outra.

Não há malícia em sua voz, apenas genuína confusão e surpresa.

Eu dou de ombros.

— Eu acho que eu meio que esperava. — Eu pauso e reflito.
— Além do mais, isso me faria meio hipócrita.

Afinal, inicialmente eu estava ali para me desculpar por ter me envolvido com o irmão dele, mas não digo isso a ela. Vanessa não precisa dos detalhes sórdidos. Mesmo sabendo que há uma grande possibilidade de Corey ter contado tudo a ela.

Eu encaro fixamente seus olhos, porque eu preciso fazer essa pergunta e preciso saber da resposta.

— Há quanto tempo estão juntos?

Vanessa troca o peso dos pés.

Ela sabe, assim como eu, que essa pergunta muda tudo.

Porque temos dois cenários aqui.

O que Corey descobre que eu o traí e sai em busca de sexo de vingança com a amiga de sua faculdade.

Ou o que Corey descobre que eu o traí e sai para se reencontrar com a “amiga” de faculdade que ele tem fodido há algum tempo.

Enquanto ela me encara em silêncio por vários segundos, já sei em qual das duas devo apostar as minhas fichas.

Ela pode muito bem mentir, mas sinto que não vai fazer. Vejo nos olhos dela a honestidade. Vejo também que ela sente que deve algo a mim.

— Mais ou menos três meses.

Eu assinto, devagar.

É um soco no estômago.

Ao mesmo tempo que estou surpresa, não estou. É difícil de compreender.

Há um choque inicial no qual uma parte de mim gostaria de acreditar que isso jamais poderia acontecer. Mas desde que vi aquela mensagem no celular de Corey, há semanas, parece que uma pontada pequena e incômoda de desconfiança se instalou e nunca mais saiu. E essa pontada estava esperando por esse exato momento.

— Ele disse que as coisas entre vocês já estavam complicadas e que nem dava para considerar mais como um relacionamento.

Isso é ainda pior.

Imagino ele falando essas coisas para ela e repenso nos nossos últimos meses juntos. As coisas não estavam complicadas.

Bem, pelo menos, para mim estava tudo normal até Sebastian chegar.

Ela fica apreensiva diante do meu silêncio.

— Olha, não fui eu que acabei com o seu relacionamento. Eu só concordei em sair com ele porque eu não sabia sobre você inicialmente... — Ela balança a cabeça e leva um das mãos até os cabelos como em um tique nervoso. — Ele vivia aqui no campus como se fosse solteiro então... — Ela para de falar, perdendo-se nas palavras.

Eu pisco.

— Houveram outras antes de você?

Ela hesita e eu percebo o rubor subindo nas suas bochechas. Sua pele é muito pálida, então o vermelho rapidamente toma conta. A garota não me responde, mas seu silêncio em relação à pergunta me dá a resposta que preciso.

— Olha, eu sei que é errado, mas... — Ela pausa e seus olhos se tornam pura angústia. — Quando eu o vi, eu já estava completamente envolvida. Eu tentei parar, mas... — Ela fecha a boca, o olhar deixando os meus por um momento, sua expressão completamente emocionada.

— Eu sei — eu digo com genuína honestidade, porque apesar de ela não saber, eu compreendo exatamente o que está sentindo. Chega a ser trágica a forma como simpatizo com o que está sentindo. — Eu sei.

Seus olhos voltam para mim e ela me observa, em um misto de curiosidade, confusão e angústia.

Mas eu não aguento ficar ali, parada diante dela. Por mais que eu não consiga odiá-la. Por mais que eu quase tenha pena dela, é demais. Todas essas informações sendo jogadas em mim é simplesmente demais.

Eu não peço a ela que informe a Corey que estive aqui, porque tenho certeza que ela já vai fazer de qualquer forma. Então murmuro algo parecido com um adeus e me distancio.

Com os dedos trêmulos, mando mensagem para Sienna, que provavelmente ainda nem chegou ao shopping. Sento-me nas escadas da entrada do prédio enquanto espero por ela. Dois jovens passam por mim para entrar no prédio e seus olhares em minha direção são de pena. A expressão em meu rosto deve ser trágica.

Há uma confusão de sentimentos em meu peito.

Eu sinto raiva pela traição.

Eu sinto mágoa pela traição.

Mas eu também sinto alívio.

É estranho e distorcido.

Mas é como se os atos de meu namorado anulassem os meus. Não completamente, no entanto, porque eu não sabia o que ele estava fazendo quando decidi me envolver com Sebastian. Eu estava comprometida e escolhi fazer o que fiz.

Em contrapartida, tem todas as lembranças. Todos os flashes de memórias com Corey no último ano. Nós sorrindo, conversando, fazendo amor.

Eu me pergunto o quanto daquilo foi verdadeiro.

Pergunto-me quantas vezes ele dormiu comigo pensando em outra garota. Ou o contrário.

Quantas vezes ele estava me mandando mensagem dizendo que estava na aula ou com algum amigo, mas estava na verdade na campainha de alguma outra mulher.

É esmagador.

E eu não consigo me decidir entre o alívio, a dor ou a raiva.

Então eu choro, escolhendo os três.

Meu celular treme.

Sienna: *Já? Não sei se isso é um bom sinal ou ruim.*

Já estou fazendo a volta.

Eu desbloqueio a tela, mas ao invés de respondê-la, meus dedos me levam até o contato de Sebastian.

Eu respiro fundo enquanto ouço os toques.

Ele atende no terceiro.

— Harriet.

Não parece uma pergunta ou nem uma constatação. É apenas o meu nome saindo de seus lábios como um suspiro.

A sua voz dança até meu ouvido. E por um momento tudo parece certo novamente.

Eu limpo as lágrimas que escorrem com a manga da minha camisa.

— Oi — eu respondo baixo, tentando não soar manhosa.

— Oi.

Ficamos em silêncio por um momento, mas ele espera.

Eu me sinto meio estúpida em ligar. Não sei exatamente por que estou fazendo isso, mas agora ele está do outro lado da linha e eu deixo as palavras escaparem.

— Corey me traiu.

Quando a frase sai, ela surpreende até a mim.

Eu prendo a respiração e fecho os olhos com força, sentindo uma lágrima gorda escorrer pela minha bochecha.

— Sinto muito. — Eu ouço do outro lado da linha depois de longos segundos.

— Sente mesmo? — eu pergunto, fria.

Por que ele sentiria? Isso deixa tudo perfeito para ele, certo? Tira Corey da jogada e ainda por cima como o vilão da história.

Ele não responde, então eu continuo, com ácido em minha voz:

— É meio conveniente para você, não acha?

Às vezes eu fico amarga quando choro. E acho que não ser capaz de jogar a minha raiva em cima de Vanessa, faz com que eu queira me derramar em outra pessoa.

A pessoa que desencadeou o inferno em minha vida nos últimos tempos.

— Nunca é conveniente para mim alguém te magoar.

Isso cala a minha boca.

Há um longo silêncio. Eu escuto sua respiração suave do outro lado da linha e sei que ele está escutando a minha.

E então a compreensão bate contra mim. O seu tom de voz e forma em que ele me respondeu quando eu soltei a bomba sobre Corey.

— Você não parece surpreso.

Há mais uma pausa. Mas dessa vez ela é ainda mais longa e ainda mais pesada.

Eu engulo com dificuldade.

— Você sabia?

— Eu... Suspeitava. — ele diz, finalmente.

Eu inspiro com força.

— Você não me contou. — A acusação deixa meus lábios, a minha voz repleta de clara mágoa.

Eu o ouço suspirar fundo.

— Eu não tinha certeza.

— Você não tinha certeza? — eu repito, com escárnio.

— Eu o vi conversando com uma garota naquele dia da festa na casa do Hunter. Ele parecia estar flertando, mas ele não fez nada e eu não vi nada. — Ele faz uma pausa. — Eu não sabia como te dizer alguma coisa. Se *deveria* te dizer alguma coisa.

Eu me sinto traída. Tão traída quanto quando a porta se abriu há alguns minutos atrás e dei de cara com Vanessa Gibson.

— Harriet. — Eu o ouço do outro lado da linha.

Mas eu não consigo.

Eu desligo antes que ele possa escutar o soluço que escapa de meus lábios.

Coloco as mãos dentro do rosto, pensando na confusão que a minha vida havia se tornado.

Isso tudo por causa do órgão que pulsava forte contra meu peito.

Eu não escolhi o amar. Foi meu estúpido e masoquista coração.

33.

Eu desisto dos homens.

Pelo menos pelos dois dias seguintes.

Eu deixo o celular de lado e tento focar em mim.

Estou exausta emocionalmente devido aos últimos acontecimentos e só quero tirar um tempo com a minha família sem as turbulências da minha vida amorosa.

— O que vai fazer hoje? — pergunta a minha mãe no sofá da sala de TV onde passa *Grey's Anatomy*.

Ela vive falando dos absurdos da série em relação aos fatos medicinais, mas já está na décima primeira temporada.

Hoje é o dia de folga dela, porque ela passou basicamente a noite toda de ontem fazendo plantão. É muito estranho para mim que alguém que fique cercada de sangue e pessoas gritando de dor queira chegar em casa, ligar a TV e assistir mais disso.

— Vou passear com Nuggets e depois vou ler um livro, talvez ver um filme — eu respondo, agachando-me para colocar a coleira

em meu cachorro, que balança o rabo em empolgação. Apesar de eu saber que ele só vai estar feliz pelos próximos cinco minutos, até começar a ficar cansado e querer voltar.

Eu observo a sua figura redonda, perguntando-me se ele já perdeu algum peso, e concluo um pouco frustrada, enquanto ele rebola a bunda gorda em animação, que não.

Minha mãe tira os olhos da TV e os leva até mim.

— Não vai sair com Corey?

Eu sinto o tom desconfiado em sua voz.

Geralmente, nas férias, eu e Corey encontramos basicamente todos os dias. Mas já tem quase uma semana que ele não aparece lá em casa e mamãe está começando a notar.

— Não. Ele tá meio ocupado com... — Vanessa Gibson, penso. — Algumas coisas.

Ela assente, lançando-me um último olhar, e então volta a encarar Christina Yang gritar com algum residente.

— Corey em Toledo? — pergunta Gray e eu me viro para encará-lo.

Ele sai da cozinha e anda até mim com um sanduíche em uma mão e o celular na outra.

— Sim, por quê? — eu respondo, em um tom casual.

Ele dá de ombros, mastigando.

— Meio estranho, no meio do verão. O que ele tá fazendo lá?

Eu amo a minha família, mas essa intromissão é irritante. O fato de eu estar tentando esquecer meus problemas e eles não me permitir é extremamente inconveniente.

— Esfriando a cabeça — eu murmuro, estendendo a mão para alcançar a maçaneta.

Aos meus pés, Nuggets já está impaciente.

— Isso tem a ver com a briga com o Sebastian?

A menção de seu nome me faz parar e eu inspiro fundo, controlando-me.

Eu me viro para meu irmão.

— Por que você não pergunta para o seu amigo?

— Porque eu já mandei mensagem chamando o cara para sair duas vezes e nada — ele diz, claramente incomodado.

Dou de ombros, como se não me importasse. Como se essa informação não mexesse comigo.

Pergunto-me quanto tempo vai levar até que Gray descubra sobre toda essa confusão. Pergunto-me o que Sebastian dirá a ele eventualmente.

Confio no meu irmão e raramente escondo algo dele, mas também sei que, se ele souber do que está acontecendo, nada de bom virá.

Se ele souber sobre Corey me traindo, com certeza irá tirar satisfação com ele.

E se ele souber sobre o que aconteceu entre Sebastian e eu...

Bem, nem sei o que pode acontecer. E para ser bem honesta, nem quero. Já tenho demais para me preocupar com os meus próprios sentimentos confusos e incômodos.

Gray semicerra os olhos.

— O que você sabe que eu não sei?

Eu copio a sua expressão, também semicerrando meus olhos em sua direção.

— O que você acha que eu sei que você não sabe? — devolvo.

Ele não responde, mas sustenta o meu olhar. Vejo a faísca de confusão momentânea em sua íris diante da minha pergunta.

Ficamos nos encarando por um longo momento, até que ele cede, mas não sem antes declarar:

— Você tá estranha. Mais do que o normal.

Eu seguro a vontade de lhe mostrar a língua, porque afinal de contas, não tenho dez anos.

Ele dá mais uma mordida no sanduíche e eu me viro de volta para a porta, abrindo-a e deixando a casa com Nuggets.

São quatro horas da tarde, o que quer dizer que o sol não está tão escaldante a ponto de matar a mim e a Nuggets. Tenho caminhado com ele a essa hora todos os dias, religiosamente.

Quando fazemos a terceira curva e já estamos caminhando há pouco mais de cinco minutos, Nuggets começa a desacelerar, com a língua para fora.

Eu o encaro, dando palavras de incentivo.

— Já estamos em um terço do caminho. Só mais um pouco.

Um homem com roupas de corrida passa pela gente e me encara de forma estranha, vendo-me dialogar com Nuggets, mas não me importo.

— Sabe, eu também não gosto disso. Eu sei que não é prazeroso para você, mas é para o seu bem. — Eu levanto as sobrancelhas. — Se você não gostasse tanto de comer...

Nuggets ergue a cabeça e derruba um olhar em cima de mim. Eu juro por Deus que, se esse cachorro pudesse falar as palavras “vai se ferrar” saíam de sua boca nesse exato momento.

— Não olha para mim desse...

— Harriet.

Eu giro a minha cabeça, com um susto.

Ao lado da calçada, há talvez um metro de mim, está Sebastian em sua picape preta. A janela está aberta e ele me encara.

Eu dou uma estagnada.

Ele desacelera o carro até parar bem ao meu lado.

— Você tá me seguindo? — eu pergunto.

— Você tá me evitando?

Eu franzo o cenho.

— Eu perguntei primeiro. — E eu sei que soo como uma garota de doze anos, mas não me importo.

Ele olha rápido para Nuggets.

— Você passeia com ele todos os dias a essa hora. Passei por aqui porque precisamos conversar.

Meu olhar se torna firme, abandonando a expressão de choque inicial.

— Não quero conversar.

Dito isso, eu volto a andar com meu cachorro. Ou melhor, puxo meu cachorro, porque ele parece muito animado em ver Sebastian e não para de avançar em sentido ao carro.

— Harriet — ele chama de novo.

Escuto o carro se aproximando e logo ele está ao meu lado novamente, acompanhando a minha passada.

— Você não pode me ignorar para sempre.

Eu viro o rosto, mas não desacelero o passo. Ele tem uma mão no volante e a outra está apoiada sobre a sua janela. Ele usa uma camisa branca de manga curta e eu consigo ver as tatuagens expostas em seu antebraço.

— Tem certeza? — pergunto com as sobrancelhas erguidas em desafio.

Eu percebo a sua mandíbula tencionar, seus olhos dourados se tornando impacientes.

E apesar de tudo, eu não consigo evitar de notar como ele está bonito hoje. Ele usa boné, os fios escuros escapam do material azul marinho. Os machucados ainda estão lá, mas já estão cicatrizando. Seu rosto já não está inchado, apenas um pouco colorido em tons de vermelho, roxo e um suave tom de amarelo em alguns lugares. Quando meu olhar cai sobre o corte em seu lábio, o qual sangrou em minha boca quando nos beijamos, engulo em seco com dificuldade, sentindo o poder das lembranças.

E eu concluo, então, que das besteiras que eu fiz na vida, ele foi a pior.

E a mais bonita também.

— Da para entrar no carro? — ele diz, a voz fria.

— Não. E para de me seguir. Você tá parecendo um stalker.

O que é uma ironia porque eu passei praticamente a minha adolescência toda perseguido ele.

— Harriet. — ele chama meu nome pelo o que parece ser a milésima vez e mesmo assim tem um efeito estranho sobre o meu coração e minha mente.

Eu ignoro, olhando para frente e continuando a caminhar. Mas dessa vez ele não volta a me acompanhar com o carro. Escuto a porta bater com força e, em menos de dois segundos, Sebastian está parado na minha frente na calçada.

Seus olhos me fitando com raiva e os ombros tensos.

Ele está irritado agora.

Para valer.

O que é interessante, porque não vi muitas vezes ele assim. Acho que, inclusive, posso contar nos dedos todos esses momentos.

É impressionante. Ainda mais quando estou ciente de que toda essa raiva é direcionada a mim.

— Eu não tô brincando, Harriet. A gente precisa conversar —
Sua voz é firme e séria.

Eu ergo as sobrancelhas e levanto suavemente o queixo.

— Nem eu to brincando.

Ele dá um passo ao meu alcance, encurtando a distância entre nós.

— Eu não me aproximaria muito se fosse você — eu digo, em tom de aviso. — Nuggets pode ficar agressivo quando fica superprotetor.

Sebastian encara o meu cachorro, que está literalmente balançando o rabo na direção dele, esperando por carinho.

Então ele me lança um olhar cheio de escárnio como se dissesse: “*sério, mesmo?*”.

Droga.

Eu me sinto ridícula, mas não perco a pose.

— Pode sair da minha frente, por favor? — pergunto, docemente.

Ele não se move e seu maxilar tensiona ainda mais. Ele inclina a cabeça sutilmente em minha direção, encarando-me como se eu fosse uma criança malcriada.

— *Por favor*, Harriet.— ele sibila, parecendo tentar se controlar.

Eu sustento o seu olhar intimidante e cruzo os braços no peito.

— Não.

Ele dá mais um passo. E por um momento eu tenho a impressão de que ele vai me pegar nos braços e me colocar dentro do carro.

— Não! — eu exclamo, recuando rapidamente. — Você tá vendo o casal do outro lado da rua olhando para gente? O que você acha que eles vão fazer quando te virem literalmente me sequestrando?

Isso o faz parar por um momento. Ele olha em volta, seus olhos parando no casal que, de fato, observa-nos um tanto curiosos.

Seu olhar volta para o meu e ele franze suavemente o cenho. Seu rosto está muito perto agora. Estamos cara a cara e ele rouba todo o meu ar.

— Pelo amor de Deus, Harriet,— ele diz e completa com certa ironia — eu não vou te sequestrar. Eu só quero uma chance para conversar com você.

Sebastian suspira com força. Ele tira o boné azul por um momento e passa os dedos entre os fios castanhos, logo depois colocando-o novamente, em um sinal claro de frustração.

Eu odeio que uma parte de mim queira passar os braços ao redor de seu pescoço e colar a boca na sua.

Foca, Harriet.

— Você quer eu implore? É isso? — ele pergunta, a voz ácida e áspera. — Porque eu não me importo.

A mesma intensidade que queima nos olhos dele, agora queima nos meus.

— Eu fiquei de joelhos por você por anos. Não me importaria de ver você experimentar.

Há uma pausa. Um longo silêncio em que ele absorve o meu rosto como se estivesse o vendo pela primeira vez.

E então, diante de mim, Sebastian Grant Crawford, no meio da maldita calçada, fica de joelhos.

Ele tem os olhos em mim, encarando-me por de baixo da aba do boné.

Nuggets fica extasiado e enfia a cabeça entre os seus dedos. Sebastian o acaricia, mas não desvia os olhos dos meus, sua atenção completa em mim.

E enquanto encaro o belo homem à mercê diante de mim, não consigo me mover. Não consigo me mover, porque mesmo literalmente de joelhos diante de mim, ele é extremamente

intimidante. O poder dos sentimentos que nutro por ele é avassalador.

É cruel. *E*le é cruel. Porque eu não tenho a menor chance contra o que eu sinto por ele. Eu o amo com o tipo de amor que começa batalhas e termina guerras. O tipo de amor que pode consertar ou arruinar tudo.

E ele sabe muito bem disso.

Ele tira a o boné com a mão esquerda e fixa os olhos nos meus.

— Eu não vou a lugar nenhum, Harriet. Não de novo.

Eu finalmente pisco e engulo em seco, puxando a coleira de Nuggets, que resiste um pouco, assim como o meu coração.

E, reunindo o tipo de força que nunca achei que tinha contra ele, eu dou a volta e me afasto. Cada passo parece pesar toneladas e meu coração bate loucamente.

Eu o deixo para trás.

Mas, indo embora, sei que devo isso a Harriet de treze anos.

34.

Se passa uma semana inteira em que eu não o vejo.

Ele para de mandar mensagem.

Ele para de ligar.

Ele simplesmente para de tentar.

Sebastian me deixa em paz.

E é isso que eu quero, certo? Foi por isso que pedi.

Mas eu não me *sinto* em paz. Eu não me sinto nada bem. Na verdade, eu me sinto doente. Sinto-me como se estivesse morrendo. Como se algo extremamente importante fosse tirado de mim à força e agora eu sinto um enorme vazio. O que não faz sentindo algum, porque Sebastian nunca foi meu.

E a cada dia que se passa piora, porque a verdade visceral se torna maior.

Ele me *esqueceu*.

Em alguns dias, ele fez um trabalho melhor em me esquecer do que eu fiz em quatro anos para esquecê-lo.

Talvez ele só quisesse brincar comigo. Talvez ele só quisesse provar a si mesmo que podia me ter. Que poderia me fazer escolher entre ele e o irmão.

Mas a forma que ele me olhou aquele dia em sua casa...

Ele me encarou como se eu fosse *adorada*.

Não faz sentido e a lembrança piora tudo. Eu tento focar meus pensamentos em relação a ele com raiva. Raiva por ele estar cinco anos atrasado. Raiva por me querer quando eu finalmente aprendi a viver sem ele.

E acima de tudo, raiva por ainda amá-lo tão intensamente quando há anos. Porque ao longo do tempo, eu amadureci e o meu amor por ele também amadureceu. Mas continua da mesma forma, pulsante e avassaladora quanto era antes.

É diferente, mas é igualmente trágico.

Mas eu sei que o tempo cura tudo. Ou pelo menos deixa a dor mais suportável.

Eu já fui deixada por ele antes e sobrevivi.

Eu vou fazer de novo.

Deitada na cama, tanto me concentrar no meu livro. Mas eu noto que preciso ler a mesma página cerca de três vezes para poder passar para outra.

É uma tortura, mas eu tento focar.

Em dado momento, cutuco Nuggets, que está deitado com a boca entreaberta ao meu lado, apenas para me certificar de que não está morto. Ando fazendo isso com muita frequência nos últimos tempos. Afinal, o cachorro vai fazer catorze anos.

Ele abre os olhos, parecendo incomodado com interrupção, e eu volto ao meu livro, aliviada.

Quando o romance finalmente começa a ficar interessante e eu consigo engrenar na leitura, meu celular treme no colchão. Eu ignoro, deduzindo que é algum dos meus colegas de faculdade ou Sienna mandando algum *meme*.

Mas ele toca mais uma vez.

Eu suspiro, fechando o livro e marcando a página em que estou com o meu dedo indicador.

Pego o meu celular e o nome que vejo na tela arranca o ar de meus pulmões.

Sebastian: *Eu tô em frente a sua casa*

Sebastian: *Eu vou te dar um minuto para descer e me encontrar, ou vou até a porta de entrada, e quando sua mãe ou seu pai abri-la, irei dizer que estou aqui para te ver*

Meu coração erra uma batida.

Choque, raiva e pânico explodem.

Eu pisco e lanço um olhar assustado para a janela do quarto de forma instintiva, mas não consigo ver a rua de onde estou, muito menos ele.

Volto o meu olhar para a tela.

Sebastian sabe muito bem que meus pais descobrirem seria a última coisa que quero no momento. Ainda nem os contei sobre o término com Corey. Quero conversar com ele antes, mas Corey ainda está em Toledo.

Sebastian: *Se passaram 40 segundos.*

Sebastian: *Você tem 20 agora, princesa.*

Eu largoo o livro e pulo da cama como se ela fosse feita de chamus.

Nuggets me retribui um olhar um tanto confuso por causa do movimento brusco.

Estou de calça de moletom e uma blusa de algodão branca da *Abercrombie* que geralmente uso para dormir (com duas pequenas manchas de sopa que comi no jantar), mas não tenho tempo para me trocar.

Sei que Sebastian não está brincando.

Ele não é o tipo de cara que blefa.

Calço chinelos de dedo e pego o meu celular, deixando o meu quarto. Desço as escadas torcendo para que ninguém esteja na cozinha ou na sala de TV quando eu for passar pela porta. Para o meu enorme alívio, está tudo vazio.

Eu praticamente corro em direção à porta, e assim que saio, vejo a caminhonete de Sebastian parada ao lado da calçada em frente à entrada da casa. Os vidros estão fechados, mas eu fito o

carro fixamente, inspirando fundo para criar coragem ou o que quer que seja que eu precise para encará-lo.

Eu sei que ele está me observando também, apesar do insulfilme escuro, que me impede de encontrar seus olhos.

Tranco a porta atrás de mim e forço as minhas pernas a se moverem, atravessando o jardim com o corpo todo tenso. Tento não ficar muito consciente da forma em que pareço agora. Nenhuma maquiagem, cabelos embaraçados e pijamas manchados de comida.

Faço o contorno pela traseira do carro e abro a porta do carona.

Sebastian tem uma das mãos apoiadas na porta e a outra na marcha. Seus olhos me seguem enquanto eu entro.

Sou inundada com o cheiro de Sebastian misturado com couro assim que me sento. Fecho a porta e coloco o cinto sem lançar um olhar sequer em sentido ao seu rosto. É difícil, mas acho que é ainda mais fácil do que encará-lo.

Cruzo os braços e foco os meus olhos no vidro da frente. Ele não avança de uma vez, e sinto o dourado em mim, à medida que ele também permanece em silêncio.

Ficamos desse jeito por alguns segundos torturantes.

É pesado.

Ainda mais estando tão perto assim dele. Não há ar o suficiente dentro do carro para ambos.

A música é baixa nos alto falantes das portas, uma música antiga e lenta.

Ele finalmente gira a chave, voltando os olhos para a dianteira. Nós vamos para a estrada e eu permaneço o meu olhar nos carros e casas passando por nós.

Eu odeio o silêncio, nunca lidei bem com ele. Mas realmente não tenho ideia do que falaria para ele se abrisse a boca agora. E, sendo sincera, prefiro não saber.

— Eu diria para você sorrir, mas você fica adorável emburrada.

Eu pisco ao ouvir a sua voz, por fim tirando os olhos da paisagem.

É um erro, porque meu coração sente a pancada quando fito o perfil de seu rosto.

Ele não está olhando para mim; sua atenção está na estrada. Mas eu não consigo deixar de notar o humor puxando quase de

forma imperceptível o canto de sua boca.

Eu semicerro os olhos suavemente.

— Por que você tá assim? — pergunto com uma mistura de irritação e desconfiança.

Ele tira os olhos da estrada para me encarar.

Noto o seu rosto com cuidado, apesar da pouca iluminação. Está quase completamente curado.

— Como?

— Como se estivesse quase... *Feliz*. Estou irritada com você. Não quero estar aqui — declaro.

E isso é uma meia verdade, porque minha mente e meu lado racional ainda têm todos os argumentos de que eu não deveria estar com ele. De que ele vai me machucar ainda mais. De que eu tenho muito mais a perder, porque sou completamente louca por esse homem.

Mas meu coração...

Meu maldito coração está galopando de felicidade, como se fosse a manhã de Natal, o Ano Novo e a Páscoa, tudo junto.

Ele tira os olhos dos meus para fitar a estrada novamente.

— Essa mentira é para mim ou para você? — ele pergunta com claro tom de provocação.

Eu mordo o lábio inferior, como se tentasse segurar as palavras feias que estou tentada a dizer a ele.

Alguns minutos se passam e penso sobre aonde estamos indo, mas não quero perguntar.

— Eu não te contei sobre o Corey, porque não queria te passar uma informação possivelmente falsa. Se eu tivesse errado, você jamais me perdoaria. Você acharia que eu fiz para ferrar as coisas entre vocês e tirá-lo do meu caminho. — Ele faz uma pausa e eu viro a minha cabeça, o encarando. Seu rosto é sério e sincero enquanto dirige e então ele assume. — Eu queria o tirar do caminho, mas não desse jeito.

E isso é o suficiente para a minha mente teimosa ceder um pouco. O que deixa o meu coração besta em uma vantagem incrível nessa batalha. Mas me mantenho em silêncio, e depois de alguns segundos, ele ergue o braço direito até o painel do carro, trocando as músicas manualmente. Distraio-me com a sua mão grande e seus dedos longos até que ouço a melodia.

Eu tiro os olhos para encará-lo, mas ele não me fita de volta.

O vocalista começa a cantar as primeiras palavras que conheço tão bem. Eu não escuto essa música há anos. Tenho a evitado desde que comecei meu namoro com Corey. Mas eu costumava ouvi-la em *lopping* quando tinha dezesseis anos e na maioria das vezes eu acabava chorando junto as notas.

Era puro masoquismo.

Whispered something in your ear

It was a perverted thing to say

But I said it anyway

Made you smile and look away

(Sussurrei algo em seu ouvido

Foi uma coisa pervertida para se dizer

Mas eu disse mesmo assim

Fiz você sorrir e desviar o olhar)

Meu coração galopa no meu peito e faço esforço para não começar a chorar, porque a melodia me deixa sensível e as

lembranças também.

E, acima de tudo, porque ele lembra.

Sebastian *lembra*.

Eu desvio o olhar para janela e observo a rua escura, escutando a melodia com o coração apertado.

— O que estamos fazendo aqui? — eu pergunto quando estacionamos próximo da casa do seu tio.

— Vem — ele diz, abrindo a porta do carro e saindo.

Eu quero ficar irritada, mas não consigo. Então apenas abro a porta e saio também, seguindo-o conforme andamos. Paramos em frente ao portão da garagem fechada e Sebastian aperta um botão, que faz com que ele começa a se levantar lentamente.

— Não vou transar com você — eu declaro, de repente.

Eu sinto o rubor subir pelas minhas bochechas assim que as palavras deixam a minha boca.

Sebastian deixa de observar o portão e vira o rosto para o meu. Ele me encara e um sorriso lento se abre diante da minha constatação, apesar dele parecer estar tentando se manter sério.

— Tudo bem — ele diz, cauteloso, mas tem algo na forma em que ele fala e no tom de sua voz que faz os pelos da minha nuca se arrepiarem.

Eu troco o peso dos pés.

— Por que temos que conversar na sua garagem? — pergunto, mudando de assunto.

Sebastian não olha para mim.

— Tenho algo para você.

Eu semicerro os olhos.

— Você não arranjou mais gatos, arranjou?

Isso me rende mais um sorriso.

— Não.

A porta está completamente aberta e nós adentramos a garagem. Eu um pouco mais insegura, alguns passos atrás.

Há madeira por todo o lado, assim como o seu material. Mas há algo em particular que me chama atenção. Está no centro e está coberto por um lençol.

Sebastian continua andando, mas eu paro onde estou.

Ele para ao lado do que quer que esteja coberto pelo lençol branco. Seus olhos encontram os meus, sérios.

— Eu falei sério naquele dia sobre implorar. Você me amou demais e por tempo demais. E eu só te machuquei. Então eu vou implorar a partir de agora, Harriet. Não me importo do jogo virar. Não me importo de ter que fazer isso pelos próximos cinco anos, ou dez, se isso quer dizer ter uma chance com você. — Ele faz uma pausa, encarando-me fixamente. — Na verdade, se você deixar, vou passar o resto dos meus dias tentando te recompensar. E comecei por aqui.

Então antes que eu possa processar direito suas palavras, ele se vira e ergue uma das mãos, tirando o lençol de cima e revelando o que está escondido.

É um piano.

Um belo piano de cauda e madeira clara que tira completamente o meu fôlego.

Eu congelo, levantando o meu olhar para ele. Seu rosto continua intenso em mim, lendo o meu rosto.

Eu volto a encarar o piano e ando em passos lentos. Conforme eu vou me aproximando, noto que há textura na madeira,

devido a gravuras feitas por todo o instrumento. Eu não entendo o que é até ficar parada diante dele.

Por toda a madeira do piano está escrito “eu te amo”.

Tão pequeno e tantas vezes que as palavras se fundem, formando um padrão belo e dando uma aparência única ao instrumento.

Eu te amo.

As três palavras se repetem na minha cabeça enquanto eu tento digeri-las.

— Duas mil e trezentos e sessenta e sete vezes — ele diz, quebrando o silêncio com uma voz suave, porém grave. — Você disse que me ama desde que me conheceu, há seis anos e meio. Isso é exatamente duas mil e trezentos e sessenta e sete vezes. Gravei cada um deles no piano.

Eu levanto o olhar para encontrar o dele, a honestidade e a seriedade em sua expressão me tocando com intensidade.

— Você me ama? — A minha voz sai em um sussurro.

Um sorriso abre em seus lábios, mas não há humor em seus olhos.

— O que você acha, Harriet?

Eu recuo diante de sua pergunta desviando o olhar por um momento.

— Eu não sei, Sebastian. — Minha voz é amarga. — Eu só sei que te amo desde que tinha treze anos e parece muito surreal que finalmente você tenha resolvido, *de repente*, retribuir.

Ele hesita e abre os lábios, mas os fecha logo depois.

Então balança a cabeça, quase como se estivesse perturbado. Com os olhos dourados queimando, ele abre a boca novamente.

—Você é a última coisa que penso quando me deito a noite. Eu passo o dia inteiro na loja me perguntando se por algum milagre você vai aparecer. Qualquer coisa remotamente interessante ou feliz que acontece comigo eu quero por alguma razão compartilhar com você. Eu não consigo ver um maldito filhote sem pensar em como seu rosto se ilumina quando você vê um. Eu passo o dia ouvindo a sua risada como uma música que não consigo tirar da cabeça. — Ela trava e inspira fundo. — Então estou te perguntando, Harriet. O *que você acha?* — ele repete, devagar.

Eu engulo em seco, sentindo o impacto de sua palavras. Sua voz soa sincera.

Mas conforme elas processam em minha mente, outras palavras, mais antigas, atravessam a minha memória. Elas se chocam umas contra as outras como se estivessem em uma luta em minha cabeça.

Eu separo os lábios, e sei que elas vão doer ao sair da minha boca, mas preciso dizê-las.

— Eu não te amo e nunca vou te amar. Você é mimada, irritante e imatura. Você é a irmã mais nova do meu melhor amigo que não me deixa em paz. — eu faço uma pausa, com a voz fraca, porque é difícil demais. As palavras queimam em minha garganta. — Eu não vou lembrar de você, então faça um favor a si mesma e esqueça. Me esqueça, Harriet.

Eu vejo o impacto instantâneo que elas têm em Sebastian assim que ele as reconhece.

É como um soco.

E eu gosto.

Eu gosto de ver que elas o machucam, porque elas me quebraram anos atrás.

— Harriet — ele diz meu nome como um suspiro de súplica.

— Você disse coisas horríveis. Você foi cruel. — Eu sinto as lágrimas teimosas começarem a cair. — Você foi um monstro.

Ele inspira lentamente, fitando-me. Sebastian está do lado oposto do piano. Ele o contorna, se aproximando.

Ele para diante de mim.

— Eu tenho muitos arrependimentos na vida, Harriet. Mas ter te dito todas aquelas coisas naquela noite, não é um deles. Eu não podia ficar. E eu não podia suportar a ideia de você continuar me amando. Odiar um monstro é muito mais fácil do que amá-lo.

— Eu nunca te odiei — eu solto a verdade que abominei por tanto tempo. — Eu tentei, mas nunca consegui.

Ele dá um passo em minha direção.

— Eu sei. Eu sinto muito.

Eu ergo uma das mãos para limpar as lágrimas que escorrem do meu rosto.

Sebastian dá mais um passo e fecha a distância entre nós.

— Não chora, princesa. — Ele passa os braços em minha volta e eu deixo que ele me acolha em seu corpo quente e firme. — Me mata quando você chora.

Uma de suas mãos deixa as minhas costas e vai até a minha bochecha, limpando uma lágrima com o polegar. Isso não faz que eu pare de chorar. As lágrimas continuam caindo e ele me abraça por completo, minha cabeça contra o seu peito.

— Você me deixou.

As palavras arranham a minha garganta. E a acusação dolorida é tão baixinha que, por um momento, eu tenho a impressão de que ele não a ouviu.

Ele desfaz o aperto e ergue o meu rosto, levando os dedos em meu queixo. Nosso olhar se alinha.

— Eu não vou mais fazer isso. Nunca mais, Harriet. Estou aqui agora. Pelo tempo que me quiser.

Para sempre, então.

O calor de seu corpo me envolve e o seu cheiro domina cada parte de mim.

Eu me sinto extasiada. Sinto que finalmente estou onde deveria estar.

— Eu amo você, Harriet. E eu sei que demorou para caramba mas eu amo você. — ele inclina o rosto até que nossas testas se

toçam e eu sinto a sua respiração contra a minha pele. — Desculpe pelo atraso, meu amor.

Eu levanto o rosto e, na ponta dos pés, levo a minha boca até a dele. Porque preciso de mais dele. Mas acho que, na verdade, jamais terei o suficiente.

Minhas lágrimas agora são de felicidade. Meu coração se enche com o tipo de amor que eu nem sabia que existia.

É amar profundamente e saber que é amado da mesma forma.

É cósmico.

Nossas línguas entrelaçam em uma dança que aos poucos se torna desesperada. Eu agarro os seus cabelos e sinto a sua ereção na minha barriga. Eu gemo suavemente, querendo mais.

Sebastian afasta a cabeça apenas um pouco, e com os lábios ainda contra os meus, ele diz:

— Achei que não você não ia transar comigo.

Seu tom é malicioso, com um toque de humor.

— Mudança de planos — eu murmuro contra sua boca, apertando-me ainda mais contra ele.

Consigo sentir o seu sorriso em minha boca. E talvez seja a coisa mais erótica que já presenciei em toda a minha vida, porque isso lança um sinal direto para o meio das minhas pernas.

Ele me pega no colo e eu enlaço as minhas pernas contra sua cintura.

— Aonde? — ele pergunta com a boca no meu pescoço.

Meus olhos estão fechados e meu núcleo já dói.

— No piano — eu sopro.

E consigo sentir outro sorriso seu, só que agora no meu pescoço.

Ele me coloca contra o piano. E quando estamos sem roupa e ele está prestes a entrar em mim, Sebastian me encara intensamente.

— Eu pertenço a você, Harriet. Como as estrelas pertencem ao céu, eu sou inegável e infinitamente *seu*.

35.

Corey volta para Veahmond no final daquela semana.

Ele toca a campainha da minha casa às oito horas da noite de um sábado. Eu desço as escadas e abro a porta, encontrando-o de pé, com as mãos nos bolsos da jeans.

Ele não mandou mensagem ou ligou avisando que viria, então a primeira coisa que me invade é a surpresa.

— Corey — eu solto em reconhecimento.

Ele rasga um pequeno sorriso, mas não é um sorriso feliz. É meio triste, envergonhado e com um toque melancólico.

— Oi — ele diz e abre a boca como se fosse falar mais alguma coisa, então a fecha. Mas ele tenta de novo. — Podemos conversar?

Eu assinto e bato a porta atrás de mim. Nós atravessamos o jardim da frente e nos sentamos na beira da calçada.

A noite está fresca e há postes de luz iluminado toda a vizinhança tranquila.

— Então... — Corey diz, apoiando os cotovelos sobre os joelhos. — Eu nem sei por onde começar.

Nem eu para ser honesta. É tanta coisa não dita, tanta mentira e mágoa que é difícil colocar para fora.

Mas eventualmente eu acabo perguntando:

— Quando começou?

Ele fita o asfalto.

— No segundo semestre da faculdade. Foi quando a gente começou a ter dificuldade de se encontrar com frequência e eu — ele faz uma pausa —, sei lá... Eu sabia que era errado, mas eu sentia quase como se fossem duas vidas diferentes. Minha vida universitária no campus e a vida com você aqui em Veahmond. Nunca fiquei com ninguém aqui na cidade — ele adiciona como se fosse um consolo.

— Devo agradecer? — pergunto, sem conseguir evitar.

Ele respira fundo e fita meus olhos.

— Eu sinto muito, Harriet.

Ele parece arrependido de verdade, então pergunto com a voz mais suave:

— Por que você simplesmente não terminou as coisas?

— Eu pensei nisso depois que... que fiquei com a primeira garota. Mas me acomodei com a situação. — Ele dá um sutil balançar de ombros. — Você estava tão longe, fazendo as suas próprias coisas, o tempo passou e eu deixei rolar. — Ele faz mais uma pausa, e seus olhos voltam a encontrar os meus. — E eu gostava de você. Eu *gosto* de você, Harriet. Somos Corey e Harriet. Amigos que se transformaram em namorados. Éramos os queridinhos do ensino médios. Nossas famílias se dão bem. Nós nos damos bem. A maioria dos seus amigos são meus amigos e você é uma namorada incrível. *Era* — ele se corrige, rapidamente, e há um tom um pouco amargo e triste quando diz a palavra. — E haviam tantas festas, tantos amigos solteiros... Eu pensei que talvez fosse uma fase, que eu ia aproveitar alguns semestres da faculdade como todos os jovens da minha idade e ia tirar do meu sistema, sabe?

Mas eu não sei, porque durante todo o meu tempo na faculdade, não tive vontade de tirar nada do meu sistema. Então fico em silêncio.

— Então, você e... meu irmão — ele diz com clara dificuldade. — Começou antes?

Eu assinto, e dessa vez sou eu quem desvio o olhar.

— Em 2015. Alguns dias antes do verão acabar.

— Por que você mentiu sobre a sua primeira vez com ele?

Por que não me contou? — ele soa genuinamente ferido.

Eu inspiro fundo, antes de de olhar para ele.

— Bem, para começar, era algo que eu queria esquecer. Era uma lembrança que me machucava. E também porque achei que podia estragar as coisas entre nós. Que talvez você achasse a situação estranha e complicada demais.

Corey coloca as mãos nas laterais do rosto e balança a cabeça, enquanto tem olhos para frente.

— Óbvio que eu sabia que você tinha algo por ele quando a gente era mais novo, todo mundo sabia, mas eu achei que tinha passado. Quando namorávamos nem se passava pela minha cabeça...

O seu intervalo se torna muito longo, criando mais um silêncio pesado entre nós.

Eu olho para o homem que conheci ainda um garoto.

Começamos a estudar juntos quando tínhamos 13 anos e ao longo dos anos fomos nos aproximando. Foi gradual, porque

primeiro éramos conhecidos do mesmo grupo social. Depois nos tornamos amigos. E cerca de um ano depois que Sebastian foi embora, nos tornamos namorados.

Por ironia, uma das coisas que nos aproximou foi justamente Sebastian. Eu lembro que estávamos em uma festa e eu estava irritada por causa de algum ciúme idiota em relação a Gray. Acostumava acontecer com frequência quando eu era mais nova. Gray tinha sucesso em tudo, escola, esportes, amizades. E eu sempre me senti meio ofuscada.

Naquela noite, havia quase 7 meses que Sebastian tinha ido embora. E nós nos conectamos com o fato de sentirmos que vivíamos sob a sombra de nossos irmãos mais velhos. A partida de Sebastian, mesmo já não tão recente, ainda era muito comentada, principalmente na escola. Eu imaginava como deveria ser irritante e frustrante para ele ter que ficar ouvindo sobre Sebastian e aquela noite em que foi embora.

Aquela dia, naquela festa, foi a primeira vez que nos beijamos.

— Eu sei, mas eu também. Depois que ele foi embora, aos poucos, eu consegui silenciar um pouco o que eu sentia por ele. Eu

consegui me convencer de que havia superado. Mas eu nunca... —
As palavras se agarram, porque é difícil admitir, principalmente para
ele. — Eu nunca o esqueci.

Corey se vira, tornando seu olhar bem distante e observando
algum ponto qualquer no final da rua.

Fico ansiosa, desesperada para saber o que está pensando.

— Você algum dia me amou? Ou eu era só uma versão
disponível do meu irmão?

As palavras intensas me pegam de surpresa e também me
ferem. Não acho que a sua intenção seja me atingir, mas acontece
de qualquer forma.

Seus olhos encontram os meus e eu abro a boca:

— Eu nunca te vi dessa forma. Vocês são duas pessoas
completamente diferentes. E eu te amei. Só era... Diferente.

É difícil explicar isso para ele, porque até para mim às vezes
é confuso.

Cheguei a conclusão de que amei Corey como amigo e
depois como meu primeiro namorado quando finalmente cruzamos a
linha.

Mas Sebastian...

Eu o amei e o amo como o amor da minha vida.

Não tinha ou tem nada a ver com Corey. Tem a ver com qualquer um que não seja Sebastian.

Ele assente, devagar, e um longo momento se passa. Quando ele volta a falar, não há mais tanta mágoa na sua voz, apenas um tom de desconforto.

— Você e ele estão juntos? Tipo, para valer?

Eu assinto, chocando a mim mesma com a realidade.

Estou namorando Sebastian Grant Crawford.

Bem, eu acho, pelo menos.

Não é como se Sebastian tivesse me pedido em namoro, mas ele me deu um piano com *eu te amo* gravado nele duas mil e trezentos e sessenta e sete vezes. Então estou bem confiante.

— E você? — Eu ergo uma das sobrancelhas sutilmente. — Está com a Vanessa?

Ele abre um sorriso meio fraco e sem graça, e sacode os ombros sem me encarar.

— Acho que sim.

— Ela parece legal — eu digo, cutucando o meu ombro com o dele.

Corey olha em minha direção, semicerrando os olhos.

— Sério! — eu digo, sinceramente. — Talvez, se as circunstâncias fossem outras, seríamos *bffs*.

Eu sorrio e Corey balança a cabeça, apesar de eu notar a sombra de um sorriso atravessando a sua boca.

— Olha, eu sei que não posso te pedir isso. — Eu limpo a garganta, nervosamente. — Mas... Não o odeie. Não por causa disso pelo menos. A gente não queria te machucar. Não estou pedindo para perdoá-lo, ou sequer dar uma chance, mas no fundo, eu sei que você sabe que ele é uma boa pessoa e que se importa com você.

Ele não diz nada. Parece digerir as minhas palavras e refleti-las.

— Eu sinto muito, Corey — eu falo, finalmente.

Ele me encara.

— Também sinto, Harriet.

É triste, mas não dói.

É como ver um filme de trágico em que o protagonista morre no final. Mas você entende que é necessário para o desenrolar da história e o propósito da obra.

É a morte do nosso relacionamento de três anos. E talvez da nossa amizade também.

Então é realmente triste, mas é o certo.



— Você quer que eu quebre a cara dele? — pergunta Gray, do sofá, alguns minutos depois de eu voltar para dentro.

Seu rosto é sério enquanto me observa.

Eu rolo os olhos.

— Não, já falei que eu também o traí. Seria hipocrisia. Além do mais, estamos ok.

Gray dá de ombros.

— Mas eu sou seu irmão; não me importo com hipocrisia.

Eu quase sorrio, apesar das palavras um tanto idiotas.

— E com quem você o traiu de qualquer for...

A campainha toca, interrompendo-o.

Imensamente grata, eu começo a notar que talvez seja a hora de contar a verdade. Mas só de pensar nisso, meu corpo reage com uma onda de nervosismo.

Gray vai até a porta e eu escuto a sua voz da sala.

— Porra, até que enfim. Tava prestes a passar na loja ou na casa do seu tio para te arrancar para sair.

Meu corpo gela no sofá e meu coração pula mais rápido quando ouço a voz de Sebastian.

Alguns segundos depois, os dois estão na sala. Seus olhos encontram os meus e eu tento parecer um pouco menos extasiada ao vê-lo. Minha inclinação é levantar do sofá e correr para beijá-lo, mas obviamente não faço isso. Gray não sabe ainda. Na verdade, as únicas pessoas que sabem até agora é Sienna e Corey.

— Oi — eu digo, mantendo-me sentada, à medida que me remexo desconfortavelmente contra o sofá.

O canto do lábio de Sebastian puxa para cima e ele me observa com um olhar repleto das coisas que ele não deve dizer.

— Oi — ele devolve.

Eu desvio o olhar ao escutar a voz do meu irmão.

— Ei, cara. Senta — diz Gray, distraído na tela do celular enquanto se joga no poltrona.

Sebastian se aproxima e se senta no sofá oposto ao meu, nossos olhos se alinhando.

— O que vocês estão assistindo? — ele pergunta, lançando um olhar para a TV.

— Amor e Outras Drogas — Gray praticamente resmunga. — É o favorito da Harriet.

— Terrível filme — Sebastian diz, claramente com o único intuito de me provocar.

— É que o Jake Gyllenhaal é um gato.

Sebastian ergue uma sobrancelha em minha direção.

— Jura?

Dou de ombros.

— Eu tenho um lance por tatuagens.

Eu não consigo evitar de sorrir e também de corar diante do olhar que Sebastian me lança.

— Acabei de receber uma mensagem de Brad. Ele tá dando uma festa na casa dele — Gray se pronuncia, tirando os olhos do

celular e encarando Sebastian.

Meu irmão se levanta da poltrona, guardando o aparelho no bolso. Mas vê que Sebastian não se move.

— Qual foi? Não tá a fim de ir? — ele pergunta, observando o amigo.

— Nem um pouco.

Gray franze o cenho e faz uma careta.

— Por quê? Uma festa cheia de garota gostosa e bebida.

Não consigo evitar a pontada de ciúmes diante de suas palavras, porque só a imagem de garotas gostosas e potencialmente bêbadas perto de Sebastian faz meu coração apertar.

— Tô a fim de uma garota — ele declara.

Gray cai de novo na poltrona, como se estivesse derrotado.

— Ah, sério? Ainda aquela mesma garota? Essa vadia tá aca...

— Cuidado com a boca — Sebastian o corta.

Isso chama a atenção de Grey e ele encara o amigo com curiosidade.

Eu fico como espectadora, observando atentamente o trocar de palavras.

— Quem é? Como ela é?

Sebastian não me encara, mas abre um meio sorriso que sei que é para mim.

— Engraçada, linda, inteligente.

Eu fico corada. Eu sei. É ridículo e ele não está dizendo nada de mais, mas eu preciso me segurar para não voar do sofá e avançar na direção dele.

— É gostosa? — indaga Gray, tirando-me dos pensamentos agradáveis.

— Você não vai querer saber sobre isso.

Meu irmão franze o cenho.

— Claro que vou.

Eu encaro o meu irmão, incomodada.

— Deixa de ser nojento, Gray.

Meu irmão olha para mim.

— Desde quando você se importa com essas conversas?

Antes que eu possa responder, ele se volta para o amigo, ignorando-me.

— Gosta dela de verdade? — Gray pergunta, enfatizando o “de verdade”.

Sebastian abre um meio sorriso.

— De verdade.

— E ela gosta de você?

Ele balança os ombros.

— To confiante que sim.

— É oficial? Vocês tão tipo... *Juntos*?

Meu coração erra uma batida, mas não tenho tempo de surtar e super analisar tudo, porque Sebastian não hesita em responder.

— Estamos. Não cheguei a pedir em namoro formalmente, mas para mim, é bem oficial.

Gray parece quase tonto diante de todas essas informações. Ele franze o cenho, cheio de indignação e confusão.

— Quê? Sério? Quem é essa garota afinal?

Então o olhar de Sebastian encontra o meu e ele abre um sorrisinho que é capaz de fazer uma garota cair desmaiada.

Graças a Deus estou sentada.

— Eu não vim aqui para te ver, Gray — ele declara, ainda me fitando.

Um momento se passa e o silêncio se instala. Nosso olhar é quebrado quando Gray abre a boca, incrédulo. Eu o fito, vendo toda a confusão e surpresa banhar sua expressão.

Ele olha para mim. Olha para Sebastian. Então para mim de novo.

— Não. — Ele pisca algumas vezes. — Como...

Ele se volta para Sebastian.

— Mas você não dava a mínima para... — Então ele para, gaguejando, e se volta para mim. — E você... você tá com o irmão de...

Ele fecha a boca e o vejo começar a ligar os pontos.

— Isso é uma brincadeira? — ele pergunta com a voz mais firme agora.

Eu balanço a cabeça.

— Não — eu e Sebastian dizemos em uníssono.

Gray, de repente, levanta-se. Seus olhos estão unicamente em Sebastian agora. E os vejo queimar.

— A minha irmã? — Ele dá um passo para frente. — A minha *irmã*?

Um segundo se passa. Sebastian continua sentado, observando meu irmão sem muito receio.

Gray é um cara leve e alegre. É muito estranho vê-lo dessa forma.

— Sua irmã não é mais uma criança — Sebastian declara, então pausa por um momento e conclui: — Não fiz nada que ela não quisesse.

Eu inspiro devagar ao ver a expressão do meu irmão.

Não é nada boa.

— Eu vou te matar — ele declara e dá um passo à frente.

Agradeço a mesinha de centro que há entre eles, porque dá tempo de eu correr até ficar na frente de Sebastian.

— Não, para, Gray. Eu sei que isso é difícil para você. Ele é seu amigo de infância e eu sou sua irmã e eu sei que não faz muito senti...

Ele me interrompe.

— Sai da minha frente, Harriet — ele diz, entre dentes. — Eu vou matar ele.

— Não vai — eu digo, batendo o pé no chão como uma criança de cinco anos que não recebeu o brinquedo que queria no Natal.

Minha voz é alta e firme o suficiente para fazer com que os olhos de Gray deixem Sebastian e encontrem os meus.

— Me dá uma boa razão para eu não arrancar a cabeça dele fora. — Sua voz é fria.

Eu dou de ombros e simplesmente falo a verdade:

— Eu o amo.

Gray hesita. Seus olhos estão fixos nos meus e, aos poucos, a sua expressão suaviza.

— Desde quando?

— Desde sempre. Você sabe disso.

Ele nem pisca.

— Você era uma criança.

— Não sou mais — rebato.

Ele fica alguns segundos em silêncio, seu corpo se tornando menos tenso.

Gray volta o olhar para Sebastian.

— É recíproco?

Eu me viro, ficando de frente para o sofá e encarando Sebastian também. Ele tem o rosto sério, observando o meu irmão.

Sebastian finalmente se levanta, ficando de frente para Gray.

Eu recuo um passo, observando-os.

— É. — Ele assente. — Posso te dar essa certeza, porque no momento, é a única que eu tenho.

Meu coração sente as suas palavras e consigo ouvir as batidas mais intensas no peito.

Elas também não passam despercebidas por Gray, que o observa longamente. É como se estivesse vendo Sebastian pela primeira vez.

— Eu preciso te dar um soco — ele declara, de repente.

Meus olhos encontram o meu irmão, arregalados e confusos.

— Quê? — eu quase grito.

— Preciso dar um soco nele, por transar com a minha irmãzinha. — Ele dá de ombros, como se fosse um argumento muito válido. — Preciso tirar do meu sistema.

Eu pisco.

— Você não pode estar falando sério.

Isso não faz o menor sentido, mas parece que só eu me sinto assim, porque Sebastian não expressa da mesma surpresa ou indignação.

— Justo — ele diz.

Eu o encaro.

— Você já está todo machucado — eu argumento, frustrada.

— Fique tranquila, princesa. Seu irmão sempre teve um péssimo gancho de direita — Sebastian provoca.

Um meio sorriso sádico abre na boca do meu irmão enquanto ele encara Sebastian.

— É, não se preocupe, Hatty. Não vou fazer estrago a ponto de acabar com o rostinho bonito permanentemente. Só o suficiente para doer como o inferno.

Sebastian devolve o sorriso.

— Vá em frente. Mas dê o seu melhor, porque você só tem um.

Idiotas.

Homens são todos idiotas.

Eu bufo, indignada.

Gray levanta o punho em direção ao amigo e o atinge.

O rosto de Sebastian se vira com o impacto e eu me contorço ao ouvir o som da carne se chocando contra carne.

Gray abaixa o punho e Sebastian levanta a mão direita ao rosto. Ele torce o maxilar, quase como se para chegar que ainda está funcionando.

— Melhor? — Sebastian pergunta, os olhos de volta para o amigo.

— Você não faz ideia.

— Secretamente, sempre quis fazer isso, não é?

A resposta de Gray é um breve sorriso.

— Não vou mentir: algumas vezes. — Mas, de repente, fica sério. — Se machucar ela...

Sebastian interrompe.

— Eu sei, vou ter disso multiplicado por dez.

— Cem — enfatiza meu irmão.

Eu rolo os olhos, colocando as mãos na cintura.

— Acabaram?

Os dois se viram para mim, então Gray se volta para o Sebastian. Seu olhar é amigável agora, beirando a emocionado.

— Bem-vindo à família, cara.

Eles trocam aquele aperto de mãos de caras que envolve um meio abraço, e eu os observo de onde estou.

É um tanto adorável, sendo sincera.

— Bem, vou para a festa do Brad. Depois dessa realmente preciso de uma bebida — Gray anuncia, afastando-se.

Ele pega o casaco jogado no sofá e sai da sala murmurando um “inacreditável”.

Eu observo meu irmão se afastar, e quando olho para Sebastian, noto que ele também tem os olhos em mim. Ele me fita por um momento e a sua expressão é a mesma que a minha: Aliviado por finalmente estarmos a sós.

Sebastian se aproxima e eu dou passos em sua direção, encontrando-o no meio do caminho.

Eu passo os braços ao redor dele, assim como ele faz comigo. Absorvo seu cheiro e o calor de seu corpo.

Ele inclina o rosto e eu ergo o meu para encontrar seus lábios.

— Dói? — eu pergunto, assim que afasto o meu rosto e olho o lado esquerdo da sua face.

— Não muito. Já levei pancadas maiores.

Minha expressão se torna triste ao lembrar do quanto Corey o machucou naquele dia.

Ele parece ler isso em minha expressão.

— Você sabe que eu precisava deixar que ele fizesse aquilo. Eu me apaixonei pela namorada dele. Mereci cada golpe.

Meus braços se apertam com mais força contra ele.

— Eu sei.

Já tínhamos conversado sobre aquilo. Corey não merecia a minha lealdade e não tinha o direito de exigir nada de mim. Mas as coisas entre ele e Sebastian eram completamente diferentes.

— Sabe — ele começa, colocando a cabeça no meu pescoço e inspirando contra o meu cabelo — estar com você está custando um preço caro para o meu rosto.

Sua voz é rouca e eu sei que há um toque de humor e ironia, mas de qualquer forma, uma pontada de culpa atravessa o meu corpo.

Afasto a minha cabeça para encará-lo.

— Eu sinto muito. — Dou um beijo logo abaixo de seu olho, no pedaço de pele que começa a ficar vermelha.

Ele me aperta ainda mais contra seu corpo.

— Ah, princesa, não sinta. — Ele sorri. — Acredite em mim, vale a pena.

36.

Tem uma coisa complicada sobre namorar Sebastian Grant Crawford.

É realmente difícil ficar com as mãos longe dele.

Eu chego a dormir na casa do tio dele por três noites seguidas. Nós passamos boa parte desse tempo na cama (ou no chuveiro), para ser honesta.

Mas às vezes Sebastian vai para a garagem trabalhar. Ele colocou uma cadeira acolchoada no canto para que eu pudesse ficar com ele enquanto trabalha. Eu cheguei a levar um livro para me distrair conforme ele faz o que precisa fazer, mas nunca consigo ler mais de um par de páginas. A visão dele cortando e polindo é bem mais interessante e tira o meu foco de qualquer outra coisa.

Acabo desistindo para ficar o observando. Sua concentração ao analisar cada pedaço de madeira, suas mãos grandes passando pelas texturas e seus músculos se contraindo quando ele pega algum pedaço particularmente grande e pesado.

Sebastian fica quieto na maior parte do processo, mas vez em quando ele me pergunta alguma coisa que faz com que eu desate a tagarelar. Mas ele não parece se incomodar com a quantidade de palavras que eu vomito por minuto. Inclusive, ele parece gostar, dando um sorriso ou outro entre as minhas divagações.

— Pode tirar a camisa, por favor? — eu perguntei, certo dia.

Afinal, se eu ficaria ali como espectadora, gostaria de poder observar o máximo possível.

Sebastian não discutiu, apenas me lançou um meio sorriso e tirou a camisa, expondo a visão que eu queria.

— Sabe, às vezes, eu sinto que você me objetifica — ele comentou.

Dei de ombros.

— Eu faço.

Mas qualquer pessoa que tivesse acesso aquela visão, faria a mesma coisa.

— Algum problema? — eu perguntei, sustentando o seu olhar com um leve erguer de sobrancelha.

Ele se aproximou lentamente, balançando a cabeça.

— De forma alguma.

E isso causou uma pausa no trabalho e na minha leitura frustrada, porque logo após acabamos transando no balcão que ele usa para medidas.

A questão é que, eventualmente, sei que tenho que voltar para casa.

Porque um: preciso de mais roupas.

Dois: meus pais vão começar a ficar incomodados com o tempo que estou fora.

Três: sinto falta dos meus animais.

E quatro: quero dar um espaço antes que ele pense que eu sou um pouco louca e estou obcecada, apesar de suspeitar que ele já saiba disso.

Ao chegar em casa, Nuggets me recebe como se não me visse há mil anos e eu sinto uma leve onda de culpa.

— Eu sei, eu sei. Também senti a sua falta.

Ele lambe o meu rosto e eu fecho os olhos em uma careta.

— Você ainda é o homem da minha vida — eu faço a confidência próxima a sua orelha.

Passo a tarde toda em casa com os meus animais tentando me distrair para não pensar em Sebastian o tempo inteiro, mas é em vão.

A noite, quando meus pais chegam, ficamos juntos, conversando. Sei que logo terei que contar à eles sobre meu relacionamento com Sebastian. Mas não agora. Acabei de contar que terminei com Corey. Simplesmente seria muito confuso e muita informação ao mesmo tempo.

No dia seguinte, com vergonha de admitir, mas já com saudades, bato na porta de Sebastian.

Mas sou pega de surpresa quando a porta é aberta alguns segundos depois, porque quem está parado em minha frente não é Sebastian, e sim uma garota.

É quase um déjà-vu, só que ao invés de ver Vanessa Gibson, deparo-me com uma garota de pele negra e olhos escuros. Ela é um pouco mais baixa que eu. Lábios grossos e cílios longos apesar de não parecer usar maquiagem alguma.

Eu fico sem palavras, confusa demais enquanto tento entender o porquê uma garota desconhecida está atendendo a porta da casa do meu namorado.

O fato de ela ser bonita deixa tudo pior.

Mas antes que eu abra a boca, ela exclama, virando o rosto para dentro da casa:

— Bash, ela tá aqui!

Bash?

Ela se volta novamente para mim, e abre um sorriso sem esforço.

— Você deve ser a Harriet — ela diz, dando uma recuada para que eu entre.

Eu dou um passo em direção à casa, mas sem tirar os olhos dela.

— Sim e você é...? — eu indago, passando por ela.

— Alexis.

Então ela parece notar o olhar que a estou direcionando, porque algo brilha em sua íris como se tivesse ligado os pontos. Ela completa, descontraída:

— Ah, relaxa, não tô transando com seu namorado — ela diz, muito casual e diretamente. — Eu tenho o meu.

Ela faz uma indicação com a cabeça em direção ao sofá, onde noto um garoto sentado. Ele é loiro e tem a pele muito clara.

Não vou mentir que sinto um enorme alívio depois disso. Não faz nem uma semana que descobri que meu primeiro namorado me traiu com várias garotas por mais de um ano.

A ferida ainda é recente demais para eu me deparar com algo assim sem aviso prévio.

— Oi, Harriet. Sou Finch. — o garoto diz, fitando-nos com um pequeno sorriso simpático nos lábios.

Eu ainda estou tentando entender o que está acontecendo, quem são essas pessoas e onde está Sebastian, mas consigo encontrar voz para responder:

— Oi, Finch.

— Ei.

Sebastian finalmente aparece no meu campo de visão, saindo da cozinha. Ele sorri ao me ver e não demora para perceber a minha expressão confusa.

— Esses são Alex e Finch, meus amigos de Detroit.

— Já esclareci para ela que não transamos — Alexis comenta.

Sebastian lança um olhar na direção dela.

— Obrigado — ele responde com um toque profundo de sarcasmo.

Alexis ignora o olhar condescendente.

— Então é você a namorada dele? — ela pergunta, sem cerimônia.

Eu envio um olhar a Sebastian, sentindo-me como uma adolescente, mas ele tem uma expressão terna no olhar. Eu dou de ombros, e me volto para ela novamente.

— Sim.

Ela balança a cabeça.

— Cara, mal posso acreditar. Sempre achei que Bash tinha aversão a relacionamentos. Ele não oferecia nem café da manhã para as garotas com quem dormia...

Sebastian a interrompe, a voz firme:

— Alexis, por que você não vai se sentar com Finch? Vou pegar uma cerveja para vocês.

Ela não faz muita objeção quando vai se juntar ao namorado.

— Ei, eu tava interessada em ouvir o resto — eu reclamo no instante em que Sebastian me puxa com ele para pegar as cervejas na cozinha.

— Alexis não tem muito filtro. — Ele ergue uma sobrancelha para mim. — Parece alguém que conheço. Mas ela é pior, porque não dá a mínima para o que fala.

Assim que voltamos, Alexis me pergunta como nos conhecemos, e se surpreende quando eu digo que o conheço há anos.

Enquanto conversamos, vejo que eles são muito diferentes, tanto por fora, quanto em relação a personalidade. Chega a ser engraçado. Alexis usa botas de couro e jeans rasgadas largas demais para seu corpo magro. Seus dedos e braços são cobertos de tatuagens. Ela tem uma personalidade abrangente e extremamente confiante. Ela é direta e honesta.

Finch usa roupas extremamente simples. Camisa branca e calça jeans. Nada rasgado ou amado. Ele é mais contido e paciente. E passa a maior parte do tempo com os impressionantes olhos azuis encarando a namorada.

— E vocês, como se conheceram? — eu pergunto, trocando o meu olhar entre os dois.

Alexis me encara.

— Em um grupo para viciados.

Eu solto uma risada.

Mas a garota pisca para mim, observando-me com o rosto sério.

— Sério.

Eu olho para Finch e Sebastian, buscando risadas, mas ambos não acham graça da piada.

E concluo, então, que talvez não haja piada alguma.

É que, no pouco tempo em que conversei com Alexis, notei que ela tem um senso de humor sarcástico e seco. Então deduzi que só poderia ser ela tirando uma com a minha cara, mas aparentemente não.

Eu me sinto estúpida.

— Ah, achei que estivesse brincando.

Ela balança a cabeça.

— Finch é viciado em heroína, e eu em basicamente qualquer coisa em que seja possível se viciar — ela explica, sem rodeios.

Direciono um olhar a Finch, que me encara do mesmo jeito casual e tranquilo. Ele obviamente já está mais do que acostumado a honestidade bruta da namorada.

Meus olhos caem para a cerveja que Sebastian os entregou e noto que elas são ambas sem álcool.

Há um momento de silêncio. Um momento que me dá a oportunidade perfeita para abrir a maldita boca.

E eu não faço ideia, porque essas palavras escapam da minha boca, mas acontece de qualquer forma:

— Eu sou viciada em roubar.

O silêncio se torna ainda mais pesado e longo.

Todos os três têm os olhares em mim.

E eu não posso acreditar que disse isso em voz alta. Talvez pelo tom casual de Alexis. Talvez pela forma em que ela diz as coisas sem esforço, o que acaba deixando confortável para compartilhar.

Tenho quase certeza que foi a primeira vez que falei em voz alta.

Alexis torce a cabeça suavemente em minha direção.

— Sério? — Ela se inclina um pouco no sofá. — Que interessante, nunca ouvi essa. Como funciona?

Ela não parece nada abalada, apenas genuinamente interessada enquanto me fita.

— Alexis — diz Finch em um tom suave, mas repreendedor.

Pelo jeito que ele fala, e pela forma em que ela responde com um rolar os olhos, parece que isso acontece com certa frequência.

Ela balança os ombros.

— Só tô perguntando.

Eu hesito por um segundo, analisando-a.

— Não sei como explicar a sensação. — Eu faço uma pausa, fitando as mãos. — Eu vejo algo e... Não tem um padrão, pode ser qualquer coisa. Eu fixo meu pensamento no objeto e não consigo pensar em mais nada. Não acho que seja justo comparar ao que vocês sentem quando estão em abstinência ou... — Faço uma pausa de novo e fico sem graça, porque diante de mim há pessoas

que de fato são viciados químicos e não quero sugerir que seja a mesma coisa. — É até ridículo de...

Finch me corta:

— Uma coisa que aprendi com os grupos é que não se compara os vícios. Cada pessoa e cada sensação é diferente. Nenhum é necessariamente maior que outro. Não importa se você for viciado em drogas, álcool, comida... — A voz de Finch é serena e completa de uma sabedoria que não combina muito bem com o rosto jovem.

Noto também que essa foi a maior quantidade de palavras que ele disse em seguida durante toda a conversa.

— Eu tenho uma amiga que é viciada em compras — comenta Alexis.

Eu torço o nariz.

— Pelo menos ela paga pelas coisas — eu murmuro em tom depreciativo.

Alexis sorri, um meio sorriso atrevido.

Ela olha para Sebastian, que está olhando para mim.

— Gostei dela.

O canto do lábio dele repuxa para cima bem suavemente, mas é o suficiente para o meu coração pular uma batida.

Acabamos conversamos por um longo tempo. Alexis conta um pouco sobre ela e Sebastian na época que os dois estudavam juntos, como se conheceram e coisas sobre a faculdade. Eu conto sobre toda a confusão relacionada a Corey.

Sebastian e Finch fazem alguns comentários ocasionalmente, mas somos nós duas que guiamos uma conversa calorosa.

No final da tarde, eles se despedem. Os dois estão fazendo uma viagem de carro para a Califórnia para comemorar um ano de sobriedade de Finch. Eles só fizeram uma breve parada em Veahmond para ver Sebastian.

Eu gosto da tarde. Gosto de conhecer os amigos de Sebastian. É como mais um pedacinho dele que tenho para mim.



Buzz e Woddy estão correndo atrás do fio de barbante que jogo no chão. Eles estão com um mês agora. Lindos e saudáveis.

Já é noite agora e Sebastian entra na sala com um a vasilha de ração para a Shakira (fui responsável pelo nome dela também). A gata tira os olhos dos filhotes por um momento e, com a graciosidade que apenas um felino possui, vai até a comida.

Sinto os olhos de Sebastian em mim, enquanto brinco com os animais.

— A terapia em grupo ajudou muito Alexis e Finch.

Eu paro de movimentar o barbante.

A voz de Sebastian é casual, mas eu não consigo perceber o incomodo que se instala.

— O que isso quer dizer? — eu pergunto, levantando o olhar do chão onde estou sentada.

Ele dá de ombros, sentando-se na minha frente. Sebastian estica as longas pernas casualmente em frente ao corpo e apoia as palmas no chão, inclinando o tronco um pouco para trás para me observar.

Os gatos fitam o barbante, sem entender o porquê parou de se movimentar.

— Talvez pudesse considerar. — Sebastian dá de ombros, mas seus olhos estão fixos nos meus de forma nada casual.

Eu fito o chão, sentindo vergonha e desconforto. Eu sabia que em algum momento isso seria um problema.

— Eu já fiz terapia — eu digo em um tom seco, voltando a movimentar o barbante para não ter que encará-lo.

— Ajudou?

Eu dou de ombros.

— Por um tempo, sim. Mas tem épocas que... — Eu paro de falar, porque é difícil de explicar.

E porque sei que seu olhar está fixado no meu, avaliando cada pequena expressão e me lendo como se eu fosse um livro.

— Na internet diz que terapia e remédios para ansiedade costumam ser a melhor solução. Talvez se...

Eu levanto o olhar e o corto.

— Você pesquisou?

Ele hesita apenas por um segundo, com o rosto inexpressivo.

— Sim — ele diz, simplesmente.

Eu sinto a pontada incômoda no meu coração.

Largo o barbante e me levanto, porque de repente o olhar dele é demais. Eu o encaro de cima. Sebastian ergue o olhar para

me fitar.

— Sabe, isso não tem conserto. Pelo menos não definitivo. Talvez eu sempre tenha isso. — Eu me viro, ficando de lado para ele enquanto tenho os olhos fixos na janela da sala, porque não quero olhá-lo. — E se você acha... inconveniente ou *estranho* demais, eu entendo. De verdade. Eu também acho. Eu só não preciso que você fique tentando consertar uma coisa que...

— Harriet. Isso não tem nada a ver comigo. — Sebastian fica de pé e se aproxima de mim, mas eu continuo sem encará-lo. — Eu estou dizendo isso, porque fico preocupado com você. Sei que te incomoda. E sei que pode ter consequências um dia. Mas não influência em absolutamente nada o que sinto por você.

Eu engulo em seco, mexendo as minhas mãos desconfortavelmente.

— Você diz isso porque estamos juntos tem dias. Quando a coisa ficar feia...

Ele me corta:

— A gente vai enfrentar a feiura juntos.

Ele se aproxima e pega o meu braço, mas não de forma rude, e sim firme. Ele me gira para encarar meus olhos. Eu inspiro fundo

ao encontrar o dourado diante de mim. A honestidade e a intensidade neles fazem o meu coração apertar.

— Não é simples assim. E se eu roubar alguma coisa de valor e quiserem me levar presa para valer?

Eu só disse isso para o Dr Kollen, mas esse é um dos meus maiores medos na vida.

— Então eu vou estar sentado na sua audiência com os melhores advogados de defesa. Ou então a gente pega um avião e foge juntos para República Dominicana, ou para Cancún.

Eu sufoco uma risada, apesar do assunto mórbido.

— É sério, Sebastian.

Seus olhos ficam muito francos agora, beirando a irritados.

— Harriet, eu acho que você não tá entendendo. Eu não tô de brincadeira aqui. Eu levo isso *aqui* — ele faz um movimento apontando com o dedo indicador entre nós — muito a sério. Eu tô aqui para o que der e vier, princesa.

A declaração simples, porém potente derrete o meu patético coração.

Esse é o meu maior segredo. Minha maior vergonha. Minha maior fraqueza.

E aqui está Sebastian, dizendo que está ciente dela e que me aceita mesmo assim.

— Então você realmente não se importa? Não acha que tem algo errado comigo?

— Todos temos um lado que não gostamos. Mas apenas esse lado não nos define. Somos mais do que alguma coisa sobre nossa vida que não concordamos. Não se resume a só essa coisa ruim ou isso vai te consumir.

Há algo em seu olhar, a honestidade crua e a intensidade assustadora que fazem com que eu não consiga deixar de perguntar:

— Qual é o seu?

Ele fica em silêncio, a pergunta pairando entre nós por um longo momento.

Sebastian pisca e sua expressão muda para algo quase melancólico. Ele se afasta de mim e me dá as costas.

Por um momento, penso que ele está irritado e que quer se fechar. A angústia e decepção corre pelo meu corpo, porque ele sabe tudo sobre mim e eu sinto que há muito mais dele para saber.

Mas no lugar de sair da sala, ele vai até a lareira e ergue o braço para pegar uma escultura de madeira em cima dela.

— Você me perguntou por que eu fui embora.

Meu coração acelera quando ele se vira para mim e começa a caminhar em minha direção. Ele tem os olhos na escultura no segundo em que a ergue.

Eu a pego, confusa e ansiosa.

É uma escultura do tamanho do meu antebraço mais ou menos. É feita em madeira clara. É a silhueta de uma mulher de pé, com o o queixo suavemente apoiado contra o ombro.

A obra é linda, delicada e extremamente romântica.

— O que é isso?

— É uma escultura que meu tio fez.

Eu pico.

Sebastian nota o meu olhar confuso e eu espero por mais.

— Olha o nome, em baixo.

Eu viro a escultura e encaro as letras cravadas de forma bem pequena. Eu leio algumas vezes, tentando entender.

Eu ergo olhar novamente, repleta de dúvidas.

— Foi seu tio que fez?

Sebastian assente.

O pensamento chega a atravessar a minha mente, mas eu não consigo acreditar.

Não pode ser.

— Por que? — eu indago com a voz falha.

E então Sebastian me conta a história de amor trágica de duas pessoas.

E as suas consequências.

37.

antes

Sebastian

— Pega a lixa para mim? — meu tio pediu e eu andei até o canto da garagem para procurar.

Entreguei-o a lixa e ele terminou de ajeitar a pequena ponta da mesa que trabalhamos nas últimas semanas.

Ele era muito preciso e detalhista. Sempre me cobrava em relação às pequenas minúcias que costumava deixar passar. Suponho que todo artista fosse assim. Ele tratava cada peça com muita atenção, principalmente as esculturas.

Eu amava a marcenaria, mas não via aquilo como arte. Via como um *hobbie* quase terapêutico. Algo que tirava a minha cabeça de todo o resto e que me dava grande satisfação ao ver o resultado final.

Fora que era meu vínculo com ele. Era o que tínhamos em comum de mais forte. Aquelas tardes nos dias de semana trabalhando com a madeira se transformara em algo nosso desde que eu tinha quinze anos.

Mostrei interesse pela coisa aos treze ou quatorze, e perguntei a ele se podia me ensinar algumas coisas. Não demorara muito para que eu pagasse o jeito, e algum tempo depois, ele me chamara para ajudá-lo com a loja.

Meu tio chegava a me pagar, o que não fazia tanto sentido, porque estaria disposto a fazer de graça, mas também não podia reclamar. Eu gostava de ter meu próprio dinheiro. De não ficar dependendo dos meus pais para comprar as minhas próprias coisas.

Eu sempre amei a independência.

— Acho que terminamos.

Eu olhei para ele, ao meu lado. Agora eu era alguns centímetros mais alto.

— Acha? — eu indaguei, erguendo sutilmente uma sobrancelha.

A peça estava perfeita.

— Se quisermos mesmo, sempre há algo para fazer a mais, para aperfeiçoar. Mas temos que saber a hora de parar. — Ele voltou a olhar para a mesa, assim como eu. — Acho que podemos parar com essa aqui.

Eu assenti, observando a extensa mesa de doze lugares de madeira envelhecida.

Eu passei um ano fora por causa da faculdade. Aquele era o primeiro verão desde que havia me mudado e notei como havia sentido falta. Da marcenaria em si, mas também dele.

Meu tio era um cara muito tranquilo. Nada nunca parece abalá-lo. Ele também era muito inteligente e fácil de conversar. O tipo de facilidade que eu não tinha com nenhum dos meus pais.

Eu perdi as contas das vezes em minha adolescência que eu ia para lá apenas para desestressar. Ele não fazia perguntas. E quando as fazia, eu não me sentia em um interrogatório.

E naquele momento era exatamente daquilo que eu precisava, porque na noite passada eu dormi com a única garota no mundo que sabia que não devia. E desde que ela deixara a minha cama e foi para sua casa logo depois, não consegui pensar em qualquer outra coisa.

A madeira, as ferramentas e o trabalho ajudavam, mas não faziam com que a lembrança fosse embora.

A noite passada continuou impregnada em minha mente. Tudo o que senti e tudo que descobri nela.

Mas que inferno.

Grayson ia me matar.

Eu queria me matar.

Mas eu também a queria de novo.

Eu estava *muito* fodido.

Depois que terminamos, eu deixei a garagem e fui para dentro pegar a minha jaqueta e as chaves da moto que deixei na sala.

Peguei a peça que estava jogada sob o sofá, mas na hora de vesti-la, meu braço esbarrou em alguma coisa que estava embaixo da mesa. Eu ouvi o barulho oco quando o objeto caiu no chão.

Olhei para baixo para notar que acabara de deixar cair a escultura do meu tio. E era a favorita dele. Sabia disso porque era a única que ele mantinha em casa e que ficava na mesa bem no centro da sala.

Merda.

Ele vendia todas as peças que fazia, com exceção àquela.

Eu me agachei, esperando que não tivesse feito nenhum estrago nela. Mas por sorte a madeira era resistente, e apesar da escultura ser pequena e delicada, estava perfeita.

Era a imagem de uma mulher de pé, em uma pose melancólica. Ela tinha o rosto pendendo em um dos ombros, meio que fitando o chão. E os braços juntos ao corpo, abraçando-os. Quase como se estivesse se protegendo.

Ela parecia triste.

Era uma peça bem bonita para ser honesto. Eu conseguia entender a afeição especial.

Eu estava erguendo para colocá-la de volta em seu lugar, quando algo me chamou atenção. Eu virei a peça sutilmente em minhas mãos e notei algo rabiscado na parte de baixo. Bem pequeno e quase escondido.

Eu trouxe para mais perto de meus olhos.

Helena, 1998

Meu coração errou uma batida por um segundo e o tempo congelou ao meu redor.

Eu pisquei.

Minha mãe?

Eu paralisei, sem tirar os olhos da peça, enquanto meu cérebro tentava fazer sentido.

Quando o pensamento atravessou a minha cabeça, eu quase a deixei cair no chão novamente.

— Ei, Sebastian.

A voz do meu tio vindo da garagem me despertou, e eu devolvi a escultura rapidamente ao seu lugar como se ela queimasse meus dedos.

De jaqueta e com as chaves na mão dormente, eu segui em direção à garagem.

Meu tio levantou a cabeça para mim ao passo que recolhia pequenos pedaços de madeira do chão.

— Será que pode vir depois de amanhã ao invés de quarta?
Preciso de ajuda com uma encomenda e Jerry tá doente.

Eu o encarei por um momento, segurando forte a chave entre os dedos.

— Claro. Te vejo terça — eu murmurei, afastando-me.

Enquanto eu subia na moto, com o coração batendo mais rápido do que o normal no peito, outra coisa veio em minha mente.

1998.

Foi o ano em que Corey nasceu.



Talvez fosse só uma escultura.

Provavelmente era só uma escultura.

Mas o pensamento não deixava a minha cabeça durante a tarde toda.

Deitado na minha cama, encarando o teto, acendo um cigarro. Era o meu sétimo nas últimas duas horas. Eu inspirei com

força e fechei os olhos. A nicotina trazia um pouco de paz, mas só um pouco.

Pensei na nossa família. No passado.

Meus pai e meu tio nunca foram muito próximos, pelo menos desde que conseguia me lembrar. Mesmo morando na mesma cidade, viam-se pouco. Mas não havia nenhuma animosidade. Nunca vi os dois brigarem ou até mesmo serem hostis um com o outro

Eles eram bem diferentes. Não tinham muitas coisas em comum, então simplesmente presumia que não se sentiam muito conectados.

Nunca achei estranho.

Até agora.

Comecei a pensar em todas as vezes que minha mãe e meu tio estiveram juntos. Em jantares de família ou comemorações de feriados. Comecei a notar que, em todas essas ocasiões, nunca os vi conversando sozinhos. Nunca os vi rindo perto do outro.

Eram sempre muito educados um com o outro, mas só.

E assim como em relação ao meu pai, nunca estranhei.

Muitos de meus colegas tinham pais que não se relacionavam com algum membro da família ou eram simplesmente mais distantes.

As pessoas cresciam e formavam as próprias famílias. Formamo-nos adultos e nos distanciamos com frequência de outras pessoas.

Mas talvez eu estivesse pensando demais sobre aquilo.

Talvez eu estivesse imaginando coisas, porque minha cabeça estava criando uma paranoia.

Provavelmente eles conversaram sim sozinhos e trocaram risadas amigáveis em algum momento.

Traguei uma última vez e apaguei o cigarro no cinzeiro ao lado da minha cama. Arrastei-me para a fora do colchão e desci as escadas para o sala de estar.

Meus pais saíram para jantar e meu irmão estava trancado no quarto ouvindo música.

Parei no armário e abri uma gaveta grande repleta de álbuns de foto. Abri os álbuns de forma frenética procurando a que precisava. Vi milhares de fotos minhas e de Corey bebês até

encontrar. A foto não estava em nenhum álbum. Estava jogada no canto com outras imagens soltas.

Meus dedos tremeram quando finalmente a tive nas mãos.

Na imagem um tanto envelhecida, os dois estavam parados em frente a um carro antigo. Ambos extremamente jovens. Minha mãe sorri para câmera, um pequeno sorriso nos lábios, porém genuíno e satisfeito. Um sorriso de menina. Seus cabelos mais compridos, batendo quase na cintura.

E meu tio com um dos braços ao redor de seus ombros. Seus olhos não estão na câmera, e sim na garota. Ele, por sua vez, não sorri. Ele a observa como se nada além dela existisse. Nem tinha certeza se ele ao menos estava ciente que havia alguém tirando aquela foto.

E enquanto observava a foto, tive certeza.

Meu sangue gelou e minha pulsação dobrou de velocidade. Era ainda pior do que quando vi a escultura.

Aquela foto me marcou há anos, quando a vi pela primeira vez. Não entendi por que e, na época, presumi que fosse porque não tinha muitas fotos da minha família com meu tio.

Mas naquele momento, eu conseguia, por fim, entender o que era que havia me atraído para a imagem na época.

Era outra coisa. Algo muito mais profundo e violento.

Era amor.

38.

— Mais para direita ou para esquerda? — Sebastian pergunta, segurando a prateleira branca contra a parede.

Eu torço a cabeça.

— Direita.

Sebastian está prendendo duas prateleiras novas no meu quarto.

Ontem a noite, quando estávamos na casa dele, eu comentei, por algum motivo, que estava precisando de novas prateleiras, porque comprei muitos livros novos no verão. Não que eu tenha conseguido ler muitos, já que meu tempo ultimamente é gasto quase todo com um garoto moreno e tatuado.

E hoje de manhã Sebastian apareceu na minha porta com uma furadeira e duas prateleiras brancas.

Ele dá dois passos para a direita e tira um lápis do bolso traseiro da jeans. Sebastian faz uma marcação na minha parede creme e coloca a prateleira no chão para pegar a furadeira.

Eu me sento na ponta da cama, observando-o trabalhar enquanto balanço as pernas.

Nuggets está aos seus pés, sentado e também o fitando da mesma forma que eu, em expectativa de que, a qualquer momento Sebastian vai fazer uma pausa dar atenção.

Eu tenho quase certeza que o meu cão o ama tanto quanto eu.

À medida que o observo, penso em todas as vezes que já tinha ouvido falar sobre homens que trabalham com as mãos serem atraentes, mas nunca me liguei muito nisso. Não até agora. O fato de Sebastian saber colocar uma prateleira na parede me deixa literalmente molhada. É ridículo, mas é verdade.

Para ser justa, muita coisa que ele faz me deixa dessa forma.

Deus.

Eu quase me sinto enjoada com o quanto o desejo.

Sebastian termina, colocando a furadeira em cima da minha mesinha.

Ele se vira para mim e me encontra na cama. Seu olhar desce dos meus olhos até o fim das minhas pernas para voltar logo depois. Meu corpo responde instantaneamente, como sempre.

— Quanto eu te devo? Você aceita cartão? — eu indago, sorrindo estupidamente.

Um meio sorriso puxa em seus lábios e eu juro por Deus que eu tenho o namorado mais absurdamente lindo do planeta.

— Eu acho que a gente pode pensar em outras formas de me pagar pelo trabalho árduo.

Eu ergo uma sobrancelha.

— Jura?

Eu pergunto e ele assente lentamente, aproximando-me.

— Uhum.

Sebastian se inclina sobre a minha cama com uma graciosidade meticulosa, e eu recuo me apoiando com os cotovelos. Ele coloca ambos os punhos em minhas laterais, sobre o colchão.

— Formas muito, *muito* mais divertidas — ele murmura, encontrando os meus lábios.

Eu abro um pouco as pernas e sinto o colchão afundar suavemente quando ele apoia um joelho entre as minhas coxas. Eu estou de saia jeans e o material ergue consideravelmente.

Minhas mãos vão em direção aos seus braços e ele desce os beijos para o meu pescoço, então para o meu colo.

Ele está com camisa de manga curta e meus dedos encontram as tatuagens negras. Há uma em particular, uma frase, que me deixa curiosa, porque ele a fez depois de ir embora e está em outra língua.

— O que significa? — eu indago, traçando-a com os meus dedos.

Sebastian tira os lábios do meu colo para me encarar, e eu quase choro de frustração. Mas, afinal, fui eu quem fiz a maldita pergunta.

Ele pisca, confuso por um momento, mas logo encara o próprio braço.

— O passado não tem controle sobre você a menos que você permita.

Meu coração aperta, porque agora que sei a verdade e sei também o real significado dessas palavras.

Sebastian volta o rosto para mim e fita os meus olhos intensamente.

— É de um escritor alemão — ele completa, depois de alguns segundos em silêncio.

Eu avalio seu rosto com atenção, pensando em tudo o que deve ter passado. Em como dever ter sido difícil para que deixasse o passado no passado.

Eu tiro o braço direito do colchão e coloco a mão na lateral de sua bela face.

— É uma frase poderosa. — A minha voz sai rouca.

Ele pisca, seus olhos me bebendo.

— É.

E, concordando, sua voz sai igualmente intensa.

Eu volto a beijá-lo.

Porque eu o amo. Porque o respeito. Porque o *conheço*.

Ele retribui a mesma intensidade com a sua boca, sugando e exigindo.

Não demora muito para que seus dedos façam caminho até a minha saia, parando apenas por um momento em meus seios.

O sinto subir pelo interior da minha coxa no exato momento em que a porta do meu quarto é aberta.

— Ai, caralho — escuto o invasor proferir.

Eu levo um susto, como se estivesse sendo acordada violentamente no meio de um sonho.

Eu ergo a minha cabeça por trás de Sebastian, ao passo que ele congela o movimento de sua mão de baixo da minha saia. Ele vira rosto ao meu irmão, que está nos observando como se tivéssemos acabado de jogar ácido em seus olhos.

— Vocês realmente precisam fazer isso dentro da minha casa? Eu tô no quarto ao lado, pelo amor de Deus.

Eu faço uma cara feia e conserto a minha saia, abaixando-a.

— É a minha casa também. E você deveria ter batido.

— Vocês não estavam colocando uma prateleira na parede?

— Já terminamos — meu namorado murmura.

Sebastian suspira fundo, saindo de cima de mim e rolando para deitar ao meu lado no colchão.

— O que você quer de qualquer maneira?

— Eu ia chamar o *meu* amigo para ver o jogo no bar do Frank, mas vocês claramente estão — meu irmão faz uma careta — *ocupados*.

Eu sorrio ao ver o rosto do me Gray se contorcer.

Mesmo depois de quase um mês, ele ainda está se acostumando com o fato de estarmos namorando.

— Que jogo? — Sebastian pergunta, ao meu lado.

— Como assim “que jogo”? Lakers contra Warriots. É a final daqui a uma hora. Onde você tá com a cabeça? — meu irmão indaga, quase ofendido.

— Quer mesmo que eu responda essa pergunta? — meu namorado diz com um tom provocador na voz.

Calor sobe no meu rosto.

— Pelo amor de Deus. — Gray fecha os olhos e se vira.

Quando ele sai do meu quarto, eu me volto para Sebastian.

— Você devia ir assistir ao jogo com ele.

Sebastian volta a me cercar, pairando o corpo sobre mim.

— Por quê? — ele pergunta, descendo a cabeça para o meu pescoço.

Eu fecho os meus olhos.

— Eu prefiro isso mil vezes — ele morde o meu pescoço e eu estremeço — a qualquer dia e a qualquer jogo.

Eu inspiro fundo, reunindo forças.

— Eu me sinto um pouquinho mal.

Ele nem hesita.

— Eu não.

— Sebastian — eu imploro, porque agora ele está chupando a pele sensível e eu estou quase cedendo. — Ele te adora e eu meio que... roubei o tempo que vocês passavam juntos.

Ele finalmente ergue o olhar, encarando-me.

— Acho que se fosse o contrário, eu ia querer matar ele. Eu me sinto culpada, de verdade.

Sebastian suspira e deixa a cabeça cair no meu colo. A testa descansando sobre meu seio, parecendo frustrado e derrotado.

Eu sorrio.

— Eu nunca vi uma garota ter que implorar para o namorado ir assistir basquete com o amigo.

Sebastian inspira contra o suave espaço entre os meus seios.

— Eles não têm uma namorada como a minha — ele murmura.

Eu sorrio como uma idiota.

— Eu vou te recompensar depois. Juro.

Ele ergue o olhar novamente, mais interessado.

— Eu vou colocar na conta. Junto as duas prateleiras.

O meu sorriso fica maior e ele me beija mais uma vez antes de se arrastar para fora da minha cama.

Quando a porta do meu quarto bate e fico a sós, apenas eu e meus animais, suspiro. Em parte devido à frustração por não ter feito sexo incrível com meu namorado gostoso, o despachando para um jogo de basquete, e em outra por estar extremamente feliz.

Nuggets sobe na minha cama, parecendo igualmente decepcionado com a partida de Sebastian.

Passo a próxima hora falando com Sienna e Lillian no grupo de mensagens. Sienna voltou anteontem para Espanha. Eu a levei para o aeroporto e nós nos abraçamos e nos despedimos umas sete vezes até ela finalmente conseguir entrar no avião.

Estou muito feliz com o fato de que as coisas não ficaram estranhas entre a gente. Não há ressentimento por causa de Sebastian. Não vou mentir, ainda é estranho pensar que os dois transaram, mas foi só sexo. Tanto para ele, quanto para ela.

Sebastian me deixa tão segura em relação aos sentimentos dele por mim, que não fico nada paranóica ou enciumada.

Concordamos que o passado é passado.

Corey está no meu passado assim como Sienna está no dele.

Contei para os meus pais semana passada sobre Sebastian e eles levaram surpreendente bem. Eles sempre gostaram dele, mas com os rumores depois daquele verão, eles ficaram um pouco receosos. Lembro que, no momento em que ele foi embora e Gray ficou mal, ouvi meus pais dizerem que estavam aliviados, que era melhor para meu irmão que não andasse mais com ele.

Eu os entendia. Afinal, ninguém realmente sabia o que tinha acontecido.

Ainda hoje, a maioria não sabe.

Mas Sebastian me trata muito bem, é extremamente educado com meus pais e um ótimo amigo para o meu irmão.

Eles não demoraram muito para serem conquistados.

Óbvio que ficaram um pouco surpresos, contando com a questão de que namorei o irmão mais novo do cara por três anos. Mas vão se acostumar.

Fico feliz, pensando em como a minha vida está perfeita até que me lembro que preciso me arrumar para o evento de hoje a noite.

Então toda a minha felicidade vai embora.



— Vai ficar tudo bem — ele diz.

Estou inquieta no banco do motorista.

— Vão julgar — eu rebato.

Sebastian tira os olhos da estrada e me encara, firme.

— Deixe que o façam.

Ele para o carro em frente à bela mansão.

Helena e Ezra Crawford estão comemorando vinte e cinco anos de casamento. Há uma quantidade considerável de carros do lado de fora, mas não é nem metade do que havia no dia do aniversário da sua mãe.

Essa é uma festa um pouco mais intimista.

Na verdade, é um evento mais casual durante o dia. Apenas para familiares e amigos próximos.

— A gente não precisa fazer isso se você não quiser — ele murmura, sério, porém tranquilo.

Eu engulo em seco.

É tão trágico que chega a ser engraçado. Os papéis estão trocados aqui. Ele que deveria surtar e eu que deveria acalmá-lo. Mas Sebastian é esse mar de confiança e pragmatismo. Ele nunca surta. Já eu...

— Precisamos sim. Eventualmente teremos que fazer. É a sua família.

Eu coloco a mão na maçaneta da porta, mas ele segura o meu pulso esquerdo, fazendo-me parar.

É a primeira vez que saímos em um evento juntos. Corey vai estar lá, seus pais e muitas pessoas que já me viram várias vezes na época em que eu estava com o seu irmão.

Então, ao invés disso, ficamos em silêncio, trocando um longo olhar e dizendo o que precisamos dizer sem palavras.

Ele inclina o rosto e planto a minha boca em seus lábios, apenas por um segundo.

— Vamos, então — ele diz, afastando-se e abrindo a minha porta. — Vamos chocar o mundo, princesa.

Eu solto uma risada estrangulada apesar de tudo.

Sebastian coloca o braço em volta da minha cintura enquanto nós atravessamos a entrada e caminhamos à porta, e automaticamente me sinto mais forte.

Quando passamos pela porta alta e larga, entendo por que Sebastian odeia tanto essa cidade e principalmente essa gente. Os olhares instantaneamente se viram em nosso alcance. Olhares pretensiosos e enxeridos, salivando e prontos para julgar.

— Estão olhando para gente — eu murmuro, adentrando pelo salão.

A mão dele está na base de suas costas e ele se inclino um pouco na direção do meu ouvido:

— Você está realmente muito bonita.

Eu resisto a vontade de rolar os olhos ou de derreter diante do elogio e, no lugar disso, franzo o cenho. Por um segundo, esqueço de todos a nossa volta.

— Você sabe o que eu quero dizer.

Apesar do toque amargo em minha voz, sei que as minhas bochechas estão coradas.

Ele sorri, satisfeito ao notar o vermelho.

— Vocês vieram!

Tiramos os olhos um do outro para encontrar a mãe dele vindo em nossa direção. Ela tem um sorriso no rosto enquanto nos fita.

Eu sinto o corpo de Sebastian tenso no mesmo segundo.

Agora que sei da verdade, tudo faz todo o sentido. Não consigo evitar de lembrar do dia em que fui até a casa dela procurar por Corey para me desculpar e acabamos conversando. Como ela soube sem hesitar o que estava acontecendo. Como ela me olhou não com julgamento, mas com *compreensão*.

Era porque um dia ela esteve exatamente no mesmo lugar que eu.

— Olá, Helena! — eu digo em um tom entusiasmado e Sebastian fala um “oi” bem mais contido.

— Estou tão contente que estejam aqui — ela comenta, trocando o olhar entre nós, e consigo notar que está nervosa.

Apesar de tudo, há muita honestidade em sua voz.

Gosto também da forma em que nos observa ao passo que trocamos breves palavras sobre a festa. É como se nada tivesse acontecido. Ela olha para nós como se nunca houvesse tido Harriet e Corey.

Quando nos afastamos e chegamos diante do bar para eu pedir uma bebida, eu congelo.

Porque a menos de cinco metros de mim está Vanessa Gibson.

Ela está usando um vestido roxo de verão e sorri ao lado de Corey.

Tá de brincadeira.

Depois do choque inicial, uma risada escapa dos meus lábios.

— O que foi? — Sebastian pergunta, curioso.

— Vanessa Gibson — eu digo, balançando a cabeça.

Eles ficam bem juntos, concluo, e os observo.

Sebastian segue meu olhar. Então seus olhos se voltam para os meus e eu explico:

— É uma das garotas com quem Corey me traiu. Cheguei a conhecê-la quando fui vê-lo.

Ele fica surpreso com a constatação e ergue uma sobrancelha.

— E você está bem?

Eu franzo o cenho.

— Por que eu não estaria?

— Bem, ele era seu namorado não tem muito tempo. — Sinto que as palavras arranham a sua garganta. — E ela é basicamente a amante dele.

Eu torço a cabeça na direção dele.

— Então, vendo por esse lado, você é o meu amante.

Sebastian não diz nada. Acho que fica entretido demais com o fato de que eu acabei de me referir a ele como meu amante. Acho que, se estivéssemos sozinhos agora, ele avançaria em minha boca. E eu não resistiria.

— E não estamos mais juntos. Se alguma garota estivesse com *você*, aí seria *bem* diferente — eu digo com uma voz desafiadora e um tanto séria que o faz segurar um sorriso.

Então dou de ombros.

— E ela é gente boa apesar de tudo.

E por mais que seja estranho admitir, é verdade.

Sebastian me encara em um misto de satisfação e fascinação.

Até que somos interrompidos.

— Olá, Harriet! — Eu me viro, dando de cara com Ezra Crawford. — Se importa se eu roubá-lo por um momento breve?

Ele está sorrindo para nós, educado.

Eu congelo por um segundo, porque, quando olho para ele agora, assim como com Helena, tenho outra perspectiva.

Viro-me para Sebastian, porque novamente ele se torna tenso ao meu lado.

Eu hesito e então sorrio.

— Claro, preciso ir ao banheiro de qualquer forma — eu digo, cedendo.

Sei que Sebastian provavelmente não está nada feliz agora.

Mas o que mais eu poderia fazer?

Além de que, acho que talvez seja bom para que os dois conversem.

Eu dou um aperto sutil, mas significativo na mão dele antes de me afastar.

39.

antes

Sebastian

Eu dei mais um gole na garrafa de uísque e parei na calçada em frente à casa do meu tio.

Não estava exatamente bêbado, mas também não estava sóbrio.

Só estava cansado daqueles pensamentos. Daquele segredo que estava me assombrando nos últimos dias.

Não conseguia fazer nada.

Não conseguia dormir.

Não conseguia comer.

Não conseguia olhar para o meu irmão.

A rua estava vazia e silenciosa. A noite estava fria e solitária.

Eu atravesssei o jardim da casa e parei na entrada.

Dei mais um gole e toquei a campainha. Mas assim que o fiz, senti a imediata necessidade de dar meia volta e ir embora.

Afastei-me da entrada, distanciando-me da casa, mas não rápido o suficiente.

— Sebastian? — Ouvi a sua voz. — O que você tá fazendo aqui?

Eu parei e me virei para encontrar Julian Crawford parado na porta de sua casa. Ele usava camisa de algodão branca e calça de moletom. Ele tinha o cenho franzido para mim.

— Oi, tio. — Eu abri um meio sorriso amargo para acompanhar a saudação.

Ele hesitou com um momento.

— Por que você não apareceu na marcenaria hoje?

Era terça-feira, o que queria dizer que eu deveria ter aparecido para ajudá-lo mais cedo, como combinamos. Mas não consegui criar coragem para encará-lo.

Porém, com a ajuda do uísque, ali estava eu.

Eu dei dois passos em sua direção, mas tropecei em uma elevação desigual da entrada.

— Você tá bêbado? — ele indagou, tirando a mão da maçaneta e dando um passo à frente.

— Não quanto gostaria.

Eu tomei mais um gole.

Meu tio franziu o cenho e me observou com cautela.

— O que houve?

E enquanto eu o observava, a menos de dois metros de distância, não consegui evitar de tentar encontrar Corey. Em seus olhos, ou no cabelo, ou talvez até mesmo nas suas expressões.

— Eu também queria saber.

Ele pareceu confuso. Que bom, eu também estava.

— O que quer dizer?

Eu não fazia a menor ideia de como colocar aquilo em palavras.

— Você nunca me disse a história da escultura da mulher que fica na sala.

Ele costumava me dizer que toda peça tem sua história. Mesmo que algumas sejam mais superficiais ou curtas, elas tinham uma história.

Ele ficou em silêncio por apenas um segundo e algo atravessou seus olhos. Foi rápido demais, mas eu notei. Ele vacilou diante da minha pergunta e foi como um soco violento, porque naquele meio segundo, ele me deu a confirmação cruel que precisava.

— Não tem história — disse com a voz firme.

Raiva atravessou meu corpo, porque eu estava cansado de mentiras. Ele sempre falou a verdade para mim, sem medir palavras, mesmo quando eu era um garoto. Sempre abria o jogo. Pelo menos era o que eu pensava.

E era trágico, porque era uma das coisas que eu mais respeitava nele.

— Não mente para mim.

Ele hesitou e então semicerrou sutilmente os olhos.

— O que você tá perguntando, Sebastian?

Eu o encarei fixamente de forma desafiadora.

— Acho que você sabe — respondi, de forma amarga.

Ele nem sequer piscou, apenas me encarou como um homem que estava vendo tudo desabar bem em sua frente.

Aquela era a coisa sobre a mentira; ela eventualmente voltava para te assombrar.

Houve um longo momento de silêncio. O tipo de silêncio que pareceu durar uma eternidade.

Como ele não abriu a boca, eu o fiz:

— Helena, 1998.

Ele finalmente piscou. E foi nesse exato momento que a máscara caiu e a verdade atacou como um fantasma sem escrúpulos.

Mais silêncio.

— É a minha mãe na escultura, não é?

Ele inspirou, cedendo.

— É — ele disse, finalmente.

— Por quê?

— Acho que se você tá aqui, a essa hora me fazendo essas perguntas, é porque já sabe.

Era verdade, mas eu gostaria de ouvir saindo de sua boca, porque mesmo já tendo certeza, era difícil de acreditar. Uma parte do meu cérebro não queria acreditar. Estava em completa negação.

— Meu pai sabe?

Ele balançou a cabeça.

— Não.

Talvez fosse o uísque e as emoções à flor da pele, mas ele me pareceu outra pessoa. Não parecia ser o homem que conheci durante a minha vida toda. Era um desconhecido.

— Meu irmão é seu filho — eu deixei as palavras saírem em forma de acusação.

— O que? — Ele franziu o cenho, parecendo genuinamente surpreso e confuso com a minha constatação. — Não. Corey não é meu filho.

Eu vacilei, confuso.

— Por que 1998 então?

Ele inspirou fundo e desviou o olhar por um momento. Até que voltou a mim.

— Foi ano em que ela se foi. Foi o ano que eu finalmente entendi que nunca mais ficaríamos juntos. — Ele fez uma pausa pesada. — Foi quando ela fez a escolha dela e gerou um filho com ele.

— Corey.

— Sim.

— Mas — eu hesito — Corey é o segundo filho... Por que não acabou em 95, quando eu nasci? Eu sou o primeiro filho.

Ele não respondeu a minha pergunta. E demorou. Demorou para que finalmente batesse contra mim. Mas o olhar que ele tinha enquanto me fitava dizia tudo. Tudo o que ele não era capaz de dizer.

Era dor. Era medo. Era cautela.

Eu nunca tinha visto aquilo antes.

Tudo começou a se alinhar em minha mente. E ele notou.

— Sebastian — ele soprou, chamando o meu nome de uma forma que nunca tinha feito antes.

Eu dei um passo para trás.

Não.

Não pode ser.

Ele se aproximou.

— Sebastian — ele pediu com a voz carregada de emoção, e ergueu um braço como se tentasse me alcançar.

— Não toca em mim. — As palavras deixaram a minha boca como se não fossem minhas e eu dei mais um passo para trás.

Eu não conseguia respirar.

Ele tentou de novo e dessa vez sua mão tocou meu antebraço.

— Não toca em mim! — eu recuei, gritando.

Eu o lancei um último olhar, reparando em tudo o que não queria ser capaz de ver. Nas expressões em seu rosto que, de repente, assemelhavam-se demais a minha.

Eu me contorci em um espasmo, porque achava que estava muito próximo de vomitar. Mas nada saiu. Ao invés disso, meus olhos ficaram molhados.

Eu me afastei.

— Sebastian! — ele gritou dessa vez, assim que me virei.

Mas eu já estava indo embora. E não iria parar.

Não podia encará-lo.

Eu não sei como consegui chegar na minha casa. Era mais de meia hora de caminhada e eu estava definitivamente bêbado agora. Só havia mais um par de goles na garrafa de uísque.

Eu tinha dificuldade para andar sem tropeçar.

A noite estava girando quando eu passei pela porta da frente. Eu a bati com o pé, sem me importar em trancá-la.

— Sebastian?

Eu parei no meu caminho até as escadas quando ouvi a sua voz e virei o rosto. Minha mãe estava sentada na ponta da poltrona da sala de estar, de pijamas.

Esperando-me.

Eu congelei onde estava.

Ela não disse nada por um longo momento. E nem eu. Observávamo-nos, ambos como se fosse a primeira vez que estávamos realmente enxergando um ao outro.

Seus olhos estavam vermelhos, como se ela estivesse chorando.

— Ele te ligou, não ligou? — eu indaguei.

Ela ficou de pé ao mesmo tempo em que engoliu em seco.

— Sebastian — ela pediu com receio.

— O que, mãe? — eu perguntei, então virei o meu corpo em seu sentido, encarando-a de frente. — Você tem algo para me dizer? Ou tava pensando em nunca me contar? Deixar que eu morresse sem que eu soubesse da verdade?

— Eu não queria te machucar.

Eu ri e abri os braços, a garrafa de uísque pendendo na mão direita.

— Bem, olha só para mim agora, mãe. Acho que não fez um bom trabalho.

Ela engoliu em seco mais uma vez e veio hesitante em minha direção. Estava nervosa da mesma forma que Julian Crawford estava quando a verdade caíra sobre ele como uma avalanche.

— Fala baixo, por favor, meu filho. Seu pai está dormindo lá em cima e eu quero con...

Eu ergui o cenho, com ironia.

— Meu *pai*? — eu indaguei, ainda mais alto e com a voz escorrendo amargura. — Ah, mãe. Não acho que posso mais chamá-lo assim, não é?

Ela se agitou.

— Não diga isso. É claro que ele é o seu pai, isso não muda nada... — ela teve a coragem de dizer.

— Você tá brincando? — eu perguntei, e agora eu estava gritando.

Ela se calou.

— Muda *tudo*. É quem eu sou. Quem eu *achava* que eu era.

Minha mãe recebeu o golpe, ficando em silêncio por um momento.

— Sebastian, por favor, você não entende...

E eu perdi. Eu perdi completamente a cabeça.

Eu lhe dei as costas e joguei a garrafa de uísque contra a lareira. O estrondo foi forte e agudo. E ao contrário do que eu esperava, a raiva não diminuiu.

Eu coloquei as mãos no rosto, não conseguindo suportar o ódio e a frustração.

— Eu realmente não entendo. Não tô entendendo porra nenhuma.

Ela engoliu em seco, dando um passo para trás. Havia lágrimas em seus olhos agora. Assim como nos meus.

— Como você pôde fazer isso? Comigo? Com *ele*? — eu perguntei, mais baixo agora.

Eu senti nojo. Nojo daquela mulher que estava parada na minha frente.

Aquela mulher não era a minha mãe.

Era uma mentirosa.

Uma traidora.

Ela piscou, uma lágrima escorrendo pela bochecha.

— Eu sinto *tanto*, filho. Sinto muito. Se eu pudesse voltar, eu faria diferente. Faria tudo diferente.

Mas não havia como voltar.

Já estava feito.

E agora eu precisava pagar o preço de seus erros.

— O que está acontecendo aqui?

Eu e minha mãe viramos o rosto no mesmo momento para encontrar meu pai na porta. O rosto ainda sonolento, porém alerta. Confuso.

E foi como um soco poderoso quando eu notei que não podia me referir a ele dessa forma.

Meu pai.

Eu engoli em seco e desviei o olhar para a minha mãe.

Era muito difícil olhar para ele agora.

— Estamos apenas colocando o papo em dia, não é, mãe?

— eu indaguei, com ironia.

Mas ela não concordou.

Ela só piscou.

E eu esperei. Esperei o momento para que ela abrisse o jogo.

Dei a oportunidade para que ela contasse a verdade.

Mas ela não o fez.

E era uma confusão de sentimentos. Porque, ao mesmo tempo que fiquei irritado, não estava exatamente surpreso.

Ela carregara aquele segredo sujo por tanto tempo. Achava que Helena Crawford tinha intenção de levá-lo para o túmulo. Assim como Julian.

Estava decepcionado, mas ao mesmo tempo, lá no fundo, em alguma parte covarde de mim, aliviado.

Porque eu perdi um tio e uma mãe naquele mesmo dia, e mesmo sabendo que eu estava prestes a perder um pai também, a parte egoísta e desesperada queria adiar ao máximo o momento fatídico.

— Você está bêbado? — meu pai indagou, semicerrando os olhos.

E ao passo que o observava, não consegui evitar de perceber tudo o que havia nele e que não havia em mim. Os olhos, o cabelo, as maçãs do rosto. Eu analisei tudo com o coração pulsando forte em meu peito.

Tudo havia mudado agora.

Eu voltei a olhar para a minha mãe, sem responder a pergunta dele.

E Deus, eu a *odiava*.

Eu tinha pena dele, mas dela... Eu simplesmente a odiava.

Meu corpo ferveu.

— Acho que temos problemas maiores do que isso, pai — eu disse, pronunciando a última palavra com um quê de ironia, mais direcionado a ela do que qualquer um. — Como o fato de sua esposa ser uma completa vadia.

Demorou apenas um segundo para que ele processasse o que eu havia dito. Foi como se ele tivesse tendo dificuldade para acreditar que aquelas palavras realmente saíram da minha boca.

— O que disse? — ele indagou, dando um passo à frente.

— Você me ouviu. — Eu abri um meio sorriso, e por um segundo, arrependi-me de ter desperdiçado aquele resto de uísque jogando a garrafa longe. Um gole cairia bem naquele instante.— Uma vadia do caralho. Uma puta. Uma filha da...

Ele avançou, seus olhos queimando em uma fúria que nunca tinha visto antes.

Em todos aqueles anos, ele nunca havia encostado um dedo em mim. Nem mesmo quando eu era mais novo e possivelmente merecia.

Mas ele me empurrou e eu bati as costas na parede atrás de mim.

Raiva irrompeu.

A raiva que estava pulsando dentro de mim desde que saí da casa do meu tio. Desde que descobri a verdade.

E era tudo o que eu precisava.

Eu avancei também, empurrando de volta e o fazendo bater contra a mesinha de centro. Ouvi o som de objetos caindo ao mesmo tempo que ergui o braço. Em um gancho de direita instável, meu punho acertou o seu queixo.

Minha mãe estava gritando. Ou chorando. Talvez os dois.

Achei também que ela pediu que parássemos, mas não paramos.

Não até o momento em que meu pai ergueu o braço e, em um movimento bruto e preciso, seu punho encontrou o meu rosto. O golpe foi tão forte que eu perdi o pouco de equilíbrio que me restava e caí para trás, a alguns centímetros de distância dos cacos de vidro estilhaçados no chão.

Eu pisquei, sentindo o impacto, mas com dificuldade para sentir a dor. Não sei se devido à bebida ou a adrenalina. Mas notei o estrago assim que uma gota de sangue caiu sobre a minha camisa, escorrendo do meu nariz.

Eu finalmente olhei para cima.

Minha mãe tinha a mão na boca e mais lágrimas nos olhos.

Meu pai ficou parado, apenas me observando fixamente como se tivesse congelado.

Os segundos se arrastaram de forma dolorosa à medida que eu observava aquelas duas pessoas que um dia se resumiram a absolutamente tudo para mim. E que agora, aquilo parecia muito distante.

E naquele instante, todos nós três entendemos que nada nunca mais voltaria a ser o mesmo.

A campainha tocou, descongelando o momento.

Ele saiu do transe, piscando. Então se afastou.

Eu ergui a mão direita e arrastei as costas da mão no meu nariz, limpando o sangue. Meu coração batia forte contra o peito e minhas pálpebras pesavam, apesar de eu estar muito alerta.

Minha mãe não parecia se decidir entre me encarar ou seguir meu pai até a porta.

Ela então faz menção de querer se aproximar, mas eu fiz um movimento, distanciando-me e me impulsionando para ficar de pé. Ela parou no meio do caminho até mim.

Eu ouvi a porta da frente ser aberta.

— Boa noite.

As vozes eram distantes, mas eu era capaz de escutar com clareza.

— Boa noite, senhor. Recebemos uma reclamação anônima por excesso de barulho. Está tudo certo?

— Está sim.

— Tem certeza, senhor? Seu rosto parece lesionado.

Eu passei a mão pelos meus cabelos com dedos trêmulos.

Era difícil de respirar.

Era difícil até de me manter de pé.

Eu me esforcei para deixar a sala.

— Sebastian — minha mãe pediu, baixo e dolorido.

Eu lhe dei as costas e saí da sala, indo em direção à porta dos fundos.

Eu deixei a casa que um dia chamei de lar. Eu deixei as pessoas que um dia chamei de família.

E enquanto me distanciava, sabia que nunca mais iria voltar.

Não tinha certeza para aonde estava indo, só sabia que precisava dar o fora dali. Precisava deixar aquela cidade, aquelas pessoas e todas as mentiras que vieram delas.

— Sebastian.

A voz me fez congelar por um segundo. E eu pensei que deveria estar imaginando coisas mas finalmente me virei e a encontrei.

Harriet Nova Aldridge estava na mesma calçada a cerca de cinco metros de mim. Estava ofegante, como se tivesse corrido para me alcançar, os grandes olhos verdes fixados em mim.

A noite caia bem nela, porque ela parecia ofuscar qualquer estrela no meio da escuridão.

Ela se aproximou, estendendo o coração belo e puro para mim.

Eu o peguei e então o quebrei.

Porque não podia aceitá-lo. Porque precisava ir embora e ela precisa ficar.

E eu odiava o fato de não merecer algo tão belo.

Eu lhe dei as costas e fui embora depois de rasgar o coração da garota que nunca seria capaz de esquecer.

40.

Eu sigo Ezra Crawford até o seu escritório. No escritório em que fiz Harriet gozar contra a parede com os meus dedos dentro dela. A lembrança deliciosa me conforta quando atravesso o cômodo, apesar das circunstâncias.

— Senta — ele convida, dando a volta na mesa e se sentando na cadeira maior.

Não quero estar aqui; quero estar lá embaixo com ela.

Eu me sento na outra cadeira, de frente para ele.

Tirando o uísque, a visão é parecida com a de uma entrevista de emprego, ou talvez dois homens discutindo negócios.

Eu dou mais um gole no meu uísque, esperando.

Ele finalmente abre a boca:

— Está planejando ficar depois do verão?

Seu tom é casual e por alguma razão isso me incomoda. Eu seguro o meu copo e sustento o seu olhar.

— Não sei. Ainda tenho que conversar com Harriet sobre isso.

A sombra de um sorriso atravessa a sua boca por baixo do bigode espesso.

— Você gosta mesmo dela, não é?

Assinto, a contragosto, porque não quero falar sobre ela com ele.

Ele deixa as costas colarem no encosto acolchoado de couro da cadeira, fitando-me.

— É uma garota ótima. Vi aquela menina crescer e se tornar uma adorável jovem. Mas sempre soube que não era um bom par para Corey.

Eu o encaro fixamente.

— Por quê? — consigo perguntar.

Não quero dar corda para esse assunto, mas não consigo evitar.

Ele dá de ombros, mas seu rosto não é nada casual.

— Corey é jovem, está em uma fase egoísta ainda. Não consegue enxergar o quão especial Harriet é.

Eu fico em silêncio, porque não quero estender mais o assunto.

Dou mais um gole no uísque, lamentando que já esteja acabando.

Ezra suspira e noto que ele finalmente vai chegar aonde quer.

— Escuta, se for ficar — ele faz uma pausa e sinto o desconforto, apesar de ele conseguir esconder bem — gostaríamos que mantivesse contato. Eu e sua mãe queremos virar a página. — Outra pausa, e dessa vez ele inspira fundo. — Faz tanto tempo, Sebastian.

Percebo que seguro o copo com mais força, meus dedos tensionando contra o vidro.

— Você não entende.

Eu não posso viver uma mentira. Não consegui encará-lo sabendo que ele não faz ideia da verdade cruel. É uma das razões pelas quais demorei tanto para voltar.

Porque escolhi guardar o segredo pecaminoso da mulher que me deu a luz.

— O quê? O que eu não entendo? — ele pergunta com os olhos fixos em mim.

Eu viro o rosto, incapaz de fitá-lo. Sinto o meu maxilar tensionar.

No final do dia, tenho mais pena dele do que qualquer coisa. Tenho pena do que eles fizeram. E também tenho medo da forma em que ele me olharia se soubesse da verdade.

— O que eu não entendo, Sebastian?! — ele exclama agora.

Eu sinto que vou quebrar o copo.

— Sebastian! — Ele bate contra a mesa de madeira, causando um som duro e alto.

— Eles te traíram! Minha mãe e meu tio te traíram!

Quando as palavras saem da minha boca, é um choque tão grande para mim, quanto para ele.

Encaramo-nos em um silêncio insuportável. O tipo de silêncio que corta fundo.

Eu observo sua expressão conforme as minhas palavras assentam em sua mente. É neutra, embora os seus olhos estejam queimando em várias emoções difíceis de decifrar.

Ele volta a se recostar na cadeira.

E eu espero.

Espero pelas consequências.

Espero para ver a destruição de um homem bem diante dos meus olhos.

— Eu sei.

As duas palavras são um golpe. Um golpe tão grande que me tira o ar por um momento.

Eu demoro para encontrar as palavras.

— Você sabe?

A minha voz sai pesada, como cimento.

Meu mundo cai de cabeça para baixo. Eu sinto o ar tão espesso que fica difícil para respirar.

Ele desvia o olhar por um momento, e a sombra de um sorriso amargo surge em sua boca.

— Você acha que eu não notei? Ela era a minha mulher e ele era o meu irmão. Eu os conhecia muito bem. Não dava para não enxergar o que estava acontecendo. É como quando você olha para Harriet. — Ele balança a cabeça. — Nem consegui acreditar que Corey não conseguiu ver. Talvez seja porque ele não estava prestando tanta atenção nela quanto eu estava em sua mãe.

Eu engulo em seco.

— Minha mãe sabe que você descobriu?

— Eu descobri um tempo antes, mas ela acabou confessando de qualquer forma. Foi uma das razões que tornou possível perdoá-la. Ela confessou mesmo pensando que eu não sabia. Ela queria que eu soubesse a verdade. — Ele faz um pausa e suspira. — Você precisa perdoar a sua mãe.

Há um gosto amargo em minha boca.

— Por quê?

Eu não consigo entender. Como ele conseguiu superar isso? E como ele é capaz de esperar que eu faça o mesmo?

— Porque eu perdoei! E porque ela é a sua mãe e ela te ama.

Mas ele ainda não entende, porque ele não sabe que, do fruto dessa traição, eu fui gerado. Ele não sabe que ela escondeu mais do que apenas uma traição dele.

— Você não vê a semelhança na história? Harriet está em uma posição muito parecida com a sua mãe, poderia ser...

Eu o corto:

— Não as compare.

Ele hesita, observando-me.

— Por quê?

— As circunstâncias são muito diferentes. Corey não a ama de verdade. E eles estavam longe de estarem casados.

Há mais uma longa pausa. Eu tomo o último gole de uísque enquanto sinto seus olhos em mim. Eu apoio o copo na mesa e volto a mirá-lo.

— Como você conseguiu? Como foi capaz de perdoá-la?

Ele inspira com força e solta o ar devagar.

— Eu também não tive apenas acertos nesse casamento. Não sou um santo, Sebastian. Um casamento envolve muita coisa. Um dia você vai entender. Mas eu subi no altar com a mulher que eu amava e prometi que faria tudo que fosse para fazer dar certo. E eu escolhi lhe dar uma segunda chance. Não vou mentir: Não foi fácil. Talvez tenha sido a coisa mais difícil que eu fiz em toda a minha vida. Mas não me arrependo.

Ele se inclina na cadeira e apoia os braços na mesa, encarando-me com vigor.

— E eu a amo. — Ele se demora, o tipo de intervalo que antecede algo decisivo. — E amo os filhos que temos juntos.

A forma em que ele fala e a forma com que ele está me observando agora faz com que eu finalmente entenda.

Ele *sabe*.

Eu consigo ouvir as batidas do meu coração frenéticas dentro do meu peito.

— Quando descobriu?

— Alguns anos depois que você nasceu. Sua mãe me contou que não tinha certeza, mas que era possível. De qualquer forma, era tarde demais. Eu já te amava sendo parte de mim ou não.

Seus olhos ficam marejados. E é confuso, porque, ao mesmo tempo que ele parece extremamente frágil, ele parece incrivelmente forte.

— Você é meu filho, Sebastian, e não há nada ou ninguém que me diga o contrário. Eu te criei e te amo. Nada mais importa.

Uma lágrima desce pelo seu rosto enrugado. E noto como meu pai envelheceu.

Só o vi chorar uma vez, na noite em que fui embora.

As suas palavras e a forma que está me olhando agora, fazem com que meus olhos também fiquem molhados.

— Então você sabia? Todo esse tempo?

Ele assente.

Eu não o que dizer. Minha mente está girando.

— Por que não me disse naquela noite?

— Você não estava muito disposto a conversar. — Ele faz uma pausa, então adiciona. — Ou a perdoar.

Eu desvio o olhar. Ele está certo.

— Você o odeia? — eu pergunto, voltando a encará-lo.

— Por muito tempo, odiei. Ainda mais quando você começou a criar um laço tão grande com ele, trabalhando juntos. Vocês eram *tão* parecidos, tinham até os mesmos gostos. — Ele desvia o olhar, como se estivesse conseguindo enxergar as lembranças, e então se volta para mim. — Mas não mais. E nem você deveria.

A verdade é que eu não o odeio. Talvez pensei que o fizesse em um primeiro momento. Mas ele guardou o segredo pela minha mãe. Ele fez para protegê-la. E eu noto agora que ela não fez para proteger a si mesma e seu casamento, porque o homem a minha frente já sabia. E já havia a perdoado.

Ela fez para *me* proteger.

— O que te fez parar de odiá-lo, então?

Ele sorri, no entanto é um sorriso melancólico.

— No final do dia, eu fiquei com a mulher que ambos amávamos e com você.

Ele se levanta e eu automaticamente faço o mesmo. Ele se aproxima, quase de forma cautelosa, e me abraça.

E eu retribuo.

Eu abraço o meu pai.



Quando desço de volta para a festa, tento achar Harriet. Mas não consigo encontrá-la em lugar nenhum.

Até que paro perto da cozinha e o que vejo me faz congelar completamente.

Ela está parada diante da bancada, seu olhar nos pequenos enfeites de cristal sob o mármore.

Demora apenas um segundo para eu entender o que está acontecendo.

Apesar de estar vendo apenas as costas dela e uma pequena parte da lateral do seu rosto, sei que ela está observando o objeto da mesma forma que estava fazendo com aquela calcinha na loja.

Eu espero.

Ela ergue o braço em direção ao objeto, hesitante. Harriet pega um deles, e quando o tem entre os dedos, coloca rapidamente na bolsa.

Eu espero ela se virar. Mas, ao invés disso, ela continua parada no mesmo canto. Como se estivesse com os pés agarrados ao chão.

Eu sinto o meu coração batendo forte contra o meu peito enquanto cada segundo que se passa parece uma eternidade. Eu a observo, completamente fascinado para o que ela fará em seguida.

Harriet então volta a colocar a mão na bolsa e tira o pequeno cristal, colocando-o de volta no mármore.

Algo enche em meu peito e eu não sei exatamente o que é. Acho que é orgulho com uma mistura de ternura. É bem diferente de tudo o que já senti.

Quando noto que está prestes a se virar, anúncio:

— Achei você!

Ela se vira, com os olhos levemente arregalados, mas é rápido. Porque meio segundo depois um sorriso atravessa seu rosto, como se nada tivesse acontecido.

Ela é boa.

Se eu não a conhecesse tão bem, deixaria passar completamente.

— Ah, Sebastian.

Eu me aproximo dela e passo meus braços ao seu redor. Eu aproveito que estamos sozinhos e beijo a sua boca com vontade, minhas mãos escorrendo para a sua bunda.

Eu sinto o seu sorriso, mas ela se afasta.

Ela observa meu rosto por um longo momento e sinto que ela o está tentando ler.

Harriet é linda. Sempre foi.

Mas hoje ela está excepcional.

O cabelo está preso em um cabo de cavalo com algumas mechas castanho douradas adornando seu rosto em formato de

coração. O vestido verde de gola alta realça os olhos da mesmo cor. Ela está usando maquiagem. Os lábios pequenos, porém cheios, estão mais avermelhados do que o normal e eu preciso me controlar para não colocá-los entre os meus dentes.

— O que seu pai queria? — ela pergunta com a voz séria com um toque de preocupação.

Obviamente ela ficou extremamente chocada quando contei a verdade sobre meus pais e meu tio. Mas foi surpreendente bom dizer a alguém. Eu guardei esse segredo sujo por tanto tempo que compartilhar com alguém foi muito melhor do que eu esperava.

E eu queria que ela soubesse.

Eu quero que ela saiba de tudo.

— Vou te contar quando chegarmos em casa — eu digo, pegando a sua mão.

— Já vamos? Estamos aqui não tem nem meia hora — ela reclama quando a puxo para fora da cozinha.

— Já marcamos presença, princesa. Além do mais, não vejo a hora de te tirar desse vestido.

Ela para de reclamar.

No momento em que atravessamos o salão, vejo Corey do outro lado do cômodo ao lado de uma ruiva. Harriet segue o meu olhar e também vê.

Por mais que eu odeie admitir, ainda há uma parte de mim que tem dificuldade de aceitar que ela um dia já se relacionou com o meu irmão. E ainda há uma parte ciumenta e egoísta de mim que se pergunta se ela sente ainda algum resquício de sentimentos por ele.

Mas notando a sua expressão tranquila e até divertida enquanto os observa, sou arrebatado por uma sensação de certeza deliciosa.

Não vejo a hora de colar a minha boca com o corpo dela.

É um sentimento forte e primitivo de que ela é minha. É idiota, eu sei, mas é verdade.

Eu levanto o olhar novamente para o meu irmão e a garota, observando-os por mais um momento.

Não sei o que vai ser do nosso relacionamento. Nunca pretendi feri-lo. Foi uma terrível coincidência que ele tenha se envolvido com a garota pela qual eu sou apaixonado.

Mas a verdade é que eu sempre soube que ele jamais amou Harriet de verdade. Pelo menos não do jeito que ela deveria ser

amada. E eu notei isso no minuto em que vi os dois juntos.

Então acredito que ele vá superar, eventualmente.

Aparentemente já superou, considerando a ruiva ao seu lado.

O que ele não entende e talvez nunca vá entender é que Harriet foi apenas mais uma para ele. Ele vai conhecer muitas garotas que vão fazer com que ele se sinta exatamente como ela o fez se sentir um dia quando estavam juntos.

Mas para mim é Harriet e acabou.

Não há outra garota e eu sei disso porque passei os últimos quatro anos sem chegar perto de algo parecido.

Passei os quatro últimos anos sem conseguir esquecer o olhar magoado da menina que deixei para trás.

— Vocês já vão? Tão cedo. — Minha mãe nos aborda quando estamos perto da porta, e há genuíno pesar em seu olhar.

Nós inventamos uma desculpa qualquer e antes de me virar para de fato ir embora, eu a abraço.

Um abraço parecido ao que dei ao meu pai há alguns segundos. E eu percebo com certa melancolia que não lembro da última vez que abracei a minha mãe.

Noto também que a pego de surpresa, porque ela fica um pouco tensa diante do meu aperto, mas logo seu corpo suaviza e ela coloca os braços ao meu redor.

Ela me abraça com força, uma força que eu nem sabia que seu magro corpo tinha. E ela não dá indicação de querer soltar, então ficamos assim por um momento.

Até que eu me afasto um pouco e encontro seus olhos.

Ela está chorando, consigo ver assim que a fito.

Mas ela pisca, como se não fosse nada demais.

Eu não digo nada e nem ela, mas eu acho que ela entende. Porque ela abre um sorriso.

E, dessa vez, eu sorrio de volta.



Eu cheguei a conclusão alguns dias atrás que eu e Harriet nunca fomos a um encontro. Nunca sentamos para jantar de verdade.

Ela nunca falou nada, mas sei que é o tipo de garota que aprecia essas coisas. Então quando chegamos na casa do meu tio, preparo um jantar para ela. Morei muito tempo sozinho, então sei me virar na cozinha.

Harriet faz questão de ajudar e eu a guio enquanto preparamos uma macarronada. É algo fácil de preparar, mas demora mais do que o dobro de tempo do que realmente deveria, porque toda vez que avançamos um passo, precisamos fazer uma pausa para tocar ou beijar o outro.

Nunca gostei tanto de cozinhar em toda a minha vida.

Depois do jantar, vamos para cama, porque passei a tarde e boa parte da noite toda pensando em tirar aquele vestido dela.

— Eu quero te mostrar uma coisa — ela diz, levantando-se do colchão nua.

Eu não levanto instantaneamente.

Eu cruzo os braços atrás da cabeça e a observo se vestir, deleitando-me com a imagem que é a minha garota sem roupas.

Quando ela está de calcinha e usando uma de minhas camisas, levanto e coloco uma cueca. Sigo-a conforme ela nos guia em direção à garagem.

— O que é?

— Uma surpresa. — Ela vira o rosto e sorri de forma atrevida.

— Ou você acha que só você pode fazer surpresas aqui?

Isso faz com que eu a pegue por trás, envolvendo meus braços em volta de sua barriga. Eu a tiro do chão e mordo o seu ombro. Harriet solta uma reclamação que se assemelha a um miado.

— Para. Eu quero te mostrar a minha surpresa — ela diz, desvencilhando-se dos meus braços.

Ela entra na garagem e aponta para a cadeira que fiz para ela ficar enquanto estou trabalhando.

— Senta.

Eu obedeço.

— Sim, senhora.

Analiso-a, curioso, à medida que ela faz seu caminho até o piano.

Ainda não o tiramos da garagem, porque não há muito espaço para ele dentro da casa do meu tio e Harriet ainda precisa decidir aonde colocá-lo.

Ela se senta de frente para ele e vira o rosto para mim.

— Eu andei treinando uma coisa. — Reparo o toque vermelho em suas bochechas.

Eu a observo, sem conseguir evitar de sorrir.

— Não tive tempo de treinar muito. Então não ria de mim.

Eu balanço a cabeça.

— Jamais.

Ela me observa por mais um momento em silêncio, hesitante. Então se volta para as teclas, e depois de inspirar fundo, começa.

E sim, ela é uma terrível pianista. Mas só se você estiver se importando com a música. Eu estou mais focado na forma em que suas sobrancelhas franzem de forma adorável em concentração ou toda vez que ela bufa quando erra uma nota, que acontece com certa frequência.

Depois de mais ou menos trinta segundos, ela levanta o olhar em minha direção.

— Reconhece? — ela pergunta, sem parar de tocar, o que a faz errar uma nota novamente.

Ela volta os olhos para as teclas e eu presto mais atenção na canção.

Eu demoro para compreender a melodia. Mas quando o faço, meu coração aperta.

Não suporto a distância, então me levanto e vou em sentido a ela, sentando-me do seu lado no banco. Ela não para de tocar.

— *Nothing's Gonna Hunt You Baby* — eu digo e ela levanta o olhar para o meu depois de tocar a última nota. — Como eu poderia não reconhecer?

É a música da noite em que tudo mudou.

Eu planto um beijo no ombro dela. Harriet volta a fitar as telas. Ficamos alguns segundos em silêncio, até que ela se pronuncia:

— Vou voltar para Columbus semana que vem. Minhas aulas começam segunda.

Sua voz é baixa e desanimada.

— Eu sei.

Ela me encara.

— O verão está acabando. O que vamos fazer?

— Em relação a quê?

— A distância.

Eu dou de ombros.

— Não precisa haver distância.

Ela franze o cenho, confusa.

— Como assim? Eu vou estar em Columbus e você aqui.

— Não preciso ficar aqui. Já estou formado em Engenharia. Posso procurar um trabalho em algum lugar. Ou abrir uma loja de marcenaria com a herança que recebi.

— Mas e a loja do seu tio? Achei que quisesse ficar aqui para tomar conta dela.

Eu balanço a cabeça, encarando-a com vontade.

— Não faço questão.

— Não? Achei que fosse importante para você, porque era importante para ele.

Dessa vez sou eu que desvio o olhar e fito as teclas. Eu escorrego o meu dedo no dó maior, ouvindo o som grave reverberar.

— A loja não era importante para ele. Ele não queria ficar aqui. Na verdade, ele queria ficar bem longe da minha mãe e do

meu pai. Julian queria seguir com a vida dele, mas ele ficou porque havia a possibilidade de eu ser o seu filho. Ele ficou, porque queria ficar perto de mim.

— Então por que mentiu?

Eu levanto o olhar e ela parece cada vez mais confusa.

— Era uma desculpa. Não fiquei por ele, Harriet. Fiquei por você.

Ela não diz nada inicialmente, as palavras claramente a pegando de surpresa.

Harriet pisca.

— Você ficou por mim?

Eu desvio o olhar para o piano novamente.

— Quando eu cheguei e te vi com o meu irmão... — Eu suspiro e volto a encará-la. — Eu ia embora. Juro que ia. Eu não queria te ferir e nem a Corey. Eu não queria que a história deles se repetisse com a gente. Eu jamais quis te colocar nessa posição.

Seus olhos verdes estão repletos de emoção, e ela pergunta:

— O que mudou?

Algo se acende em minha mente e eu me levanto.

— Espera um segundo.

Eu a deixo na garagem e vou até a sala. Abro a primeira gaveta da cômoda perto da entrada. A carta está por cima de todos os papéis.

Eu a pego, sentindo como se aquela folha pesasse como tijolos.

Vou até Harriet, que ainda está sentada, esperando-me.

Eu paro de frente a ela, mas não me sento.

— Meu tio deixou muitos papéis que precisei ler e assinar, um bando de coisas envolvendo dinheiro. Eu cuidei desses primeiro, porque eram mais fáceis. Evitei essa carta por mais de uma semana. Até que finalmente a li. — Eu pauso, olhando-a com vigor. — E eu não consegui. Não consegui ir embora, Harriet. Não consegui te deixar de novo.

Então eu entrego a ela a carta que mudou tudo.

A carta que me fez ficar e lutar por ela.

Sebastian

Se você está lendo isso, quero que primeiro saiba que sinto muito por não estar podendo dizer o que estou prestes a dizer pessoalmente.

Eu tive um ataque cardíaco ano passado, e de acordo com os médicos, pode acontecer de novo a qualquer momento.

Não sei se vou voltar a te de ver, e há algumas coisas que precisam ser ditas.

Eu sei que você está com raiva e magoado. Sei que não entende muita coisa do que aconteceu. Compreendo o porquê foi embora. Eu não queria que você tivesse ido, mas você já era um homem quando tomou essa decisão e eu a respeito.

Mas eu te devo uma explicação.

Não espero que você me perdoe, que nos perdoa, mas espero que você pelo menos consiga entender.

Eu conheci a sua mãe em 1988. Eu estava na faculdade na época, era meu segundo ano. Sua mãe pediu transferência para a mesma universidade e nos esbarramos em uma festa qualquer.

Eu não consigo explicar o que senti no segundo em que a conheci. Seus olhos me deixaram sem palavras por um instante. São muito bonitos, você deu uma enorme sorte de tê-los herdado.

Foi confuso, porque era algo que nunca havia sentindo antes. Mas ela era uma garota linda, então supus que fosse apenas um tipo estranho de atração física.

E talvez esse pudesse ter sido o começo de algo incrível e eterna.

Mas havia uma grande questão.

Ou melhor, havia uma pessoa.

Eu tinha uma namorada há quase um ano chamada Brenda, uma menina incrível e linda. Nos dávamos muito bem e ela era o tipo de garota que você tinha consciência de que tinha acertado na loteria por estar namorando. Então eu e sua mãe viramos colegas e eu supus que o que quer que fosse que eu estava sentindo iria passar em breve, porque eu tinha uma namorada perfeita e a amava.

Eu estava errado.

E três meses depois, meu irmão foi me visitar no campus.

Os dois foram atraídos um para o outro na mesma hora. E eu assisti aquela união estranha, dos meus dois mundos colidindo, com uma sensação estranha no estômago.

Não demorou nem duas semanas para que eles comessem a namorar. Não demorou nem dois anos para que ficassem noivos.

E eu assisti a tudo aquilo com aquela mesma sensação estranha no estômago.

Nós continuamos amigos, mas fomos nos afastando gradualmente, porque ela passava grande parte de seu tempo quando não estava estudando com Ezra e eu tinha Brenda. Nosso relacionamento estava começando a definhir e Brenda constantemente dizia que eu precisava me esforçar mais em nós. Então eu tentei. Realmente fiz o meu melhor.

No último ano da faculdade, o casamento foi marcado.

Eu e Brenda já tínhamos terminado no verão anterior.

E nesse ponto, eu já sabia que estava completamente apaixonado por ela. Porque haviam se passado três anos e eu me sentia exatamente da mesma forma. Ainda mais.

Não era paixão, era amor. Talvez fosse além disso.

Depois que recebi o convite, fiquei ainda mais distante. Foi como um soco de veracidade. Foi como um pesadelo se tornando realidade. Me afastei do meu próprio irmão, porque não tinha coragem de olhar para ele. Me sentia terrivelmente culpado. Me sentia como o pior irmão do mundo.

Quando ela bateu na porta do meu apartamento na primavera de 91, nós não nos falávamos havia mais de quatro meses.

Às vezes eu a via nos corredores da faculdade, mas de longe.

Faltavam três dias para o casamento.

Ela entrou no meu apartamento com o os belos olhos parecendo grandes demais para o rosto delicado. Ela parecia perturbada.

Tinha algo errado.

Ela não disse muita coisa antes de entrar e parar no meio da minha sala de estar.

Ela se virou e olhou para mim, intensamente. E eu não sei se você já esteve apaixonado, mas quando alguém que você ama como eu a amava te olha da forma em que ela me olhou naquele momento, o seu mundo todo chega a afundar.

— *Você vai para o casamento? — ela indagou com a voz áspera.*

— *Não.*

— *Por quê?*

— *Não posso.*

Ela fez uma pausa, até que pôs fim perguntou novamente:

— *Por quê?*

Eu sempre suspeitei que ela sentisse algo próximo ao que eu sentia por ela, porque desde que ela começou a namorar Ezra, as coisas ficaram diferentes. Eu sempre suspeitei.

Mas ali estava a minha certeza.

Eu conseguia ver em seus olhos.

— *Só... Não posso.*

Ela assentiu, com dificuldade. Então ela fitou o chão por alguns segundos. Helena chegou a se virar, mas então virou de volta.

— *Você não tem nada para me dizer?*

Ela estava me dando a oportunidade.

Ela estava me dando uma última chance antes que fosse tarde demais.

E eu fiquei em silêncio.

E esse, Sebastian, foi o maior arrependimento da minha vida.

Helena andou até a porta e foi embora.

Ela era tudo para mim. Era o amor da minha vida.

E por ironia do destino, também era do meu irmão.

Fiquei longe do caminho deles por anos. Foquei na minha segunda maior paixão, a marcenaria. Eu sabia que ela seria feliz com ele, porque meu irmão sempre foi um cara incrível. Você tem muita sorte em tê-lo.

Até que em 95 aconteceu.

E eu me arrependo de muita coisa, mas não me arrependo do que aconteceu naquele ano. Porque ele gerou você. E você é a melhor coisa que aconteceu na minha vida, Sebastian. E a uma das melhores coisas que aconteceram na vida de sua mãe.

E um dia, vai ser a melhor coisa que aconteceu na vida de alguma garota sortuda.

Você nunca foi um erro, Sebastian. Por favor, entenda isso. Você foi o meu único acerto.

Eu só gostaria que fosse de outra forma e sem tantos danos colaterais. Sem que ferisse outras pessoas.

Da mesma forma que ela apareceu em minha casa em 91, ela o fez em 98, mas daquela vez foi para dizer que estava grávida do seu pai e que nunca mais ficaríamos juntos.

E eu a amava o suficiente para saber o que era melhor para ela.

Mas antes eu poderia ter feito alguma coisa. Naquela noite, antes do casamento. Eu poderia ter feito alguma coisa. Eu queria não ter ficado em silêncio.

Isso nos quebrar. Isso quebrar Ezra, mas pelo menos não machucaria tanto quanto o machucou depois do que fizemos anos mais tarde.

Me desculpe por não ter dito nada. Eu fiz por ela. Fiz pela família de vocês. Fiz por você.

E em um mundo diferente, eu não estaria escrevendo essa carta e poderíamos ser uma família. Mas não posso voltar atrás, por mais que esse seja o meu único desejo.

Eu te amo, garoto.

E eu não tenho muitos ensinamentos para te deixar porque acho que, no final das contas, não vivi de forma muito sábia. Então acho que o que tenho para deixar são meus erros. Aprenda com eles.

Não viva com arrependimentos.

Vá atrás do que ama enquanto pode e antes que perca.

Pegue, agarre e nunca mais solte.

Seu eterno amigo, Julian

Epílogo

Ele arrasta os lábios pela minha bochecha e inspira em meu pescoço. Como sempre, continuo de olhos fechados, fingindo estar dormindo.

— Amor — ele murmura, próximo ao meu ouvido.

Eu mantenho os meus olhos fechados, esforçando-me para não abrir um sorriso.

— Amor— ele diz um pouco mais alto, e dessa vez uma de suas mãos toca a lateral do meu rosto.

Lentamente, eu abro os olhos, piscando algumas vezes.

— Oi — eu digo, abrindo um sorriso quando encontro um Sebastian de cabelos bagunçados ao meu lado.

Ele sorri.

— Oi.

Eu levanto os meus braços e me espreguiço entre os lençóis brancos.

Todo dia eu acordo e a minha realidade é melhor do que qualquer sonho.

E eu espero que ele me beije e comece a me tocar, como quando acontece com frequência pelas manhãs. Mas ele parece ter outra ideia.

— Se arruma, tenho uma surpresa — ele diz, e depois planta um beijo rápido nos meus lábios.

Eu franzo o cenho, interessada.

— Uma surpresa?

— É — ele diz, já se arrastando para fora da nossa cama.

— Tem relação a quê? — indago, sentando-me no colchão.

— Não posso falar.

— Me dá uma pista?

— Se arruma, princesa — é apenas o que ele diz antes de sair.

Eu suspiro, frustrada, porém, extremamente curiosa e animada.

Amo surpresas. Principalmente as de Sebastian.

A última foi de longe a melhor, eu concluo, observando o anel em meu dedo. O diamante solitário reluz contra a luz da manhã, que entra pela janela do quarto.

Aconteceu há seis meses. No dia da minha formatura.

Já era tarde e estávamos de baixo da noite estrelada quando ele disse:

— Tenho um presente de formatura para você.

Ele então pegou uma caixa marrom repleta de furinhos e me entregou. Obviamente, eu sabia o que era antes mesmo de abrir. Meu coração começou a bater mais rápido de ansiedade.

Eu olhei dentro da caixa e vi o cãozinho preto com um laço vermelho, um filhote que parecia muito com Nuggets quando era bebê.

— Ah. — Eu suspirei e peguei o filhote, que tentava pular para fora da caixa.

— Eu sei que não tem como substituir o Nuggets, mas acho que você precisa de um novo companheiro para essa nova fase da sua vida.

Meu fiel e velho cão havia morrido ano passado e foi um processo difícil, mas Sebastian esteve ali o tempo todo.

— É perfeito — eu disse, em meio a risos, enquanto o animal adorável lambia meu rosto.

Acariciando-o, notei que seu laço não era apenas um laço. Nele havia preso uma caixinha de veludo vinho.

Eu engoli em seco e levantei o rosto, procurando por Sebastian.

Ele sustentou o meu olhar com um meio sorriso nos lábios.

— Abre — ele incentivou, vendo a expressão em meu olhar.

Deixei o filhote empolgado no chão por apenas um minuto, porque as minhas mãos estavam tremulas.

Quando eu abri, dei-me de cara com um anel de diamantes.

Eu levantei o rosto, de volta para ele.

— Sim — eu disse, imediatamente.

Ele riu.

— Eu preciso perguntar primeiro.

— Tudo bem, mas é um sim.

Ele meio que balançou a cabeça e riu ao passo que me encarava, então seu rosto se tornou mais intenso e sério.

— Por muito tempo eu me senti como se não pertencesse a lugar nenhum. Nem mesmo com a minha família. Eu sempre senti que não era um deles. E eu não me importava. Aprendi a viver assim. Mas eu quero fazer parte de alguma coisa com você, Harriet.

Ele deu um passo, ficando a apenas um de distância. Nosso novo filhote lambia nossos pés.

— Quero que sejamos uma família. Pela primeira na vez na vida quero pertencer a algum lugar. A alguém. Te amo e espero que aceite, porque eu já sou completamente seu. E eu não faço ideia do porquê você me escolheu, mas eu sou filho da puta mais sortudo do mundo. Às vezes nem consigo acreditar na sorte que tenho.

As lágrimas caíram.

E eu entendia exatamente o que ele estava dizendo. Porque, às vezes, eu me sentia tão feliz que pensava que aquilo não poderia ser real ou que não poderia durar por muito tempo. Porque aquele tipo de felicidade não era normal.

— Casa comigo, Harriet?

Apesar das lágrimas, eu dei um leve dar de ombros blasé e lhe lancei um olhar atrevido.

— Sei lá... Acho que preciso de um tempo para pensar.

Ele semicerrou os olhos para mim tentando controlar um sorriso.

Então eu joguei os braços em sua volta e ele me pegou.

— Sim! Sim! Um bilhão de vezes sim!

Quando eu me afastei, meu rosto já estava todo molhado e o meu rímel escorria. Meu coração batia freneticamente.

— Filhotes e diamantes. Você me conhece tão bem — eu murmurei e isso me rendeu um de seus belos sorrisos.

Eu finalmente levanto da cama e coloco a roupa. Despedimo-nos de Bacon e entramos no carro. Eu começo a balançar as pernas assim que sento no banco do carona.

— É muito longe? — indago, virando-me para ele.

Ele abre um meio sorriso sádico.

— Pouco mais de meia hora.

Suspiro audivelmente e jogo a cabeça contra o encosto do banco.

— Vai valer a pena. Prometo.

Eu me distraio observando a paisagem passar pela janela. E eu me lembro que amanhã vai marcar dois anos que não furto.

Tenho feito terapia em grupo duas vezes por semana e ano passado parei de tomar remédio para ansiedade. Mas não quero parar com a terapia em grupo tão cedo. Me faz muito bem e é reconfortante ver pessoas enfrentando problemas parecidos com os meus.

Por muito tempo eu me senti estranha demais. Por muito tempo senti que havia algo quebrado em mim. Porque atrás da fachada, o dinheiro, o nome, a aparência, eu tinha uma obsessão. Algo que eu não sabia explicar ou controlar.

O trabalho ultimamente tem consumindo bastante do meu tempo e estou considerando passar a fazer terapia apenas uma vez por semana, ao invés de duas. Mas definitivamente não vou parar.

Depois de cerca de quarenta minutos, chegamos.

Nós saímos do centro da cidade e vamos para uma área mais rural e distante de onde moramos atualmente. As casas são mais distantes uma das outras. Quilômetros de distância. Há muito verde e eu chego ver um cavalo pastando pela janela.

— Para onde estamos indo? — eu indago, mesmo sabendo que ele vai se negar a dizer.

— Você vai ver.

Finalmente estacionamos em frente a uma grande casa em estilo vitoriano. É grande e velha. Com uma aparência até meio abandonada. Mas é impressionante e imponente.

Há um chafariz quebrado na entrada e um amplo jardim mal cuidado.

Sebastian desliga o carro no mesmo momento em que tiro o cinto. Abro a porta, assim como ele, e pisamos no chão de areia.

Impressionada e curiosa, observo a grande construção.

Sebastian me tira da hipnose quando coloca a mão na minha e me puxa suavemente. Andamos em direção à entrada.

— De quem é essa casa? — eu indago, confusa.

Ele me encara assim que paramos em frente à porta e tira algo do bolso.

— Pode ser nossa se você quiser.

Ele estende o que noto agora ser uma chave e a coloca na maçaneta.

Eu ainda estou muito surpresa para falar o que quer que seja quando Sebastian abre a porta e entra.

— Vamos? — ele chama, deliciando-se com o choque no meu rosto.

— Como assim “nossa”? — eu indago, dando um passo hesitante para dentro da construção.

A entrada é um amplo salão de teto alto. Logo em frente tem uma enorme escada para o segundo andar.

É bem impressionante, porém está claramente mal cuidada.

Os poucos móveis que tem são extremamente velhos e a pintura nas paredes é gasta, descascando em vários pontos.

— Eu sei que ela está abandonada. Mas isso pode ser muito facilmente mudado — ele diz, observando-me enquanto analiso o lugar. — Essa casa tem muito potencial.

Eu me mantenho em silêncio, olhando para o enorme lustre acima de nós. Há teias de aranha nele, mas é magnífico.

— Queremos filhos... Além da suíte principal, tem mais seis quartos.

Eu o encaro.

— Não vamos ter seis filhos.

Eu tinha em mente uns dois, no máximo três.

Ele abre um meio sorriso.

— Eu sei. Mas podemos ter uma biblioteca. Posso fazer uma de dois andares e colocar prateleiras para você encher de livros. — Ele dá de ombros. — Um deles pode ser a minha marcenaria.

— Um pode ser o quarto do Gray — eu sugiro.

Ele assente, com humor.

— Já estava contando com isso.

Gray está mais feliz do que a gente com o noivado. Ele chorou quando contamos para ele. Saímos os três para comemorar e ele ficou resmungando, bêbado, como ele tinha ganhado um irmão e que agora éramos todos um só.

Apesar de ele trabalhar muito e estar no último ano de residência, dávamos um jeito de nos ver bastante.

Eu olho em volta mais uma vez.

— Eu gostei — digo, finalmente.

— Espera, você não viu a melhor parte.

Eu ergo o cenho e ele pega a minha de novo. Dessa vez vamos em direção à escada.

Subimos os degraus em passadas rápidas e logo estamos no segundo andar. Entramos na primeira porta e de repente estamos dentro de uma grande suíte com uma lareira no canto esquerdo. O único móvel é uma cama de casal no centro.

Mas Sebastian continua me guiando e atravessamos o grande quarto até uma grande porta de vidro. Eu sinto a brisa suave assim que chegamos na sacada.

— Olha.

Eu olho.

E então eu entendo.

É um golpe forte e a vista tira o meu fôlego.

Da sacada tenho a visão do amplo terreno. São quilômetros de terra e há um belo lago não muito longe. O sol bate contra o verde, dando vida a paisagem.

Eu dou um passo em frente, colocando as mãos nos braços da sacada.

— Uau — eu simplesmente digo.

— Eu sei. Eu sabia que era perfeita assim que vi isso aqui.

— Seria nossa? Toda essa terra? — eu indago, virando-me para ele.

Ele assente.

— Eu posso colocar tantos animais aqui — eu digo, maravilhada.

Sebastian sorri.

— Sim. Nossos filhos podem ter cavalos.

Eu me viro, meus olhos ficando molhados, porque sei que isso é para mim. Essa casa. Esse jardim. Ele amou, porque sabia que seria perfeita para mim.

Eu pisco, tentando afastar as lágrimas emotivas.

— Vai precisar de reforma, mas vai valer a pena. — ele comenta.

Mas, de súbito, uma preocupação me ocorre.

— Podemos arcar com todas as despesas? Imagino que uma casa desse tamanho saia extremamente cara.

Eu tinha acabado de me formar e não podia contribuir muito. Meus pais já haviam me ajudado a colocar minha veterinária de pé,

mas como estava muito no começo, ainda não estava gerando lucro.

Também tinha o pequeno fato de eu ter um coração mole. Eu dava serviços de graça demais para animais de rua e donos que não podiam pagar.

— Sorte sua que você está prestes a se casar com o dono de uma construtora. Vai ser caro, mas não tanto quanto poderia ser. — Ele sacode os ombros. — Além do mais, planejo fazer a maior parte do trabalho. E ainda tenho boa parte do dinheiro que meu tio deixou.

Eu volto a olhar para a vista e um sorriso satisfeito e maravilhado cresce em meus lábios. É extremamente pacífico aqui. Não há barulho de trânsito ou vizinhos. Eu observo as terras e consigo imaginar pequenas crianças parecidas com Sebastian rolando e rindo com vários cães no extenso gramado.

— Por que eu, Harriet?

Eu viro o rosto e me surpreendo a encontrar o olhar intenso de Sebastian, enquanto ele me observa. Não há humor em seu rosto.

— Como assim?

— Você tinha treze anos na época e simplesmente decidiu que seria eu. Por quê? — Ele faz uma pausa e dá um lento passo, aproximando-me. — Por que eu?

A pergunta me surpreende, assim como a seriedade em seus olhos.

— Não acho que é o tipo de coisa que se explique. Não tem lógica. — Eu dou um leve dar de ombros, observando-o. — Eu te olhei e soube que eu nunca olharia para alguém da mesma forma. E aí eu te conheci e eu soube que nunca conheceria alguém como você de novo. E eu estava certa.

Eu abro um meio sorriso e completo simplesmente:

— Era você.

Ele não diz nada, apenas absorve as minhas palavras demoradamente. Até que ele se aproxima um pouco e coloca os braços ao meu redor.

Sebastian me envolve e eu descanso a cabeça, apreciando a vista, o sol batendo contra a gente na sacada.

Ele apoia o queixo no topo da minha cabeça e inspira fundo, logo depois o soltando.

— Vamos fazer isso, então? Vamos construir um lar aqui? —
ele pergunta.

Eu tiro a bochecha de seu peito para fitá-lo.

Eu assinto, sorrindo.

— Vamos.

Ele tira os braços de mim e leva a mão direita até o bolso. Lá,
ele pega as chaves da nossa nova casa. E então a sua mão vai até
o bolso traseiro da jeans e ele tira um pequeno objeto.

Ele o levanta e balança em frente ao meu rosto.

Eu pisco.

— Aí, meu Deus — eu solto logo depois dando uma
gargalhada.

É o chaveiro de couro.

— Eu achei que eu tinha perdido — eu digo com um sorriso
enorme no rosto.

Sebastian também sorri.

— Não, eu roubei de volta.

Eu ergo uma sobrancelha.

— Você é tão depravado, Sebastian.

Com um sorriso ainda nos lábios, ele prende o chaveiro nas chaves da nossa casa.

— Acho que mais do que justo depois de tudo o que você roubou de mim.

Ele então levanta o olhar para mim e continua com humor nos olhos:

— Minha paz. Meu sono. — Então ele se demora no tempo e seu rosto aos poucos se torna mais sério. — Minha alma.

Sebastian alcança a minha mão direita e a puxa contra o seu próprio peito.

Sobre seu coração.

— Isso foi tomado por você também.

Eu pisco, porque lágrimas voltaram a encher os meus olhos.

— É, e eu não tenho nenhuma intenção de devolver — eu respondo com um tom de brincadeira, porém muito seriamente.

Ele balança a cabeça sutilmente e ri. Um baralho suave e rouco que faz coisas estranhas com o meu corpo.

Sebastian leva a mão direita até o meu rosto e se inclina. O polegar acaricia o começo da minha bochecha.

O sol bate suavemente contra seu belo rosto, um rosto que surpreendentemente se torna mais bonito todos os dias.

— Eu te amo, Harriet — ele sopra a promessa contra a minha pele.

Eu abro um sorriso travesso.

— Eu te disse que amaria.

E ele me lança aquele sorriso. O mesmo sorriso que, mesmo depois de anos, tem o mesmo impacto sobre mim quanto teve da primeira vez que o vi.

— É, você disse.

Agradecimentos

Eu não vou me estender muito por aqui mas eu só queria agradecer a todas as pessoas que me apoiaram, principalmente durante o processo de escrita de Esquecendo Sebastian. Nesses últimos 7 meses houveram muitos altos e baixos.

Muitas pessoas foram importantes para que esse livro fosse finalizado, mas quero agradecer especialmente a duas:

April Kroes e Zoe X duas autoras maravilhosas e também amigas.

Sem vocês, tenho quase certeza de que esse livro realmente não seria finalizado. Pelo menos não tão cedo. O apoio e o encorajamento de vocês significou demais e eu jamais irei esquecer.

Quero agradecer também, obviamente, aos meus leitores. Como sempre, vocês são incríveis!

Muito obrigada.

Loud <3

[1] Origem grega, distúrbio psicopatológico que faz com que a pessoa fure coisas diversas, inclusive sem valor.